



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

*Regressos*

*Miscelânea*

*Carnaval Literário*

*Londres Maravilhosa*

*e Outras Páginas Dispersas*

 Obras completas de M. Teixeira-Gomes

*Regressos*

*Miscelânea*

*Carnaval Literário*

*Londres Maravilhosa*

*e Outras Páginas Dispersas*

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

*Regressos*

*Miscelânea*

*Carnaval Literário*

*Londres Maravilhosa*

*e Outras Páginas Dispersas*

Volume III

Coordenação

José Alberto Quaresma

Nuno Júdice

Prefácio

Helder Macedo

Imprensa Nacional  
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

imprensanacional.pt  
loja.incm.pt  
facebook.com/ImprensaNacional  
instagram.com/imprensanacional.pt  
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos,  
de acordo com a legislação em vigor.  
© José Alberto Quaresma e Nuno Júdice  
© 2022, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.



Conceção gráfica  
Imprensa Nacional-Casa da Moeda  
Edição

Diogo Morais Barbosa  
Revisão

Filipa Oliveira

Paginação

Gráfica 99

Fontes tipográficas

Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre  
Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts



1.ª edição: dezembro de 2022

ISBN: 978-972-27-3062-4

Depósito legal: 502914/22

Edição n.º 1025791



Imagem da contracapa: Manuel Teixeira-Gomes (c. 1910), fotografia,  
Officinas Photographicas, Lisboa. BNP Esp. N46/cx. 40

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## PREFÁCIO

### M. Teixeira-Gomes: a imaginação da memória

Recordar e imaginar são processos mentais muito semelhantes. Ambos incidem sobre o que não está a acontecer. As obras de M. Teixeira-Gomes incluídas neste volume situam-se num espaço ambíguo entre a imaginação e a memória. O texto que dá título ao conjunto designado como *Londres Maravilhosa* data de 1905, vinte anos antes do exílio durante o qual escreveu não só outros textos incluídos nessa coletânea mas também *Regressos*, *Miscelânea* e *Carnaval Literário*. Estes situam-se num presente sem previsão de futuro, enquanto que a Londres recordada em 1905 contém em si a expectativa de continuidade numa vida ainda por viver. Por exemplo, a quase surreal descrição das cabeleiras das mulheres inglesas exibidas em montras na Regent Street é uma deriva entre a visão erótica e a consumação do desejo. Mas em 17 de dezembro de 1925, Teixeira-Gomes partiu para um exílio que seria até ao fim da vida em 18 de outubro de 1941, com oitenta e um anos, solitariamente instalado num impessoal quarto de hotel em Bougie, na Argélia. Foram anos em que imaginação e memória se fundiram numa nova qualidade: a imaginação da memória.

Quase todos os textos recolhidos em *Regressos* foram redigidos cinco ou seis anos depois do início do exílio e reportam-se a mais de trinta anos antes, mas estão escritos como se o tempo não tivesse passado. São crónicas ou conversas de um antes, a acontecer agora: encontros com amigos, comentários sobre escritores, políticos, aristocratas, mulheres mais interessantes do que os maridos, viagens em Portugal, impressões do país

de onde partiu como se nele ainda estivesse. Por vezes deliciosamente irónico, em saudável má-língua, sempre encontrando um pormenor significativo, *Regressos* é um livro de convívio fácil, bem-disposto, e por isso tanto mais perturbador porque sem distância ou nostalgia. Como se estivesse mais próximo no tempo de *Londres Maravilhosa* do que de *Miscelânea* e *Carnaval Literário*. Estas duas coletâneas incluem cartas, especulações filosóficas e reflexões autobiográficas que emparceiram com as melhores obras literárias de Teixeira-Gomes e são fundamentais para o entendimento não só do exilado tempo presente da sua escrita mas também das múltiplas vidas que ele havia vivido de escritor, de político, de sensualista cidadão do mundo.

Em *Miscelânea*, numa carta de 1927, caracteriza a sua nova vida no exílio como a de um ressuscitado: «Saí de Portugal sem um livro, sem um papel, sem um apontamento ou nota; nada que, de longe ou de perto, recordasse o antigo literato ou político: abri na vida uma página perfeitamente em branco [...] olho para o céu, para o mar, para as montanhas, para a paisagem com a encantada curiosidade de um ressuscitado. [...] Vou consumindo, à semelhança de certos animais que hibernam, a própria enxúndia [...]. Note que eu era sonâmbulo em pequeno, e sempre tive, acordado, facilidade de desassociar a inteligência da sensibilidade. [...] O desdobramento da própria personalidade, em ator e espectador, posso-o provocar a meu bel-prazer; e sem o menor esforço, nos passeios solitários, se me arma o teatro da alma, o pano sobe, e a representação começa.» E noutra carta do mesmo ano, dirigida ao seu camarada literário António Patrício, torna implícita uma equivalência da sua situação à de Cartago, que já não existe na «paisagem onde o lugar persiste». Ele é o lugar que persiste, ressuscitado como ator e espectador no seu «teatro da alma».

O memorialismo de Teixeira-Gomes vai de par com o alucinatório e com o fantástico, e ambos com o seu entendimento dos mitos como «perenemente atuais», numa inter-relação que também aponta para a significação mais profunda de obras suas de aparência convencionalmente literária e de factual ou transposta referência autobiográfica: Perséfone em *O Sítio da Mulher Morta*, Galateia em *Maria Adelaide*, o alucinatório e o fantástico em *A Cigana*. Teixeira-Gomes, nessa carta a António Patrício, interpreta o desencontro de Orfeu e Eurídice no inferno como um conflito entre a realidade e a memória que relaciona a uma situação factual ocorrida consigo e que «dava para uma linda novela que só teria o defeito

da verdade parecer inverosímil». A verdade que pareceria inverosímil acontecera numa factual Sevilha quando, passados muitos anos sem ver a mulher que tinha sido o grande amor da sua vida, percebeu que ela estava sentada atrás de si num cinema e, sem se voltar, fugiu espavorido. E explica: «Quando os deuses, compadecidos das súplicas de Orfeu, lhe permitiram que fosse às furnas do inferno buscar a sua adorada Eurídice, disseram-lhe: “mas não te voltes para a ver porque a perdes”. E como é que a perdia; e como é que a perdeu? Achando-a tão mudada de feições e de expressão que já não parecia a mesma Eurídice que amara.» Disto também se depreende que a veracidade desse amor se transformara numa memória imaginada que, à semelhança de uma alucinação, corresponde ao que lá não está. Sendo assim, noutra carta a António Patrício, relaciona a sua «indefetível memória visual, a que nunca fotografia alguma se pôde comparar», com ocorrências alucinatórias que tinha tido, comentando que «[e]m determinados espíritos a alucinação nunca significou sintoma de loucura; para eles, *ver* é simplesmente *imaginar* com intensidade. Nesses espíritos as ideias tomam facilmente a representação ou existência objetiva.»

Essa carta, datada de 1930, é também notável pelas relações que estabelece entre o erotismo, a representação da nudez nas artes visuais e o sentimento de totalidade recordado da infância, quando o seu jovem corpo nu mergulhava no tumulto das ondas: «Dentro de água, os membros soltos no líquido móvel e cristalino, pulsava-me o coração com tão seguro ritmo como se nele ecoasse a pulsação da vida universal...» Como entendida por Teixeira-Gomes, a sexualidade humana visa a uma holística experiência de «harmonia cósmica», que não pode excluir a representação estética dos corpos mas que não deve confundir-se com lubricidade: «Para aqueles a quem falta, na composição do sentido estético, a intuição da nudez pudica, não há conceção possível da carne sem lubricidade. Um efebo nu é sempre, no seu entender, espetáculo só apreciável a sodomitas. O corpo humano aparece-lhes compartilhado em zonas castas, impudicas e escandalosas.» A fundamental diferença entre lubricidade e sexualidade já havia sido sugerida, numa carta datada de 1928, num vívido contraste entre o Marquês de Sade e Santa Teresa de Jesus, quando caracteriza a alma do «patético Marquês» como «um infernal pocilgo fechado em açucenas e coberto de violetas» e a alma de Santa Teresa como um húmido poder vaginal capaz de se renovar a si próprio: «A alma de Santa Teresa! Oh misteriosa e recôndita flor de coral vermelho, que por si só seca e humedece!...»



Esta arrojada associação do amor místico à regenerativa sexualidade feminina corresponde ao sentimento de harmonia cósmica recordado da infância nas ondas do mar. O deleite narcísico pelo seu corpo juvenil iria incluir a apreciação estética de corpos sem distinção de género porque não divididos em zonas castas, impudicas ou escandalosas. Mas foi no feminino que o espelho de Narciso se transformou nos corpos do desejo.

*Carnaval Literário* é designado como «2.<sup>a</sup> parte de *Miscelânea*» e, numa «Advertência preliminar», o Autor escreve: «Tão fielmente retratado me vejo neste livro que o ofereço aos meus amigos, como bilhete de despedida... para o outro mundo.» Esse fiel autorretrato inclui textos com um tipo de memorialismo semelhante ao praticado em *Londres Maravilhosa* e em *Regressos*; outros estão mais próximos da especulação filosófica do que do memorialismo e teriam podido ser organizados como ensaios; mas todos eles são relacionáveis tanto à temática de *Miscelânea* quanto à sua obra mais convencionalmente literária. Destes ressaltam os comentários sobre o «freudismo» e as manifestações do subconsciente e do inconsciente na mente racional. Em *Miscelânea* tinha escrito, numa referência irónica à sua «hibernação»: «Reabsorvida a própria enxúndia, entrevejo ainda a utilização do inconsciente. É o tesouro do literato que pretende ser genuinamente moderno: escutar o inconsciente e apanhar-lhe as “surpresas”. Pode suceder, porém, que eu encontre o inconsciente ainda mais pobre e árido do que o consciente[...]». O facto, no entanto, é que a mente racional de Teixeira-Gomes — para quem «*ver é simplesmente imaginar com intensidade*» — não precisou das surpresas do inconsciente para ser «genuinamente moderna». Certamente Teixeira Gomes não foi menos moderno do que o vinte e oito anos mais novo Fernando Pessoa no seu «drama em gente». Fernando Pessoa escreveu como vários para ser ele próprio; Teixeira-Gomes escreveu como se ele próprio fosse vários. O seu «teatro da alma» também inclui as obras de ficção escritas no exílio. Entre elas o conto *A Cigana*, sobre a alucinação de corpos intermutáveis, que antes de ser incluído nas *Novelas Eróticas* era uma carta a António Patrício, como outras publicadas em *Miscelânea*; e a novela *Maria Adelaide*, datada de dois anos antes de *Carnaval Literário*. O narrador de *Maria Adelaide* — um «cavalheiro medianamente culto, mas exuberante de vida física» — desumaniza uma jovem mulher reduzindo-a à mera fisicalidade. «É obra que só um velho conseguiria produzir», comenta Teixeira-Gomes numa carta de 1937 sobre a génese dessa obra, incluída em *Londres Maravilhosa*. Mas, até o que nessa ficção literária

possa coincidir com anteriores comportamentos do cultíssimo autor, o comportamento do ficcionado narrador seria a representação crítica de um «eu-próprio-outro» à luz do que, quase ao mesmo tempo, o mesmo autor escreveu em *Carnaval Literário* sobre a desumanização das mulheres.

No fiel autorretrato que disse ser *Carnaval Literário*, Teixeira-Gomes não só recorda a sua aliança com as marginalizadas sufragistas quando foi para Londres como o primeiro representante diplomático da marginalizada República portuguesa, mas também faz uma reflexão sobre a situação da mulher nas sociedades contemporâneas que, pelo seu radicalismo, seria um manifesto feminista se já então houvesse o que hoje se entende por feminismo. Partindo do pressuposto de que «antes da idade “patriarcal”» tinha havido uma «idade “matriarcal”, durante a qual se lançaram as grandes bases da civilização... altruísta», considera que «[o] facto, porém, é que no período patriarcal as mulheres passaram tratos de polé, e causa admiração que se não concertassem mais cedo para obter regalias e direitos iguais aos dos homens [...] uma das consequências de maior alcance social, a esperar da independência da mulher, fundada na sua educação científica, é que ela possa escolher o momento mais favorável para o exercício (digamos assim) da maternidade, produzindo, portanto, seres viáveis e menos perigosos, e corrigindo de algum modo a indiferença criminosa do homem, o qual, sífilítico, tuberculoso, alcoólico, etc., procria a trouxe-mouxe, sem se preocupar com os possíveis resultados funestos do seu desleixo.» E, de uma perspectiva que remete ao que havia sugerido, em *Miscelânea*, sobre o encontro de si próprio na sexualidade feminina — e portanto em sentido oposto ao redutor comportamento masculino representado em *Maria Adelaide* —, acrescenta: «Quanto a mim [...] a consequência principal da superioridade da mulher, e da sua libertação, consiste em dar ao amor maior intensidade; a mulher fácil, a mulher escrava só incita à mera satisfação do desejo sexual [...]».

A obra de M. Teixeira-Gomes não pode ser parcelada em compartimentos estanques. Vista no seu conjunto, como cumpre fazer, é uma inovadora construção literária para a qual ainda não havia — e porventura continua a não haver — designação adequada. O memorialismo criativo — a imaginação da memória em *Londres Maravilhosa*, *Regressos*, *Miscelânea* e *Carnaval Literário* — é o cimento que unifica a sua prodigiosa diversidade.

Helder Macedo







**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

# MISCELÂNEA

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## CARTA A ANTÓNIO PATRÍCIO

(Sobre matéria vária)

Pisa, 8 de novembro de 1926

Meu caro amigo:

Agradei-lhe o amável telegrama que teve a bondade de me enviar de Paris, num cartão postal que remeti para Londres, já não sei a que número de Baker Street, onde me disseram de Lisboa que tinha elegido paradeiro. Mas na consciência ficou-me sempre remordendo a disparidade deste modesto e ronceiro cartão, para a acelerada onda de energias hertzianas que, através de continentes e mares, me trouxera à bendita paz de Tlemcen as suas saudações. Porque foi que lhe não escrevi até agora a longa carta, logo projetada à receção do seu telegrama? Talvez para alimentar esse pequeno remorso, que permanentemente me evocava a sua lembrança, e lhe tornava a presença espiritual mais constante, nas minhas novas peregrinações. Mas vejo nos jornais que o destinam para não sei que absurdas Nicaráguas, ou inverosímeis Costas Ricas, e desejo que, antes de partir, a expressão da minha amizade o assista na despedida, fazendo votos ardentes por que lhe sirva de proveitoso viático.

Não foi em sonhos, como o profeta que um anjo transportou de Babilónia à terra dos seus desejos, mas a bordo de um simples vapor holandês, de carga, que eu, ao soltar-me da presidência, me lancei sobre as almejadas plagas africanas, iniciando aí, mau grado a velhice, esta grande primavera



de liberdade e felicidade, que ainda agora dura. Chamava-se *Zeus* esse navio, e supersticioso como um livre-pensador, augurei muito bem de uma viagem começada sob a égide do Rei do Olimpo. Não me falhou até aqui o prognóstico, e presumo que a própria *Vénus* foi industriada para acudir à minha caducidade, num ou noutro lance de maior provação. — Após uma muito rápida excursão por Marrocos, e três meses repartidos entre Argel e Tunes, trasladei-me a Nápoles, onde fiquei mês e meio; daí passei a Florença, que me reteve mais de quatro meses, vindo depois para Pisa no fim de setembro, na intenção de regressar a África, para onde espero partir dentro de poucos dias.

Como vê, não busco novidades nesta viagem, e contento-me com revistar o que já conhecia. Mas trinta anos, e nalguns casos, como Florença, quarenta anos de intervalo, se não transformam a vida e o cenário das regiões por onde andamos, mudam-nos a nós mesmos de tal maneira, que é inteiramente diverso já o indivíduo que recomeçou a viagem daquele que outrora a realizou; e toda a novidade, que é enorme, não provém tanto das suas atuais impressões, como da relação que ele lhes encontra com as impressões experimentadas por esse outro indivíduo, em que encarnou num tão remoto passado. E este como que desdobramento da personalidade tem a vantagem de nos trazer sempre acompanhados — na única companhia efetiva, suportável em viagem, que somos nós mesmos. — Mas há impressões imutáveis. Assim, a cidade de Nápoles continua a aparecer-nos com o seu formigueiro de gente defeituosa e imunda, a fervilhar em volta do santuário onde se erguem, na divina eurtmia das suas formas nuas, os mármorees gregos. E o sentimento predominante no nosso espírito, após algumas semanas de divagação pelos arredores de Nápoles, é ainda e sempre de desenganada renúncia às fantasias do sonho, visto como se nos torna patente que a natureza ali supera os voos da mais rica imaginação humana.

Vem então uma espécie de atonia deliciosa, e viver, dia a dia, hora a hora, naquele paraíso afigura-se-nos ser a realização da felicidade perfeita.

Em Florença, a sensação de serenidade, de elegância, de suavidade reflete-se nos monumentos, nas pinturas, nos palácios, nos jardins que ali se multiplicam; e melhor ainda, na sua nobre paisagem, tão harmoniosa e largamente lançada; de uma composição ao mesmo tempo tão certa e embaladora, que parece executar um desses grandes «adágios» inventados pelos mais puros génios musicais. Ela canta a sua melancolia com tanta

dignidade, que nos chega isenta de sofrimento, e acode aos tormentos da nossa alma como um bálsamo celeste.

No gabinete das gemas da galeria «degli Uffizi», na vitrina, à esquerda da janela, e onde, não sei porquê, a luz se espelha em reflexos que baralham um pouco a vista dos objetos ali expostos, está uma máscara de jade verde, de dimensões iguais às do rosto humano. Reproduz o tipo asiático, de malares salientes. A boca irregular, grande, mole, sugerindo a ideia de que se fecha com uma xareta, boca sem aparente consistência, mas que nos momentos próprios deve atuar como ventosa, em chupões de vampiro. E, sem sorrir, mostra os dois renques de dentes miudinhos e irregulares. No mistério das órbitas vazias, esboça-se-lhe uma expressão de malícia... Em precioso jade esmeraldino, esse prodígio da arte chinesa, das grandes épocas anteriores aos Mings, quando uma simples curva, uma pincelada, um traço tornava a obra de arte inigualável, era-me motivo para as mais variadas e fantásticas divagações. E como desde o primeiro encontro a sua imagem me tivesse ficado fotografada na memória, eu não precisava de voltar ao gabinete das gemas para a ter sempre presente. Começou a lua de agosto a espalhar-se, pouco a pouco, sobre a passagem florentina, e então, a lembrança de umas páginas empapadas de luar, que há em um dos seus livros, ainda mais veio alargar o âmbito de poesia, em que essa luz de prata fosca me trazia envolvido. Senti-me deliciosamente regressado às milagrosas miragens dos sonhos infantis, e a vida, durante alguns dias, foi para mim um conto de fadas. A Lua falava-me; e quando aparecia ao pôr do sol, para me entreter, punha e tirava a máscara de jade, à qual, algumas vezes, a passagem de pequenas nuvens cor-de-rosa dava um tom de verde mais intenso.

Já no escuro da lua, falando com o diretor «degli Uffizi» a respeito de uma gravura, que eu buscava, de Francisco de Holanda, ocorreu-me perguntar-lhe se conhecia a proveniência da máscara chinesa de jade.

— Não é jade — respondeu-me —, como se supôs durante muito tempo...

— Mas era tão fácil verificá-lo — observei, despeitado.

— Com efeito, mas ninguém pensou nisso, e só numa ocasião de limpeza, em que ela roçou por outro objeto de pedra e ficou riscada, é que se viu que era feita de uma espécie de alabastrina. Mas há mais...

— O quê? — interrompi, sentindo calafrios de gelo na espinha, e as mãos a tremer.

— Também não é chinesa...

— Uma imitação!... — murmurei sucumbido, como se o mais belo monumento do mundo se me tivesse estatelado diante dos olhos.

— Não, senhor; é autêntica, mas mexicana, e porventura contemporânea da dinastia dos Tangs...

Ó máscara da minha paixão! Ei-la de novo afivelada no rosto da doce Febo, para lhe disfarçar a comoção, quando ela tinha que assistir aos sacrifícios humanos, a essas horríveis hecatombes das festas religiosas dos asteques, que tingiam de sangue os lagos fechados nas crateras das altíssimas montanhas, já vizinhas dos astros. E uma noite, numa contração de horror, soltou-se-lhe do rosto, e caiu sobre a terra...

À direita da entrada desse mesmo gabinete das gemas, está um busto de basalto, que representa um homem com menos de trinta anos, de feições muito finas e regulares, a barba e o cabelo crescidos, de madeixas aneladas mas em grande desalinho. Os olhos muito abertos e parados; olhos para os quais a vida parece não ter já pastado bastante. O sorriso, levemente forçado, vai emurchecendo. É um trabalho grego. Não se lhe veem os cornichos a despontar, nem orelhas pontiagudas, mas sente-se que retrata um sátiro. É o tipo que convinha ao seu D. João. De um modo geral, D. João não é mais do que a transformação do velho mito: o sátiro. Todos os mitos gregos têm uma aplicação humana permanente.

E não há que admirar somente a perpétua atualidade da sua representação; o mais extraordinário é como eles rejuvenescem através dos séculos, e como a cultura intelectual lhes dá maior e mais ampla significação.

O sátiro existe na vida corrente; encontramos-lo amiúdo, e só por distração é que não damos conta dele. (Note que eu, aqui, não forrageio no campo patológico.) O mais curioso ainda é como nós mesmos nos transformamos em sátiros, adquirindo transitoriamente o seu poder de atração sexual, sem disso nos apercebermos. Com efeito, dias há, mesmo épocas, em que os nossos olhos carregados de desejos, de tal forma penetram na alma das mulheres que cruzamos na rua, que ali levantam súbitas labaredas de sensualidade, e se ela se não satisfaz ato contínuo é porque não sabemos aproveitar o momento. Não sabemos, ou não podemos, à falta de lugar próprio, e com receio da polícia; mas a ação exerceu-se plenamente como se estivéssemos investidos do poder que a Antiguidade atribuía aos sátiros. Essa força de atração sexual desenvolvem-na, com frequência, certos velhos sobretudo na presença da mocidade ainda impúbere, e assim se dão tantos casos, levados à conta de violência, que foram

consentidos e até provocados pelas pseudovítimas. Se realmente chegamos a ter a consciência de possuir a fascinação do sátiro, então atravessamos a grande fase triunfal da vida, e nada mais nos resta a fazer além da escolha. Mas o sátiro é como D. João: não escolhe; somente o sátiro não envelhecia, e D. João sobrevive à apetência física e à ilusão cerebral; daí a grande tragédia da sua decrepitude: continuam as vítimas a oferecer-se ao sacrifício, sem que ele as possa imolar. Com este desfecho é que nós estragamos o velho mito, para gáudio e proveito dos poetas, como o meu amigo, que daí tiram tão admiráveis efeitos. Para melhor caracterizar o busto de basalto, sucedeu que o tempo, ou algum acidente, lhe mordeu, no bordo, uma das asas do nariz, pondo-lhe como que um leve retoque de sífilis. Nunca julguei que essa implacável destruidora da beleza pudesse jamais figurar, e bem, como elemento estético!...

Seu muito dedicado.

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## CARTA AO DR. AZEVEDO NEVES

(Sobre o Castilho e sobre higiene social)

Pisa, 14 de novembro de 1926

Meu Ex.<sup>mo</sup> e ilustre Amigo:

Com a sua boa carta de 26 de julho, recebi o folheto *Júlio de Castilho* e o volume *Vida Miserável*; e pelo Viana de Carvalho tive, em tempo próprio, notícia de que lhe fora entregue a medalha de prata do Centenário da Faculdade de Medicina, e uma série de publicações, que ele já agradecera em meu nome. Por este lado sinto a consciência relativamente tranquila, e se algum dia voltar a Lisboa, tratarei de ler essas publicações e mandarei, depois, uma palavra de reconhecimento a cada um dos seus autores. Mas no que diz respeito a V. Ex.<sup>a</sup> o caso é bem diferente, pois são passados mais de três meses sobre a recepção da sua carta, e por muito que busque e rebusque, não encontro razão plausível ao meu silêncio. Resta-me só o fácil — e triste — expediente de pedir perdão.

Vi uma única vez o Júlio de Castilho, para os lados do Lumiar, onde eu fora de passeio com o Fialho, que o conhecia, e parou para o cumprimentar. Tinha o aspeto distinto e simpático, com esse ar de reserva natural, que não exclui a lhaneza, e torna as relações sociais muito agradáveis. Da sua produção pessoal nada sei, porque (e com vergonha o confesso) nem mesmo li a *Lisboa Antiga*, mas sou-lhe gratíssimo, pelo monumento

que ele levantou à memória do pai, publicando-lhe com grande carinho, e critério, e cuidado de revisão, as obras completas.

Afora o relevante serviço prestado às letras portuguesas, ele rendeu assim a mais digna homenagem ao mestre supremo, que V. Ex.<sup>a</sup>, no seu discurso, classifica de «maior mestre da nossa língua no século XIX», mas que, sem encarecimento, se pode capitular de maior de todos os tempos. Na verdade nenhum outro conheço, em que pese à reputação de Frei Luís de Sousa, do Padre Vieira, e ainda do Padre Manuel Bernardes, que tal plasticidade desse à nossa língua, enriquecendo-lhe o colorido, afinando-lhe a elegância, acentuando-lhe a máscula energia, e pesando os vocábulos na sua infinita variedade, com mão tão segura, que nunca na sua prosa eles aparecem, já não digo falhos de propriedade, mas diminuídos de intenção, ou enfraquecidos para o efeito a que vieram. Seja qual for a natureza dos seus trabalhos (passada a fase da mocidade), ele empolga o assunto com garras de águia e leva-o por todos os meandros do raciocínio e do sentimento, alumando-o com uma linguagem de clarões tão vivos, que não há recesso que lhe escape, nem cambiante que se perca. E tudo isto com que ritmo! Lembra-se dos estudos sobre o pregador brasileiro Frei Francisco de Montalverne, sobre o Padre Bernardes, sobre o Garcia de Resende, sobre a Ristori, sobre a Emília das Neves; e as suas traduções; e os seus trabalhos em todos os géneros literários, e em todas as formas da poesia; e nos *Casos do Meu Tempo*, esse interminável e incomparável noticiário de jornal, gracioso e alado, que tem o matiz das lindas borboletas; e o elogio fúnebre (ou elogio histórico) do irmão, assombrosa peça elegíaca, onde as frases como que vão surgindo esculpidas no mais puro mármore de Paros!... Era um fraco filósofo, disseram, depois, desse inigualável humanista, os chamados positivistas. Mas o Castilho nem mesmo pretendeu nunca ser filósofo. Era essencial e estruturalmente um artista, que em certos momentos pascia, como a abelha, pelos jardins da Antiguidade, cujos filósofos, moralistas, e poetas ele conhecia, compreendia e sentia, como ninguém mais nem melhor, no seu tempo.

Para a vida corrente e cursiva, servia-se da religião católica, e dos textos bíblicos, como de muletas, que ajudavam a atravessar, sem grandes canseiras, o campo, na sua época inevitável, do sobrenatural, desenvolvendo-se assim dessa infundável cadeia de problemas que os filósofos, para os

elucidar, vão substituindo por novos problemas. Não se fixara então ainda a característica da «filosofia» atual, nossa, que consiste no esforço de explicar e conhecer a vida, sem recorrer ao transcendente. Uma filosofia conhecia ele a fundo: a da língua portuguesa. E mais que cabalmente o demonstrou em centenas de escritos, mas sobretudo na sua *Arte Poética*. De espírito retrógrado, também o acoimaram. Tão pouco é na história do progresso intelectual, científico e social de um povo, e mesmo da humanidade, ter dado tal impulso e desenvolvimento a uma língua já superiormente culta, e que após a sua lição ficou apta para traduzir, com precisão e eloquência, todas as possíveis manifestações da mentalidade moderna? Há uma fórmula pseudocientífica e manifestamente paradoxal, segundo a qual o homem não teria inventado a linguagem para «falar» (no sentido de exprimir o pensamento) e «falaria» simplesmente por ter achado sons, palavras, que reunidas em grupos lhe sugeriram as ideias. A palavra antecedendo a ideia. É um pouco ridículo, mas não é inteiramente falso. Sem querer desvendar o mistério da origem da linguagem, o que é certo é que ela, no seu desenvolvimento, reage sobre as ideias, amplia a inteligência, esclarece-a, organiza-a. O seu estudo, o conhecimento exato da significação dos vocábulos, das suas nuances, ou das nuances dos seus sinónimos; da construção da frase; da arquitetura do período; são a melhor forma de fruir o imenso cabedal de ideias, de noções, e de conclusões, adquirido através dos séculos pela humanidade. Ao mesmo tempo se exerce a higiene indispensável ao perfeito equilíbrio mental — ou nervoso —, e libertamo-nos da angústia de continuamente pairar no vago, no incerto, no duvidoso, a que se chega pelo baralhar dos vocábulos. A linguagem separou o homem do resto dos animais; no reino da linguagem ele se entronizou até ao ponto de se reclamar da origem divina; e no campo material da vida, é fora de dúvida que, servindo-se dela, e só por seu intermédio, ele vai realizando a sua mais nobre aspiração, que é concorrer para que a terra seja cada vez mais salubre, produtiva e hospitaleira; em resumo: para a tornar mais «habitável». O Castilho... mas receio que já tenha Castilho de mais, por hoje, acrescentando que era do filho que eu devia falar — e passaremos a outro assunto: o seu livro *Vida Miserável*.

Vida miserável é por toda a parte a vida de quem sofre, e o mundo inteiro referve em sofrimento. São os quadros que V. Ex.<sup>a</sup> delineou, com tanto vigor e relevo, exclusivos de Portugal? Não creio. Mas isso pouco importa. O que convém é verificar se correspondem à verdade. A meu



ver, ainda estão muito aquém, muito longe dela, e se não fora a cor e os enfeites, que lhes dá o sentimento artístico, isto é, depois de reduzidos ao esqueleto dos factos, apontados concretamente, eles em pouco ou nada diferiam dos quadros que se nos podem deparar, em qualquer outra capital europeia. Mas analisado o veneno, urgia indicar o antídoto. (Sem dúvida isso virá mais tarde.) Não é um trabalho científico, V. Ex.<sup>a</sup> o declara no prefácio, mas o nome e a reputação do autor, para este assunto especial, tornam os leitores mais exigentes, e pedem, pelo menos, que se lhes faça entrever, de uma forma prática, a possibilidade do remédio, não sendo seguramente das «Florinhas da Rua» e de outras instituições similares, aliás a todos os respeitos meritórias e úteis, que ele nos virá. Por instinto ou intenção estética, a fim de avolumar o mal sob certos aspetos, V. Ex.<sup>a</sup> chama à sua responsabilidade todas as classes da sociedade portuguesa, distribuindo, um pouco às cegas, as culpas, para a direita e para a esquerda, não poupando mesmo as principais vítimas. Nalgumas passagens transparece até a persuasão de que o nosso povo se perverteu desde uma «data determinada». Eu bem sei que tudo isto é «jornalismo», pois foi escrito para jornais, mas esse espírito prejudica sempre o efeito moral e social de semelhantes objurgatórias. O certo é que durante a minha presidência, no ingénuo intuito de concorrer para o «bem-estar do maior número» (como quem diz «o povo»; intuito que nunca ninguém me perdoou, sobretudo do lado conservador), muitas vezes procurei esclarecer-me, pedindo que me mostrassem as estatísticas, as monografias, os trabalhos demográficos e meramente científicos, que nas comunidades civilizadas são indispensáveis ao tratamento da miséria social, e ninguém mos trouxe. Existem esses trabalhos em Portugal? Se não existem, há pelo menos que isentar o povo dessa culpa. Como está organizado o nosso serviço de higiene social? Enquanto não atacarmos este problema, criando e desenvolvendo uma força central, efetiva, que atenda à desinfeção do país, multiplicaremos infinitamente a fabricação dos vasos rachados, sem que lhes valham, para o indispensável conserto, os gatos com que porventura as sociedades particulares de beneficência, igualmente multiplicadas, lhes acudam. Mas todas estas leves considerações e reparos, feitos muito ao correr da pena, e sem a devida seqüência, em nada podem empanar o brilho dos seus vigorosos artigos e ainda menos diminuir o sentimento de altruísmo que presidiu à sua redação, e deveras reconhecido lhe fico por me ter proporcionado o gosto de os ler.

Eu continuo de perfeita saúde, e em vésperas de partir para Trípoli, onde desejo ver os resultados das recentes escavações arqueológicas feitas pelos italianos, e também a diferença que trouxe àquela região a mudança de dono. Pouco me demorarei ali, mas ainda não decidi para onde seguirei, sendo, no entanto, intenção minha passar o inverno no Norte da África. Muita saúde e felicidade lhe deseja, sinceramente, o seu admirador, amigo, e criado.

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## CARTA A VIANA DE CARVALHO

(Episódios burlescos)

Tunes, 22 de novembro de 1926

Meu caro Amigo:

As minhas últimas cartas foram de 8, 9, 12 e 14, de Pisa; em 18 de bordo do *Porto di Savona*, e em 19 mandei-lhe um postal de Cagliari.

Não deixei a Itália com excessiva pena, e as razões dar-lhas-ei mais tarde, em tempos menos operosos e expeditos do que são os presentes. Embarquei em Livorno, no *Porto di Savona*, como lhe anunciara. Durante a minha estada em Pisa vim duas vezes a Livorno, que, além de sujíssima, é talvez a cidade menos pitoresca e mais pobre em monumentos apreciáveis e obras de verdadeira arte, de toda a Itália. Mas poucas lhe ganham em vida, e movimento, e maravilhas culinárias. E possui, à beira-mar, uma série de terraços ajardinados muito bem dispostos, e melhor tratados, que fariam honra a uma grande capital. Ao longo desses jardins, e sempre com a perspetiva desafogada do mar, que ali é todo semeado e enfeitado de ilhéus, corre o elétrico da estação balnear de Antignano; e seguindo por terra dentro, logo se alcança o funicular do altíssimo santuário de Montenero, igualmente propício aos devotos da Virgem e de Baco. São inúmeras, ali, as capelas, mas as tabernas excedem-nas. O panorama que de lá se desfruta é assombroso e infinito, abrangendo a imensidade do mar, toda a campina pisana e as montanhas que cercam Florença.

Da primeira vez que vim a Livorno, encontrei numa farmácia, acompanhado da família, Sir Austen Chamberlain, que tentava explicar-se em italiano britânico. Retorquia-lhe o alquimista em italiano macarrónico. E, naturalmente, entenderam-se. Sir Austen usa uns chapéus que nunca se lhe acomodam perfeitamente na cabeça; e a tensão do rosto, para segurar o monóculo, contrasta com a instabilidade do chapéu de um modo que se pode capitular de «humorístico». Ainda assim ele percorria as ruas principais da cidade, sem que a *balilla* ou, digamos, a garotada livornesa o tomasse à sua conta.

Porém o grande pasmo de Liorna é a sua gigante, que nesse dia também saiu à rua a beber os ares festivos, e eu tive a dita de contemplar a preceito. Imagine uma senhora que pudesse embalar no regaço, como um simples menino de mama, o nosso ator Chaby. Mas o rosto não é digno daquela grandeza; com os dentes saídos tem a aparência de uma javalina; e em vez das pernas elefantinas que se pressupõem, ela exhibe umas inverosímeis canículas, ainda por cima metidas em meias de linha branca. Os gigantes não devem rarear em Liorna, e até eu tive meus dares e tomares com um deles, como lhe vou contar.

A minha mala grande, muito sua conhecida, a *Never Break*, sendo comodíssima, pela disposição interior, que permite, quando se abre, usar dela como se fosse um guarda-roupa de moderna construção, tem no entanto seus inconvenientes, sobretudo nas viagens por países pouco habituados a ver semelhantes fenómenos. Imponente no aspeto, desafia a codícia dos carregadores; vazia, o seu peso é respeitável, e cheia, como anda a minha, ultrapassa os cem quilos que um homem forte já com dificuldade carrega às costas; de modo que o galego, disposto a meter a unha só pelo aspeto, quando a sente sobre o lombo, logo imagina que não há dinheiro que lhe pague a penosa empresa de transportar, como um Atlas, aquele mundo esmagador, feito de aço, e sem pega de espécie alguma. Isto move questões, nem sempre fáceis de dirimir, e pedindo, com frequência, a intervenção da polícia. Em Livorno, porto de carga importante, mas pouco frequentado de passageiros, de modo que se algum aparece paga por todos os que não vêm, a minha travessia, acompanhado da *Never Break* e mais bagagem miúda, da estação do caminho de ferro até a bordo do *Porto di Savona*, com escalas por agências e consulados, dava uma boa fita cinematográfica, no género Ridolin. Culminou no minúsculo bote que me conduzia a bordo do vapor, e onde se instalara

uma tripulação de navio-pirata — tudo para remover a *Never Break* — com um comandante de proporções colossais, a quem eu num ímpeto de ira cega ameacei de atirar à água, dando-lhe uns empurrões baldados, e que a mim quase me fizeram perder o equilíbrio. Felizmente o gigante intimidou-se, não levando as represálias além de alguns excessos de linguagem, e profetizando-me, qual Adamastor de ópera bufa, tremendas catástrofes que se não realizaram. A bordo do *Porto di Savona* repetiu-se o que já se dera no vapor italiano, que me levou de Tunes para a Itália; não queriam de modo algum consentir em que eu metesse a *Never Break* no camarote. Lá o consegui, após diligências e negociações mais complicadas que as da barra do Guadiana, e por cautela o criado segurou-a com uma corda a um dos cabides aparafusados no tabique. Radiante com o meu triunfo, e fruindo mais uma vez as comodidades que proporcionava o ter a minha *Never Break* sempre à mão, segui viagem nas condições prósperas que lhe descrevi no bilhete de Cagliari. Mas o *Porto di Savona*, que se portara até ali com decência, apenas se viu livre de não sei quantas centenas de toneladas de carga, que lhe tiraram do bucho em Cagliari, enlouqueceu, e agora vereis a dança! Largámos de Cagliari à meia-noite, sem que eu desse pela partida, pois dormia a sono solto; mas cerca das duas da madrugada acordei no inferno: o vapor em lastro, com o vento e as ondas a darem-lhe no costado, pulava, positivamente, como um gamo; de todos os lados vinham ruídos de cacaria partida e móveis em derrocada, e gritos angustiosos, e, no meu camarote, a *Never Break*, o monstro, soltara-se, e investia, furiosa, no propósito de tudo destruir. Eu li em rapaz um romance de Victor Hugo, chamado 93, onde há uma cena que a minha *Never Break* me fez lembrar. Trata-se de uma peça de artilharia, mal segura, que, a bordo de um navio de insurretos realistas, na costa da Bretanha, se solta da amurada, com o reparo, e, ao sabor da tormenta, corre, avança, recua, e investe, ameaçando destruir o barco. Pois à parte o carácter épico, o lance em que me encontrei, tendo de apanhar à unha a *Never Break* desencabrestada, não deve nada à passagem imaginada pelo Victor Hugo. Depois de uma luta ingente, e com o auxílio dos criados, que por fim acudiram às minhas chamadas de desespero, consegui domar a fera, e encadeá-la em termos de a reduzir à impotência. Mas o *Porto di Savona* é que ninguém domava, e sem esmorecer no seu louco bailado, veio vindo, durante vinte e quatro horas, até Tunes, onde chegámos na noite de sábado. Devo dizer-lhe, não sem uma pontinha de perdoável vaidade, que me

encontrei sozinho à mesa, em todas as refeições, nesse dia de prodigiosa ginástica. Pelo caminho ainda pensei num subterfúgio ou expediente, que me permitisse, tomando bilhete de ida e volta para Siracusa, ficar dois dias na escala de Trípoli, dando-me tempo para ver as escavações de Homs, e evitando assim a maçada de papéis e formalidades, a que as novas, ou novíssimas, prescrições fascistas obrigam os estrangeiros que pretendem visitar alguma colônia italiana, mas atrasado como chegou o vapor aqui, corria risco de que encurtasse a demora em Trípoli sem me dar tempo a ver o que desejo. Irei ali mais tarde, para ficar uma ou duas semanas.

Encontrei em Tunes um tempo esplêndido: céu de anil, sem uma nuvem, e sol ardente. Voltei ao fato de verão e sinto calor.

Seu muito dedicado.

## CARTA AO DR. F. MIRA

(Paralelo absurdo)

Tunes, 7 de janeiro de 1927

Meu caro Amigo:

Quando me soltei de Belém, para voltar às minhas antigas peregrinações, foi no propósito de me remeter ao mais absoluto e intangível silêncio. Não tencionava visitar lugares que não tivesse visto antes, e a comparação das impressões atuais e passadas desdobrava-me suficientemente, para que eu pudesse manter comigo mesmo esse diálogo, a que tanto se prestam as viagens, e que na maioria dos casos torna apreciável a presença de um companheiro, ou a correspondência seguida com um amigo. Supunha-me suficientemente apetrechado para a existência solitária. O meu amor à solidão tem de particular que de forma alguma me exalta ou excita o espírito revolucionário. Dizia um filósofo da Antiguidade que viver «sozinho» é próprio de um deus ou de uma fera. Graças ao progresso eu julgo que se pode viver contente na solidão, sem ser deus nem fera. Mesmo o espírito subversivo, hoje, pela complicação da vida atual, precisa, para se desenvolver e fortificar, da cooperação de muitos indivíduos — que mais não seja em conversações e discussões —, aliás não cria asas e morre gorado, como o pinto na casca. Note que, quando falo no contentamento da solidão, excluo a ideia da vida contemplativa; solidão entre os homens, ou nas grandes cidades, na multidão, «esse deserto de homens», como lhe



chamava o Villiers de l'Isle-Adam. Pus-me pois a viajar monologando e sem exaspero de espécie alguma, com esta calma que a experiência e a idade avançada nos mantêm, até para singrarmos, sãos e salvos, entre os mais aliciadores escolhos de luxúria. Mas no fim de alguns meses, levado daquela mesma curiosidade inútil, que nos faz procurar para onde fica o norte, quando deliberadamente caminhamos à aventura ou sem determinado fito; passados alguns meses, eu perguntava a mim mesmo o que seria feito dos meus amigos, e logo me acudiu a tentação: e se eu lhes escrevesse? Tentação mais forte em mim do que no maior número dos mortais, dada a fúria de epistolar que desde muito novo me atacou. É que o género epistolar satisfaz plena e simultaneamente o egoísmo e a preguiça, minhas virtudes capitais. Escolhe-se a vítima para o suposto desabafo, e porque lhe conhecemos bem o espírito, as inclinações estéticas, a índole, disserta-se conforme a tolerância de quem nos escuta, seguros de que o seu entendimento e argúcia suprirão as omissões e elipses com que se aligeira a narrativa, e a ausência de explicações que a tornariam demasiadamente longa e enfadonha de fazer. É um ouvinte que vale por mil. Foi assim que a pouco e pouco, percorrendo a lista dos prediletos, eu vim dar com o meu amigo, e aproveitando a sua natural mordacidade (desenvenenada), e irreprimível pendor para a zombaria (benévola), me aventurei a escrever-lhe aquela minha carta de outubro, que trata de reformas financeiras. Seria assunto para desenrolar, formando capítulo num livro que intitularíamos: *Bandarilhas de Fogo...* Mas não: bandarilhas de fogo era em qualquer caso demasiado forte; e já por si só «bandarilhas» assusta, e levaria os compradores do livro, antes de se esportularem, a apalpar instintivamente nos frontais, verificando se tem confirmação material o que a consciência lhes segreda; e quantos resistiriam a essa prova? Um livro que se poderia chamar: *Picadas de Alfinete nas Nádegas dos Filisteus*. Um livro inocente, pois, e nesse mesmo sentido continuo hoje...

Montaigne ressentia-se do excesso de imaginação, que, dizia ele, a toda a gente apoquentava e a alguns abate ou destroça. Eu sou daqueles a quem a imaginação mais facilmente domina, mas na mais consentida e amada escravidão. Devo-lhe o melhor da minha vida, essa faculdade de me evadir sem esforço do círculo de abjeção e miséria moral que a sociedade, incessantemente, reforça e aperta em volta dos nossos mais nobres sentimentos, com tal poder esterilizador, que a comezinha prática da justiça,

do bem, e do belo se converte em utopia inexecutável e grotesca. A imaginação me suavizou e aformoseou a existência, e se uma ou outra vez me extraviou pelos caminhos do absurdo, foi sempre através desses arcos festivos, que a fantasia levanta e enrama de mil arabescos engenhosos, transformando-os por completo, até ao ponto de tornar plausível à arte o que a razão repele. Já não falo no que foi o perpétuo sonho acordado da minha infância, nem da milagrosa exploração do pensamento pelo infinito reino da quimera, durante as horas em que, na mocidade, eu contemplava os páramos celestes, ou embalado pelas ondas do mar cheio de sol, ou imóvel, sob o recamo cintilante dos astros noturnos; refiro-me à época das responsabilidades indeclináveis, quando o contacto e a colaboração de todos os elementos sociais nos é indispensável, obrigando-nos a afivelar a máscara sem a qual seríamos considerados e tratados como réprobos. Nas crises mais agudas e aflitivas de náusea e descrença, encontrava no refúgio sempre acolhedor da imaginação remédio para todos os males, concerto para situações irreparáveis, restauração plena das forças perdidas e já declaradas insubstituíveis.

E a que surpreendentes devaneios e divagações me não entreguei eu, se por ela me deixava arrastar em momentos de atonia absoluta, de todo fugido ao rumo da lógica respeitável, imperiosa e intimidadora! Recordo, como se tivesse pisado regiões fabulosas, uns tempos que levei empenhado em estabelecer o paralelo entre o Padre Manuel Bernardes e Madame du Barry. Que pontos de semelhança, que afinidades de sentimentos e de inteligência, que analogias no curso da vida podia eu ter descoberto entre o virtuoso congregado do Oratório e a amável cortesã francesa, que justificassem o arrojado confronto! Era principalmente a minha enlevada surpresa, pela forma como as duas existências haviam evoluído, e a irresistível simpatia que essas duas figuras me inspiravam o motivo da sua ligação. Bem o sentia eu, mas precisava de o demonstrar com factos incontrovertidos, e apreciações indiscutíveis, e para isso não houve episódio conhecido, da biografia do sacerdote e da mundana, que a imaginação não afeiçoasse em termos de servir a qualquer dos dois. Naturalmente não levava a aberração ao acume de meter o Padre Bernardes na cama de D. João V, mas buscando equivalência à curiosidade amorosa, que a linda preta Izabella inspirara à favorita régia, julgava até encontrar, nalgumas passagens da *Luz e Calor* ou da *Nova Floresta*, uma tal ou qual predileção sensual pela raça negra,

de que, ao tempo do moralista, Lisboa abundava em exemplares apreciáveis e apreciados.

Há na vida da encantadora cortesã um lance, que singularmente abona a abnegação do seu carácter, a sua doçura, o seu espírito de sacrifício. Foi quando o seu régio amante descobriu que tinha bexigas, e se convenceu de que delas morreria. Para o tranquilizar ou para lhe mitigar os tormentos, Madame du Barry acariciava-lhe a face e a testa, cobertas de pústulas em supuração, e pegando-lhe na mão infecta, aninhava-a entre os seios. O Rei ordenava-lhe que saísse de Versailles — talvez para a livrar do contágio —, mas ela recusava, desobedecia, teimava em ficar, e só à força conseguiram arrancá-la da cabeceira do doente, já quando exalava tal fétido, que ninguém lhe resistia, e causava desmaios nas próprias filhas. O que haveria, na existência do cândido e liso Bernardes, comparável a esta passagem? Dia de festa me foi aquele em que soube que o caridoso oratoriano acolhera na sua cela e aí o tratara com desvelos maternos um pobre gato gafado de sarna mortal, encontrado na cerca do convento, ao abandono, pelos noviços, à hora do recreio. Nunca mais o excelente sacerdote desamparou o desgraçado animalzinho, só lamentando que a ausência de uma alma, naquele corpinho apoleado, o impedisse de lhe acudir com os recursos espirituais de que a Igreja dispõe para aliviar o sofrimento dos moribundos. Mais fácil de encontrar, e talvez mais concludente, é a paridade que existe, e salta aos olhos dos maiores profanos em literatura, entre os escritos do clérigo e da concubina. Muito se distanciam pelo volume e abundância o que bem se explica, graças aos diversos géneros de vida que os dois levavam; as ocupações de Madame du Barry obrigavam-na a usar da pena só em momentos excepcionais, ao passo que o insigne Bernardes, na sua solidão meditativa, sem nunca despegar os olhos do céu, era manuseando a pena que as horas se lhe encurtavam. Mas o espírito, a suavidade de sentimentos, de que rescende a galante correspondência da mulher apaixonada das mundanidades, em nada é inferior aos requebros, e à graça religiosa que o místico punha nas suas jaculatórias. E há como que um sabor especial, de elegância brincada, comum às produções de ambos os poetas, muito embora norteados por tão diferentes amores: o carnal e o divino! — E poetas eram ambos em supremo grau, sendo aqui mais evidente do que em nenhum outro ponto a paridade entre as duas almas. Os requintes, o luxo faustoso sem vulgaridade, brilhante sem ouropéis,

com que o congregado ornava o pensamento, exprimindo-se em períodos de uma linguagem comparável no desenho e no colorido aos vasos orientais das grandes épocas, e no burilado às belas joias da Renascença, só encontrariam dignos rivais nos enfeites, brocados e rendas, em que a linda cortesã envolvia as formas tão gentis do seu apetecido corpo, e o mobiliário, as alfombras, a baixela, que, fabricados segundo sua inspiração, ornavam os palácios dentro dos quais esse corpo se movia. Ao puro e delicioso estilo da arte do seu tempo, opunha o moralista a arte e o estilo sem par da sua linguagem, de modo que a cela nua e o palácio recheado se equivaliam pela atmosfera, que o génio estético de qualquer deles criava à volta de si. Nenhum estilo decorativo supera o da Du Barry em delicadeza e formosura, como nunca o literário do Padre Bernardes foi excedido em maviosidade e clareza. — O roubo das suas joias, que eram o seu orgulho, e o complemento adequado à sua peregrina beleza, foi para a Du Barry um golpe análogo ao que o Padre sofreu, sentindo subitamente empanar-se-lhe o brilho das suas faculdades essenciais. Nas diligências e peregrinações da cortesã, para descobrir o paradeiro das suas preciosas pérolas e readquiri-las, perpassam as mesmas agonias e angústias que o oratoriano padeceu, quando foi pelos seus superiores degradado do exercício das ordens, proibido de celebrar a missa, de subir ao púlpito, de assistir ao tribunal da consciência. E nas suas súplicas, no choro humilde com que o sacerdote implorava a mercê de ser restituído à vida espiritual, refletem-se os mesmos gritos de aflicção que a mundana soltava ao recusar-se ao suplício final... Mas não é assim; não! Aqui ninguém a iguala ou suplanta, por mais que se rebusque na história de todos os martírios, de todos os tempos. Nunca ninguém se impôs tão firmemente à nossa piedade, como a bela favorita, nesses últimos momentos que lhe antecederam a morte, arrastada pelos cabelos para a guilhotina, estrebuchando sobre o sangue coalhado, estarecida à vista do ferro que lhe ia cortar o pescoço, e, rouca de choro e soluços, bradando: «Acudam-me, acudam-me... Ah!, senhor carrasco, não me faça mal! Espere mais um momento, senhor carrasco...» Mas... estarei eu realmente certíssimo de ter jamais desenvolvido, ou tentado desenvolver, tema semelhante? Um paralelo entre o Padre Manuel Bernardes e a Condessa du Barry! A beleza física e a artística elegância desta; o encanto intelectual, a suave graça harmoniosa daquele; a morte horrorosamente entravada de terror feminino da cortesã; o irremediável

descalbro do poeta repentinamente emudecido, e sepultado vivo nas trevas do seu entendimento! Que extravagância tão tentadora a deste paralelo absurdo!

Seu muito admirador e dedicado.

## CARTA AO DR. JOSÉ PONTES

(Evocações plásticas)

Tunes, 14 de fevereiro de 1927

Meu caro Amigo:

Tenho sempre diligenciado manter certa aparência de ordem, na desordem da minha vida (e isso não concorreu pouco para que se formassem a meu respeito alguns juízos, de homem pautado e regulado, tão lisonjeiros como falsos), e se há regra que eu nunca transgredi, é a que me impus, desde bastante novo, no expediente da minha correspondência. Tarde ou cedo, respondo a todas as cartas, e, salvo urgência determinada por motivos muito poderosos, faço-o invariavelmente pela ordem cronológica da sua receção. Assim foi que a altura de agradecer a sua estimada de 2 de janeiro só agora chegou, bem mais tarde do que eu desejaria, mas havia muita outra correspondência anterior a atender, e o meu despacho é cada vez mais lento. Porque se não fosse o respeito ao método, à regra, teria deixado tudo para trás, e acudiria logo a escrever-lhe, tão inchado me senti com as boas coisas que me diz e que parecem dirigidas a pessoa ainda nova, e possante — em plena juventude —, o que constitui o cúmulo da lisonja, para um velho septuagenário e decrépito. Mas a reflexão, como balde de água fria, não tardou em pôr tudo nos seus lugares, levando exclusivamente à conta da amizade todo esse mel capitoso. Se as qualidades que tão generosamente me abona existem, nunca ninguém que delas

pudesse tirar utilidade para bem da pátria (!)... mas reconheceu em tempo próprio, e não é na minha idade que se repetem experiências como as que eu fiz. Mas tivesse eu trinta anos que tão-pouco as repetiria. A nossa gente — e não me excetuo a mim mesmo — sofre sobretudo dos vícios do coração, que vêm dos maus instintos, e são mil vezes piores que os vícios da inteligência; aqueles agravam-se com a idade, que desvanece os da inteligência, porque a ela própria apaga. Com tal gente, é difícilimo trabalhar em concerto, ou desenvolver cooperação seguida; as suas paixões e ódios pessoais sobrelevam até ao sentimento do próprio risco, mesmo quando esse risco é de morte, e tudo esquece para dar satisfação aos seus rancores, e às suas vaidades. Porém a par de tantos defeitos, como são admiráveis as suas qualidades! Que entusiasmo espontâneo e fácil, que formidável ímpeto no primeiro arranco, que delírio no início das empresas; que assombrosas entradas de leão, enfim!

E isso me traz surpreso de ver a continuidade, a persistência com que o povo pratica os desportos que lhe caíram em graça, e ainda a despeito dos sábios sociólogos, que surdiram logo a querer regulamentar-lhes o exercício. Afortunadamente eram simples amadores da felicidade alheia sem meios efetivos de a tornar obrigatória, porque se os poderes públicos ali metem o colherão, estava o caldo entornado para sempre. O caso é que a rapaziada lá anda aos pontapés na bola, dando mergulhos no mar, saltando e correndo ao ar livre, e escapando um pouco mais à taberna e ao bordel, que são os nossos dois piores flagelos. Se alguma visão risonha, e animadora, me ficou do turvo período da minha presidência, foi dos combates de *football*, e dos espetáculos dados pelas nossas associações desportivas, a que assisti. Diante dos olhos ainda me perpassam os corpos elegantes dos voadores do Ginásio Club, atirando-se em curvas harmoniosas, pelas alturas estonteadoras do Coliseu; das tardes heroicas do Campo Grande, aclamada pela multidão imensa, destaca-se, na luz vermelha do poente, a forma, tão juvenilmente obstinada, na sua ubiquidade inverosímil, do «Tamanqueiro», caindo, erguendo-se, pulando, com a elasticidade de uma pela, ou como se a terra lhe servisse de trampolim, sem deixar nunca de sorrir; e segue-se a perfeita eutímia do corpo de atleta do Álvaro Costa, de que se deveriam tirar os moldes, antes que venha a decadência, no exagero da musculatura; e o corredor Gentil dos Santos, leve, célere e grácil, da sua raça nada mais tendo além da cor, que faz dele uma viva estatueta de bronze escuro, com liga de prata, e o regozijo

de um adolescente de ar estouvado, que saltava à vara com o despreendimento de quem tivesse asas, ao qual os companheiros em coro chamavam Barrabás (Moura Braz), e tantos outros de que a memória me conserva a indelével e alegre imagem. Mas do lado feminino houve uma espécie de aparição, quase milagrosa no ambiente algo espesso, e beócio, da nossa capital. Em uma festa no Parque das Necessidades, cujas árvores, nessa tarde, se haviam embebido de toda a magia das pinturas do Watteau, vejo ainda surgir, bailando, voluptuosa Salomé de pernas nuas, e de curtíssima saia de gaze tufado, tão ligeira e graciosa e de um ritmo tão puro, nos movimentos e na forma; vejo-a surgir, e correr, e inclinar-se, com os olhos meio cerrados, e fugir, e desfazer-se, e desaparecer pelas sombras luminosas do arvoredo. Eu não sei se mesmo em sonhos vira jamais maravilha igual! Que prodígios de luz, na coincidência de uma disposição intensamente lírica, me teriam afeiçoado assim esse corpo de rapariga, que mal entrara na puberdade? E que será feito dela? Terá talvez engordado, e estará hoje inteiramente outra. Chamava-se Stichini, e devia ser irmã da também graciosa e talentosa atriz do mesmo nome.

Diz-me que voltou ao exercício da clínica da sua especialidade, mas estou seguro de que nada o desviará de continuar no apostolado da educação física, pelo desenvolvimento dos desportos (caminho único de que por enquanto dispomos), ao qual tem dedicado o melhor da sua vida. Devemos-lhe todos nós, deve-lhe o país, infinita gratidão por esse esforço que nunca abateu, nem perante a indiferença dos amorfos, nem perante a hostilidade dos invejosos, e se lhe não vaticino apoteoses, posso certificar-lhe de que, no coração de muitos, dos mais sãos, dos eleitos, o seu nome anda gravado como um talismã que preserva de inúmeras desgraças.

Eu, por meu lado, regresssei à vagabundagem internacional, que fez as delícias do meu passado, e à qual me convencera de que nunca mais voltaria. Há porém ano e meses que nela ando (ninguém já mos tira) e oxalá os que ainda tenho para viver (se alguns me restam) decorressem de igual modo.

Desejo-lhe, e a todos os seus, a felicidade e a tranquilidade compatíveis com os duríssimos tempos que vamos atravessando, e em nada correspondem ao que se esperava depois da Grande Guerra. A fraternidade das gentes e das nações vem ainda longe, e enquanto se não pegam outra vez arreganham os dentes com redobrada fereza, embora à surdina...

Seu muito dedicado.



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## CARTA A JOSÉ DE FIGUEIREDO

(*Currente calamo*)

Tunes, 5 de março de 1927

Meu caro Amigo:

A sua boa carta de 9 de janeiro avivou-me a lembrança, que mais de uma vez me ocorreu desde que deixei Lisboa, de lhe dizer alguma coisa acerca das novidades que tenho encontrado nas exumações romanas feitas em África e nos arranjos dos museus em Itália, após os trinta ou quarenta anos decorridos sobre a última vez que visitei estes mesmos sítios, por onde agora peregrinei e, com tanto gosto, continuo peregrinando. E o emprego do verbo «peregrinar», aqui, não significa nem traduz afetação de atitude ou preciosidade de linguagem, mas corresponde exatamente ao sentimento, quase religioso, do velho concluso que, antes de ser despachado para o outro mundo, desejou e empreendeu rever lugares de que a memória lhe conservara, durante anos sem fim, a imagem imarcescível, embelezada pela fantasia, perdida já a esperança de ainda os visitar. Escrever, durante as viagens, porém, mesmo para quem o faz com facilidade e prazer, como eu, depende sobretudo do assunto que nos solicita e atrai, e as ruínas romanas, a organização dos museus compreendem já não sei que essência pedagógica ou ressaibo erudito, e isso me desviou de lhe comunicar as minhas impressões, até quando eu julgava que elas lhe poderiam ser úteis e agradáveis. Fechado agora uma espécie de circuito,

que, tendo começado no Norte de África, nele veio parar, dando volta por parte de Itália, parece-me possuir uma impressão de conjunto, que permite referir-me ao que vi, sem necessidade de entrar em pormenores excessivos, nem explicações encruadas ou engroladas, pela falta de preparação.

Desembarcado em Orã, segui para Tlemcen, pequena cidade, vizinha à fronteira marroquina, da qual eu guardara recordações prestigiosas, com as suas muralhas velhíssimas, debruçadas sobre todo um infinito de paisagens multiformes, com os seus numerosos minaretes, airosos e bem lançados; as fontes em perpétua canção; as amendoeiras floridas..., um trecho do nosso Algarve, onde houvesse ainda mesquitas e abundasse a água doce e corrente. Aí descansei uns dias, metendo-me depois numa larga excursão por Marrocos, que abrangeu a região de Tazza (onde persistia o alvoroço e o clamor da guerra do Rife), Fez e Mequinez. Em Marrocos, por enquanto, não há museus; apenas em Fez (por sinal num lindíssimo palácio, cujo imenso jardim interior, cheio de roseiras, limoeiros, laranjeiras, e jasmineiros foi riscado pelo molde clássico dos jardins mouriscos da Andaluzia) se iniciou uma tímida coleção de objetos antigos, de produção indígena. Tampouco se encontram, em Marrocos, ruínas romanas em exploração, comparáveis às da Argélia e da Tunísia, excetuando talvez Volubilis (nas proximidades de Mequinez, a que o marechal Lyautey fez um reclamo pomposo), e que em pouco ou nada correspondem ao que lá se vê atualmente. Há, ali, o celebrado «cão de bronze», obra de um animalista de génio, e nas pedras e vetustas alvenarias, farto motivo para pasto da imaginação... Mas toda a região é esplêndida, e de Volubilis desfruta-se um dos mais assombrosos panoramas do mundo, onde se engasta Mulei Idris, cidade santa de peregrina e inolvidável aparência.

Finda a excursão de Marrocos, vim para Argel, onde me demorei algumas semanas. Conhece a linda situação do museu, nas alturas de Mustapha; o seu recheio em modelos de arte decorativa muçulmana é variado e opulento, e, com as esculturas trazidas de diferentes partes da província, assumiu importância capital. O torso em mármore, que ali se venera, conhecido pela Vénus de Cherchel, tem o modelado e a eurytmia dos trabalhos gregos da melhor época. A descoberta de novas preciosidades, nas numerosas escavações a que se vai procedendo por toda a Argélia, suscitou a ideia de organizar museus nos próprios locais das explorações. O mais rico é o de Cherchel, onde assentava a antiga capital da Mauritânia (a duas horas de Argel) e onde existe uma verdadeira mina

de esculturas excelentes, que está ainda muito longe de se exaurir, pois falta, sobretudo, ver o que há debaixo da cidade moderna. O museu de Cherchel, logo de entrada, parece uma sucursal das coleções de escultura antiga de Roma, Nápoles ou Atenas, não desmerecendo o seu exame da primitiva impressão. E a luz que se reflete do mar, sobre o qual escancara as suas amplas galerias, aumenta o prestígio de todas aquelas formas de divina nudez. Outro tesouro, que parece igualmente inesgotável e se vai agora escavando com febril atividade, são as ruínas de Djémila, na província de Constantina. O que está à vista é já de enorme valor artístico, com os seus arcos de triunfo, pórticos, basílicas, teatros, e casas particulares de excepcionais dimensões, formando perspectivas imponentes, majestosas. A colheita em estatuária tem sido escassa e muito fragmentada, mas descobriram-se mosaicos inestimáveis, pois narram as cenas da vida que levavam, ao tempo, os colonos romanos, com os seus divertimentos, os seus ofícios e as suas indústrias. Foi no anfiteatro da Djémila que, à semelhança do que se tem feito em Orange e noutros teatros romanos da Provença, uma companhia de atores franceses veio ultimamente representar o *Édipo-Rei*, com extraordinário êxito. Juntaram-se no descampado onde se erguem as ruínas cerca de mil automóveis que haviam transportado os espectadores, alguns de grandíssimas distâncias. O muro que fecha o «palco» tem a meio uma larguíssima abertura, por onde aparece a paisagem árida, extensa, toda em linhas espaçadas e severas. É o contraste do risonho «cenário» do teatro de Taormina, composto pelo mar.

Larguei a Argélia (para vir a Tunes) sem ver Timgad, que eu visitara (no século passado) quando fiz a minha excursão a Biskra, e aos oásis do Saara. Neste intervalo continuaram, segundo me consta, as escavações, desentulhando novos bairros. Timgad é a Pompeia africana, e, à imagem da sua rival, ainda está longe de se ver totalmente restituída à luz do Sol. Espero poder lá voltar este ano, ou no começo do que vem.

Na Tunísia, demorei-me, então, mês e meio. — Nunca senti grande inclinação para admirar ruínas que não tenham beleza atual, ou pitoresco atraente e visível. Em Nápoles (sobretudo em Paestum, se é que os templos de Paestum, no admirável estado de conservação em que se encontram, entram na categoria de ruínas), em Girgenti, em Atenas, na Ásia Menor as ruínas valem pelo que são: respondem por si. Às ruínas de que só restam lascas de pedras toscas, ladrilhos dispersos e argamassas aluídas, tenho-lhes horror, por mais etruscas, fenícias, gregas ou romanas que sejam.

A Tunísia inteira é um alfobre de ruínas; quase que o arado não pode dar rego sem encalhar nalguma; espalham-se à superfície da terra por extensos campos de pedras soltas; a arqueologia anda com elas às voltas, sem, no entanto, conseguir, muitas vezes, armar um arco em termos; e, na maior parte dos casos, ficam reduzidas ao que já eram antes do ataque das picaretas: nomes latinos sem grande ressonância. Na própria Cartago, é o nome que domina, e, em volta dele, vão, a custo, rompendo a terra algumas ruínas que balbuciam designações nada perceptíveis à vista: teatros, anfiteatros, basílicas, etc., e que bem podiam ser qualquer outra coisa. O sítio, porém, é a maravilha dos cicloramas naturais.

Pontos há, no entanto, pela província, como, por exemplo, Dougga e Sbeitla, onde as exumações vão produzindo resultados magníficos, com a restauração de pórticos e templos verdadeiramente monumentais, mas sucede que, à abundância dos trabalhos, não corresponde, no orçamento do protetorado, verba suficiente nem para a conservação daquilo que se consegue levantar e que, facilmente, se vai outra vez a terra. Isso aconteceu ainda há pouco, em Thuburbo Majus, com a deliciosa Colunata dos Petrónios, toda em granito verde e vermelho (que os prisioneiros alemães desenterraram), caída ao sopro de um simples golpe de vento. Mas a pérola dos monumentos civis romanos, circo, anfiteatro ou coliseu, como queiram chamar-lhe, de El Djem subsiste na sua faustuosa imponência, erguido na amplidão de um deserto que magnificamente o dramatiza. O efeito que ele produz é incomparavelmente mais impressionante do que o do próprio Coliseu de Roma.

Tristíssima foi a sorte das obras de arte em toda esta região (talvez por serem de qualidade mais refinada os bárbaros ou vândalos que a invadiram); não se topa escultura que não esteja horrorosamente mutilada; e, no Museu de Cartago, já nem são esculturas mutiladas, as que ali se expõem, mas sim esculturas britadas. — No Museu de Tunes, onde a estatuária romana abunda, e alguma se apresenta em condições de ser apreciada, verifica-se que, na grande maioria, não pode competir em qualidade com a achada na Argélia. É obra de fancaria feita de encomenda para as colónias, como diríamos hoje. A instalação do museu, porém, é soberba: no Bardo, o mais belo e rico palácio beylical e também de toda a África francesa. Situação igualmente linda, no meio de jardins traçados à moda italiana, com árvores frondosas, canteiros floridos, largos e alamedas ornadas de colunas antigas. A distribuição pelas vastíssimas salas do

museu das obras de arte decorativa indígena é feita com esmerado gosto; o mesmo sucede com a estatuária antiga, e os mosaicos romanos, que são de extraordinárias dimensões. Mas o que, sem dúvida, torna este museu realmente precioso é a coleção de esculturas gregas que ocupa várias salas e contém obras-primas incontestáveis. Foi encontrada, há anos, no fundo do mar, ao pé de Mádía (na costa oriental, entre Sussa e Sfax; lá fui, um dia, prestar-lhe preito, a esse lugar sagrado!). Ao «pescar» os primeiros objetos, o alvoroço foi espantoso e universal, no mundo artístico, porque se conjeturou a existência de uma riquíssima cidade grega submersa. Mas logo se adquiriu a certeza de que se tratava do carregamento de um navio que ali naufragara, e, pouco depois, chegou-se à conclusão de que fazia parte dos despojos ótimos, arrancados por Sula aos atenienses e remetidos para Roma. Que colecionador de infalível critério não seria esse ditador feroz e que afortunado naufrágio que nos conservou espécimens tão raros — e mesmo únicos — como os que ali se encontram! Únicos, repito, referindo-me às estatuetas em bronze dos grotescos anões dançarinos, de um realismo cómico inultrapassável.

No pequeno Museu de Sussa existem alguns mosaicos greco-romanos, que, pelo desenho e colorido, lembram os melhores frescos decorativos da Renascença italiana.

Mas o melhor e mais completo de todos os museus tunisianos encontra-se na grande mesquita de Kairuan, nas mil colunas e capitéis antigos, empregados na sua construção, e que foram escolhidos e arrancados aos mais famosos monumentos romanos, que haviam escapado aos vândalos. E a mesquita é um assombro de graça e majestade, excedendo no concerto, a meu ver, e muito, a algo agitada inspiração que presidiu ao risco da Mesquita de Córdoba.

Em fins de março, passei-me a Itália, onde permaneci até meados de novembro, distribuindo o meu tempo do seguinte modo: mês e meio em Nápoles, quatro meses em Florença e dois em Pisa: a 20 de novembro achava-me novamente em Tunes.

O Museu de Nápoles — o Nacional —, quando nele entrei, pareceu-me tê-lo deixado na véspera: o mesmo desarranjo provisório de há trinta anos; os mesmos guardas de farda encodeada, cachimbando sobre cantarias soltas, na desolação dos imensos pátios vazios. Mas, tal como a negligência napolitana o conserva, enquanto existir, será sempre, na parte antiga, o mais pasmoso museu do mundo: a beleza irradia dos mármore gregos,

como se cada um deles fosse um astro de forma humana. — O Mussolini, façanhoso e pudibundo, para assinalar a visita que ali fez, mandou fechar o gabinete da coleção erótica.

A galeria de pintura, que é de terceira ordem, também anda em limpeza: há cera e verniz a rodo, sobre restaurações mais que suspeitas — criminosas. O pior é que — não se sabe como nem porquê — as pérolas da coleção — os Ticianos — estão em via de se perder. E andam com eles aos tombos, sem encontrar remédio que lhes dar. Ainda me lembrei de sugerir uma consulta ao Luciano Freire, mas recuei diante da perspectiva de tanta explicação a fornecer. Para todos aqueles comendadores — é quase o tratamento obrigatório do conservador de museus em Itália —, o que significará o nome desse artista milagroso, que tanto lázaro ressuscitou? E aqui eu abro um parêntesis em seu louvor. Haverá sobre a terra outro Luciano Freire? Haverá outro artista com os seus dotes pessoais, a sua ciência, a sua envergadura, que leve o desprendimento e a abnegação ao ponto de consagrar à «reabilitação» das obras dos mortos todo o talento que podia empregar nas suas próprias obras? E a paciência infinita, a escrupulosa probidade, a arguta decifração da técnica e da estética dos mestres; todos esses poderosos e prestigiosos fatores quem os possuiu nunca ou jamais os prodigalizou em trabalhos semelhantes! O prazer experimentado sobre a obra, quase de magia, do Luciano Freire originou em mim um sentimento de gratidão, só comparável à admiração que me inspira o seu génio restaurador. Génio que conseguiu demover-me totalmente da persuasão de que era afrontoso, obnoxio e baldado tocar em obra de mestre, por muito deteriorada que estivesse. — Nos Museus de S. Martinho e Capodimonte pouca alteração. Este aumentou bastante o depósito de painéis, trazidos de exposições oficiais, graças à munificência régia; dir-se-ia que à sua seleção presidiu o discernimento do nosso falecido infante D. Afonso!... Mas a que vem aqui o mísero condestável?, pergunto a mim mesmo, realmente surpreendido da inesperada e espontânea evocação. Ah!, agora vejo. É um caso de ligações subconscientes: na ocasião das minhas visitas ao palácio, estava lá a Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Amélia, hóspede da irmã, a duquesa de Aosta, que o habita. Foi em seguida à morte do duque de Orléans. Mas o que não mudou foi a situação paradisíaca de Capodimonte; até me pareceu que o panorama abraçava um horizonte mais vasto e as árvores do parque abriam, com mais solenidade, as suas extensíssimas alamedas umbrosas, tão conformes à severa arquitetura do palácio.

As recentes escavações de Pompeia não têm correspondido, em objetos de valia, ao que se esperava recolher, mas, graças ao método agora adotado, que deixa tudo nos seus lugares, vão formando um largo trecho de rigorosa restituição arqueológica, por onde será encantador divagar, quando se limparem os escombros se desaparecer o inúmero pessoal proletário, técnico e administrativo, que ali formiga.

Tão-pouco encontrei nos Museus da Toscana modificações ou desenvolvimento, salvo num ponto: a praga dos primitivos, ou melhor, primitivíssimos — tirando os Uffizi e a Pitti —, tem invadido tudo e hoje cobre, seguramente, quilómetros quadrados de paredes, com a sua pintura chamada ingénua. O primitivíssimo artista italiano era, por via de regra, um frade ignorante dos elementos rudimentares do desenho, não formando ideia alguma do modo de empregar as cores e tendo, como exclusivo modelo, as desconformes e aberrativas figuras bizantinas. Já os flamengos haviam surgido com a sua obra resplandecente, já declinavam pelas geleiras académicas; o mesmo sucedera às escolas toscana, veneziana e lombarda; e ainda pelos mil cantos da Itália seguia a fabricação da pintura ingénua, em tal escala que, se não fora a providência dos cataclismos cósmicos, incêndios e revoluções, nunca os seus produtos encontrariam forma de se acomodar, quando as igrejas e conventos começaram a dar-lhes de mão. Entre nós, na província, ainda rodam génios dessa força, tal um mestre Flório carpinteiro, que havia em Alvor e tinha a seu cargo avivar mensalmente as chagas do Senhor dos Passos. Se o espírito de vinho o inspirava, o que sucedia com frequência, enchia as portas e janelas da casa onde morava, com cenas da Paixão. Na bebedeira seguinte, borrava tudo, para pintar de novo. Junta, a sua «obra», que em nada era inferior à dos primitivíssimos italianos, só em Mafra a poderiam alojar.

No rés do chão do Palácio Pitti, onde está instalada uma riquíssima coleção de marfins, cristais, gemas, esmaltes e outras preciosidades, em grande parte «restituídas» pela Áustria, depois da guerra, há uma sala recheada de portentosos trabalhos em âmbar de todos os tons, formando cofres, relicários e santas imagens, incluindo crucifixos. Nunca pensei que houvesse âmbar para tanta extravagância.

Eu adoro essas lágrimas de mel e de luar, mas em contas e pingentes, para colares, ou nas garrafinhas chinesas de simonte, que são ainda contas e pingentes ampliados. Em objetos de grandes dimensões, acho abominável o seu emprego. Fiquei farto de âmbar, como guloso que apanhasse



uma indigestão do seu doce preferido. — Na galeria Pitti cresceu, naturalmente, o número de autorretratos que, por escassear o espaço, já andam à solta, em cima de cavaletes. No último andar do palácio, instalaram uma abundantíssima coleção de obras contemporâneas, esculturas e pinturas, cuja existência eu desconhecia; compreende exemplares do pontilhismo, do futurismo e do cubismo. Em Florença, as velhas pinturas dos Uffizi e da Pitti encandeiam, e talvez por isso nunca me fosse possível entrar à intimidade daquelas outras manifestações artísticas, por mais que elas me acenassem com as suas cores incendiárias.

Relendo o que fica escrito, assaltam-me dúvidas sobre se o meu amigo não julgará que foi intenção minha fazer uma resenha depreciativa do que tenha agora visto; nada mais contrário à verdade. Desejava falar-lhe, exclusivamente, das «novidades» e, em países tão ricos de «antiguidades» maravilhosas, dispostas com tão inexcedível acerto e gosto, o confronto é temível para as primeiras. Era, talvez, preferível — tarde faço o reparo — ter reunido, por miúdos, e *in loco*, as observações que os assuntos sugeriam, mas isso também é muito contrário ao meu temperamento, que só me permite «sentir e ver» bem a distância, quando os objetos me não estão já debaixo dos olhos. Enfim, é o que saiu, e passemos adiante.

Eu suponho que, excetuando Roma, todas as «lembranças» que existem de Portugal na Itália estão disseminadas pela Toscana. E ainda nos diálogos de Francisco de Holanda, que têm por teatro um convento em Roma, a parte principal refere-se a um florentino: Miguel Ângelo. E é curioso que o retrato que melhor representa Miguel Ângelo na velhice fosse desenhado e gravado por Francisco de Holanda. Quando, anos depois da morte do escultor, lhe abriram o caixão, encontrando o corpo e vestes ainda em perfeito estado, os assistentes declararam que ele parecia tal qual Francisco de Holanda o retratara.

Como sabe, a galeria «*degli Uffizi*» comunica com o Palácio Pitti por um extensíssimo corredor que atravessa o Arno sobre a «*ponte velha*», e tem as paredes revestidas, de alto a baixo, de milhares de retratos históricos, na sua grande maioria de qualidade muito inferior. Entre eles, vê-se uma cabeça de D. Sebastião, péssima na execução, mas prodigiosamente bela nas feições, o que explica a reputação de formosura que ficou daquele interessante louco. (Não lembra, em coisa alguma, nem o retrato das «*Janelas Verdes*», nem o de Évora, salvo, se assim o quiserem, em ser ruivo, e um pouco, talvez, no riso que lhe baila no olhar parado. Este é já

um D. Sebastião adulto, entrado à virilidade.) — Na passagem mais obscura do corredor, juntaram-se em conclave os principais personagens da Restauração, e outros ilustres portugueses seus contemporâneos, numas telas ou tábuas encarvoadas, por onde mal se lhes divisam os rostos carregados. Mas leem-se-lhes os nomes em letras de meio palmo.

Na basílica românica de S. Miniato al Monte — e resguardada de forma a não lhe melindrar o austero ritmo — abriu-se, na melhor fase da Renascença, uma capela destinada a conter os restos mortais do cardeal-arcebispo de Lisboa e legado do Papa D. Jorge de Portugal. Nesse escrínio, tudo se conjuga em uma harmonia de suprema distinção e elegância. Não sei se em toda a Itália haverá monumento superior a este, na excelência do seu traçado, na consonância das partes que o compõem e foram obra de tão diversos artistas, na graça e delicadeza dos detalhes. É D. Jorge, seguramente, o português enterrado com mais artístico esplendor. Ignoro se aquela capela foi instituição sua, ainda em vida; se o foi, e à hora da morte, ele previu que a ossada lhe permaneceria, no decorrer dos séculos, metida em semelhante relicário, devemos invejá-lo. Venturoso D. Jorge!, exclamo eu, sempre que dele me recordo.

Perto de uma das portas da cidade de Sena, levanta-se um padrão de musgosa pedra, mas onde ainda se distinguem, de um lado, a águia imperial alemã e no reverso as armas portuguesas. Assinala o primeiro encontro, que ali se deu, sob os auspícios de Eneas Piccolomini, bispo de Sena e mais tarde Papa Pio II, de D.<sup>a</sup> Leonor de Portugal e seu futuro marido, o Imperador Frederico. A cena deste encontro foi ilustrada, sumptuosamente, pelo Pinturicchio, num dos panos dos frescos da livraria, na catedral, que parecem pintados agora, tão perfeita é a sua conservação; e nenhum tem, como o de D.<sup>a</sup> Leonor, o brilho, o lustre, o viço de um trabalho a que o autor acabasse de dar os últimos retoques.

Há no Museu de Pisa um quadro pintado a têmpera sobre uma tábua alta e estreita, representando S. Cristóvão com o Menino Jesus ao ombro, tendo os dizeres seguintes, inscritos na base em letras gradas: «Luigi Giani di Portogallo 1454» (ou 1474, porque o 5 ali pode também ser um 7). Leva o n.º 40 e a informação do museu diz que o autor trabalhou com Benozzo Gozzoli. «Ajuto de Benozzo Gozzoli», acrescenta um pequeno letreiro apenso ao quadro; «ajuto», sem dúvida, no sentido de discípulo. (As feições do santo lembram o tipo alemão; o corpo não é mal lançado e o fundo doirado reflete-se em todo o quadro, dando-lhe um tom *vieux*

rose agradável.) Depois disto, não será conjectura ousada supor que houve um colaborador português na execução dos célebres frescos do Camposanto. Mas há muito que me acudia uma espécie de «palpite» de que assim fosse, ao atentar na chamada «Vergognosa di Pisa». Esta «vergonhosa» ou «envergonhada» ou «desavergonhada» é uma figura de mulher (já bastante desvanecida) que está ao canto direito do fresco de Gozzoli intitulado *A Embriaguez de Noé* e olha para a descomposta nudez do patriarca através dos dedos abertos da mão espalmada e posta sobre o rosto com fingido pejo. É o símbolo, perfeito e acabado, da pudicícia lusitana, e seguramente na sua invenção andou o dedo do nosso Luigi Giani.

Bem melhor do que eu, saberá, decerto, o meu amigo quem foi e como veio parar à Toscana o pintor português Álvaro Pires, de Évora, e para isso não é preciso muito porque eu nada sei a tal respeito: conheço-lhe, apenas, alguns quadros. O principal, ainda hoje muito apreciado, encontra-se em Pisa, na Igreja de Santa Cruz (S. Croce in Fossabanda) fora de portas, que é uma construção medieval, refeita de mil modos, conservando como vestígios primitivos as colunas antigas do arruinado pórtico da frontaria. Está sobre o altar da primeira capela, à direita. Numa carta para o Columbano, datada, de Pisa, descrevi minuciosamente este quadro de que não pude obter fotografia; é escusado repetir aqui a descrição, tanto mais que ele entra no capítulo da sua especialidade e a sua reprodução acha-se na história da arte italiana do Venturi, que lhe deve ser familiar. Perto de Pisa, em Calci (na igreja do Convento dos Franciscanos do sítio de Nicosia), existe outro quadro do mesmo Pires, mas não tem a importância do primeiro. Também me indicaram a existência de um terceiro em Volterra, onde o simulacro do Dilúvio, uma vez, e depois a preguiça me impediram de ir. Álvaro Pires, embora trabalhasse no século XIV, já era um primitivo (não primitivíssimo) e superior no arranjo das roupagens, na expressão das fisionomias e no colorido à maioria dos seus contemporâneos italianos.

Com todas estas leves e rápidas anotações não pretendi, claro está, enriquecer-lhe o cabedal de conhecimentos, no que toca às recordações estéticas do nosso país em Itália. Fi-lo, mais do que outra coisa, pelo prazer de recapitular, aproveitando o ensejo de uma conversa em que o interlocutor vai naturalmente pondo o que falta e dando-lhe assim, também, ocasião de rememorar.

Cuido que chegamos à altura de pôr ponto a esta descompassada epístola, para não desmentir a sabedoria das nações, que afirma que o mau também tem fim. Não exige resposta de espécie alguma; ao meu amigo não falta em que ocupar proveitosamente o seu tempo, eu escrevo pelos cotovelos e resumo todos os meus deveres e trabalhos nas cartas que fabrico e expeço quando me apetece. Espero que terá escapado, com toda a sua família, incluindo o museu, aos efeitos da recente revolução e se irá tonificando para arrostar com as futuras eventualidades... Eu sigo, sem novidade, no que foi, em tempo, a minha importante saúde.

Agradecendo os seus amáveis cumprimentos, fico sempre às suas ordens, como seu amigo que sou muito dedicado.

P.S. — Para completar as memórias do nome de Portugal, sempre me quero referir a um sarcófago, que está no «Camposanto» de Pisa (entre o segundo e o terceiro fresco do Gozzoli), debaixo do qual, e em lápide ladeada por escudos com a águia imperial, se lê a seguinte inscrição:

*Imperatoris. Federigi. Tertii Leonorum. Portus. Galliae. Regis.  
Filiam. Conjugem. VV Ladislao. Duce. Sleziae. AC Domino.  
Thexinensi. Comitante. Invento. Hoc. Suae. Antiquitatis.  
Tumulo. Innovata sunt. Haec. Insignia. A. D. MCCCCLII. III.  
Idus. Februarii.*

O sarcófago é interessante sobretudo porque apresenta, na face, dois anjos (sustendo um pano sobre o qual avulta a figura, a meio-corpo, do personagem a quem era destinado), em atitude que foi mil vezes reproduzida pelos escultores da Renascença, mas aqui tão bem lançados estão, e mau grado a grosseira execução, modelados com tal vigor, que evocam a sombra do Donatello.

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## CARTA A ANTÓNIO PATRÍCIO

(Da perpetuidade dos velhos mitos)

Tunes, 17 de março de 1927

Meu caro Amigo:

Veio outro telegrama seu, dia de ano bom, trazer-me provas da sua estima, e de novo me achei confundido e enleado, perante a impossibilidade de corresponder dignamente, por falta de endereço (desculpa infantil), a essa forma apressada e faustosa de comunicação. Acusei-lhe, no entanto, a receção em bilhete-postal, dirigido para o Ministério dos Estrangeiros, e agora venho pagar-lhe em «conversa» (moeda fraca, embora me sinta hoje algo inclinado para a elocução nobre e rica) essa delicada cortesia que tanto me penhorou. — Pelo nosso excelente amigo Viana de Carvalho soube que tem passado mal de saúde, impedido assim de seguir para o seu novo posto. Faço votos por que a doença, como sucede tão amiúdo com os poetas, mais lhe excite a imaginação e lhe sugira e afeioe material para novos livros, que escandalizem a nossa literatura, amansada, ao que parece, pelo persistente regime de farinha de farelos. É lástima que ainda se não escrevesse o «elogio da doença», sob o ponto de vista da inspiração estética. Pelo contrário, os escritores que mais lhe devem passam a vida a desculpar-se de não poderem repetir os trabalhos de Hércules. Apenas, modernamente, alguns franceses invocaram a ação da nevropatia para lhes reformar o estilo, na esperança de sobreviver à sua época. E talvez

com acerto. Por fim, apurado o juízo sobre as obras-primas literárias, que a humanidade nos legou, chega-se à conclusão de que é o «estilo» que as imortaliza. Mas *est modus in rebus* (digo eu, que me pelo por uma citaçãozinha em latim, à imagem de quantos radicalmente o ignoram) que o morbo ajude a galvanizar o espírito, deixando, porém, o físico fruir, por muitos anos e bons, a encantadora materialidade que nos envolve! — Vai para quatro meses que me encontro novamente em Tunes, e lhe palmilho, incansavelmente, os soberbos arredores. Tenho uma vaga lembrança de lhe ouvir dizer que fizera escala por aqui, uma vez, indo a caminho de Constantinopla. Se assim foi, e não chovia a potes, como também aqui sucede, deve conservar a visão caleidoscópica de um dos mais variados, impressionantes, e pasmosos panoramas que existem onde os horizontes se dilatam em curvas infinitas e voluptuosas, ou esbarram entre altas e escarpadas montanhas, de cristal, de ferro, de anil; de fumo, sempre refletidas nas águas de grandes lagos, águas tão delgadas e paradas como chapas de vidro. Tunes cercada, iluminada, alumada, ao perto e ao longe, de vistas deslumbrantes de mar e terra. Se a estação corre inconstante e húmida, é preciso ver estes céus, quando aparecem pelos imensos rasgões das nuvens de uma alvura leitosa de opala, é preciso vê-los abrir-se, frios e inconsistentes, em verdete derramado, desabrochando molhos de jacintos de cores mimosas, para compreender até onde chega a fantasia, a magnificência, e a graça da natureza, nas suas caprichosas composições. E se, na rápida volta da sua digressão, parou uma hora nas alturas de Cartago, sem fazer caso dos mesquinhos arremedos de ruínas, que a fúria especuladora tenta, debalde, exumar-lhe em redor; se sobre o eco desse nome, «Cartago», devaneou livremente, terá casado, a um dos mais assombrosos cicloramas do mundo, as evocações mais espantosas da história. Neste último capítulo, julgo-me tolhido, com a imaginação bastante empedernida, humildemente o confesso; mas saúdo, respeitoso e sincero, os que o podem explorar com proveito. O presente açambarca-me e subjuga-me (um gato que brinca me despenha, sem remorso, do cimo quarenta vezes secular das pirâmides). Ainda há dias, ali, à exclamação quase involuntária: «Mário nas ruínas de Cartago!», eu parecia querer-me embrenhar nas ressurreições desse longínquo passado, mas surgiram três corcundas em bicicleta — estranha carreira de gebos — e as suas sombras bastaram para me varrer do pensamento toda a história do universo. Corriam velozes, os corcundas: dir-se-ia que voavam rentes com a terra,

de asas encolhidas e metidas na mochila. — Não soufiro muito com esta espécie de inibição, de viver no passado, porque sempre achei o tempo curto para atender ao presente. O que me punge, às vezes, é a curiosidade do futuro, com certa inveja daqueles que o hão de conhecer. Mas não encontrando forma verosímil de o antecipar, refugio-me no presente, com resignada satisfação. Do passado, só me interessa, em arte e literatura, a obra que conservou beleza atual. Assim, esse nome estupendo: «Cartago», no sítio próprio, pouco me diz, além da paisagem onde o lugar persiste. Na solidão do meu gabinete de trabalho, ou nas salas de uma biblioteca, ele parece ganhar em ressonância, e sacudir a poeira dos inúmeros cartapácios que lhe registram a crónica; das suas ruínas pulverizadas, nenhuma «substância» espiritual me assiste. Mas no deserto de El Djem, por exemplo, perante o majestoso coliseu ou anfiteatro que ali se ergue, e sem tradição, nem história, enche o horizonte e o céu do seu drama de pedra, a imaginação solta-se-me como um cavalo fogoso, e à desfilada, por todos os caminhos do romance e da lenda, busca, recolhe, e traz-me elementos para ainda lhe ampliar a arquitetura, abarrotando-o de multidões humanas que aclamam, vituperam, uivam, combatem, cantam, e choram... e vivem. — Tal a magia dessa antiquíssima invenção, a que chamam mitos, e reside na constância da sua aplicação: perenemente atuais, no decorrer dos séculos, para a humanidade inteira. Quantas vezes o verifiquei, em lances da minha própria vida. Um lhe vou eu contar que sobejamente justifica o meu juízo. — O grande amor da minha vida, à semelhança de todas as paixões veementes e sinceras, não foi, não podia ser feliz, e dava para uma linda novela que só teria o defeito da verdade aparecer inverosímil. Começou, tinha eu vinte e três anos, quando tentava namorar, num teatro de Sevilha, uma senhora ao lado de quem estava uma menina, quase criança ainda, que se julgou o objeto dos meus requebros. O curioso, também, é que eu, no momento, iludi-me com os olhares da senhora requestada: tomava-os para mim, e eles iam de alma e coração para um oficial de cavalaria que me estava perto. O quiproquó desfez-se; depois comecei a reparar na menina, que encontrava por todos os lados, nos passeios, nas igrejas, nas tertúlias, e que ruborescia como rosa de maio apenas me encarava. Iniciou-se o galanteio, estabeleceu-se correspondência; e como era uso em Sevilha, eu acudia todas as noites a falar-lhe às grades de uma janela do seu palácio que abria para uma travessa erma e tortuosa. E neste regime romântico andámos perto de seis anos!, que



foram tempestuosos, e cruéis, e adoráveis. Tudo me era pretexto para ir a Sevilha; e à custa de quantos sacrifícios e habilidades, muitas vezes! Mas ela, exigente e caprichosa, não queria saber de dificuldades. Uma vez chamou por mim, obrigou-me a vir de Anvers, onde eu estava dirigindo operações, que por não serem só minhas me era quase desonroso abandonar. Tudo deixei, porém, e corri a Sevilha, e à noite da chegada, quando, tremendo, na previsão de alguma catástrofe, lhe perguntei o que motivara o seu imperioso e quase desesperado apelo, respondeu-me que já se não lembrava... Mas não vem para aqui a narração do que foram esses seis anos de divinos tormentos. Basta dizer o desfecho. O amor entrara naquele coração virginal, em labaredas, e com todo o seu cortejo de ilusões; e consumira-se por si à medida que as ilusões se desfaziam. Mas, na ingenuidade do seu arrebatamento, ela fizera-me promessas a que se julgava ligada eternamente: «mais ainda do que se a Santa Madre Igreja as houvesse sancionado», repetia-me amiúdo, e ao seu espírito brioso, e de católica fervente, afigurava-se mais fácil morrer do que faltar ao prometido. Em mim o amor, que nascera da curiosidade, ateara-se lentamente, e tomara tais proporções que a morte me parecia mil vezes preferível a perdê-la. Mas a oposição, por parte do pai, à nossa união era invencível; a minha namorada, já rica de si pelo legado de um tio-avô, era filha única, e herdeira de um grande nome e de uma fortuna imensa, e eu não tinha, como se diz na minha terra, «nem eira, nem beira, nem ramo de figueira»; e quando me convenci de que o seu amor desaparecera, julguei-me obrigado a desligá-la dos seus juramentos. Foi uma operação horrorosa, uma espécie de amputação que me deixou leso para o resto da vida. Mas fi-la. — Haviam decorrido alguns anos sobre o rompimento; eu soubera pelos jornais do seu consórcio e também que, pelo cargo do marido na corte, habitava quase exclusivamente Madrid e S. Sebastián, quando o acaso me levou de novo a Sevilha. Cheguei ao cair da tarde, decidido a deter-me ali o menos tempo possível, e seguir no comboio da madrugada para Cádiz, onde devia embarcar. Fiz tudo por evitar sítios onde fosse provável o encontro de pessoas conhecidas, que mais me avivasse lembranças tão penosas. Depois de jantar saí do hotel, e quase furtivamente metendo por travessas, entrei num animatógrafo, cuja moda, julgo, começava então em Espanha. A sala estava imersa em profunda escuridão, e foi tentando, às cegas, que achei lugar. Tão depressa, porém, me sentei, apossou-se de mim a mais estranha inquietação, à mistura com um mal-estar

indescritível; batia-me o coração desordenadamente, ardiam-me os olhos, tremiam-me as mãos, sufocava... Na fita representava-se uma cena trágica, e ia na sua passagem mais angustiada, que, no entanto, se me afigurava ridícula. O sentimento inexplicável, também de angústia, que me oprimia nenhuma relação tinha, ou afinidade, com as desgraças alheias, e ainda menos traçadas de imaginação. Na sala o silêncio era sepulcral; a meu lado, alguém que eu mal distinguia, com a respiração ofegante, reprimia os soluços. Deu-se o desfecho, no *film*, seguindo-se-lhe um epílogo moralizador, e entre os espectadores aliviados romperam os comentários, em murmúrios e vozes abafadas. Mas de repente, mesmo por detrás de mim, tão próximo que julguei sentir-lhe o bafo, uma voz bem conhecida, doce e quente, começou a ouvir-se. Falava a alguém que se chamava António, nome que pronunciava quase com ternura. Era a sua voz... Levantei-me abruptamente, e, sem me voltar, correndo, e atropelando quase a quem topava no caminho, saí para a rua. Toda a noite vagueei, como um louco, pela cidade, e tão desvairado e perdido dos sentidos que de balde tentava fazer o exame das minhas sensações. Por fim, já perto da alvorada, meti-me ao longo do rio, pelo passeio das «Delícias» fora, sítio para mim tão cheio de suaves e amargas recordações, e onde jurara nunca mais pôr os pés! Estavam em flor as laranjeiras, que ali formam pomares fartíssimos, e foi porventura graças à ação sedativa do seu perfume que pouco a pouco se me abateu o tumulto que me ia no cérebro, e tudo se congregou para a decifração de um problema, resumido nestas perguntas: «Porque fugi eu? Porque não esperei que se acendessem as luzes para a ver? Porque é que nem mesmo na obscuridade me voltei, como se tivesse medo de a tornar a ver?...» Não fora, certamente, despeitado pela presença do acariciado António, em quem eu logo reconheci um tio materno que sempre favorecera os nossos amores, nem tão-pouco a humilhação de o ter por testemunha do nosso encontro; não fora isso que me impedira de a «querer ver»? Analisando agora a minha súbita agonia, ao ouvir o som da sua voz, não me restava dúvida de que eu fugira de medo... Mas medo de quê? Entretanto a manhã despontara. «Já a aurora com os seus dedos cor-de-rosa...», repetia eu, sarcástico, e encarando, furioso, o céu, como se ele e o velho Homero fossem culpáveis dos meus infortúnios. A Grécia!..., exclamei com desdém. Mas de repente, iluminado o espírito, gritei: «Orfeu e Eurídice!» Era isso. Quando os deuses, compadecidos das súplicas de Orfeu, lhe permitiram que fosse às furnas do inferno buscar a sua

adorada Eurídice, disseram-lhe: «mas não te voltes para a ver porque a perdes». E como é que a perdia; e como é que a perdeu? Achando-a tão mudada de feições e de expressão que já não parecia a mesma Eurídice que amara. Era então o meu caso?! Eu quisera conservar intacta na memória a imagem do meu amor, tal como ela me ficara gravada desde o momento da separação. Orfeu e Eurídice! É que todos os mitos gregos têm, repito, uma significação humana, perpetuamente atual. Que tema substancial e inexaurível, não é verdade?, para um humanista de polpa, se ainda os houvesse!, mas nem reduzidos a pele e osso já se encontram... — Termina esta carta (e não é sem tempo) com o fecho próprio da ocasião, a saber: desejando, além de toda a casta de prosperidades, que a recente bernarda lhe não tenha causado, material ou moralmente, qualquer transtorno ou perda...

Eu que sempre fui um homem de desordenado viver e pensar (valeu-me o ter chegado a este mundo quando já estavam apagadas as fogueiras da Santa Inquisição, sem o que há muito que uma delas me haveria purificado da mácula dos meus pecados) e não levo jeito nenhum de tomar melhor caminho, começo a nutrir sérias apreensões acerca dos dias que me esperam; são capazes de me não deixarem festejar o meu próprio centenário, no que eu punha certo empenho, pois era o mais bonito número do resto do meu programa.

Seu muito dedicado.

## CARTAS AO PINTOR SOUSA LOPES

(Sobre a sua arte)

Tunes, 4 de abril de 1927

Meu caro Amigo:

Foi deveras encantadora essa lembrança de me enviar o catálogo da sua exposição, e para mais enriquecido pela dedicatória, cujos termos muito me comoveram e lisonjearam. Ser assim chamado a participar espiritualmente na magna festa, que é a prova pública, incontroversa, e cabal, do talento, e dos recursos de sensibilidade, delicadeza, elegância, energia e vontade de um artista da sua envergadura, seria para envaidecer mesmo a quem possuísse as mais altas e requintadas faculdades de crítica e receptividade estéticas.

O que pode um catálogo sugerir, com a secura dos seus números, e a concisão dos seus títulos, em temperamento visual, como é o meu, servido pela memória objetiva, que apesar da idade ainda conservo! É prodigioso. Não haveria descrição, por minuciosa, hábil e exata que fosse, capaz de os equivaler, a esses números e a esses títulos que escancaram largas janelas sobre visões ilimitadas. Grande parte da obra exposta é minha conhecida; do resto, dada a presunção de que me seja possível conceber, como se vai ampliando e transformando o campo das suas interpretações, eu tenho como que uma fulgurante figuração de adivinho, que, no entanto, só consegue aumentar a pena de não ver o que ainda não conheço.

Durante muitos anos, nas minhas digressões, nos meus passeios, me dei ao exercício de seccionar a paisagem em quadros, isolando-os e emoldurando-os, logo, em imaginação; e depois, consoante o carácter do trecho apreendido, conjecturar: como é que o Claude Lorrain o simbolizaria; que luz lhe escolheria o Turner; como soaria ali a nota idílica do Corot? E assim ia pedindo explicações a todos os mestres meus preferidos, que mas não regateavam, redobrando com os seus ensinamentos, e o sabor da sua poesia, o gozo que eu experimentava na contemplação da natureza. Para a interpretação da paisagem portuguesa, aquela, por fim, que mais nos prende e interessa, por nos ser mais familiar, e porque a trazemos no sentimento, na inteligência, e até — poderíamos dizer, sem que fosse enormidade —, até no sangue, para essa interpretação a sua paleta aduziu conceitos inéditos, sínteses poderosas e empolgantes, sem prejuízo dos orvalhos de maviosa doçura, que lavam a alma, algo tenebrosa, da nossa gente. Na figura, o mestre que nunca se poupou ao estudo quase encarniçado do desenho (e no seu reino mais belo e vasto, o corpo humano), ou seja no isolamento do retrato, ou no movimento de grupos e multidões, que praticam os misteres abençoados da paz, ou se estorcem nas violências da guerra; nesse ramo, acima de todos os outros que a arte explora, o seu pincel, o seu lápis, o seu buril gravaram, traçaram, e coloriram cenas que ilustram brilhantemente e completamente a vida dum povo... Que lhe posso eu dizer ainda para patentear melhor a admiração e o respeito que me inspira a sua obra? É somente volvendo à mágoa de a não poder agora estudar e fruir de novo, no portentoso conjunto da sua exposição, nem tampouco assistir ao merecidíssimo triunfo com que ela definitivamente o consagra, entre artistas, literatos, e poetas; e entre amigos e... inimigos.



Tunes, 14 de março de 1929

Meu caro Amigo:

A sua carta de 31 de dezembro é toda ela um grito ardente de esperança no ano que ia começar; grito viril de batalhador vigoroso e infatigável, que, a braços com o inimigo, marcou um prazo para vencer, e há de vencer! Todas essas obras, empreendidas com tanta decisão, tanta coragem, tanta confiança nos seus próprios recursos, aproximam-se do fim, e vão dar-lhe definitivamente a prova do seu valor, da sua faculdade de realização, do seu poder, da sua arte, de arrancar à natureza os elementos que tornam os sonhos visíveis, palpáveis... Em toda essa magna série de trabalhos, de que eu conheço o bastante para lhes perceber o sentido, domina a composição, isto é, o espírito criador, ao qual tudo anda sujeito, e põe de antemão em movimento o formidável exército de adestrados fatores que entram na boa pintura: o rigor do desenho, a verdade da perspectiva, o resplendor da luz, o desafogo da atmosfera, a combinação das cores, o equilíbrio dos volumes... E no seu caso não há risco de que todo este antigo arsenal académico (tão indispensável, no entanto, à construção da obra de arte) o revoque ao estilo histórico do Le Brun, ou do David, cujo classicismo já não tem ressurreição possível. Eu considero o Sousa Lopes no caminho do futuro «classicismo», de que se apercebe já, em todo o mundo artístico, o magnífico despontar. É a inevitável reação a tanto destempero, que há anos tudo vem assolando, e quando mesmo assentado nas graças aliciadoras do impressionismo, não cristaliza, nem se define; o mais onde chega, à semelhança do seu equivalente literário, é ao gracioso balbuciar, que antes de dizer qualquer coisa já aparece esfalfado.

A palavra «classicismo» deixou de ser um espectro assustador, para se tornar, graças à lei do «eterno regresso» (que não contraria nenhum progresso), no mero símbolo do estudo e trabalho. Um «classicismo» que não tolha liberdade alguma, em quem possua ciência e talento, como era no século XVII o das escolas veneziana, espanhola, flamenga e holandesa. Mas nas suas épocas mais penosas, quando foi que o saber e o labor desvirtuaram a arte, e a exilaram para longe da natureza? Nas esculturas do mais idealista dos artistas modernos, o Miguel Ângelo, corre um eterno frémito de sensualidade carnal... Sinto realmente não poder acompanhar

*de visu* o desenvolvimento do «tríptico do Portugal» e dos «quadros da guerra», mas bacoreja-me não sei que certeza de que não morro sem ter a altíssima satisfação de os contemplar completos e acabados.

Cada vez invejo mais a sua arte; tudo lhe serve de assunto sem perder o carácter universal; uma árvore, uma flor bastam. Na literatura, não. Componha um romance, um drama, uma novela, um conto, e logo o cenário o isola do resto do mundo. O restrito cenário regional, por exemplo, não é nem será jamais impedimento a que o drama atinja proporções de universalidade humana. Tudo depende da dedução, ou, melhor, da ligação dos sentimentos e paixões dos protagonistas, com o essencial dos sentimentos e paixões que movem a humanidade inteira. Mas que trabalho não dá enquadrar esses tipos no ritmo da vida universal, sem o que eles se mumificam, e passam logo à categoria de curiosidades pré-históricas. O cenário, a linguagem local, os idiomas nacionais, quantas barreiras à expansão do mito, cuja apoteose mundial constitui o sonho dos poetas! Quem é que não entende a linguagem da pintura? Nada disto, porém, é talvez verdade. Como todas as artes plásticas, a pintura assume requintes a que somente são sensíveis os iniciados; e na literatura, quanto mais a linguagem se misturou ao sangue do poeta, melhor ele exprime as suas sensações — o que o deve satisfazer plenamente...

Aqui, como, de resto, em toda a parte, o inverno foi rigoroso: frio e chuvas constantes. Mas que festas de luz, em toda esta Tunísia da beira-mar, quando o sol perde o fogo africano, e resplende em gamas de atmosfera lacustre! Durante tardes a fio, do alto do «Belvedere», as povoações que enchem a linha da costa fronteira, doiradas pelo sol poente, tomavam o brilho, igual e cristalino, que teriam se fossem vistas pela transparência de um límpido topázio. Nos intervalos das chuvas, por todos os lados, em pleno dia, as casas cozidas em cal revestiam-se desse vidro cor de luar que os chineses descobriram para as suas porcelanas. E o refranger dos infinitos e mimosos tons de rosa, que parecem coar-se através das nuvens, da invisível, nacarada concha do céu!... O sol ardente come todas as linhas, baralha os contornos, some e funde todos os tons: cega-nos. Lembram-me agora as catedrais do Monet, e o sol que as alumia nada tem de africano. Essas catedrais são curiosos ensaios, porém o que delas se vê nos quadros nem dá para encandear: representações subjetivas, de fraquíssima sugestão, depressa esquecidas. Que diferença dos seus estudos de neveiros de Londres! Na incerteza da neblina, nas linhas mal

definidas, os monumentos aumentam de estranha significação, e tudo se harmoniza em sonho repassado de poesia, mas que persiste...

Este rigoroso inverno tudo tornou serôdio: só agora as amendoeiras principiam a florescer. Elas pouco abundam em redor de Tunes, e por isso mesmo a sua aparência de milagre mais as encarece. Não é como no Algarve, onde as veredas, pelos campos, se atapetam de pétalas, que chovem constantemente das árvores enramalhadas, à semelhança dos quadros mágicos nas cenas de teatro. Ontem vi uma dessas árvores benditas, tão bela que, não sendo eu muito atreito a saudades, mas despertou, de propriedades minhas onde abundam. E tinha ao lado uma olaia, a sua rival em opulência, que é aqui ainda muitíssimo mais rara que a amendoeira. Que maneira de florescer tão diversa tem uma da outra! Na amendoeira tudo são festões e cachos nevados, que se soltam da ramagem seca, e aereamente enfeitam a árvore, envolvendo-a num véu de noiva; na olaia é uma espécie de tinha roxa que lhe emusga os galhos negros, por onde simultaneamente reponta a folhagem verde...

O que me diz do retrato do Viana da Mota, pelo Columbano, encanta-me; tanto mais que o modelo me inspira também admiração sem mescla. Eu tenho como certo, ou muito provável, que vivendo o Columbano ainda alguns anos, sem que se lhe enfraqueça a vista, deixará desta derradeira fase telas porventura superiores, em largueza e na tonalidade, às obras-primas do seu passado. Será como o grande Frans Hals, de quem ele, afinal, é muito próximo parente, no temperamento e no génio.

Se as notícias da minha saúde o podem interessar, dou-lhas tais como eu próprio as não desejaria melhores. Têm-me sido estes três anos de uma tão sustida felicidade, que nada empana ou trilha; nem uma leve dor de cabeça; nem um simples defluxo; nem tristeza ou melancolia — senão em doses suficientes para sensibilizar e enternecer a alma... Oxalá o mesmo lhe vá lá por casa; e com lembranças e cumprimentos para sua excelentíssima mulher, peço-lhe que mande sem restrição no seu muito admirador e amigo.



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## CARTA A JOÃO DE BARROS

(Com alguns dados autobiográficos)

Tunes, 20 de abril de 1927

Meu querido Amigo:

Renovo os pêsames que lhe enviei em telegrama, para a Figueira da Foz, pela morte de seu pai, em quem me falou sempre nos termos da mais afetuosa gratidão, o que os pais nem sempre merecem, e, geralmente, quando merecem recusam-lha os filhos — que são os mealheiros dos nossos desgostos. Deixou-me entrever (da última vez que a ele se referiu, em Belém) a sua figura de nonagenário, ainda com a curiosidade desperta para os movimentos e acidentes da vida, de espírito são e aguda inteligência, indulgente para os desvarios da mocidade, e bom conselheiro nas crises da alma e do coração. Era um exemplo raro e precioso, que certamente o filho seguirá e oxalá o possa fazer também na longevidade, como ardentemente lhe desejo.

Ainda me não diminuiu o desgosto por lhe ter mandado a minha última carta, a de 24 de janeiro. Eu que sou tão cuidadoso em esconder e sepultar as fezes do espírito (como os gatos fazem às intestinais) e pacientemente lhes sofro os efeitos tóxicos das reabsorções, vá que não resistisse à tentação de as examinar, mas pô-las à mostra não tem desculpa nenhuma! É a tentação irrefutável, e tão portuguesa, da maledicência! Mas era meu dever rasgar essa carta, mais porca do que pitoresca, apenas a acabei de

escrever. E o pior é que, tendo já metido as mãos na massa, me acodem agora, amiúdo, impulsos quase irreprimíveis de reincidir em grande escala, redigindo um dicionário biográfico, contemporâneo, nos moldes de que lhe enviei o corte. Saberei, porém, conter-me. A maçada seria tremenda, e os personagens que entravam nessa galeria de retratos não me interessam bastante, pois nem ódio me merecem, para com eles desperdiçar o meu tempo. Esse tempo tão escasso, para tanta outra ocupação agradável, e que passa e voa, na velhice, com velocidade pavorosa!

Na sua afetuosa carta de setembro, referiu-se o meu amigo à possibilidade de eu arranjar nesta viagem de libertação um livro novo, e isso me tem entretido na ideia de lhe falar de literatura, isto é, da «minha» literatura. Cuido que a ocasião chegou hoje, e embora de somenos importância, sempre será — deixe-me acalentar esta ilusão — matéria preferível à que dariam os perfis dos canalhas, bilhostres, e malandrins, com quem me tive de haver no decurso desta minha já tão longa e acidentada vida.

Sem ter sido um menino-prodígio, fui no entanto excepcionalmente precoce na visão do amor e da política. Aos oito anos a *voltigeuse* — ou volteadora — de uma companhia de cavaleiros, que passou pela minha terra, inspirou-me tal paixão, que adoeci quando ela desapareceu. Pelas informações colhidas mais tarde, soube que essa funesta beldade excedia muito os quarenta, era mãe do diretor do circo ambulante, e ainda por cima se chamava Eleonora! Não importa: ainda hoje a vejo, de saínia curta e tufada, luzente de lantejoulas, sobre o cavalo branco, onde se equilibrava em atitudes de estátua viva. E o prestígio das bailarinas seguiu-me pela existência fora, inabalável, feiticeiro e quase supersticioso...

Aos quinze anos fazia propaganda republicana, e tentava converter ao meu credo o Eduardo Abreu, condiscípulo e companheiro de casa que só trinta e cinco anos depois nele veio a comungar. Está-se a ver que o meu vigor persuasivo era frouxo, ou insuficiente, a não ser que possuísse a virtude de atuar a longo prazo, mas eu empregava-o como podia. Aproximadamente por essa idade, enchi um sem-número de páginas do álbum de outro condiscípulo, também açoriano, cujo nome me não ocorre, com a descrição fantástica de um sonho, obra literária que alguns leitores, pouco mais ou menos da minha força, mas que haviam dado já provas públicas do seu estro, benevolmente reputaram superior ao que seria lícito esperar de inteligência tão verde em anos. Esse juízo em nada me envaideceu, nem incitou a tentar novas lucubrações, porque toda a minha

atividade física e intelectual se aplicava, ao tempo, à colossal empresa de limpar, calafetar, e pôr a navegar um desmantelado saveiro, encontrado ao abandono nas águas mortas do rio velho, pelos recessos do Choupal. Mas que dano não causava aos progressos dos meus estudos a realização dessa empresa temerária!

Fizera rapidamente os preparatórios, mercê da mais estrita vigilância de uns padres, a cuja lecionação o bispo me sujeitara, e achando-me na universidade, solto e livre aos quinze anos, desforrei-me não abrindo mais os compêndios, ao que a aventura do saveiro, que durou meses, serviu de pretexto e diversão principal. E desgraçadamente eu estava longe de possuir a intuição de certos génios, que seguem os estudos parecendo que não aprendem, mas simplesmente recordam. Para saber fosse o que fosse (e ainda mais as matemáticas, ciência muito minha inimiga) precisava de aplicação e continuidade no estudo, porque tinha fraquíssima retentiva nos assuntos que me não acendiam a imaginação. Resultado: reprovações e anos perdidos; peregrinações estéreis pelas várias escolas do país; conflitos com a autoridade paterna; boémia descabelada, miséria, fome e... literatura.

Foi nesse período que me relacionei com alguns escritores e artistas, como o João de Deus, Fialho, Bruno, Soares dos Reis, Ciríaco de Cardoso (para falar somente nos desaparecidos) e fiz na *Fôlha Nova*, do Porto, a minha estreia, que não provocou sensação de espécie alguma. Mas a lição dessa vida de privações e desordem frutificou na firme resolução de abandonar, e tentar a dura cruzada da independência económica. Fiz-me negociante, ganhei bastante dinheiro e durante quase vinte anos viajei, passando em Portugal apenas poucos meses. Montei a vida de forma que, na região compreendida pelo Norte da França, a Bélgica, e a Holanda, onde vendia os produtos do Algarve, levava quatro ou cinco meses; ia a casa liquidar contas, e depois nos cinco ou seis meses restantes, livre e despreocupado, metia-me no Mediterrâneo, cujas costas visitei por assim dizer passo a passo.

Nesse período pouco ou nada me atormentavam as veleidades literárias; lia muito, mas raro era que me acudisse ao sentido a ideia de escrever um livro. Mantinha relações epistolares com alguns literatos, a quem pouquíssimas vezes encontrava. Das cartas que escrevi nesse tempo, e nas quais sumariamente registava quanta extravagância me vinha à cachimónia, julgo que não ficou traço nem memória. Ninguém quer, e com razão,

aumentar a papelada doméstica, arquivando cartas de anónimos, e em quem se não divisa probabilidade alguma de alcançar celebridade. Muitos dos disparates que eu transmitia ao Fialho, o meu mais assíduo correspondente, ele os aproveitava para as suas crónicas, pondo-lhes a forma e a graça que eu não procurava, nem provavelmente seria capaz de lhes dar; e ficava contente quando ele me dizia: «essa não se perdeu; já está em letra redonda».

Mas quase na altura dos quarenta anos rompeu-me o apetite de escrever um livro, o que fiz, enviando o manuscrito ao Bruno, para o imprimir no Porto, enquanto eu deambulava pela Ásia Menor. Foi o *Inventário de Junho*, que saiu mais mal revisto e tratado do que se eu próprio lhe tivesse emendado as provas, e nem Deus sabe até onde vai a minha negação para tal género de trabalho. Percebi, porém, que naquela curva da vida a literatura entretinha deveras, e podia preparar recursos para atenuar o desamparo e as misérias da velhice, e pus-me a «maginar» dramas, romances e novelas.

Deram-se então vários factos, que também contribuíram para tornar a literatura apreciável. Liguei-me à mulher de quem tenho filhos; morreram meus pais, deixando-me propriedades de certa importância, que principiei a tratar com bucólico — e ruinoso — entusiasmo, e comprando outras mais me tornei «lavrador abastado»; circunstâncias que me prendiam à minha terra, e pouco a pouco me foram abatendo o ardor das viagens e avultando o sedentário encanto de fantasiar, compor, e executar obras de arte. Daí data também o hábito que tomei (e perdi agora) de passar ao copiador toda a correspondência particular, como o fazia à comercial.

Abriu-se assim um capítulo novo na minha vida e que não foi dos piores. Prontamente se me povoou a imaginação de toda a casta de figuras: estranhas, familiares, heroicas, amáveis, violentas, cómicas, vulgares, que tomavam forma, e cada uma delas, avolumando, dava motivo a um conto, a uma novela, a um drama, aglutinando, por assim dizer, em volta de si as secundárias e subsidiárias, que compunham a comparsaria da sua existência; ou defrontando-se com outros personagens, então já da sua bitola e envergadura, para iniciar os amores, os debates e os conflitos, que têm de figurar até nos mais comezinhos arremedos da vida real.

A obra dialogada, para teatro, de que desde logo se me desdobrou na mente grande número de entretuchos, acompanhava-me nos meus infinitos passeios à beira-mar, e os seus protagonistas e comparsas, ao ruído das

ondas e do vento, como nos melhores tempos do romantismo, pareciam soltar-se não sei de que misteriosas prisões, para vir livremente expor-me as suas queixas, os seus tormentos, as suas alegrias. Assim se faziam e desfaziam cenas de intenso movimento, de que eu era mero espectador, e aparentemente sem exercer a menor influência na sua construção. Deste modo a *Sabina Freire* me andou anos na cabeça, mal me atrevendo a escrevê-la, com medo de imobilizar essas figuras, que todos os dias me vinham visitar, e na minha presença davam largas às suas paixões, aos seus ódios e às suas invejas.

A fixação dos projetos e planos de contos e novelas, e o seu encadeamento, dependia do encerro e solidão do meu gabinete de trabalho, e também como que da presença da tinta e do papel, urgindo que sem demora lhes acudisse, pregando-os com a pena, como por alfinetes se faz às borboletas, não só para evitar que fujam, mas sobretudo para que se lhes não alterem as cores, da poeira que as cobre. Evitava escrever relações de viagens porque sentia a facilidade quase cursiva de as produzir, e isso me arrastava insensivelmente ao estilo mole, invertebrado, que sempre detestei. Não possuindo apontamentos ou notas das impressões colhidas nas minhas viagens, faltava-me a mancha flagrante, a linha essencial dos movimentos entrevistos, para desenvolver, ampliar, colorir. Não havia, por assim dizer, matéria plástica a modelar, a burilar: era o que saía do primeiro jato. E nunca é demasiado, ou inútil, o trabalho despendido na execução de uma obra de arte. Dizia o Baudelaire: do que é insistentemente e fortemente trabalhado sempre alguma coisa fica. Na obra de arte o que importa, sobretudo, é chegá-la quanto possível à perfeição, e isso não se consegue senão à força de laboriosa pertinácia, a que é vedado constringer a imaginação perante «realidades» rígidas, evocadas de memória, volvidos anos sobre a sua inspeção direta. As notas *in loco*, se perturbam o gozo pleno de fruir o momento que passa, são indispensáveis a quem mais tarde queira demarcar pormenores, e casá-los em quadros de equilibrada harmonia. Ora eu nunca as tomei; tinha as viagens na conta de meros cenários em que eu ou os meus personagens nos devíamos mover, se alguma vez em conversa as narrasse. Para dar ensanchas e vazão à «facilidade» bastava-me o recurso da correspondência epistolar, que durante esse período sustentei em larga escala com amigos e literatos.

Assim entrou comigo a febre da produção literária, e além dos livros que publiquei, escrevi, que me lembre, as novelas *Deus Ex-Máquina* e *O Sítio*

da *Mulher Morta*; a comédia ou drama *O Destino do Justo*, e um romance, *Ana Rosa*, cujos manuscritos não sei bem por onde param, mas teriam tanto que desbastar, aparar, e mondar, que provavelmente me faltaria a coragem de os abrir, se porventura agora me viessem dar às mãos.

Armei também os esqueletos de outro drama, *Duarte Paz*, cujos protagonistas, pai e filha, me acompanharam e apaixonaram durante meses, esperando sempre o ensejo de volver um dia a Roma, onde decorre a ação, para lhe traçar definitivamente o cenário a que eu ligava extraordinária importância; e de um sem-número de contos e novelas; e até a um estudo sobre Fernão Mendes Pinto, figura que no meu espírito sempre exerceu fascinação irresistível, e pela qual conservo ainda hoje a mesma fervente admiração. Não é só pelo encanto das suas peregrinações, mas sobretudo pela graça, e cristalina simplicidade do seu estilo, que parece de agora, e pela riqueza e propriedade dos seus vocábulos. Ele introduziu na nossa língua centenas de preciosos e úteis neologismos, que ficaram.

Com os meus livros, as minhas propriedades, e a paisagem e o mar algarvios — e o meu negócio, que era rendoso e então me tomava apenas dois meses no ano —, supunha eu possuir elementos mais do que suficientes para ir folgadoamente singrando esse muito ou pouco tempo que me restasse de vida, quando rebentou a Revolução de 5 de Outubro. Tinha eu cinquenta anos e nascera-me a filha mais nova poucos dias antes. Tudo larguei e fui servir a República no posto de ministro em Londres, para onde jamais me passara pela ideia que iria, e terminantemente recusei quando mo propuseram .....

.....

Pensava, no entanto, a caminho da Inglaterra, que a missão não seria de tal modo absorvente, que me impedisse de continuar os trabalhos literários, a que por via de regra, e por tradição, quase todos os diplomatas se dedicam; e pensava, sobretudo, em terminar um livro, *Londres Maravilhosa*, cujo primeiro capítulo aparecera no único número da revista intitulada *Vida Nossa* — ou coisa semelhante —, que o Fialho publicara. Mas depressa me desiludi ao perceber a situação em que tinha de me desenvencilhar, e compreendia a hostilidade da corte, do Governo, da imprensa, e do público inglês; as maquinações do ilustre, mundano, e influente Soveral; a ação de presença de D. Manuel e D.<sup>a</sup> Amélia; e as intrigas dos numerosíssimos emigrados realistas, que tinham assentado barraca em Londres, entre os quais havia gente ativa e inteligente, e que

dispunha de dinheiro, e forma de o empregar em proveitosa propaganda. Do meu lado, para me auxiliar, estava o pessoal da legação, composto exclusivamente do primeiro-secretário, bom rapaz, que servira com o Soveral quinze anos, e um adido extraordinário, desvairado pela febre donjuanesca e peralvilha, que também com ele servira, e a ele se referia como um papua ao seu ídolo preferido. Era ainda no tempo em que conhecer uma duquesa dava posição na sociedade; o primeiro-secretário frequentava a casa de uma, várias vezes divorciada, e já sem cotação; o adido diligenciava conhecer outra menos desacreditada, para pôr o secretário «de cara à banda». E não pensavam em mais nada. A ouvi-los eu estava irremediavelmente perdido, se, nas pisadas do meu antecessor, me não relacionasse também com algumas. A organização da chancelaria era sumária, primitiva: nem processos organizados, nem índice de correspondência, nada. Tudo se encontrava na cabeça do primeiro-secretário, que, verdadeiramente, a tinha de fenomenais dimensões, e conformada de modo a sugerir a ideia de uma superfetação monstruosa: duas cabeças numa só. Quando, porém, corria urgência ou necessidade de alguma informação, verificava-se invariavelmente que aquele monumento craniano nada continha adentro de suas paredes colossais. Junte-se a isto o Bernardino dirigindo o Ministério dos Estrangeiros, e ter-se-á um leve quadro dos meus apuros, no desempenho da mais espinhosa e vital missão diplomática da República.

Mas se o meu temperamento de literato (ou de artista) é meramente de espectador, embora irrespeitoso de tudo quanto se chama «a opinião» (julgo-me impotente, por indiferença e frigeidez, para sustentar a mais leve discussão de ordem estética ou filosófica), não sucede o mesmo na prática da vida real; aí apraz-me intervir, resistir, atacar, lutar, e fi-lo algumas vezes com milagrosa energia, e uma sequência de ação que não admitia interrupções nem desfalecimentos. Apreciada a situação, e cuidado que a medi desde o início com a precisa justeza, convenci-me de que só podia contar comigo, numa luta que tinha de ser longa e renhida; e cheio de ânimo, quase alegre com a perspectiva da batalha, meti mãos à obra, nunca mais pensando em literatura. De resto, seria inútil pensar em tal porque, mesmo trabalhando dezoito horas por dia, andava ainda com o serviço da chancelaria atrasado, e eu, funcionário ingénuo, antepunha a tudo o cabal desempenho da minha missão. E a própria *Londres Maravilhosa* não encontrava, ali, expansão possível: à uma pela minha quase absoluta inibição



de reproduzir o que me está presente; e depois, o ângulo sob o qual eu lhe concebera o plano, na liberdade e fantasia estética do vagabundo, era tão diverso daquele em que me aparecia agora a vida londrina, que seria absurdo tentar sobrepô-los. Acrescia, nos primeiros anos, a ativa, e necessária, correspondência particular que mantinha com alguns políticos (o Chagas mostrou-me uma vez, em Paris, um volume das cartas que eu lhe dirigira nessa época, e ele mandara encadernar); em resumo: varreu-se-me totalmente do espírito a esperança de ali reatar jamais os meus trabalhos literários.

Depois, e quando já cansado projetava, ou melhor preparava, a saída do meu posto, abriu-se-me outro período ainda mais adverso a devaneios: o da presidência, que me reteve dois anos e dois meses prisioneiro, aborrecido, e enjoado. Se a ação de ministro em Londres, entregue exclusivamente aos meus próprios recursos, se estimulava e intensificava com a oposição e as contrariedades, não sucedia outro tanto na presidência, onde tudo dependia da colaboração e boa vontade alheia, isto é, dos políticos. Um presidente constitucional, no nosso país, que se conserve fiel aos juramentos prestados é um misto de «boneco de palha» e de «Senhor da Cana Verde»: o primeiro, para ser mandado, e o segundo, para ser insultado.

Mas, perguntará o meu amigo: «E não teve pena de deixar a sua casa, as suas filhas, os seus livros, o seu mar, a sua paisagem?...» Nenhuma; ou se a tive não me lembro; e como nunca me arrependi do que fiz nem mesmo essa arrelia me punziu, se porventura alguma vez julguei que fizera asneira. A minha vida em Londres foi de luta ininterrupta, e mais divertida, infinitamente, do que nunca poderia ser a contemplativa. Não escrevia romances: vivia-os; e amiúdo com êxitos a que jamais me seria dado aspirar na literatura escrita. E era-me constante motivo de satisfação ver chegar a Londres os nossos grandes e pequenos homens de todos os partidos, firmemente convencidos de que o sucessor do Soveral não podia ter feito caminho algum, e observar o espanto — que o não ocultavam — com que, sem demora, verificavam o contrário.

Solto de Belém podia ter reatado a minha vida «pré-histórica» e, no meu antigo escritório de Portimão, onde tenho a livraria, ou em Lisboa, na Gibalta, que arranjei com as coisas trazidas de Londres; reunidos os papéis dispersos, encetava o trabalho de seleção dos meus manuscritos, a sua correção, polimento, e conserto; mas quinze anos de intervalo, e na minha idade, abrem um barranco largo e fundo sobre o qual dificilmente

se lança ponte sólida. E, depois, para quê? Procurar novidades, não: sempre me persuadi de que, por via de regra (e nunca me considere exceção), a flor da sensibilidade de um escritor aparece logo no seu primeiro livro, onde ele põe tudo quanto tem a dar, e os livros seguintes, embora melhor cuidados na forma, não são mais do que o primeiro diluído, e amiúdo em água chilra. A miragem da glória? Nunca a busquei. Andei constantemente fora da atmosfera de ilusão — ou de interesse — que criam as academias, em ponto grande, quando se reúnem oficialmente em palácios monumentais, ou, em ponto pequeno, pelas tertúlias e cenáculos de botequim. Edificar para que a Eternidade nos soletre o nome? Que insensatez! Na história do mundo tudo tem prazo, que para a glória é sempre curto. E, assim, não sou eu daqueles que censuram a quem a procura alcançar, contemporânea, atual, mesmo à custa de concessões reputadas indignas. Se não é o gozo de compor, de criar, de aformosear que lhes compensa o labor de produzir, andam com muito juízo tirando logo da sua obra todo o proveito possível. E quando os implacáveis aristarcos de cacaracá os incriminam pela «baixeza dos processos» por que alcançaram fama, está-se-lhes a ouvir, entre risos escarminhos, a sensata resposta: «Mais vale um pássaro na mão, do que dois a voar.» Não. Pelas condições em que se desenrolou a minha vida, esses sentimentos, essas considerações nunca me interessaram. E o mais curioso é que, propensa a desafiar as opiniões alheias, indiferente ao seu conceito, e até satisfeito de as contrariar, sempre senti repugnância pela publicidade, e as tiragens limitadas dos meus livros, eu é que as impus ao editor, presumindo que seriam suficientes para encontrar uma ou outra rara alma afim que os gostasse.

Se eu fosse suscetível de arrependimento, experimentá-lo-ia por ter intitulado um dos meus livros *Cartas sem Moral Nenhuma*, como chamariz obsceno. Não me importava nada que a obra fosse realmente indecente, mas importava-me, contrariava-me o chamariz. Caí naquele título quase involuntariamente. Devia ser: *Cartas de Um Imoralista* (e talvez não fosse melhor, nem mais são, mas era menos desbragado), quando nas vésperas do seu aparecimento me chegou notícia do romance de Gide, *O Imoralista*, designação ainda nova, e, para fugir ao plágio, tomei o outro título, o primeiro que me ocorreu.

Mas retrocedendo ao ponto de partida desta longa, enfadonha, e frívola digressão. Nessa vida pré-histórica, que me proporia reatar, a literatura figurava como elemento complementar de harmonia: compunha-me o espírito,

à semelhança de um móvel cómodo, e convidativo ao repouso, ou ao devaneio, que se coloca em sala bem arranjada. Nem pretensão à fama, nem à glória, mas somente instrumento de entretenimento, de diversão, de prazer. Mas quando mesmo eu quisesse tentar a ligação do passado, precisava para isso de me fixar em Portugal, o que, após os meus anos de presidência, era mais que aborrecido; a miragem do anonimato sorria-me e atraía-me com o enlevo de outrora, e decidi voltar a correr mundo, abrindo o último capítulo da vida em termos de o tornar apazível despedido de todo o género de ambição e vaidade, mundana ou espiritual. E assim tenho feito, empregando artes de ninguém saber nem suspeitar em mim o antigo Chefe de Estado, o que me permite viver modestissimamente e em plena liberdade de movimentos. E assim a existência me tem corrido novamente propícia e feliz, não me parecendo que haja motivo para mudar de rumo, e alimentando vagamente a esperança de nele seguir até «o fim».

Saí de Portugal sem um livro, sem um papel, sem um apontamento ou nota; nada que, de longe ou de perto, recordasse o antigo literato ou o político: abri na vida uma página perfeitamente em branco. Pouco ou nada leio; como e bebo com apetite e proveito; durmo a noite em dois sonos de pedra; faço todas as manhãs uma hora de ginástica e à tarde dou um passeio regulamentar de dez quilómetros; os museus, as igrejas, os monumentos abrem-se-me como outras tantas portas para o paraíso; o espetáculo das ruas nunca me embasbacou e surpreendeu como agora; olho para o céu, para o mar, para as montanhas, para a paisagem com a encantada curiosidade de um ressuscitado; e escrevo a alguns amigos com a abundância — a incontinência — que sabe. O que lhes digo é leve e inconsistente, como é a minha bagagem literária. Vou consumindo, à semelhança de certos animais que hibernam, a própria enxúndia, adquirida com o magro chorume das leituras passadas, e repito, invariavelmente, ao fim de cada dia, «este já ninguém mo tira».

Na harmonia desta minha última fase da vida, os meus passeios a pé merecem menção especialíssima. São o que se poderia chamar a eflorescência do dia, se o dia fosse um caule, do grande ramalhete em que se me arranjou a vida, florescendo à tarde, murchando com a noite, e morrendo ou desfazendo-se no sono... Note que eu era sonâmbulo em pequeno, e sempre tive, acordado, facilidade de desassociar a inteligência da sensibilidade. Nos momentos angustiosos — trágicos mesmo, que por eles passei — a curiosidade de seguir, de observar os movimentos e as intenções das

pessoas que me cercam afasta por completo o sentimento do perigo ou de mágoa, e quantas vezes me encontrei a rir, quando toda a gente tremia, ou sustinha a custo as lágrimas. O desdobramento da própria personalidade, em ator e espectador, posso-o provocar a meu bel-prazer; e sem o menor esforço, nos passeios solitários, se me arma o teatro da alma, o pano sobe, e a representação começa. O que têm sido essas récitas agora! A memória foi desencantar episódios da meninice pura, e vem por aí fora por três quartos de século de uma existência variada e agitada, ressuscitando centenas de pessoas, que me aparecem, e falam, e movem-se nos seus respetivos cenários, com uma realidade que a verdadeira vida não ultrapassa. E as peças de movimento, de grande espetáculo? Em Florença, durante duas semanas reassisti a todos os bailes, desde os das noites festivas da casa paterna até aos de Buckingham Palace, passando pelas danças de roda das vésperas de S. João em Coimbra, as farândolas da Provença, e os carnavais da Bélgica, onde, no meu tempo, se bailava dia e noite, com fúria, com delírio. Amiúdo mergulho nas recordações de viagem, e a sucessão das cenas e quadros esquecidos, que retomam cor, é de uma riqueza e de uma exatidão assombrosas. Acompanhando estas visões de extrema precisão, os poetas vêm-me recitar versos que eu nunca soube; os filósofos discutem os seus sistemas, que mal conheço; os historiadores lembram-me lutas, raças, e reinados a que eu jamais prestara atenção, e tecem-me enredos e sucessos verosímeis embora eu nenhuma notícia certa deles tenha; e os músicos vão, nos seus vários estilos, e em composições que se me acomodam perfeitamente aos sentimentos, sublinhando as modulações do meu pensamento, como o canto segue as palavras. E as evocações da sensualidade e do amor? É agora que eu tenho beijado, abraçado, e gozado as mais belas mulheres do mundo, das quais algumas nunca haviam consentido em sair da sua imobilidade de estátuas. Admira-se? Sonhando eu dei uma vez um beijo de que ainda me escaldam os lábios.

Dias há, porém, em que pelos recessos da alma se me abrem grutas, que parecem cavadas em turvas opalas, e cuja existência incerta permanece inescrutável, mesmo quando me é permitido olhar atentamente para o que elas contêm. Ali tudo resiste ao esforço da materialização, e a fluidez das formas entrevistas é tal, que se esvaem como puras melodias. Algumas sombras se divisam também, que me fazem estremecer quase de pavor, mas logo eu chamo em meu auxílio não sei que protetores clarões de

aurora, que as fustigam, perseguem, e aniquilam... E está vendo, como a pretexto de explicar porque é que não volto à literatura nela vou caindo!... Ora tornemos à vaca-fria.

Mas após suspensão tão longa, e encontrando, caracterizados e em uso, agora, tendências e estilos tão diversos daqueles que eu adotara, o meu retraimento não provirá em parte de me sentir deslocado, envelhecido? Não é, porque aceito e julgo a situação normal. Melhor ainda: festejo-a e não lhe regateio aplausos. O grito da mocidade e os atos de reação contra os velhos, e especialmente contra a geração precedente, têm mil justificações, das quais a principal está na nobilíssima ambição de facultar, à arte e à poesia, caminhos ainda por trilhar — se bem que não basta ter vinte anos para vencer, como os novos, sempre, mais ou menos, orgulhosamente proclamam. Neste ponto, porém, eu também penso que ser novo é já uma condição do génio, neste sentido: o escritor, depois, pouco mais faz do que repetir-se. Alguns génios houve, como o Rousseau e o La Fontaine, que se revelaram no declive da vida, mas isso não contradiz a regra, e só prova que eles conservaram viçosa e inédita a flor da mocidade. E, ao fim e ao cabo, qual é, em resumo, o quadro que nos oferece atualmente o chamado «mundo das letras»? Será ele, na verdade, tão diferente do que era há quinze ou vinte anos? Evidentemente lavra hoje, por todos os países neolatinos, uma desordem na linguagem — e no emprego da gramática — muito para assustar as vestais da vernaculidade, se as houvesse. Porque esses escritores pretensiosos (como nós, por exemplo, temos), que supõem dispor dos segredos da língua, e segregam, entre apertos e torturas de dispépticos, períodos de uma rijeza óssea, onde os vocábulos figuram amiúdo com a propriedade e oportunidade de Pilatos no credo: esses escritores são mil vezes mais nocivos à graça e à energia da língua, do que os tresloucados que a esmaltam de palavras trazidas a trouxe-mouxe, e acomodadas pela sonoridade, ou pela obscuridade, ou por qualquer outra razão de «música» ou de «mistério», que longe de causar a morte do Padre Manuel Bernardes, se os lesse, o despertaria para outras tentativas de «número e ritmo», que ele buscava na prosa, e aí ficam tão bem como no verso. E os tresloucados muitas vezes assumem o papel de precursores, abrindo súbitos e grandes rasgões no desconhecido, no inédito, embora não disponham nem de vigor, nem de paciência, nem de método, para lhes explorar o âmago. A par dos inovadores de intenções pulcras, vêm os aberrativos, os deliberadamente

excêntricos, e os ignorantes ávidos de reclamo, que não convém perder de vista, na perspetiva de lhes aparar algum «golpe de preto».

Não existe no Brasil — no Brasil até agora o inexpugnável baluarte da nossa vernaculidade — uma corrente que se quer libertar da língua portuguesa, a qual, em seu conceito, anda inçada de termos cujo sentido não satisfaz às necessidades espirituais das recentes gerações cariocas? E na Itália (onde se não fala ainda o italiano, mas cem dialetos titubeantes) outras correntes não pretendem que o mais perfeito, intelectual, e delicado dos idiomas existentes, o francês, não passa de um vulgar «esperanto» ou *volapük*, digno somente de ser utilizado pela difusão mundial, e propondo-se aproveitá-lo como tal para uma revista literária (!) a que puseram o nome de *Novecento*? Há ainda o estilo cinematográfico, que não faz mal a ninguém; e o estilo de «tenesmo», em que o escritor passa a vida aos puxos intelectuais, amontoando livros recheados de coisas encobertas, e que nunca se desvendam, morrendo por fim falido, tal como tinha nascido. Se realmente grassa uma enfermidade na língua, que desvirtua o genuíno significado das palavras, e busca designações insensatas para a «orquestrar» consoante o «mundo» de sensações que pejam a alma do escritor atual, essa enfermidade não é de hoje, e grassou em mil épocas diversas: nas coloridas decadências, nas fases de gongorismo (que as houve anteriores ao Góngora), nos períodos de afetada preciosidade, sem empecer de modo algum o aparecimento dos génios, possantes, saudáveis, e organizadores, que tudo meteram novamente na ordem. Nós temos no Camões o melhor exemplo conhecido, de uma repentina e salutar renascença da pureza de formas, e claridade de ideias e de estilo. E o Camões, para escrever os *Lusíadas*, obra-prima de luminosa e equilibrada arquitetura; de limpidez, colorido, e propriedade de linguagem; teve de reagir principalmente contra o rebuscado e amaneirado cinzelador de preciosidades, e o inventor de trocadilhos, que ele próprio fora nas suas prosas, e nas poesias soltas. Sucede também que o excessivo subjetivismo, em que se comprazem os moralistas e filósofos das épocas adversas ao naturalismo, engendra expressões vagas, peculiares do «conhecimento obscuro» de que falam os místicos. As liberdades que tomam alguns analistas com o seu próprio «eu», para o porem à frente da vida, levam igualmente à deturpação do sentido de muitos vocábulos, que eles empregam na exaltação da embriaguez espiritual: o êxtase. Belos e pitorescos são os modelos no género, como as obras da clássica e genial Santa Teresa, e do seu ardente

reflexo S. João da Cruz. Mas o que se torna extremamente notável é o acinte com que os escritores católicos negam aos profanos o direito de observar no «eu» as repercussões do universo, e louvam nos «santos» o emprego do mesmo processo para comunicar com a divindade. Isto, porém, já está fora da questão. O importante é avaliar até que ponto a língua pode ganhar ou perder com a insubordinação daqueles que, possuindo o estro, desacatam, por ignorância ou resolutamente, os ditames da gramática e do léxicon. A meu ver tudo se resume em acidentes sem valor considerável, que aumentam as vicissitudes inerentes ao desenvolvimento de uma obra humana, e cujo registo serve à crítica para novas considerações e desenvolvções, propícias ao estudo do mais formoso monumento que existe, e no qual se esteiam as nossas justíssimas pretensões de superioridade sobre os outros animais... Mas penso que descarrilei mais uma vez. O facto é que nada me incita contra as atuais correntes literárias; somente, por um fenómeno explicável, talvez, pelas mutações da minha vida eu regresssei aos sentimentos da juventude — liberdade antes de tudo! — e a muito bom caminho da segunda infância, que é inevitável nas existências demasiado longas. Isto abalará grandemente a autoridade das minhas apreciações.

.....  
Tenciono largar brevemente a Tunísia. Se encontrar passagem nalgum vapor de carga, que vá daqui diretamente para Ruão — que os há com frequência —, aproveitarei para ali ir passar o resto da primavera e o estio. Em todo o caso, e salvo contratempo, é para França que eu irei.  
Seu muito dedicado.

## CARTA A VIANA DE CARVALHO

(De Tunes a Paris)

Paris, 22 de maio de 1927

Meu caro Amigo:

Não tenho carta, sua, a responder. Escrevi-lhe em 1, 13 e 16 do corrente, e telegrafei-lhe em 14, de Tunes, anunciando a minha saída para Paris, e nesse mesmo dia embarquei. — A ideia de viajar com dois companheiros, e para mais desconhecidos, no mesmo beliche, não me sorria; entrei no *Grevy* bastante apreensivo, mas o beliche pareceu-me suficientemente vasto; a minha cama ficava do lado da janela, aberta sobre o convés; e o criado que me servia mostrou-se atencioso e solícito. Isso me espevitou um pouco o espírito. — Tempo soberbo; a travessia, lenta, do lago de Tunes dá para ir revendo, por miúdos, o lindo e já saudoso panorama; no mar, Sidi Bou Said, branca de gesso, agrupada sobre a rocha vermelha que nasce a pique do seio da água, faz-me o último adeus da terra que provavelmente deixo para sempre; o ar não tinha, nessa tarde, a sua habitual e cristalina limpidez, e a parede de rochas e montes, que fecha o golfo até Cabo Bom, aparecia quase tornada em fumo azulado. No mar alto a ondulação era muito leve, e embalava docemente o barco, que ia atochado de passageiros: toda a gente alegre, rindo, contente.

O meu primeiro companheiro de beliche, no volume da cabeça, feições grossas, o cabelo farto, hirsuto, e grisalho, plagia o Millerand; o segundo



é mais novo, inquieto, nervoso, e arruivado. Bom sono, toda a noite, apesar da companhia; apenas a janela, que deixei aberta, refrescando-me demasiado a cabeça, me preocupa, como se me estivesse fabricando uma espantosa constipação. Mas não me senti senão em imaginação. É extraordinário como eu tenho passado este ano e meio, sem cuidados nem resguardo, livre de gripes e de toda a espécie de moléstias; atribuo esta imunidade ao isolamento. Há muito que perfilhei a doutrina de que até o mais simples defluxo é contagioso. «Tudo se pega», dizem os catalães, «menos o dinheiro e a beleza».

Amanheceu-nos à vista da complicada costa da Sardenha; panos de montes e montanhas de escumilhas sobrepostas; o mar semeado de pequenas ilhas, em forma de cogumelos, que devem ser inacessíveis. — Conversa matinal com o companheiro n.º 1, passeando no convés. Não se lhe encontra interesse de classe alguma. — As passageiras eram mais do que feias: horríveis. Havia uma rapariguinha espigada e loira, que me prendia a atenção, mas pelo meio do dia pôs uns imensos óculos de tartaruga e vidros amarelos, transformando-se em bruxa agoirenta. — Pouco snobismo a bordo: apenas três velhas quase impertinentes, de idade e nacionalidade imperscrutáveis; saía pelo joelho, cabelo curto (e bastante barba); moviam-se em concerto, com gestos de fiar e cortar, como se fossem as três Parcas. (O uso do cabelo curto deve favorecer o desenvolvimento do sistema piloso facial; as mulheres barbadas, agora, multiplicam-se.) — Curioso pôr do sol, no horizonte limpo e espelhado, de charão azul. O globo solar em brasa começou a achatarse levemente, e mergulhou no mar, cauteloso e lento, como se receasse apagar-se. Entrou na água tão esbraseado que quase me admirei de que não fizesse fumo nem chiasse.

O companheiro n.º 2 é artista, é pintor. Vem da Tunísia: encareceu os encantos do deserto. E assim entabulamos conversa. É parisiense. Perguntou-me se eu era francês — ao tempo eu poucas palavras dissera ainda — e quando lhe declarei a nacionalidade lamentou, como é de uso e estilo, que Portugal andasse tão inquieto, o que o desviava de lá ir, embora muito o desejasse, por lhe afirmarem que era lindíssimo. Assegurei-lhe que essa má e injusta fama não impedira ainda estrangeiro algum de ali permanecer com aprazimento e proveito. Conheceu o Homem Cristo filho, e um pintor casado com a filha de um oficial francês, que, por esse e outros sinais, adivinhei ser o Sousa Lopes, cujo talento aproveitei o

ensejo para louvar. Mas ele «confessa que não lhe inspira grande admiração», e isso num tom que significa menosprezo. Pretexto, da minha parte, para mais o enaltecimento, pela solidez das suas qualidades: colorido, vigor, desenho, etc., e vou referir-me, como um contraste, ao cunhado do Sousa Lopes, que sei ser um pintor ultramodernista, mas ele atalha, para me observar que é «o seu melhor amigo», o que me emudece. De resto eu nada posso dizer, de preciso, sobre um artista cujos trabalhos nunca vi. Rapidamente ele revela a sua estética: o Greco acima de todos os pintores; o Rembrandt, o Rafael são antepassados respeitáveis, mas nada ensinam. O Besnard e o Sargent não valem uma fava torrada; é preciso outra coisa. Admira o Van Gogh, mas ri-se de Gauguin. Admira o Pissarro na sua última fase; o Turner é um visionário que não suporta comparação com o Claude Lorrain, «que foi um verdadeiro pintor». Tem o Monet em pequena conta. Fora da França hoje não há pintura; os outros países tiveram a sua vez, mas agora não há senão a França. Insiste na «sua intransigência em matéria de arte», e isso é-me simpático, sobretudo porque não toca no Claude Lorrain, que eu adoro; mas por mais que matute não consigo representar-me qual será o seu, dele, género de pintura. Volto a elogiar o Sousa Lopes e falo do Columbano (cujo nome desconhece) como do maior dos pintores existentes. Mostro-lhe a reprodução colorida do seu retrato; a primeira impressão parece favorável, mas observa que lembrava o Sorolla. Repliquei-lhe, algo azedo, «que o Sorolla é que podia lembrar o Columbano», mas fi-lo por acinte, pois conheço a pintura de ambos, que não tem parentesco algum. Conte-lhe como o Columbano tinha cortado as relações com um crítico de arte que o havia comparado ao Greco. Ficou estupefacto. Citei o desprezo que as pinturas de Rubens e do Rembrandt mutuamente inspiravam a cada um desses génios, e isso para lhe provar como «artista» não quer dizer «crítico», pelo contrário, porque ele insistia em avaliar o talento pelas qualidades de *métier*. Mostrei-lhe a fotografia dos «pescadores do Furadoiro» do Sousa Lopes; ficou um pouco enleado, e calado, mas com a expressão de quem não quer dar o braço a torcer. Para o golpe de misericórdia, tornei a referir-me ao Columbano, e com grande convicção afirmei que era um retratista igual ao Velázquez; isto impressionou-o profundamente e, em tom desalentado, ponderou que pelo menos tinha em mim «um defensor admirável e invejável». Mas depois falou de Florença, de Pistoia, de Luca, de Sena, com abundância, em termos que tinham sumo, e revelavam impressões justas e delicadas.

Ao dia seguinte, 16, levantei-me pouco depois das cinco, já à vista da costa da Provença. O vapor diminuía o andamento quase até ao mínimo, para não chegar cedo de mais, o que perturbaria o desembarque dos passageiros, forçando-os a esperar pela alfândega. O espetáculo das rochas que fecham a entrada do porto de Marselha era de singular elegância e delicadeza: tudo se desenhava, e modelava, e coloria em tons mimosíssimos, cinzentos. À direita, um ilhéu triangular, de perfil dentado como serra de carpinteiro, que, decerto, alguns primitivos aproveitaram, para meter nas marinhas dos fundos dos seus quadros; ao mesmo tempo evoca uma fantasia chinesa. Sobre o amontoado dos cerros que cercam a cidade, já se divisava a torre de «Nossa Senhora da Guarda», que, na perspectiva brumosa, parecia levemente inclinada, desviada da perpendicular. Um ténue reflexo do sol (que se não via ainda do vapor) brilhava no doirado da estátua colossal, que a encima ou remata. O sol resplandeceu um instante, mas logo se encobriu por entre grossas nuvens, repassando-as de cor-de-rosa, e debruando-as de carmim. Entrou-se vagarosamente no estranho porto, cavado entre rochedos calcinados, ossificados; o casario surgia em tumulto, por alguns lombos de uma estrela de colinas, fazendo prever uma cidade de terramotos que, afinal, não existe; passamos rente ao castelo de If, que ainda se mostra imponente, e não me pude furtar à evocação do Monte Cristo, o qual, por ser um personagem imaginário nem por isso deixou de suplantar, ali, a memória de tantos outros reais, históricos e maravilhosamente romanescos, como o «Máscara de Ferro» e o Mirabeau, que lá passaram anos de encerro.

A desordem do desembarque; as exigências dos carregadores; a impertinência dos mil corretores de baixa escala e mais ínfima estofa; o zelo de rebusca-caixas dos empregados da alfândega; não se descrevem, e não sei se terão iguais nalgum outro país da Europa! — A animação da cidade, apesar da hora matinal, era intensa; a Canebière, onde ficava o meu hotel, formigava de gente horrenda (tenho para mim que é ainda mais feia que a siciliana ou napolitana); mas havia uma grande frescura no ar, uma leveza que acariciava e dava as boas-vindas. — Marselha está cheia de plátanos, seculares alguns, mas que a observância da estética municipal mutila sem piedade; são esgalhos colossais, de um pálido verde sardento, começando, agora, a revestir os seus rebentos de recortadas folhas viçosas, que se doiram por transparência. Os que orlam a extensa alameda do passeio do Prado são de proporções assombrosas; outra alameda, que se

lhe segue, atravessa um parque vastíssimo, e tem ao fundo um palácio do século XVIII, de harmónica fachada; é o Parque e o Palácio Borély, contendo o museu arqueológico, de miolo pouco substancioso. O parque é muito belo e, agora, num trecho onde se cultivam rosas, que desabrocham por todos os lados, arranja-se e enfeita-se como se tivesse de servir nalgum conto de fadas.

O museu de pintura e escultura está ainda instalado nessa pomposa fantasia, de arquitetura romano-teatral, a que chamam o Palácio de Longchamp, e onde o deixei há trinta anos. Dele conservava eu impressões baldadas — ou, melhor, não conservava impressões de espécie nenhuma —, mas tantas referências tenho lido, depois, metendo-o entre os primeiros museus de França, que me julguei esquecido das suas preciosidades. Causou-me funda decepção, e realmente a memória não se me enriqueceu com a visita que lhe fiz agora. Ainda a melhor coisa que lá existe são os frescos de Puvis de Chavannes, casando-se discretamente à magnificência da escadaria. Alguns desenhos de Puget, dignos do mestre. No aglomerado de pinturas, que cobrem de alto a baixo as paredes de salas de grandes dimensões, naufragam as poucas telas que, isoladas, podiam tomar vida. Vários Ziem (não da melhor qualidade) vão-se esvaindo, e dentro em pouco não serão mais que uns confusos traços cor de laranja, em molduras doiradas. Há uma cena rústica (atribuída ao genovês Castiglione), de belíssima composição e efeito decorativo; um Rubens, porventura apócrifo, mas fogoso e brilhante como nas suas melhores obras; e um curiosíssimo e extravagante S. Sebastião — o mal-afamado efebo —, aqui pouco preso à árvore do suplício, com uma faixa de linho branco à cintura, atada ao lado em laço cujas exageradas pontas se veem a arrastar pelo chão. O penteado do santo é todo em compridos saca-rolhas, saídos naquele momento das mãos do cabeleireiro que os encanudou, e a sua expressão dúbia, enigmática não se coaduna com a natureza das setas que lhe trespassam a carne. Carrega com a paternidade desta pintura, que não é má, o veneziano Bonvicino.

Se li e ouvi elogios ao museu, em compensação não faltou quem me assegurasse que as *bouillabaisse*s já ninguém as podia tragar. Outro engano. Nunca as achei mais saborosas e apetecíveis, e com elas, ou nelas, me refasteiei a todos os almoços. Ainda me sinto impregnado da recendência de açafraão e lagosta. — Marselha não possui monumentos, nem igrejas, nem palácios que prendam a atenção; é uma cidade para buscar alguma

aventura amorosa, sem grande trabalho, porque a cada canto se topam, e fazer depois excursões pitorescas, obrigadas a pitéus de marisco. Foi assim que eu a «estudei» quando lá estive da primeira vez, mas há quantos lustres, senhor meu Deus! Não podendo repetir a experiência, com certa pena a deixei.

A extensão desta carta já não dá margem para lhe falar, nem de leve, do poema que Paris me está recitando, cheio de arte e de verdura. O seu aspeto, a liberdade dos meus movimentos, o embevecimento em que ando reportam-me aos entusiasmos da mocidade. Mas os amigos que eu aqui tinha, se não morreram, envelheceram de tal forma, que quase me assustam: são verdadeiros fantasmas. E o que dirão eles de mim?...

Seu muito dedicado.

## CARTA A VIANA DE CARVALHO

(Sobre coisas mínimas e máximas)

Paris, 24 de junho de 1927

Meu caro Amigo:

No meu postal de 16 acusei recepção às suas estimadas de 31 do passado e 7 do corrente; depois recebi as de 13 e 20. Os jornais, que tem feito o favor de mandar com tão rigorosa regularidade, com igual pontualidade cá vão chegando. Não há dúvida que a «posta-restante» é a melhor e mais segura direção a dar à correspondência, e como aqui cobram uma taxa, embora pequena (30 cêntimos por carta e 10 por jornal), pela «posta-restante», maior cuidado há em que nada se extravie. Acresce que, em França, o correio não entrega a correspondência registada senão à própria pessoa do endereço, e isso faz com que ela amiúdo lhe chegue às mãos com atraso bastante. Mas sobretudo a «posta-restante» corta a sujeição ao hotel de que se dá o endereço, que nem sempre informa com escrúpulo da nova direção, quando dele saímos; e os hotéis tornaram-se tão impertinentes e ávidos, no serviço e nos preços, que a cada momento apetece mudar. Logo na primeira semana estive para deixar o «Voltaire», porque nesta hospedaria, de ínfima ordem e magnas pretensões, têm o topete de cobrar três francos por cada ovo escaldado, servido ao pequeno-almoço. É verdade que no «Noailles», de Marselha, contavam cinco, mas é o primeiro hotel da cidade, os ovos tinham dimensões que não envergonhavam

qualquer galinha decente, e traziam estampados na casca o retrato das mães, além de uma notícia histórica ou biográfica, narrando por datas as passagens principais da sua existência, desde a expulsão do orifício materno até ao banho final na água a ferver. Os ovos do hotel «Voltaire» — a que de bom grado renunciei — não excediam, no tamanho, o máximo que é lícito esperar das acanhadas entranhas de uma pomba, e ressentiam-se da origem chinesa por um fartum especial, que logo denunciava, na sua confeição, a colaboração humana. Refiro-me ao uso aberrativo que os celestiais fazem, nas «casas de ópio» e outros estabelecimentos de diversão, da família galinácea, e que... Mas não dêmos na gema da combinação; seria demasiado escabroso. É fora de dúvida, porém, que o assunto merece todo o carinho e respeito. Se houve jamais falaz miragem, atrás da qual a humanidade corre desvairada, é decerto a do ovo fresco de galinha. Fresco se conserva oito dias; e depois durante seis meses, por poucos cuidados que lhe dispensem, ele mantém-se inalterável na sua meia frescura, o que permite importá-lo das mais longínquas paragens do universo. Quisesse eu agora assombrá-lo, com a vastidão e o inesperado da minha sabedoria, e dizia-lhe tudo quanto se pode apurar, com segurança, acerca do ovo de galinha, pois estudei-o a fundo. Mas é matéria muito vasta para caber nos limites da correspondência familiar... A verdade é que boa metade dos ovos que se consomem na Europa vem da China.

Numa das suas cartas anteriores queixava-se o meu amigo das péssimas condições higiénicas em que vive a população alfacinha. São, com efeito, lamentáveis; e o pior é que para remédio prega-se a necessidade de melhorar a higiene individual, sem atender à geral. E no entanto esta é que importa. A diferença de asseio pessoal entre os operários lisboetas e os parisienses ou os londrinos não é grande; ela é, porém, infinita, nas condições de higiene municipal. A multiplicação dos jardins e espaços livres; a abundância e salubridade da água potável; a organização e desinfecção dos esgotos; tornaram Londres, apesar do seu detestável clima, na mais saudável cidade do mundo; e nem Deus sabe até onde chega a incúria dos seus habitantes, no que respeita à higiene pessoal. Para quem tenha a superstição do «micróbio» e se ponha a observar a forma como os franceses tratam o pão, é de ficar estarecido e fugir. O tipo do pão é, como sabe, o mesmo em toda a França e colónias; cilíndrico e de curto eixo, mas variando no comprimento, de meio palmo a metro e meio. Encontram-se pessoas na rua levando um pão às costas com o jeito do

mártir que carrega para casa a própria cruz; outros manejam-no como bordão ou bengala; os rapazes que vão à tarde às padarias buscar a última ração das famílias esgrimem com os pais, como em exercícios de jogo de pau, e fazem sortes, e atiram-nos ao ar, e se sucede caírem na lama dão-lhes cuspo e limpam-lhes as manchas nas surralhas mangas das batas. E isto vem de longe. Certo escritor romântico, ou do romantismo, cujo nome me não ocorre, deu-se um dia de manhã ao trabalho de seguir um moço de padeiro que distribuía pão, e contou até dez (quando ele punha a canastra à porta dos fregueses, antes de lhes entrar em casa), contou até dez as vezes em que os cães, alçando a perna, o regavam mais ou menos copiosamente. Mas em suma: «bafo de cão, comido com pão». Eu vi melhor do que isso, em Tunes, no excelente restaurante «Chianti». Um criado italiano, sem dúvida distraído, pôs-se a coçar, com a extremidade de um pãozinho, a perfeita «coroa de Vénus» que lhe ornava a fronte; e luzia, ungida de unguento mercurial. Depois colocou-o, sorrindo, no prato de um comensal, que esperava impaciente, e o saboreou com delícias.

Não sei quando me resolverei a deixar Paris; renovou-se a embriaguez que me causava sempre que aqui vinha em novo; e como as últimas visitas que lhe fiz estavam sujeitas a prazos curtos, ou a obrigações burocráticas, que me cerceavam a liberdade indispensável à deambulação estética, fonte primacial de encantos numa grande cidade, devia ter previsto a impossibilidade de lhe fugir, voltando a vê-la nas minhas atuais condições de vida. Eu nunca viajei depressa, e a invenção e uso dos automóveis, dos aeroplanos, dos cinematógrafos, dos telefones, da TSE, etc., em nada alteraram a minha antiga velocidade de marcha. De automóvel pode-se passar mil vezes pelo mesmo caminho, sem ver metade do que nos mostra um único passeio a pé. Resulta que em muitos casos o automóvel é mais lento que o transporte no clássico burro das romarias. Parar numa cidade a ver, e demorar o suficiente para a ver melhor, é a regra racional das viagens. Um grande e faustoso monumento, que se ergue ao longe, na magnificência do seu conjunto, vale bem a pena que dele nos aproximemos pouco a pouco, e os belíssimos detalhes que descobrimos sempre compensam de sobejo alguns defeitos, ou faltas, que apareçam à mistura. Lugares-comuns, reflexões comezinhas, algo acianas até, são estas, mas nem por isso têm menos força para explicar quanto há de embevecedor na exploração espiritual — e material —, feita vagorosamente, do mundo infinito que é uma cidade como Paris. Naturalmente o melhor da parte



«material» — a luxúria, o luxo, a gula — já não está ao alcance dos meus recursos; mas isso mesmo, talvez, dá maior relevo à «espiritual», a que devo ater-me exclusivamente, não sem reparar na imprevidência com que Deus prodigaliza as nozes, a quem, se algum dente lhe resta, é cariado e abalado...

Mas de facto eu nunca estivera em Paris, mesmo na idade madura, sem que mais ou menos me queimasse a «febre do bulevar», com as suas múltiplas miragens do inédito, e todos os aliciadores ouropéis da moda, embrulhando-me o espírito, deturpando-me o juízo, enervando-me ou entusiasmando-me com artifícios. Agora parece-me que a estou vendo pela primeira vez com os meus próprios olhos, e o meu próprio entendimento, e nem por isso a encontro menos atraente, supondo que muitos anos não bastariam para lhe apreciar os tesouros artísticos, a beleza das suas composições monumentais, os contrastes de grandeza pomposa e recantos de mimosa graça idílica; o conjunto e os enfeites de que se repassa a característica essência da sua alma. Quer crer que o Louvre foi para mim, ainda agora, uma descoberta inesperada? A arquitetura dessa fabulosa sucessão de palácios; as fachadas, as arcarias, as colunatas, os pavilhões, os pátios, as escadarias; a ornamentação onde trabalharam centenas de artistas de génio, procurando sempre afinar-lhe a harmonia; onde é que há obra que esta iguale? E o interior? A disposição das suas galerias, das suas salas; o seu recheio; o desafogo, o acerto, a arte, a ciência com que todas aquelas maravilhas se nos patenteiam?... Há mais de um mês que eu lá vou passar as manhãs (cinco vezes por semana) e sempre com a mesma curiosidade desperta, e sem um só momento de fadiga, fastio, ou saciedade. As tardes — agora o sol põe-se às 10 horas — têm dado para longos passeios à beira do rio, com uma ou outra saltada ao Jardim do Luxemburgo, e visita às igrejas, das quais eu conservava lembrança muito confusa, e são, no entanto, bem dignas de estudo, como Santo Eustáquio — fantasia de grande orquestração híbrida —; S. Gervásio — outro fogo de vistas petrificado —; Santo Estêvão — dos lindíssimos vitrais —; S. Germano (l'Auxerrois) — com a refluída gruta do seu pórtico, cheia de místicas imagens, todas elas ainda de mantos doirados —; S. Severino — que Huysmans cantou apaixonadamente —; S. Sulpício — de augusta vastidão austera —; aquelas onde tenho entrado, e que estão mais próximas do rio. Repare: nem S. Sulpício escapa à minha admiração, no entanto está-me bem presente o que a seu respeito diz o cancionista Ponchon:

*Je hais les tours de Saint Sulpice;  
Quand je les rencontre  
Je pisse  
Contre.*

Não falo das vezes que tenho ido a Notre-Dame: a joia por excelência; mas o interior renovou-me a decepção que sempre me causou. Não corresponde à aérea sinfonia do exterior. Nós possuímos os mais majestosos padrões das naves góticas, em Alcobaça e na Batalha, e a comparação prejudica os monumentos similares por onde passamos. Depois, Notre-Dame, como as demais igrejas francesas, está atulhada de cadeiras, e conspurcada por imagens de chocolate, creme, e verniz, ao gosto do beatério atual, o que ainda mais concorre para lhe perturbar o ritmo.

Os domingos, fora de Paris; até agora por Versailles, Malmaison, Saint-Germain, Maisons-Laffitte, Saint Denis (aqui está um templo cuja nave central pode, quase, rivalizar com as nossas, nas proporções e na leveza), Enghien e Vincennes. Nunca a fantasia se desenvolveu com mais opulenta audácia, entre molduras rigidamente geométricas, do que nos jardins de Versailles. O pequeno palácio de Maisons-Laffitte, de que eu estava esquecido, deixou-me encantado. Se tivesse de escolher casa para o resto da vida, era assim que a desejaria; mas queria-a noutro sítio mais elevado e solitário. A vulgaridade e fealdade dos subúrbios de Paris, mesmo agora, com o disfarce da farta vegetação reverdecida, afligem e irritam; mas que redenção, naquele cinto de castelos, palácios, jardins, parques e florestas, que de tão perto a cinge, e é também sem igual no mundo! A par de tanta edificação sumptuosa, erguendo-se com majestade no meio de árvores colossais, muitas vezes seculares, não faltam os lugares sagrados, para as líricas romagens, que a gratidão intelectual aconselha. Ermenonville, onde o atormentado e suspicaz João Jacques compôs os mais melodiosos períodos da sua prosa cristalina; e outros, de menor nomeada, como aquele que ouviu a Chateaubriand, sultão das letras e dos corações, ditar às belas do seu gineceu as páginas eloquentes e piedosas do *Génio do Cristianismo*; e esse ainda hoje embebido da nobre *Tristeza de Olímpio*; e o rincão de colorido bucólico, por onde passou na mocidade, entre castos amores e visões sentimentais, o *fol délicieux* que foi Gérard de Nerval. E tantos, tantíssimos outros sítios assinalados pelos poetas, e que o nosso romantismo, filho legítimo do francês, venera como se lhe pertencessem...

Não tendo recebido o telegrama anunciado, fico entendido (e não surpreendido) de que o Columbano continua credor do Estado. Ah!, se algum dia chegar a ver o que lhe devem, bem pode acender um círio em louvor de S. Viana de Carvalho, porque o milagre será todo seu. Entretanto vão-lhe gorar a viagem a Paris. Mas até aqui nada tem perdido, pois todo este mês de junho plagiou um março ruim, nos chuveiros e vendavais, e o Columbano, friorento e amante do sol como um gato, passaria dias desconsolados, sem falar na sua bronquite, que certamente se não acomodava com semelhantes intempéries. E estamos já no verão sem que o tempo de tal se aperceba. Hoje — julgo que é dia de S. João — chove a potes, e de modo que nem me atrevo a dar o passeio habitual; isso não concorreu pouco para alargar esta carta até às proporções... do costume. Não está a sua pequena já na idade em que as broncopneumonias sucedem com frequência à tosse convulsa; mas tudo pode acontecer, e para esse caso, que oxalá se não dê, lembro que os médicos, aqui, aplicam, com eficácia, injeções de soro do próprio doente. — Muito do coração desejo o completo restabelecimento de todos os seus, e que o verão em que entramos lhe seja propício, não lhe faltando com modo algum de o gozar, incluindo... o descanso. Eu continuo forte e intrépido como rocha ambulante.

Seu muito dedicado e obrigado.

## CARTA A VIANA DE CARVALHO

(Sobre arte chinesa)

Paris, 6 de julho de 1927

Meu caro Amigo:

.....  
Num dos meus regressos a penates, encontrei de falta um antigo caseiro, muito estimado, cuja perda fora deveras sentida. Ao dar os pêsames ao filho perguntei-lhe de que morrera o pai. Contou-me ele então: «O meu pai era já muitíssimo velho, mas teimava em não largar a enxada, como se fosse ainda rapaz. Um dia de grande calor, no trabalho, começou a queixar-se de arrepios de frio e de uma pontada. Veio o doutor e disse que era uma pulmonia. Voltou ao dia seguinte e disse que era dupla. Depois fez-se cada vez mais dupla... cada vez mais dupla... até que meu pai morreu...»

As inúmeras e extensíssimas cartas que lhe dirijo, pelo desafio, e liberdade, e confiança com que nelas desabafo, entram na rubrica de «familiares». Não há assuntos, por mais escabrosos, extravagantes, ou repulsivos, que a minha pena refugue. Veja, por exemplo, aqueles que dão começo à presente (e que suprimo), de resto inocentes, em comparação de tantíssimos outros, que noutras figuram e nem póstumos seria conveniente divulgar. E assim se vão tornando cada vez mais familiares... cada vez mais familiares... até que desfechem no meu próprio testamento, que eu

considero (além de ato indecente) agoiro ou pronúncio da morte, a qual cada vez me inspira mais aversão... Para sopear estes excessivos ímpetus de «familiaridade», não é mau, de quando em quando, fazer algumas excursões, embora leves e rápidas, pelas aprazíveis pradarias da arte. A isso agora vamos.

Esses objetos chineses, talvez mais numerosos do que preciosos, que eu trouxe de Londres constituem, especialmente na coleção de garrafinhas para simonte, uma resenha completa da arte dos «filhos da lua», que são também uns bons «filhos... do diabo», como se está vendo mais uma vez, agora, no tratamento que infligem aos estrangeiros, seus generosos benfeitores, e débeis opressores. E reparando bem na sua habilidade miudinha, produto de inexaurível paciência, e requintes de visão microscópica, mas sem largueza nem arrojo, julgo que se entra cabalmente na psicologia desse formigueiro humano. Formigueiro na quantidade, porque na organização social — higiene, disciplina, conceção de justiça, etc. — estão os chinês, como os demais seres humanos, abaixo de todos os insetos que vivem em coletividade.

Mas seja como for — pois não pretendo dissertar sobre ética sociológica —, a sua arte é encantadora, e, pela tendência para o infinitamente pequeno, num cofre de acanhadas dimensões se pode acomodar um opulento museu dos seus artefactos. Isto aumenta muito o gozo de os possuir; tomam pouco espaço, e miudinhos como são, logo que se isolam, assumem acentuado carácter individual; revestem-se de grande dignidade, mesmo na feição grotesca, sempre eminentemente decorativa apesar da sua perfeição acabada; e por isso tanta gente os coleciona. A impressão porém da pequenez vai aumentando com a importância numérica das aquisições, e chega-se a um tal ponto de ilusão, que quando se topa inesperadamente com uma porcelana, um bronze, um charão, de mais de dois palmos, os termos «enorme», «colossal» nos acodem logo aos lábios.

Mas voltando às minhas mil tabaqueiras, que o meu amigo conhece: são um definitivo e rematado compêndio, ou enciclopédia, de todos os ramos da arte chinesa, e para mim, que as tenho de memória, cada objeto da mesma origem que examino, quer nos museus, nas coleções particulares, nos antiquários, me parece mera reprodução, reduzida ou ampliada, dos modelos que possuo.

E é curioso pensar — achando-lhe a cada passo a confirmação — que, num armário da Gibalta, se encontram amostras ou espécimes, graduados

e qualificados, de todas as manifestações artísticas da vida de um povo, que durante tantíssimos séculos não cessou de as dar apuradas e variadíssimas, embora em séries uniformes, cujo padrão persistia por longos períodos. É um ponto constante de referência, que ajuda a destrinçar nos rebanhos de porcelanas (a arte chinesa tem o quer que seja de gregária) amalhados nas salas dos museus o que é peculiar a cada objeto, e assim a monotonia dessas paradas infinitas não só desaparece, senão que se transforma em manancial inesgotável de graça e diversidade.

Descobri no Louvre (e digo descobri porque se a tinha visto antes, foi decerto em tempo que me trazia alheio à arte oriental) uma secção riquíssima de porcelanas da China, a cujo estudo tenho consagrado várias manhãs. Está isolada das outras coleções, numa dúzia de salas da sobreloja, com entrada pela formosa porta do João Goujon, que, no escrínio arquitetónico do palácio, se destaca mesmo entre as mais belas pérolas da Renascença.

A parte principal da coleção foi dádiva, ou legado, do Sr. Grandidier, nome que merece figurar eternamente na brilhante constelação dos benfeitores da humanidade artística. As peças que esse benemérito, apaixonado, e inteligentíssimo amador juntou e doou ao seu país são, a meu ver, em número e qualidade, superiores às da coleção Salting do «Victoria & Albert» de Londres. E por muito que eu buscasse e rebuscasse, nunca acharia comparação que mais e melhor as enaltecesse. Sem embargo, a concorrência a esta secção do Louvre é nula; de todas as vezes, e todo o tempo que lá estive, me encontrei sozinho. E tão desacostumado a visitantes, e ávido de conversação, está o guarda (um estropiado da guerra) que logo fez conhecimento comigo, e me perseguiu com explicações, cuja indigência e inutilidade ele próprio reconhecia e confessava.

Entre as preciosidades que o Grandidier reuniu, figuravam cerca de seiscentos frasquinhos para simonte ou rapé, todos de porcelana, juntos na mesma vitrine, e acomodados nos degraus de uma armação em rampa, onde nenhum deles se pode queixar de que lhe falte espaço e claridade para bem luzir os seus minúsculos primores. Eram três ou quatro armatostes, do génio e feittio dessa rampa, que eu precisava para colocar os meus frasquinhos, dividindo-os em porcelana, pedra, vidro, pedras duras, e diversas.

Deste modo os tinha eu classificados em Londres, em três grandes armários, com três ou quatro degraus, em cada prateleira. Num dos armários

estava congregada a «flor», e quando se abria iluminava-o uma forte lâmpada elétrica; era assombroso o efeito que produzia, ultrapassando em brilho, variedade, e mimo o mais rico tesouro de genuínas gemas. A surpresa que causava nas mulheres de gosto delicado, e nervos fracos, era tal que a algumas provocava crises de histerismo, com gritos de delírio, obrigando-me a fechar apressadamente o armário, sobre o qual elas corriam de mãos estendidas, no evidente e firme propósito de lhe rapinar o recheio. Uma visitante, senhora muito rica e séria, mas colecionadora pertinaz e insaciável de garrafinhas chinesas, aproveitando um momento de distração, surripou uma, que ela acabava de gabar encarecidamente, e escondeu-a no «indispensável», onde eu a fui buscar, tendo a fortuna de dar a tempo pela falta. Isto não é invenção, nem exagero; esses pequeninos *bibelots* possuem inquestionavelmente irresistível poder fascinador...

Segundo me disse um perito na matéria, que frequenta os leilões, tanto aqui como em Londres, as garrafinhas chinesas já escasseiam, tendo o seu preço e procura aumentado prodigiosamente. E assim deve ser, a calcular pelos preços marcados nalgumas que vejo nas vitrines dos antiquários, e vão a vinte vezes, ou mais, do que valiam há dez anos. Também se veem nas ourivesarias da moda, ricamente montadas em ouro e pedraria; o que mais prova ainda quanto são atualmente apreciadas.

Na exposição de trabalhos chineses, em jade e outras pedras duras, que se arranjou esta primavera no Museu Cernuschi figuram também frasquinhos mas em número diminuto; e eu apostava tudo em como era capaz de escolher, sem dificuldade, na minha coleção, outros tantos que os suplantassem em fantasia, perfeição, e gosto. Foi a propósito dessa exposição, de que eu desejava falar-lhe por lá ter visto as garrafinhas, que veio toda esta arenga com que o estou secando. Mas o assunto não pode ser versado senão com quem dele tenha algum conhecimento direto, como é o seu caso, pois não há descrição nem ilustração capazes de suprir o exame destes delicados *bibelots*, para deles darem uma ideia aproximada.

O Museu Cernuschi (outra generosa doação, à cidade de Paris, de sumptuosas coleções de arte oriental, compreendendo o palácio onde o doador as havia instalado) fica no Parque Monceau, e todos os anos a direção lá organiza uma exposição de trabalhos asiáticos, restrita quanto possível a um ramo artístico determinado. Este ano coube aos objetos de jade, e outras pedras duras, como a ágata, ametista, aventurina, cornalina, ónix, turquesa, malaquite, cristal de rocha e mais variedade de quartzo.

Na designação de pedras duras, incluem, não sei porquê, o coral, e o âmbar.

A escolha dos objetos que figuram na exposição foi feita nos museus nacionais, e nas coleções particulares, liberalmente franqueadas ao Sr. Ardenne de Tizac — o organizador —, cavalheiro, ao que parece, de tanta ciência como discernimento, e que conseguiu reunir a maior quantidade de objetos talhados naquelas matérias preciosas que certamente até hoje se juntaram em um só recinto. São todos obra chinesa, de incomparável brilho e magnificência, que maravilham, encandeiam, e embasacam o visitante mais treinado e batido nas surpresas da arte oriental. E conquanto nenhum daqueles objetos monte além de palmo e meio, é ali que a expressão «colossal» mais nos obceca, não sem que se repasse de certo sabor irónico; «colossal», porque é a ampliação do microscópico, do que devia ser pequenino, e quedar-se nas proporções mínimas, sob pena de parecer pretensioso e enfático. De facto, àqueles blocos de jade em todos os tons, desde a cor do luar até ao cintilante esmeraldino; de profundíssimo roxo, nas ametistas; de róseo sorvete, nas turmalinas; de éter puro e gelado, no cristal de rocha, tão transparente por vezes que se diria modelado em água límpida; não lhes convinha outro destino que não fosse das pedras de anéis ao máximo de uma garrafinha para simonte... E as vezes que de lá saí, foi sempre atormentado, com o pesar de os não poder reduzir a proporções tais, que coubesse num único armário tudo quanto ali se incha e pavoneia, em vitrines imensas, atulhando umas poucas de salas...

Deve tê-lo surpreendido o meu silêncio, no que respeita a remessa de fato, que o meu amigo se ofereceu para fazer, calculando com razão quanto dele necessitarei, para renovar o meu coçado guarda-roupa ambulante. Mas a falta é toda no vestuário de verão, e como já perdi toda a esperança que haja este ano, nestas paragens, verão ou coisa parecida, resolvi não o incomodar por esse motivo, a não ser que me veja obrigado a pedir-lhe a peiça, e outros abafos árticos e antárticos, para me aquecer durante o fantástico estio em que entramos. Com efeito, se o mês de junho foi péssimo, o de julho ainda parece querer levar-lhe vantagem, pois começou com um dia inteiro de chuva diluviana, frio intenso, e até alguma neve, da que se desfaz antes de cair em terra — mas que sempre é neve —, e tem seguido quase no mesmo teor. Apesar da minha predileção pelos tempos frescos, chuvosos, e ventosos, que suprimem as infames poeiras, e trazem o céu em perpétuo movimento, e são tão propícios aos longos



passeios a pé, alguns dias me tenho enchido de raiva concentrada e impotente, com as molhas que apanho, de ficar sem um fio enxuto no corpo. Mas logo o septuagenário se entesa, vaidoso de arcar, ainda impunemente, com tais riscos e perigos, acrescentando a satisfação de pensar que isso sucede, enquanto tanta gente, e em países tão diversos, se anda torrificando aos ardores do sol. Realmente foi providencial a demora do Columbano, que decerto não resistia a semelhantes intempéries, se a elas se expusesse, ou então morria de aborrecimento, engaiolado nalgum miserável quarto de hotel.

Seu amigo dedicado e gratíssimo.

CARTA AO DR. F. MIRA

(O conto do china e da formiga-branca)

Argel, 24 de julho de 1928

Meu caro Amigo:

No postal que lhe enviei, logo à receção do seu livro *Crónicas Científicas*, não havia espaço bastante para o louvar dignamente. Mas a intenção lá estava, bem expressa, de lhe dizer quanto me agradara a sua leitura, e o grande proveito que dela ia tirando. A amenidade nunca foi inimiga da ciência, e por via de regra são as doutrinas empacotadas em férreas e impenetráveis armaduras que menos resistem à ação do tempo e da crítica. Mas que habilidade não é precisa para limpar a sabedoria das manchas do pedantismo! Essa maneira, sua, de disseminar conhecimentos úteis, sem fastio para o leitor, exige uma arte de exposição que é já dos domínios da boa literatura, e joga magistralmente com as galas e as dificuldades da linguagem, onde, afinal, reside todo o saber humano... Muitos e muito sinceros parabéns.

Eu ainda não desisti de lhe contar a história, ou aventura, do china e da formiga-branca, à qual várias vezes tenho aludido, e que assuntos de interesse mais palpitante me levaram a adiar. Mas não será já um pouco tarde para falar de semelhantes insetos? O china mantém-se em «permanente atualidade», porém a formiga!...

Com o aparecimento dos livros do poeta Maeterlinck, *A Vida das Têrmitas*, e do professor Bouvier sobre o *Comunismo dos Insetos*, ou, melhor,

sobre os «insetos comunistas», revivesceu na imprensa mundial a lembrança da obra-prima do primeiro, *A Vida das Abelhas*, e de todos os trabalhos entomológicos, de estudo, e também de conjectura e imaginação que se conhecem, onde o Padre Fabre, o grande homem dos insetos, estabeleceu um reino cujo cetro ainda ninguém, até agora, conseguiu disputar-lhe com vantagem. De todo este movimento resultou um formidável e justificado entusiasmo pelas formigas-brancas, cuja indústria supera a do mais hábil operário humano, assim na organização material como política das suas portentosas aglomerações sociais. Ao entusiasmo admirador, juntou-se certo sentimento de respeito, logo que se apurou terem as térmitas começado a desenvolver-se no orbe terrestre cem milhões de anos, pouco mais ou menos, antes da espécie humana; e o que sobremaneira acirrou a curiosidade — para não dizer inveja — dos sábios e dos simples amadores foi a limpeza como aqueles engenhosíssimos ápteros cultivam os cogumelos. Porém a aura da formiga declinou, empanou-se.

Longe de mim, caro amigo, qualquer veleidade de forragear no terreno das suas crônicas; estas bagatelas acodem-me de outiva ao bico da pena, sem que eu lhes ligue grande sentido. Conhece a minha universal insciência, a qual, sem vergonha alguma, e de plano, eu sou o primeiro a confessar; e isso não vai até sem uma pontinha de vaidade, quando penso que essa crassa ignorância fez de mim o mais conforme, o mais adequado, o mais digno... Basta porém de panegírico.

Voltemos à formiga, e lancemos à conta do passageiro esquecimento em que ela caiu o desejo de encurtar quanto possível esta narrativa, para satisfação e contento do meu único leitor provável... Nela verá, no entanto, o meu amigo confirmada, mais uma vez, a sentença que diz: «nem sempre a verdade é verosímil».

Estava eu em Pisa, há dois anos, quando essa pequena e tranquila cidade foi visitada por uma numerosa delegação dos chinas, vendedores ambulantes de pérolas falsas, que enxameiam hoje pelas cinco partidas do mundo, e de que Lisboa teve, se não me engano, as primícias na Europa. Eu ocupava, no primeiro andar do *Hotel Nettuno*, o quarto de esquina, com uma janela sobre o Arno, e outra que abria para a rua lateral, onde habitualmente se encontravam, para conversar e descansar, durante as horas de mais calor, dois daqueles industriosos amarelos. Coincidia essa estação com a minha sesta, e a sua vozeada, que eu ouvia distintamente, em fio de palavras de igual calibre, em nada perturbava o meu sono, antes

parecia dar-lhe cadência e seguimento. Duma vez, porém, a minha modorra foi cortada por uma expressão, em tom mais alto e que eu atribuí à ilusão do sonho. Uma das vozes figurou-se-me que dissera: «Ai o filho da...!» Fiquei-me a rir da asneira, mas poucos minutos haviam decorrido, quando a mesma voz, muito claramente e por duas vezes, repetiu a portuguesíssima frase.

Com o sobressalto que decerto supõe, corri à janela, e ainda vi um dos chinês, batendo palmadas na coxa, a sublinhar a desafogada exclamação. Em menos de um minuto já eu estava com ele, na rua, a perguntar-lhe se também era lusíada. De relance, no baralhar de ideias que se segue ao brusco despertar, eu julgara até reconhecer no chinês um tal Bonfilho Maria Diniz, macaísta e meu condiscípulo de Coimbra — há sessenta anos! Mas não era nem Bonfilho, nem lusíada, nem macaísta; era um chinês dos quatro costados, obrigado durante o Império, por questões políticas, a emigrar, e nessa condição vivera alguns anos em Macau, onde aprendera a nossa linguagem, que arranhava com singular fantasia. Chamava-se Tchín-Li-Kô, e logo aos seus primeiros dizeres se lhe reconhecia ilustração e experiência.

Travámos relações; estreitámos o trato, e Tchín-Li-Kô não duvidou contar-me a sua vida material e espiritual. Na fase próspera desempenhara as funções de superior de um grande convento, nos confins da Mongólia, que, pelas dimensões e importância, devia ser outro mosteiro de Alcobaça. Dissertava com abundância e autoridade em assuntos teológicos e tinha a moral cristã em pouquíssima conta. Assim, um dia, saiu-se-me com esta: considerara sempre como incentivo à prática do pecado o versículo, ou sentença, do evangelho do Bom Pastor, que diz: «Mais festas há no céu por uma ovelha achada, do que por noventa e nove que nunca se extraviaram.» Isto deixou-me boquiaberto, mas o que ele ajuntou, a respeito das confissões em vigor no Celeste Império, não conseguiu demonstrar-lhes cabalmente a superioridade sobre a nossa.

Não sei se o meu amigo é versado na história das religiões. É matéria que — naturalmente — a minha ignorância abrange, mas entrevejo-a mais confusa ainda do que a dos insetos. Basta reparar no que sucede aos quatro evangelistas, que, afinal, datam do outro dia, na quase eternidade da vida animal. Marcos, Mateus, Lucas e João andam numa contradança, por pouco que os exegetas lhes toquem. Uns comem os outros: somem-se, substituem-se, invertem-se, até ficarem reduzidos a puros mitos, sobre os

quais, então, se disqueteia livremente. E o pobre do Nosso Senhor Jesus Cristo, que aparece agora capitão de ladrões, a cuja quadrilha pertenciam seis dos seus irmãos (depois transformados em apóstolos), todos filhos de Santa Maria Madalena? Já o meu amigo viu semelhante pouca-vergonha? (Recomendo-lhe a leitura dos quinze volumes — inéditos, mas acessíveis — do malogrado Arthur Heulhard, onde este caso se põe em pratos limpos.) Pois tudo isto é nada em comparação do que se passa com outras religiões orientais. O grande labirinto que é o conflito entre budistas e discípulos de Confúcio. Ah!, gostava que ouvisse o meu china, a esse respeito! Mas Tchín-Li-Kô, embora alheio — como chinês que era, de raça pura (ou, melhor, de raça apurada, visto como — isto aqui para nós, pois disse-mo, muito à puridade, um amigo meu que deposita em mim extrema confiança —, visto como tudo induz a supor que os amarelos pertencem ao tipo negroide, e não constituem família à parte) —, embora alheio a transcendências, e condensando toda a filosofia no restritíssimo capítulo da moral prática, um dia enjoou a teologia, e entregou-se com paixão ao estudo dos usos e costumes da formiga-branca, de cujas investidas o seu convento parecia ameaçado.

Foi quando ele mais aceso andava nas suas investigações entomológicas, julgando-se em vésperas de resolver o problema da formiga-branca, pela oposição ou aplicação de um micróbio especial, muito guloso daquele inseto, que descobrira e cultivara (aqui sente-se a potência da inventiva chinesa), foi nessa fase de febre científica e humanitária que a política o forçou a abandonar a pátria, refugiando-se em Macau, como atrás refiro. Ali logo se ligou de amizade com o arcepreste Miguel Arcanjo de Santa Rita, espírito liberal e universal, que, há de estar lembrado, foi dos primeiros sacerdotes que aceitaram a «Lei da Separação», correndo sem demora a Lisboa com um valente projeto de cisma, que o Afonso Costa teve o mau sestro de refugar.

Pouco depois rebentou — o termo é impróprio —, evaporou-se o Celeste Império, e Tchín-Li-Kô regressou a penates, não encontrando, porém, do seu vastíssimo e alteroso convento mais do que as paredes já meias esfareladas. A formiga-branca consumara a sua implacável obra de destruição! Perante esse espetáculo estarrecedor Tchín-Li-Kô invocou os seus deuses (e à cautela a todos os deuses do universo), e jurou que não descansaria até que a formiga-branca desaparecesse — ou ele próprio — da superfície da terra.

Passados meses veio-lhe dar às mãos, num embrulho com ópio, remetido de Macau, um periódico lisbonense e monárquico, no qual se faziam largas referências ao desenvolvimento que a formiga-branca tomara em Portugal, assumindo proporções de calamidade pública. Sem perder tempo escreveu ao Padre Santa Rita, pedindo informações sobre o assunto, e acrescentando que a ser verdade o que o jornal contava, ele liquidaria os restos dos seus haveres, que ainda montavam a alguns milhares de sapecas, e partiria para Portugal, decidido a oferecer tudo, fortuna e vida, em holocausto à ciência, para exterminação desses insetos, agora já seus pessoais e figadais inimigos.

A resposta do padre não se fez esperar, e era em termos tais que transportou o bom do china às oriundas regiões da Lua. Afirmava o arcepreste que o Governo da República, grande e engenhoso em tudo, tivera artes de conciliar as boas graças das térmitas, as quais, bem ao contrário daquilo que a oposição clamava, trabalhavam com afã, e às claras, para fortalecer o novo regime, e, conseqüentemente, para a regeneração e prosperidade da pátria. Insistia muito para que se desse pressa em juntar as sapecas e transportar-se a Lisboa, onde gozaria esse maravilhoso espetáculo, sem precedentes na História, e oferecia-lhe a casa com a mais ampla e generosa hospitalidade...

O resto do conto adivinha-o o meu amigo. Desembarcado em Lisboa, e bem seguro nas unhas do arcepreste, o china sujeitou-se, resignada e orientalmente, aos desígnios do seu destino. E com a incomparável cortesia chinesa, já depois de bem patente e confessado o logro, ainda Tchín-Li-Kô instava com o seu hóspede para que lhe revelasse os manejos e manhas da formiga-branca lusitana, a qual, mercê das vicissitudes políticas, quase se eclipsara.

Ao tempo tomara conta do poder um dragão (outras vezes o china chamava-lhe camaleão) de nome Si-Dó-Ni, que a perseguia por todas as formas e feitios, de modo que muita dela renegara já as suas crenças, e o próprio Miguel Arcanjo, formigão destemido, entoava louvores à pacífica abelha, e lambia o mel da polícia secreta.

Poucos meses se demorou Tchín-Li-Kô em Lisboa; tantos quantos foram precisos para que o arcepreste lhe exaurisse as sapecas, expulsando-o sem piedade do seu domicílio, logo que elas se acabaram. A dar crédito ao china o Padre Miguel Arcanjo de Santa Rita exercera nele, a pleno, a famosa hospitalidade escocesa, roubando-o, espancando-o, e... marcando-o

com indelével recordação no mesmíssimo sítio onde o dedo da providência afrouxou o Ginestal.

.....  
Sempre saudoso daquelas intermináveis e inocentes cavaqueiras, dos tempos áureos da nossa infância política, e esperançado em poder renová-las, ainda que seja de aqui a alguns lustros, desejo-lhe, e a todos os seus, muita saúde, com felicidades de toda a sorte, e peça-lhe que mande em tudo no seu sincero admirador e devotado amigo.

## PARA UM POETA PAGÃO

(Paralelo sacrílego)

Bône, 27 de outubro de 1928

Talvez o surpreenda saber que, na minha mocidade, em fase de autêntico anarquismo, insubordinado contra toda a espécie de autoridade, e particularmente a paterna, me entreguei com avidez à leitura dos filósofos, e por eles entrei ao convívio de alguns teólogos. O João de Deus, com quem me dava então muito (eu não ia a casa de mais ninguém) e que, apesar da enormíssima diferença de idade, me dispensava tratamento de camarada, discutindo comigo a interpretação das minhas leituras, o João de Deus tinha um grande fraco pela teologia, e animava-me a que prosseguisse no seu estudo. Foi assim que a figura colossal de Santo Agostinho, a pedra basilar da Igreja, o criador e cimentador do Dogma, se me tornou familiar, e quando eu vim agora para Bône, a sua lembrança ressurgiu com tal vigor, que decidi ir à própria Hipona, teatro das suas façanhas, e entre as ruínas ou vestígios que dela restam, escrever uma «meditação» sobre o tremendo autor das *Confissões*.

De Bône a Hipona é um curto passeio: pouco mais de meia légua; os vestígios da antiga «Hippo Regius», absolutamente nulos; e para perpetuar a memória do formidável e implacável condestabre do catolicismo, levantaram-lhe uma estátua em tudo indigna dele, e consagraram-lhe uma dessas mediocres basílicas, de cuja composição e ornamentação os franceses possuem atualmente o triste segredo. De sorte que a atmosfera quase



depravada de Bône estende-se a Hipona, onde nada concorre para realçar, e evocar nas suas potentíssimas linhas, o primeiro entre os doutores da Igreja. Antes parece, ao contraste dos ridículos monumentos modernos que o celebram e os restos quase pulverizados da cidade romana, que à sua sombra prevalece a glória de destruir o que é belo e são.

Muitas ruínas dos monumentos da Antiguidade se atribuem aos vândalos (que afinal nenhuma utilidade tiravam de trabalhos tais, amiúdo bem difíceis e longos), quando se sabe que o principal demolidor das obras de arte pagã foi o cristianismo. Destroçar os templos da gentildade era por assim dizer a missão principal dos bispos nas primitivas dioceses africanas, e se para isso tinham tempo e poder não lhes deixavam pedra sobre pedra, começando por mutilar as estátuas, que tanto mais abominavam quanto mais belas eram.

Que responsabilidade caberia a Santo Agostinho na devastação da estatuária dos monumentos romanos em «Hippo Regius» foi o problema que me sugeriu a primeira visita que ali fiz, e me açambarcou de modo a varrer da imaginação quaisquer outros traços da sua fisionomia intelectual ou moral... Assim se dissipou a veleidade de realizar a «meditação» projetada...

Mas a intensa febre de libertinagem, de lascívia, que ressuma da vida em Bône, e a minha disposição para forragear nos jardins do hagiológico puseram Santa Teresa no lugar de Santo Agostinho, com grande aprazimento meu, que sempre lhe votei devoção especial. E todas estas semanas a tenho trazido no pensamento, com redobrado carinho e ternura. Se me não faltar a vida, ainda hei de fazer um dia o paralelo entre Santa Teresa de Jesus e o patético Marquês de Sade. Mas onde irei eu, pobre de mim, buscar génio para acudir às penetrantes e profundas análises que ele requer?! A alma do grande Marquês sempre se me afigurou um infernal pocilgo fechado em açucenas e coberto de violetas. A alma de Santa Teresa...

Se há coisa que me desgoste é não conseguir vencer certas incompatibilidades políticas com a Itália de hoje, para ir a Roma contemplar de novo, e do alto deste Himalaia de sensualidade que é o meu passado, a Santa Teresa de Jesus que o Bernini esculpiu e está na igreja de «Santa Maria della Vittoria». Com certeza o meu amigo a conhece, quando mais não seja das fotografias ou gravuras. O emissário do céu, sob a forma de um delicioso efebo, aparece à santa, que ao vê-lo perde as forças, e cai prostrada,

os olhos meio cerrados, o corpo todo desamparado. O anjo robusto e sorridente aponta-lhe a seta simbólica do amor divino: ela vai bem direita ao alvo; a santa sente-a já penetrar-lhe a carne, que, num momento, se perfuma de nardo e incenso nas pregas do hábito surrado. Dir-se-ia que os membros todos lhe estremeçam de infinito gozo... A alma de Santa Teresa! Oh misteriosa e recôndita flor de coral vermelho, que por si só seca e humedece!...

O amor místico e o amor sensual. Onde está a diferença? Tomando a forma humana, o deus adorado pode encarnar por milagre, e dar satisfação completa aos mais ardentes apetites do amor místico. Não seria essa a principal visão de Santa Teresa? No amor místico a imaginação procura dar realidade ao objeto amado e ausente, moldando-o em formas humanas. O coração aduz razões que lhe são próprias, e das quais o juízo e a inteligência nem sequer suspeitam — dizia o Racine. Não serão essas as razões que o desejo move? É sobretudo no campo da sensualidade que a matéria zomba do «eu», e ao menor sopro do desejo se evaporam os escrúpulos da consciência. O que foram as batalhas de Santa Teresa com os seus sentidos? Bastariam para a apaziguar os desvarios da «materialização» mística? Cuido que sim. Mas o amor místico aguenta-se indefinidamente e exercita-se em todas as idades; ao passo que o amor sensual é tão limitado! Dessa restrição, ou por essa restrição, padecia horrorosamente o Marquês de Sade, e daí as suas aberrações, que não podiam ser solitárias e inofensivas como as da santa. Ah!, quando se desfazem os enfeites que o desejo põe na criatura requestada; quando a saciedade e o fastio destroem o encanto que a imaginação, aguçada pela luxúria, inventou; quando a realidade bate as suas frias e duras marteladas, e as feições geladas, sem movimento nem expressão, caem na caricatura horrível quando se acorda do sonho dos sentidos... Afinal, se o sofrimento santifica, o verdadeiro santo foi o Marquês de Sade, e não a mística amante, que andou sempre de papinho cheio, e nunca soube o que era fastio nem saciedade...

E aqui está como em vez de me entregar a austeras meditações, sobre a áspera figura de Santo Agostinho, eu levo o tempo a discorrer acerca do amor, seja qual for a forma que ele revista. E tudo me parece bem! Eu não sou daqueles que mofam da nobre e antiga empresa, em que os verdadeiros poetas sempre se empenharam, de transformar a operação sexual, ou melhor, de a ornar e explicar por um jogo da paixão, do sentimento,

do ideal... Mas rio quando eles pretendem lecionar a mocidade, com os resultados da sua experiência, precavendo-a contra os desastres que o amor lhes ocasionou. Em matéria de amor só se aprende nas próprias experiências, e quando alguma coisa se sabe já não é tempo para amar de novo. O amor não dá lições proveitosas; dá recordações, penas, saudades, cuja amargura ou cuja delícia aumenta ou diminui, com a certeza de que o mesmo caso nunca se repete. E a indecência do ato sexual desaparece, com efeito, no tumulto da paixão, do sentimento, do ideal que o envolveu na fase amorosa... ou redobra quando se consuma por obrigação, diariamente, no ritual da religião doméstica, tal como o padre mercenário e cínico celebra a missa de alva...

Haverá perdão no céu para orações como esta? Não pelo sacrilégio, nem pelo irreverente, mas pelo desligado, pelo desconexo, pelo apressado, em assunto de tanta magnitude. Para me consolar repito com o bom Bernardim Ribeiro:

*Desejo perdido ser,  
mas tão perdido nasci,  
que me não posso perder.*

## CARTA A VIANA DE CARVALHO

(Rei morto, rei posto)

Tunes, 19 de fevereiro de 1929

Meu caro Amigo:

As minhas últimas cartas foram de 4 e 13 do corrente, não tendo a acusar-lhe, e agradecer, senão a sua presada de 5. É provável que outra, ou outras, venham já a caminho, mas a Europa gelada e o Mediterrâneo enfurecido conjugaram-se para baralhar os serviços postais de que depende esta região, onde também o tempo continua execrável, ignóbil, infame.

Incluo uma nova missiva para o João de Barros, e ousou suplicar-lhe que a copie antes da entrega. Não julgue, porém, que me não pungem remorsos por tão continuado abuso; eu até o vejo em pesadelos, coberto de suores, desfalecido, conseguindo a muito custo executar no teclado da máquina as minhas sonatas epistolares. Mas o egoísmo vence todos os escrúpulos. Que seria de mim se fosse obrigado a fazer todas essas cópias à unha? Eu sou como toda a gente. Os tempos correm assim despidados, não causando admiração que totalmente falte quem se abnegue a si mesmo, e pegue na própria cruz. Cada qual no que pensa é em atirar com a sua cruz para os ombros do próximo!... Perdoe-me.

Como terá visto pelos jornais, que sem dúvida aí deram a respetiva notícia (a não ser que se perdesse no caminho), o meu antigo colega, Sua

Alteza Sidi Mohamed Habib Bey, após curto reinado, estendeu-se para todo o sempre, na segunda-feira de entrudo.

Era um simpático velhote, pouco mais ou menos da minha idade, e com os meus achaques, mas forçosamente exacerbados pela assistência de um numeroso serralho de esposas e concubinas. O último consórcio de S.A. é de data muito recente, e realizou-se com uma donzela de doze anos; a aquisição da derradeira comborça ter-se-ia porventura efetuado na véspera de S.A. comparecer perante o indulgente tribunal de Alá, onde o julgamento foi certamente rápido e favorável, dadas as virtudes que exornavam o venerável ancião. Sua Alteza a esta hora já se encontra fruindo as delícias da bem-aventurança muçulmana, na plena posse de um serralho celestial, mais abundante e escolhido que o terrestre, e de que usará *per omnia saecula saeculorum* (*pourvu que ça dure*), sem inflamações da próstata, e as varizes e apertos que lhe infestam os contornos, além dos outros empecilhos, que tanto nos amarguram neste vale de lágrimas, onde, no entanto — louvado seja Deus —, teimamos em continuar penando.

Segundo os usos e costumes deste abençoado país, apenas S.A. esticou o pernil, procedeu-se ao destronamento oficial da decana das suas viúvas, que levava a designação de *beya*, a qual, na companhia de todo o pessoal himenêutico, da mão direita e da esquerda, foi posta no olho da rua, para dar lugar ao pessoal idêntico do novo soberano, que, igualmente avançado em anos (sessenta e sete, conta), o desfruta copioso e variado.

Conforme o regime atual, a sucessão ao trono recai no príncipe mais idoso da família reinante, de modo que o ungido do Senhor vem sempre carregado de anos e de fêmeas. Morto Sidi Mohamed el Habib, foi logo proclamado *bey* seu primo Sidi Ahmed Pachá (que era «*bey* de campo» ou herdeiro presuntivo do trono). À semelhança do seu antecessor (poeta delicado, hábil pintor, e músico engenhoso — o que isto me lembra os nossos acrisolados reis Pedro, Luís, Carlos e Manuel!) — ele é também, dizem, um personagem afável e culto, que, sob a inteligente e ativa tutela da democrática França, muito concorrerá para alimentar a felicidade do seu povo. E para que não possa, de modo algum, haver interrupção nesta obrigada sequência de venturas, foi já designado o seu sucessor, na pessoa igualmente venerável de Sidi Mahmoud el Hadel Pachá, não menos ancião do que os precedentes, mas levando-lhes vantagem na fartura e qualidade das consortes e mancebas, de cuja coleção se referem maravilhas.

Ou porque os *beys* morram com frequência, ou por qualquer outro motivo, o desaparecimento do último soberano não provocou grandes manifestações de pesar, além das bandeiras a meio pau, tanto beylicais, como francesas, e das várias nacionalidades com representantes acreditados nesta corte. Distinguiu-se, naturalmente, a bandeira italiana, que, para bem patentear o seu pêsame (inconsolável por ver a Tunísia em mãos alheias), estava ainda um pouco abaixo de meio pau, digamos a um terço do pau, e tinha no terço superior um imenso laço de crepe, como que a suster-lhe o irresistível pendor.

Deu-se o trânsito fatal de S.A. Sidi Mohamed el Habib Bey, ao terceiro dia do Ramadão, que este ano coincidiu (ó acaso escarninho!) com o entrudo dos cristãos. Como sabe, o Ramadão é a quaresma muçulmana, mas que dura somente pelo espaço de uma lua, e no seu decurso os árabes abstêm-se, do nascer ao pôr do sol, de comer, beber, fumar, etc., desforrando-se durante a noite numa borga desenfreada, que só termina ao amanhecer. Apenas o tiro de peça ritual anuncia a suspensão do jejum, precipitam-se na bambochata, e não é espetáculo indigno de um artista, e até de um moralista, o que eles oferecem nas ruas, praças, e cafés mais frequentados, enquanto segue a folia.

Em Tunes, o grande centro da concorrência indígena, a Praça de Hal-faouine (fotografia inclusa) constitui uma das principais atrações do turismo, em tempos ordinários. Com o Ramadão, ele torna-se talvez único em todo o mundo muçulmano, graças à variedade de diversões que lá se encontram, e a enormíssima e alegre multidão que se acotovela na rua, e peja os inúmeros e vastos cafés.

Para ali encaminhei meus passos, a fim de avaliar até que ponto lavrava a consternação entre os súbditos da falecida alteza. Durante o dia essa observação era impraticável, porque o aspeto do moiro, esfaimado e sequioso, é sempre fúnebre nas horas de jejum, que seja vivo ou morto o seu chefe supremo. Com pasmo, e até certo ponto, despeito pessoal, tratando-se do luto de um respeitável colega, verifiquei que nunca a multidão ali fora mais densa, nem mais folgazã.

E não se compunha exclusivamente de populares; numerosos rostos representativos da parte seleta da sociedade tunisiana ali se apercebiam, escancarando as bocas em carcachadas indecentes, ou fazendo esgares de júbilo trocista, que bastante me escandalizaram. Não quero jurar, mas até me pareceu reconhecer um dos mais altos dignitários da corte, S.E. o

ministro da Pena (de pato), num grupo de estúrdios que, numa vulgar barraca de feira, atiravam aos cachimbinhos de gesso. Em suma, para apreciar até onde chegava semelhante pouca-vergonha, fui entrando em todos os lugares de divertimento, e com as danças lascivas das almeias, as palhaçadas dos fantoches, e as façanhas eróticas do desbragado Karakuz, por fim, esquecido do que devia ao meu falecido colega, e a mim mesmo, já eu ria e folgava como toda a gente. Quanto é vil a miserável condição humana!, exclamaria neste lance o nosso virtuoso e também já fenecido bispo de Trajanópolis.

Fazendo, porém, no conciliador conchego da cama, o exame de consciência que me é habitual, absolvi-me plenamente, considerando e estabelecendo como verdade incontroversa que durante o dia eu carpira o infausto passamento de Sua Alteza Sidi Mohamed el Habib Bey, e durante a noite festejara na Halfaouine o ditoso advento ao trono de Sua Alteza Sidi Ahmed Pachá Bey, que Alá festeje e conserve por muitos anos e bons. Amém!

Seu muito grato e dedicado.

## CARTA AO DR. HENRIQUE BASTOS

(Lembrando uma grande figura esquecida)

Tunes, 20 de fevereiro de 1929

Meu Ex.<sup>mo</sup> e bom Amigo:

Ainda cheguei a alimentar a esperança de o ver em Argel, no ano passado, conforme o nosso excelente V. de Carvalho me anunciara, se bem que me parecesse difícil, dada a cálida reputação africana, que V. Ex.<sup>a</sup>, demais viajando com a família, largasse em pleno verão as umbrosas paragens de Chambéry, para se lançar nos riscos de presumidas e inóspitas torreyras. Pois teria acertado, se porventura ali tivesse ido, porque o estio correu na Argélia com temperaturas muito inferiores às das mais famosas e frescas estâncias europeias. Não sucederia o mesmo se, seduzido pela fama de região temperada, procurasse na Tunísia as delícias de um inverno assoalhado e ameno. Aqui, este ano, nem sol, nem suavidade. Lembra-me seu sogro, entrando na escola, numa dessas ríspidas manhãs de nordeste, do dezembro alfacinha, a gritar: «Temperado; chamam a isto um país temperado; só se é porque deitam muitos temperos na comida...» Também em Tunes o abuso das especiarias nos alimentos é excessivo e constante; com isso se pode contar; porém, no que toca a temperatura a contingência é grande. Oxalá V. Ex.<sup>a</sup> encontre a que mais apeteecer, se alguma vez visitar estes lugares, como da sua amável carta de janeiro se infere que é ainda sua intenção.



À lembrança me acudiu seu sogro, o Dr. Manuel Bento de Sousa, que eu não conheci nem vi, mas de quem muito me falavam alguns amigos meus, que foram seus discípulos. De modo que, sem nunca o ter visto nem ouvido, até me figurei como era o seu aspeto físico, a sua arte de lecionar, e o seu espírito de conversador. Agora o estou representando (em dia de enxaqueca — o seu tormento), no teatro anatómico, dissertando ao lado do cadáver, sobre o qual fazia uma demonstração trabalhosa, a voz um pouco velada, a dicção corrente, sem paragens nem hesitações, e o bisturi suspenso na mão estendida, que assim podia levar tempos infinitos, sem que jamais se lhe apercebesse o menor tremor, ou sinal de cansaço. Era um atleta, especializado no jogo de pau, que além de enrijar os músculos, e dar flexibilidade a todos os membros, treina o cérebro para atender às investidas de um perigo ilimitadamente múltíplice.

No corpo docente, da direção do *gentleman* exceccionalmente culto, arguto, e chistoso, que foi o Dr. Tomaz de Carvalho, nesse grupo de mestres que levantaram a Escola Médica de Lisboa a alturas que provavelmente jamais serão ultrapassadas, aparece como figura primacial o Dr. Manuel Bento de Sousa. E no estudo do maior flagelo da humanidade, a sífilis, ele foi um precursor perspicacíssimo, atingindo desde logo «verdades definitivas», que muito concorreram para abrir caminho ao seu completo conhecimento, à sua terapêutica, e à correspondente profilaxia. A mim, porém, o que mais me interessa na sua obra é, naturalmente, a parte literária, e a leitura do seu livro *O Doutor Minerva* deixou-me impressões inolvidáveis. E não julgue o meu amigo que é um livro geralmente esquecido; nele se não fala, mas quantos escritores de nomeada sabem que ele existe, e lá vão sub-repticiamente buscar as penas com que depois se enfeitam. Inovador em tudo, trouxe à investigação histórica métodos inéditos, ou ainda desconhecidos entre nós, que acertam as perspetivas do passado, e humanizam os personagens, colocando-os na atmosfera que lhes é própria. A biografia desse homem, de tão raros dotes de inteligência e de coração (o carinho e o respeito com que ele tratou sempre a madrinha que o educara!), era para tentar mesmo a quem nutrisse grandes ambições de fama. Porque não instiga seu filho a que o faça?

Não sei se o Dr. Manuel Bento de Sousa teve continuadores em Portugal, a cultivar o campo que desbravara. É provável que não. Nós cegamos com a ambição e orgulho da originalidade, e detestamos concorrer para o desenvolvimento das descobertas que nos não pertencem pessoalmente.

Queremos brilhar sozinhos, como astros isolados, recusando-nos a entrar em constelações, quando mesmo aí tivéssemos a importância da «estrela do Norte». Tampouco sei se entre os sábios estrangeiros lhe veneram ou enaltecem o nome. É de presumir, porém, que lhe escamoteassem a glória em proveito alheio, por patriotismo, ou por qualquer outro motivo que não importa averiguar. O essencial, por fim, é que a ciência se expanda e progrida, ainda que não seja senão para assinalar os longínquos limites da nossa ignorância. O que se apura, por assim dizer dia a dia, a despeito da mais humilde e desprezada das glândulas, é maravilhoso. Veja o romance da próstata, a que eu, de resto, dedico especialíssima atenção, pelas razões que de sobejo conhece. Está já determinado que essa grande sonsa influi, com os seus caprichos, na gênese da senilidade precoce! Não remocei eu logo que ma meteram na ordem? E a minha senilidade, longe de ser precoce, aparecia na altura própria da idade.

Tudo isto, afinal, se deve a um outro precursor, esse então felizmente e universalmente celebrado: o Claude Bernard. A descoberta da função glicogénica do fígado desvendou horizontes novos e infinitos à investigação da atividade das vísceras humanas, a cada uma das quais se não atribuía mais do que um fim único e exclusivo. Pouco a pouco se foi verificando que elas exercem funções múltiplas, por estudos que levaram também ao exame importantíssimo da ação das glândulas de secreção interna, como a tireoide, o timo, a hipófise, e a disfarçada próstata de que ainda haverá imenso a contar. Nos desmandos da hipófise (ou da pineal, pois não recordo bem) já eu, há mais de vinte anos, assentei e publiquei uma comovente novela...

Na orientação marcada pelo Claude Bernard, fez-se recentemente outra descoberta que muito me satisfaz, pois veio confirmar cientificamente uma velha convicção minha, que por ser de natureza empírica nem por isso era menos tenaz e arreigada. Lembra-se do meu quase fanatismo pelos exercícios respiratórios. Até um dia o meu amigo me disse que eu com eles «domara o coração». De facto, desde muito novo o coração se me avariou, agravando-se depois com uma aorta córnea, maus rins de cirandar, e a próstata alcachofrada. Sem embargo, durante a minha longa vida sujeitei-me a todas as fadigas, pratiquei os mais violentos desportos, e fui-me aguentando, bem humorado sempre. Era a ginástica respiratória, feita com rigorosa regularidade, que me sustinha. E nas crises agudas de indigestão, em seguida às comezainas pantagruélicas tão nossas favoritas,

enquanto os meus companheiros corriam ou lutavam, no propósito de «esmoer», eu estendia-me ao comprido e respirava forte e fundo, não tardando muito que me não sentisse desimpedido e leve. Todos zombavam do caso, particularmente os médicos, para quem isto significava mero engano da imaginação.

No entanto eu seguia usando da minha receita digestiva, que nunca falhava. Agora o Sr. Binet, professor agregado da Escola Médica de Paris, demonstrou que os pulmões, longe de serem o órgão exclusivo da respiração, exerciam importantíssima ação nas gorduras, que circulam pelo organismo com o sangue, detendo-as e eliminando-as! Que preciosas perspectivas, conjeturo eu, tal descoberta não abre ao tratamento da albuminúria, e de todo esse cortejo de vagas e impertinentes enfermidades, que ainda hoje creio andam na rubrica de artritismo. Não é verdade?

Desculpe esta série de atrevidas foiçadas na sua própria seara (e na sua paciência), mas o facto é que eu cá vou remando, alegre e resistente, graças à ginástica respiratória, e pelo menos dou provas de altruísmo, não perdendo ocasião de fazer dela a propaganda que mais possa frutificar.

Mande sempre, e em tudo, neste seu criado admirador, e amigo dedicado e gratíssimo.

## CARTA A ANTÓNIO PATRÍCIO

(Em tom de brincadeira)

Tunes, terça-feira de entrudo, 12 de março de 1929

Meu caro Amigo:

Sei que recebeu o meu recado, dizendo-lhe que fora, para mim, dia de crestar colmeias, quando li a sua carta de dezembro. Mel novo chupado no próprio favo. Era uma das melhores festas de casa da minha avó. Vinha uma grande terrina à mesa, cogulada de troços de favo doirado, e a minha gulodice logo se propunha (o que os olhos devoram!) sorver tudo de uma assentada, não poupando nem a cera. Punham-me no prato uma talhada imensa (que eu achava sempre pequenina) e a avozinha dizia-me: «Repara bem, filho, que o mel das abelhas de Nosso Senhor não se pode comer sem vontade. Comido com vontade não há gosto que o iguale, mas sobreposse dá dores que matam...» E por mais que eu sopeasse a gula e demorasse a refeição, logo me enfartava, deixando o bocado em meio. Ficava-me na boca um suave, mas impertinente, saibo a cera, que no Algarve rescende a rosmaninho...

Comparar-me ao Heine; prever na minha pena um outro *Reisebilder!* É que o António Patrício não calcula, nem sequer suspeita, o que foi para mim o Heine: a portentosa, a «única» revelação. Mais decisiva, empolgante e fecunda que os mármore gregos! Aos dezasseis anos o *Reisebilder* era o meu livro de cabeceira; era o livro que eu trazia sempre comigo; que ia

ler para o Penedo da Saudade; nos idílicos recessos do Choupal; junto ao lago, todo fechado em cedros seculares, da antiga cerca de Santa Cruz; entre as campas e os ciprestes do desolado e ventoso Pio... Onde é que não cabia a eternecida ironia do Heine?! E nos primeiros dias do mês, enquanto o dinheiro durava, levava-o a um solitário botequim de Quebra-Costas, quase ao Arco de Almedina, e saboreava-o com pastéis de Tentúgal e grogues de Schidam. (Repugna-me dizer *genebra*...) Mantinha-se ali dentro, fosse noite ou fosse dia, uma penumbra de crepúsculo, que mal encobria não sei que misteriosa inquietação latente. Misto de botequim e confeitaria, com quatro mesas de mármore de loisas tumulares, e ao fundo, um mostrador de botica, cheio de redomas, detrás do qual, decorativo e redundante como um estadista espanhol (diziam-no irmão de Castelar), o patrão espiava, com ansiedade, a porta de entrada, sem se perceber se à espera dos fregueses que nunca vinham, ou com receio da polícia. Mas preparava grogues divinos, que ateavam chamas iriadas nas páginas do *Reisebilder*!...

Tudo isto me acudiu, em tumulto, à memória, quando li a sua carta. Será possível, dizia eu, lambendo os lábios, que a minha prosa venha, jamais, a arder nos nervos da mocidade, com tão intensa e espiritual volúpia?... E que deliciosas variações sobre semelhante tema! Fazia-as no parque do Belvedere, num terraço de orgulhosas perspectivas (Cartago à vista!), cercado de pavões, que abriam ao sol o pomposo leque das suas caudas. Mas de repente (olhe que eu não invento, e não é esta a primeira vez na vida que tal me sucede), de repente, mesmo nas minhas costas, repenica um melro as suas poucas notas brincadas, com tão evidente intenção de troça, que tudo empalideceu; desfizeram-se os castelos no ar; os pavões fecharam as caudas; e quando eu buscava entre os lábios algum resquício do deleitoso mel, o que me soube foi a cera morta, sem mesmo rescender a rosmaninho. Estranho!, não é verdade? Nunca os melros cantam no inverno...

Mas nós trazemos, há tempo, uma curiosa conversa, acerca de plagiatos, e reminiscências literárias, que está ainda longe de se esgotar. Eu tenho para mim que hoje, na gente de talento, a reminiscência inconsciente é mais corrente do que o plagiato deliberado. Estamos longe do Stendhal, que traduziu a «vida do Haydn», escrita pelo Carpiní, e a publicou como original, sua; ou que tomou ao Schlichtegroll (com tão esquipático nome o que é que não merecia?) a «vida de Mozart» apenas com certo disfarce.

O caso de Abel Hermant e o mito de Orfeu é nada em comparação do que me aconteceu com uma novela, que nas suas passagens principais ampliava as seguintes notas:

«Na mão que lhes premia a acetinada frescura eu sentia, pouco a pouco, os seios dilatarem-se de desejo, endurecer de luxúria; e no silêncio da tarde os nossos olhos trocaram, cruzaram, como espadas ardentes, duas chamas de amor... O leito estava próximo, vasto, flácido, entreaberto no linho alvíssimo, onde dentro em pouco os nossos corpos se enlaçaram para o longo duelo de uma noite de prazer...»

«O sonho que restitui à vida, momentaneamente — deliciosamente — a criatura amada e perdida!... O seu corpo estende-se ao nosso lado, e sobre ele as nossas mãos, os nossos lábios recomeçam a divina peregrinação da luxúria... Vemos-lhe as feições; sentimo-las sob os dedos ávidos e trémulos. O seu olhar, a luz dos seus olhos, enche a alcova de um luar dulcíssimo; evoca a aurora; a frescura dos prados cobertos de orvalho; os crepúsculos enternecedores dos dias felizes... Mas foi um sonho apenas; uma ilusão da saudade e do desejo. O vento silva nas vidraças negras e as nossas mãos secas parecem apertar punhados de cinzas...»

Dias depois de acabar a novela (felizmente nunca a cheguei a polir) encontrei tudo isso, pouco mais ou menos, num poeta francês de pouca nomeada.

Tinha ainda a vantagem de ser em verso... Era para não fazer caso da coincidência, tratando-se de um poeta que ninguém lia; mas por isso mesmo rasguei o que escrevera; parecia-me que estava roubando um pobre. Não teria procedido assim se o poeta fosse de génio e de universal reputação. Seja como for; hoje, graças à imprensa diária, hebdomadária, etc., que se multiplica, e tudo inunda, com a rapidez que as fáceis comunicações permitem, repetem-se infinitamente as mesmas ideias, e quase as mesmas frases, formando uma atmosfera intelectual (?) onde todos nós respiramos. Há quem possua memória pronta e nítida de tudo quanto leu e ouviu, a ponto de refugar até o mínimo pormenor de invenção alheia? Mas em geral a «memória inconsciente» é que trabalha; essa não hesita na rapina, porque na sua inocência não têm escrúpulos de espécie alguma. Outros fazem-no conscientemente, sem recato, seguindo a tradição clássica, que advoga a constante imitação, aperfeiçoando. Seria o carácter helénico de uma obra de arte (o seu fito) a perfeição atingida pela imitação? E o carácter romântico residiria na constante aspiração à originalidade?

(Estou falando muito a sério.) Há quem pretenda beber nas duas fontes, e com extraordinário êxito. Os críticos ou comentadores do Annunzio (autor de quem, com vergonha o confesso, nada li) descobrem na sua obra milhares de reminiscências, ou plágios, afeiçoados pelo estilo até ao equilíbrio absoluto, até à realização impecável. Será verdade? Ou é o sentimento artístico, pessoal, que lhe imprime originalidade? Não; é sobretudo o estilo, que demanda tanta canseira, obstinação e trabalho. E, na sua melhor qualidade, estilo brilhante sem o querer parecer; tão bem limado, feito com tal propriedade de vocábulos, que ao leitor se afigura fácil e corrente. É o que hoje falta, principalmente, à nossa literatura indígena, que tem um ar tão pouco autónomo, onde soam, a cada passo, ecos de passagens conhecidíssimas, e estafadíssimas, e de princípio a fim (com tão raros interlúdios!) conserva um humilde ar de empréstimo. Não estanquemos, porém, o assunto, para ir deixando alguma coisa com que entreter e variar a futura correspondência. É este um tema tresdobradamente precioso, pois não mexe na política, nem melindra a religião, nem ofende a moral...

A sua digressão pelo proteísmo é linda e toda ela ondulante e esquiva como o «motivo» o pede. Também meteria nele o meu colherão, se me não andasse hoje a cabeça tão baralhada, de ínfimos e contemporâneos Proteus, cuja lembrança, bem a meu pesar, não posso agora rebater. Fica igualmente para outra vez, conquanto reconheça a imensa dificuldade de ajuntar coisa de jeito às suas penetrantes considerações. Em mim, porém, fala a experiência própria, que, em três quartos de século, me desvendou mitos sem conto.

É uma frase espantosa e percuciente a que cita: «Na multidão, esse deserto de homens.» Eu atribuo-a ao Villiers de l'Isle-Adam, embora saiba, de certeza certa, que foi o Maurice de Guérin quem a insculpiu nos anais da nossa miséria. Mas ninguém se deve fiar nas minhas citações, cuja legítima paternidade me é indiferente, sucedendo mesmo, amiúdo, atribuí-la, como no caso sujeito, a quem mais digno dela me parece. E até quando me acode ao bico da pena qualquer reflexão, que eu julgo acima das minhas próprias faculdades, logo a levo a crédito de algum pensador famoso, e isso sem a mínima intenção de mistificar ninguém...

Parabéns por ter encontrado refúgio espiritual (pois que lhe empreendeu o estudo a sério) nas sumptuosas e abundantes fraldas da Imperatriz Teodora, esse astro de órbita sem par. Que outra mulher, na História,

partindo tão de baixo, só pelas suas artes venceu já ter o mundo na mão? Foi tremenda; e se bem que a sua formosura andasse muito contestada até matava de amor. Eu meto-a — humanamente — no género de mulheres que, não sendo realmente bonitas, por muito que vivam nunca se fazem feias. (Que mixórdia eu aqui estou compondo!) E génio oportunista: na política e na voluptuosidade. «Conoscitore» (ou *conoscitrice?*) «dell'occasione», diria César Bórgia. Não me surpreenderei se um dia se averiguar que foi ela quem arquitetou a Basílica de Santa Sofia, mas tenho como certo que a ideia do «digesto» é sua, e se se a atribuiu a Justiniano foi em louvor da presteza com que ele digeriu a matéria córnea do matrimónio. Tal figura, no quadro rígido, hierático, ocelado de pedrarias da sua época, dá um contraste aliciador, mas onde um autêntico poeta como o António Patrício saberá colher flores imarcescíveis. Não há dúvida: é um refúgio a todos os respeitos invejável, seguro. Todavia temo que lhe não sobre tempo e descanso para o gozar e explorar...

Ainda muito e muito obrigado pela sua amável e capitosa carta, de tão subtil essência que me subiu à cabeça, e durante alguns dias me prendeu na mais doce embriaguez. E duraria ainda — e sempre — se não fosse a obrigação, que me cumpria, de defender o Heine do humilhante paralelo.

Do c.



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## CARTA A JOÃO DE BARROS

(A propósito de tudo e de nada)

Tunes, 5 de junho de 1929

Meu querido Amigo:

Para o aborrecimento e melancolia que aí lavram, não há remédio nem lenitivo possíveis. Foi e será sempre assim, por muito que a Fortuna e o Progresso nos favoreçam. Povo romântico (romantismo gorado) não precisou de ouvir o Goethe para procurar a felicidade na inquietação... invejosa. E roído de semelhante lepra, só abre os olhos para as croias e para os automóveis alheios, não encontrando gozo algum na posse do pouco ou muito que lhe pertence, e ainda menos na contemplação da natureza, que é o inesgotável tesouro comum, de que não sabe nem pode fruir. Quanto às almas de eleição, a cuja desamparada tristeza especialmente alude, na sua resposta ao inquérito Ameal, bem podiam procurar conforto no espírito clássico (como quem se acolhe a um sanatório), cujo carácter essencial reside no equilíbrio, *lucidus ordo*, tão propício às composições artísticas, como à paz interior. O olímpico Goethe e o conchudo Chateaubriand exploraram infinitamente (a vida inteira) e literariamente alguns momentos de inquietação e melancolia que tiveram na mocidade. «Faz da tua dor um poema», é a divisa desses dois adoráveis, ilustres e solertes cabotinos, que assim embaíam o público, quando praticamente eles próprios se encostavam à sólida quietação dos estabelecimentos bancários,

dos privilégios sociais, e das distinções nobiliárias. Há uma inquietação real, perpétua, e torturante, a do Miguel Ângelo, que desfecha no lema trágico: «mil prazeres não valem um só tormento», mas essa não se imita, e propagada tornaria este mundo numa arena de réprobos e feras. Foi a peçonha do cristianismo que desequilibrou a humanidade redimida pelos gregos. Houve depois um momento de esperança, quando o sangue quente, exuberante da Renascença se transfundiu para os moldes quietos e perfeitos da Antiguidade clássica. Mas isso passou rápido, fugaz, como o reflexo de um relâmpago. Apesar de tudo, o que convém é repetir sempre e sempre, soltando bem alto esse grito fecundo e salutar: como é belo viver e ser forte! E na velhice experimentada e decente, o que se oferece aconselhar à mocidade como panaceia de equilíbrio intelectual e felicidade espiritual é que ponha na sua vida «sol e riso». Mas ponto neste leve acesso de rabugice...

Eu ando bastante livresco desde que me pus a dormir as sextas na biblioteca de Tunes. E ela em nada se parece com os cemitérios de vaidades e ilusões que são as grandes bibliotecas, onde descansam, na imperturbável paz do esquecimento, tantos milhares de obras que aos seus autores e amiúdo à gente do seu tempo pareciam garantir retumbante imortalidade. Compõe-se de uma coleção, numerosa sim mas escolhida e útil; e está instalada num antigo e vasto palácio árabe (que, palácio como é, foi feito para prisão e para tal serviu durante alguns séculos) mesmo no coração do bairro dos bazares, à sombra da sua principal mesquita e cercado de lojas pitorescas. Naquele labirinto de vistosas ratoeiras mercantis, de tapetes multicolores, de refulgentes quinquilharias de arame, topa-se uma porta sem colgaduras nem ouropéis, abrindo para um grande pátio retangular, limpo de ornamentos e cercado de arcadas e colunas, que se repetem no pavimento superior. É uma gruta de fresquidão e de silêncio que se não desmente na sala de leitura, onde os únicos livros patentes estão nas mãos dos frequentadores, e estes quando se movem não fazem o mínimo ruído e andam nos bicos dos pés. A presença dos livros cobrindo as paredes irradia calor e mofo; ali, eles brilham pela sua ausência, aumentando assim em prestígio sem aquecer a casa. Procurei sítio adequado, de costas para a luz; compreí uns grandes óculos, e sobre um formidável e ilegível calhamaço durmo sextas regaladas. Mas sonho, e a proximidade de tantos outros livros, que eu pressinto nas salas vizinhas, e as atulham sob a fé de um catálogo já infundável, começa a impregnar-me

da soberba de saber. Que importa que eu não leia esses livros, se eles lá estão às minhas ordens com todo o seu cabedal de conhecimentos. É porventura menos rico o milionário que vive sem tocar no capital? Acedendo ao sofisma, desperto de cada sesta mais senhor de mim, mais ufano dos voos do meu pensamento. E não podendo ainda alcançar-me às alturas do Bento Espinosa, já olho, atrevido e quase de frente, os pináculos do nosso Bento Carqueja, tão uno na sua multiplicidade, como diria Platão. Mas aonde é que vamos com semelhante introito, exclamará o meu amigo. Tudo para até certo ponto vencer o pejo (sinto-me hoje tão donzel!) de lhe dizer que também me abalancei a tratar obra de tomo; a biografia da Novella Calderini, professora de filosofia (ou do que fosse), na Universidade de Bolonha (século xiv), e era tão linda que regia a cadeira com um espesso véu sobre o rosto, para que os discípulos pudessem seguir a lição sem se distraírem a contemplar-lhe as feições. Como seria doce ter mestra na qual a beleza física igualasse a beleza intelectual!... (Não há dúvida: tem mil razões o João de Barros, para celebrar a minha originalidade!)

A par com este monumento, todo em pórfiro e alabastro, vou-me entretendo também a escrever (moldar em estuque) alguns casos da minha vida que já contei de viva voz, ou que são para contar. Acodem-me, por vezes, tentações de tocar nos «outros», esses tão estranhos e raros que depus e fechei nos caixões dos protagonistas desaparecidos, mas logo estremeço de horror, como se me propusesse praticar a mais nefanda profanação. Imagine: andar pela calada da noite a correr cemitérios, a abrir covais, a violar tumbas, só para alimentar a curiosidade pública. Todavia reconheço que se perde a memória de algumas passagens magníficas. Falta-me, porém, o grande incentivo: de atear a própria fama. Não possuo, desgraçadamente, a alma elástica, insaciável, implacável (alma de cântaro?) do literato genuíno. (Entre já velho no «fado».) Ou será egoísmo puro para levar sempre comigo e só para mim esse molho de esplêndidas flores?...

Há muito tempo que me não fala dos seus: Como têm passado? E seu filho o que faz? Saudades e cumprimentos para todos. — Eu continuo ditoso, no vigor da velhice resignada e pronto, sempre, a desferir gorjeios de retórica fácil, como os que ilustram as páginas da presente...

Do c.

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## CARTA A MANUEL MENDES

(Explicações ociosas?)

Tunes, 6 de outubro de 1929

Meu caro Camarada:

No tão gentil artigo que publicou a meu respeito na *Seara* (e que sem demora agradei), repreende-me porque me disperso num epistolário, o qual a sua simpatia exageradamente classifica de «maravilhoso». O adjetivo bastaria para me absolver da dispersão, mas eu quero explicar-lhe porque foi que nela caí, cedendo de vez, e para fecho de vida literária, à grande inclinação que sempre senti para cultivar esse género cómodo e fácil. Na minha idade, após as aventuras políticas em que me gastei, e a que prestei mais atenção talvez do que devia, e me abriram um parêntesis de quinze anos sáfaros, estéreis, era impossível reatar o fio dos trabalhos começados ou projetados, tanto mais que eu saía de Portugal sem um livro, uma nota, um manuscrito, resolvido a não interromper o meu silêncio por motivo algum, e por muito que durasse a minha ausência. Mas não contava com a irresistível e corrosiva saudade da língua natal, que, na solidão da existência que escolhera, só achava lenitivo ou apaziguamento escrevendo. Escrever, porém, o quê? Onde procurar elementos e subsídios para um livro, que me trouxesse, dia a dia, hora a hora, preso aos encantos da minha língua no que ela tem de mais familiar e enternecido, sem me cansar ou enjoar, e substituísse ou provesse à falta de convívio e conversação?

Para vencer a dificuldade — e disfarçar a minha fraqueza —, acudiu-me que vai passando de moda a obra substanciosa e compacta, onde o autor punha anos de trabalho e uma documentação opulenta. O escritor, agora, reparte-se por todos os assuntos, mostrando que nenhum lhe é indiferente, e a todos pode valer com algum comentário interessante e elucidativo. Chama-se a isto «superjornalismo», designação ridícula, mas que traduz o génio literário amado dos enciclopedistas, em que foram mestres o Diderot e o Voltaire — modelos presentes, sempre. Pequenos «ensaios», a propósito de tudo e de nada, que podem reunir-se em volume, longe das alturas do Montaigne, mas de leitura atraente e até proveitosa. Depois de um largo período de especialização apertada, abriu-se a era da universalidade, que não é melhor nem pior, tudo dependendo do talento do escritor. Porque não tentaria eu esses leves exercícios aprazíveis, que demais me dariam a prova e a medida do valor das minhas reservas, visto como, privado de livros e apontamentos, era obrigado a alimentar-me exclusivamente delas, à semelhança dos animais que hibernam, subsistindo da própria banha? E para esse intento, que melhor género que o epistolar, assegurando-me um leitor certo, conhecido, e seguro, a par da máxima liberdade de expressão, pois nunca foi meu intento publicar essas cartas, pelo menos antes de morrer? Se algumas têm aparecido é porque para isso me forçaram um pouco a mão, e naturalmente escolhia-as entre as mais inocentes e anódinas. — Um leitor seguro, digo eu, e, acrescento, sempre estimado, o que dá à correspondência epistolar o calor peculiar de um diálogo sem fim, e o tom afetivo, ambos igualmente agradáveis a quem vive absolutamente só. E para fruir os tesouros da língua, para a galvanizar, uma riqueza de sentimentos reais, que faltam à obra de imaginação, drama, romance ou poema. Eu emprego um vocabulário muito restrito, mas faço-o adrede, porque a mais e mais me empenho em escrever singelo e chão. Isso, porém, não me impede de apreciar os termos raros e coloridos, que afluem com extraordinária abundância quando pensamos em escrever uma carta, cujo assunto nos apaixona. Há vocábulos que surgem, terríveis e eficientes como punhais ervedos; outros animam e consolam; outros têm a alegria quase hílare de certos aromas... Não os emprego, mas que satisfação não dá saber que eles lá ficam, esperando ordens, no nosso arsenal, ou entre as receitas dos bálsamos, ou na preciosa coleção de enfeites! — Esgotado este cabedal, que eu começo já a explorar sobreposse, e à custa de artifícios, ainda poderei, talvez, encontrar na

literatura atual processos para entrar por outros filões. De alguma coisa nos há de servir o exemplo do passado. Boa desculpa encontravam certos falsos românticos, para asneiar pela vida fora: não se queriam desmamar do leite da poesia. Acho preferível asneiar variando. Reabsorvida a própria enxúndia, entrevejo ainda a utilização do inconsciente. É o tesouro do literato que pretende ser genuinamente moderno: escutar o inconsciente e apanhar-lhe as «surpresas». Pode suceder, porém, que eu encontre o inconsciente ainda mais pobre e árido do que o consciente; mas tenho o molde de muita gente boa que, nesses casos, em vez de perder a cabeça põe-se a engendrar «surpresas» a frio. Ah!, a novidade (que tantos preferem à perfeição) é raríssima, e na linguagem poética ou literária, em mais de um século, revelou-se apenas uma única vez, em fórmula inédita, a das «correspondências» do Baudelaire, logo descambada também em retórica! Mas com retórica ou sem ela, a perspectiva é bastante risonha: tenho para me entreter, e sem precisar de recorrer a outro recurso de provado préstimo, embora doentio: a «inquietação». Existe, no entanto, uma inquietação saudável, que se não deve desprezar: aquela que provém da irrefutável tentação de defender sempre a proposição contrária...

Desse género de inquietação me sinto eu, hoje, particularmente atacado; e não podia vir menos a propósito, pois sem pretender levar-lhe lição alguma (o que, de resto, a nossa enormíssima diferença de idade desculparia e justificaria) desejava, ao menos, dar-lhe ideia de alguma certeza adquirida ao cabo da minha longa carreira. Mas justamente agora acode-me que o pessimismo nem sempre é destruidor e deprimente, sucedendo até que, «manejado» com a necessária ironia, ele serve de trampolim para os grandes saltos da esperança e da fé. A apologia do pessimismo? Isso nunca! Cantar o amor à vida, onde o pessimismo entra, como tudo quanto é bom ou mau. Amar a vida como fonte inexaurível de alegria e gozo, mau grado as suas tormentas e as suas desesperações. Pôr os olhos no estoicismo de certos mártires, que se contentaram em procurar na terra compensação aos seus atrocíssimos sofrimentos. Ter sempre na lembrança o exemplo espantoso de um S. Rémy de Gourmont, que, desfigurado pela lepra (ou por um lúpus, cancro ou o que fosse, que lhe roía as feições), não cessou jamais, até ao fim do fim, de celebrar serenamente o encanto de viver... E como norma de existência? Perscrutando sem cessar as maravilhas da natureza, não somente pelo que ela nos mostra logo no seu rosto, mas diligenciando entrar-lhe à intimidade, e penetrar-lhe no próprio



seio, misturando à sua perpétua fermentação o sangue da nossa vida, e como se nos tornássemos a figuração mitológica dos faunos, possuídos da nobre ambição de a realizar... *up-to-date*.

Seu camarada, admirador e amigo.

## CARTA A ANTÓNIO SÉRGIO

(Sobre o segundo volume dos seus *Ensaio*s)

Tunes, 5 abril de 1930

Meu caro Amigo:

Vinte dias depois de lhe ter escrito a minha última carta, recebi, de Lisboa, os *Ensaio*s; sem dúvida tinham-se esquecido de os mandar e foi por instâncias suas que mos enviaram; assim lhe devo duplicados agradecimentos. Depressa os li. Eu ponho hoje na leitura desse género de trabalhos o interesse que dispensava em rapaz aos romances de capa e espada. O jogo das ideias, dos conceitos, das hipóteses, movido por uma inteligência superior, apaixona-me como então as aventuras dos heróis mais destemidos e irrequietos. E o seu livro é tal, que dir-se-ia ser seu principal intuito declarado agitar tudo isso. É vedado ao leitor permanecer impassível; tem que aplaudir ou tem que reagir, mas obrigado sempre a buscar as razões por que o faz.

E logo na primeira parte me insurgi um pouco contra a sua apreciação da «Idade Média», que não foi tão encarvoada como geralmente a pintam, embora afirmasse tudo a coberto de alguma autoridade que amiúdo a não tinha. Esse afã de ter sempre uma autoridade à mão levou a gente escolástica a caluniar o pobre Aristóteles, atribuindo-lhe asneiras que nunca proferiu. (A reabilitação total deste génio formidável está por fazer!) Mas voltando à «Idade Média». Em Portugal foi a verdadeira idade

de oiro; pegou, porém, de tal modo, que o seu espírito alastrou por onde já só causava prejuízo, e permaneceu até nossos dias; desse fenomenal anacronismo resulta o tom beócio da nossa intelectualidade. Por isso me parecem ainda mais para louvar os escritores como o Padre Bernardes, de quem o Castilho dizia: «A linguagem que ele deixou pesa e vale o dobro da que ele achou.» E o mesmo José Agostinho, com todo o seu horror ao século de seiscentos, citando as *Florestas* corrobora: «A cada página se acham frases, se acham palavras não vistas nem sabidas pelos nossos mais laboriosos dicionaristas.» E este enriquecimento da língua em Bernardes não se originou na experiência e descoberta do mundo exterior, como sucedeu com o admirável Fernão Mendes Pinto, que a dotou com muitas centenas de neologismos, colhidos nas suas viagens, e que ficaram para sempre. Em Bernardes tudo floresceu da imaginação poética e com o sentimento cada vez mais fundo das belezas e recursos da nossa língua. E que importa que ele acreditasse nas historietas que contava? Mas acreditaria realmente? Talvez ele fosse como aquele cónego sevilhano, que apanhou um inglês a fumar dentro da catedral. «Mi nó creer en todas estas cosas», disse-lhe o inglês, apontando para os emblemas do culto divino. «Mi tampoco» — replicou o cónego — «pero aquí no fumo.» Eu reputo esses homens, que nos aformosearam e enriqueceram a língua, tão grandes como os maiores sábios seus contemporâneos, ou mais se atendermos à miséria em que andava o ensino, e à maneira apertada como a censura do Santo Ofício os tratava. Agrada-me encontrar na pena de um Castilho (outro humanista estreme) que a sede do saber e da virtude são uma só, e que os bons mestres são aqueles que reputam a ciência pelo primeiro dever do homem depois do da Moral. A par das «humanidades» literárias, que nenhum espírito levantado desejaria ver menosprezadas, esboça-se hoje a aspiração nobilíssima de criar as «humanidades» científicas, tão indispensáveis como as primeiras para o desenvolvimento e cultura intelectuais. Mas em Portugal a boa vontade dos humanistas de nada valia, à falta de organização e direção, na desordem de que a sua justiceira conferência sobre o «reino cadaveroso» nos dá o genuíno quadro. Ainda hoje os bons católicos acham que os estatutos pombalinos, por que se regia (e ainda rege?) a Universidade de Coimbra, constituem um desacato de modernização obnóxica, quando a autoridade do Sagrado Colégio em Roma assenta valentemente na «Magna Charta», o seu decreto orgânico, publicado no século XI pelo Papa Nicolau II.

Aplaudo plenamente a tudo quanto expõe no seu ensaio ou conferência, sobre o problema do latim. O assunto fica ali exaurido, chegando mesmo a causar pena que gastasse tanta cera com tão ruim defunto. E digo ruim porque morreu sem nos legar processo algum de apreciarmos o que foi em vivo. Na verdade, essa caturra obstinação de nos quererem ensinar as belezas da nossa língua, através de uma outra que se desconhece totalmente a prosódia (e portanto o ritmo e o número), não tem pés nem cabeça, dando em resultado que o latim vai caindo em desprezo, o que também é lamentável, tantas são as maravilhas de construção que ele possui, aproveitáveis ao homem de letras já feito. — O seu friso da vida política inglesa pareceu-me demasiado cor-de-rosa; e demasiado infernal, por seu turno, a síntese do espírito jacobino. Ambos, porém, são justificados com grande probidade, eloquência e arte. O segredo da Inglaterra, a meu ver, consiste em ter conseguido aperfeiçoar as suas instituições político-sociais de harmonia com a psicologia dos seus habitantes; e ao mesmo tempo, graças a uma organização judicial, severa e rápida, o ter mantido a observância e respeito às leis que dimanam das instituições. Mas o resultado final?... A cultura agrícola do país é atualmente nula, e o parasitismo mantido pelo Estado vai assumindo proporções nunca sonhadas. Está-se ali ainda muito longe de realizar o ideal ou a hipótese do Tarde: cada cidadão vivendo independente, com a respetiva família, numa risonha casita de campo, e meia dúzia de cavalheiros ocupando-se dos poucos negócios que ainda possam interessar, de um modo geral, à comunidade.

Quanto aos jacobinos só me compete referir àqueles que eu conheço: os portugueses. Terríveis enquanto os deixam vociferar; dóceis e humildes sob a ameaça do estadulho; e acomodaticios sempre. Antes eles se ilustrassem imitando esses «medonhos» modelos que aponta... — Vai-se a presente alongando muito mais do que fora intenção minha fazê-lo, e por isso lhe não falo no último capítulo do seu livro, «divagações pedagógicas», que se presta a vária controvérsia, na qual entraria irresistivelmente. Fica para quando nos encontrarmos, o que espero não tardará muito. Mas devo dizer-lhe que o não saboreei com menos gosto do que as outras partes, vibrando sempre à percussão dos seus argumentos, deliciando-me na clareza da sua exposição, admirando os infinitos recursos do seu engenho, e a riqueza da sua cultura; e aos agradecimentos pela cativante lembrança de me mandar o seu livro, devo juntar os da gratidão que me inspira o profundo prazer espiritual causado pela sua leitura.

Do c.

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## CARTA A ANTÓNIO PATRÍCIO

(Prólogo para um livro ainda sem título<sup>3</sup>)

Versalhes, setembro de 1930

Não sei se alguma vez lhe falei de um velho espanhol que morreu centenário na minha terra, e com o qual sempre me dei desde pequeno.

Era um manchego de estatura pouco mais de regular, admiravelmente proporcionado; musculoso, forte, e arrojado, qual viva imagem de Hércules; inteiramente calvo e conservando até morrer uma dentadura de jade, que partia amêndoas duras, e até pederneiras, se para isso o metessem em brios. Barbeado com tal cuidado e apuro que nunca se lhe via pungir o mínimo pelo; sem uma ruga no rosto mas com um formidável nariz abatado; os olhos faiscantes, cheios de espírito e de bondade; um grande chapéu braguês de borla na borda, que ele não tirava em caso nenhum; e no conjunto das feições lembrando os retratos do infante D. Henrique.

Com ele fiz a minha primeira excursão a Sagres, em pleno e rigoroso inverno, num grupo de gente moça e irrequieta.

Tio Juan (era como lhe chamavam), que ia então nos oitenta anos, montado no seu possante macho asneiro, logo se fez, com geral assentimento, capitão da quadrilha, não consentindo que ninguém lhe tomasse a dianteira, pelos maus e perigosos caminhos da região do cabo, por onde

---

<sup>3</sup> Devo observar ao leitor que, por motivos que não vêm para aqui, esse livro nunca foi acabado nem jamais o será.

nos levava, nem depois, a pé, pelos alcantis e despenhadeiros da costa, que explorámos miudamente... E muitas vezes, à sua voz de comando, aos seus gestos imperiosos, aos cuidados que nos dispensava, naquele descampado batido incessantemente das tempestades, ouvindo bramir o mar enfurecido, eu julgava ver nele uma heroica figura de outros tempos, conduzindo a salvamento o último troço de uma expedição infeliz.

O que ao certo se sabia da sua mocidade não era para louvar: aventureiro sem escrúpulos, feroz, sanguinário; implacável para os inimigos; cruel, frascário, jogador, borracho; tinha às costas pelo menos uma morte: do homem que lhe assassinara o pai.

Acolhera-se ao Algarve com o nome suposto, e ali, pouco a pouco, na convivência de uma gente sã e trabalhadora, originária da Catalunha, que negociava em cortiça e o empregara, se tornou em «cão de guarda», zelando pelos interesses dos patrões com uma solicitude sem par, mas honesto, generoso, justiceiro, arreganhando os dentes de fera para os ladrões e sorrindo com indizível doçura para as crianças.

Indulgente para todos os desgraçados, sem que o crime ou o vício lhe arrancassem gritos de indignação («Total: no pasa de un pobre infeliz!» — sentenciava), tudo lhe merecia piedade e perdão menos a nudez do corpo humano. A nudez completa nem ele a concebia. Diante da fotografia da *Vénus Calipígia* do «Portico dei Capolavori», ele, irado, dizia-me: «tire para lá essa porcaria». E de uma estrangeira elegante, que frequentara a Praia da Rocha durante o verão: «A velhaca não tem vergonha nenhuma; é pior que as mulheres da vida; ali mesmo, defronte de toda a gente, ao subir para o trem, arregaçava as saias e mostrava a barriga das pernas...»

— Eu nu... O senhor está doido!... — retorquia, sinceramente ofendido, ao próprio médico, porque lembrava que lhe fotografassem as costas, para ficar documento de tão poderosa e extraordinária musculatura, conservada rijá e intacta até aos noventa anos.

Será este o selo principal do cristianismo antiplástico, numa raça a que faltou o mais leve vislumbre de educação artística, porque os exemplos dos grandes museus que são as igrejas espanholas não aproveitam à gente rude, que a religião hipnotiza ou fanatiza, nem à gente culta, criada no horror do paganismo.

Na raça portuguesa ainda o selo marcou mais fundo, não se topando um grande mestre da língua, mesmo entre os descrentes ou ateus, propenso à compreensão da beleza plástica da nudez humana. Continua o nu a ser

a última expressão da obscenidade. O Camilo nunca prevê uma coxa sem pontinha de sadismo. O culto da forma nua é para ele uma variedade do fescenismo conspurcante, que denota os piores instintos. Foi homem que nunca admirou um corpo de mulher despida, e se alguma vez a amante tirou diante dele a camisa decerto que deitou a fugir.

Para aqueles a quem falta, na composição do sentido estético, a intuição da nudez pudica, não há conceção possível da carne sem lubricidade. Um efebo nu é sempre, no seu entender, espetáculo só apreciável a sodomitas. O corpo humano aparece-lhes compartilhado em zonas castas, impudicas e escandalosas. Com exceção do Camões (e até nisso ele é único) a nossa literatura clássica não possui um cantor da plástica humana; e nunca uma estátua grega transpôs as fronteiras lusitanas. Ainda recentemente as figuras nuas do frontão da câmara municipal escandalizaram os poetas que lhes dedicaram sátiras indignadas. O João de Deus foi um deles...

Comigo sucedeu, vá lá saber porquê, ter congénito o sentimento da beleza do corpo humano. Deleitava-me, em pequeno, ver as outras crianças nuas, e o exame do meu próprio corpo reproduzido no espelho, depois do banho, enchia-me de admiração e embevecida surpresa. Mais tarde a nudez integrava-me na harmonia cósmica. Esse orgulho de ser forte e moço, nas lutas com o mar revoltado, com que intensidade me não animava quando, erguido sobre um rochedo, na minha nudez de herói, eu me dispunha a novos combates, mergulhando outra vez no tumulto das ondas. Dentro de água, os membros soltos no líquido móvel e cristalino, pulsava-me o coração com tão seguro ritmo como se nele ecoasse a pulsação da vida universal...

Os gessos clássicos, na Academia de Lisboa, deram-me a compreensão da euritmia plástica. A convivência no Porto, com o Soares dos Reis, deixou-me entrever as possibilidades do realismo na escultura, e nas lições do seu ídolo, o Donatello, que ele me explicava, mostrava-me até onde a verdade crua pode ser aproveitada sem ofensa à estética. A vista do *Hypnos* do Museu do Prado foi um dos maiores acontecimentos da minha vida; ali se me patenteou então até onde chegava o poder humano para tirar do nada a beleza perfeita.

Entreí na galeria da escultura do Museu do Louvre, já sazornado para a convivência de todo esse mundo de formas nuas. Depois percorri a Itália, a Grécia, a Ásia Menor, o Norte de África; estudei as coleções da Alemanha



e da Inglaterra; ouvi o Rodin e vivi na intimidade do meu grande e inspirado amigo George Grey Barnard, o qual ainda hoje continua povoando a América de beleza plástica, em que pese à legião de ignaros puritanos, que durante anos tentaram destruir o seu *Pã* do Jardim de Boston; pelas esculturas da Renascença fui avivando ainda melhor os reflexos do génio grego, deliciosamente amaneirado nos franceses do século XVIII...

Representou-se-me no espírito por fim uma altíssima, prodigiosa montanha, toda povoada de corpos nus, ao cimo da qual, em dois cabeços resplandecentes, repousavam as figuras do Fídias e do Miguel Ângelo; estas infinitamente menos humanas, apesar de toda a sua dor, do que aquelas.

Com a minha indefetível memória visual, a que nunca fotografia alguma se pôde comparar, todo esse mundo de formas nuas me tomou conta da alma, e fácil me era evocá-las, na própria luz em que as vira, quando isso me aprazia. Mas dar-lhes vida, animá-las ao ponto de as ver moverem-se por si, andar, lutar, rir, chorar? Não o consegui nunca de vontade própria, por mais esforços que para isso fizesse. Tive, porém, a dita de assistir à ressurreição das principais dessas imagens; de as contemplar em carne e osso; de as ouvir imprecar e suplicar; de as ver estorcer-se nos tormentos da mais cruciante agonia...

Foi em Siracusa, durante a mais completa e assombrosa alucinação de que tenho notícia em indivíduo ainda não atacado de demência, e que me permitiu assistir ao milagroso espetáculo, sem perder a consciência de que estava acordado.

(Em determinados espíritos a alucinação nunca significou sintoma de loucura; para eles, *ver* é simplesmente *imaginar* com intensidade. Nesses espíritos as ideias tomam facilmente a representação ou existência objetiva.)

Vou-lha contar porque além da chama pagã que anima a sua alma, o António Patrício conhece todas essas esculturas, e esteve na Grécia, e esteve em Siracusa. Mas ainda mais: viu, no Museu de Constantinopla, o chamado sarcófago de Alexandre (tão digno de o ser realmente), cujas figurinhas coloridas concorreram, decerto, para facilitar a minha alucinação, durante a qual reconheci muitas delas, ampliadas nas proporções habituais ao corpo humano.

Já na minha última visita a Constantinopla, onde eu andava algo febril e de pauperado por uma dose de malária, apanhada nas ruínas de Éfeso,

uma ou outra dessas figurinhas me aparecera de fugida, e sempre nos cemitérios, que são o que ali há de mais helénico.

Os cemitérios de Constantinopla! Lembra-se? O bosque de ciprestes em Scutari, mostrando ao fundo das suas infinitas ruas a perspectiva risonha do Mar de Mármara; e a poesia dos pequeninos cemitérios de Gálata, fechados em tuias e alcatifados de tulipas!

E os encontros nessa inverosímil cidade, que são como em nenhuma outra parte inesperados, sugestivos, fugazes e estranhos.

É uma incessante parada que levanta do pó dos séculos as mais pitorescas e formosas criações. Dias há em que nos parece que as estátuas antigas desceram dos seus pedestais, e as odaliscas se evadiram dos gineceus e vieram espaiar-se pelas «águas doces da Europa», ou pelos bazares de Istambul, ou misturar-se ao formigueiro humano que enche continuamente a amplíssima ponte que fecha o «Corno de Ouro».

Aparições por todos os lados! Até nos lugares mais torpes; até nos alcouces — os serralhos dos pobres e de toda a gente...

Seguramente visitou a famosa e hospitaleira casa da linda e inexpugnável Artemisa. (Mas seria ela ainda do seu tempo?) Agora evoco uma das suas pupilas, que ela, pomposamente enroupada à turca, me trouxe pela mão ao gabinete onde eu esperava, com impaciência, a maravilha prometida. Esse andar ligeiro e leve, como se fosse de uma sombra, com que se aproximou da primeira vez que a vi, e que ainda hoje retoma quando a revejo em sonhos! E no leito, as lânguidas poses de escrava resignada, patenteando com tão fria indiferença o tesouro da sua nudez de deusa. E a fuga, a desapareição para sempre, sem deixar vestígio ou rastro...

Mas voltemos ao sarcófago de Alexandre. Foram talvez as mil figuras que nele se agitam, em perpétuo movimento, coloridas e vivas como se o sangue lhes corresse nas veias, que remataram a síntese da nudez heroica, provocando mais tarde a alucinação de Siracusa, a qual preciso de narrar e arquivar.

Sabe que busco um leitor para cada coisa que escrevo, e nada posso escrever sem pensar em determinado ouvinte, que me dispense de explicações inúteis ou enfadonhas, e vá lançando pontes e abrindo túneis, que liguem o abstruso ao comezinho, cuja relação eu mal deixo indicada. E que tenha a experiência dos sítios por onde eu andei, e o sentimento da paisagem, e adoração do corpo humano, tais como eu os concebo...

Para a alucinação de Siracusa não conheço leitor com os predicados do António Patrício, o que não quer dizer que, se eu para isso tivesse poder, o forçasse à sua leitura. Quem sabe, talvez até lha proibisse. Há qualquer coisa de deliciosamente paradoxal no desejo de nunca ser lido pela pessoa para quem escrevemos...

## CARTA A CÂMARA REYS

(A propósito de música árabe)

Versalhes, 15 de setembro de 1930

Meu caro e bom Amigo:

Há muitíssimo tempo que eu ando com desejo de lhe escrever a respeito de música (especialmente de música árabe), e, sempre adiando, sem saber bem porquê, a transmissão de algumas considerações que o assunto me inspira, sobre as quais amiúdo cismo e matuto horas inteiras, e que certamente nunca encontrariam quem as escutasse com mais compreensão e indulgência. Ora do que eu preciso é um ouvinte desta ordem... e resignado. Lá vai hoje um «ensaio» e perdoe que o tenha escolhido para vítima das minhas impertinentes fantasias. Se topar com muitos desconchavos indique-mos sem piedade, e eu só direi: é bem feito; quem te mandou a ti, sapateiro, tocar rabeção...

O que sempre me tem surpreendido — e encantado — na música é o seu carácter imperativo, que nos aniquila a vontade, e nos deixa siderados, à mercê de todos as investidas sentimentais. Bem diziam os moralistas do século xvii, discreteando entre duas pitadas de simonte — se é que então já se gastava simonte —, acerca dos ardis femininos: «as que têm trato meretrício desejam aprender música, para combater os ânimos com armas dobradas: pelos olhos e pelos ouvidos».

Meia dúzia de notas, que surgem subitamente dos recessos da memória, que às vezes até nos é impossível colocar na ária, canção ou melodia a que pertencem, são outras tantas punhaladas, por onde nos ficamos a verter o melhor da nossa alma, entre lágrimas e soluços...

Porém, o mais estranho é o fundamento, a trama algébrica, em que assenta a música, que até já foi definida como um exercício do espírito trabalhando inconscientemente na aritmética. E contudo nenhuma outra arte existe que arrebate e perturbe como esta, pela voluptuosidade que emana, pela sensualidade que destila. «A vã voluptuosidade dos ouvidos», chamavam à música os severos teólogos da Idade Média e negavam-lhe entrada nas igrejas. Mas logo o misticismo sensual de S. Francisco e dos seus discípulos lhe facilitou a vitória. A música levanta as almas até Deus, asseguravam eles.

Mas para certos filósofos antigos, «música» designava e abrangia toda a arte do movimento, e assim se percebe que, no *Tratado da Música* de Santo Agostinho, se trate de tudo, menos da música tal como nós a compreendemos. Para os antigos, pois, havia grande equivalência entre música e ritmo, que, no entanto, estão longe de serem sinónimos. Com efeito o ritmo da música, ou da poesia, pouco ou nada tem que ver com o compasso ou o metro; é uma harmonia, um equilíbrio do movimento, que se estende à prosa, e, o que é ainda mais notável, às artes plásticas, nas suas manifestações paradas: o ritmo de uma estátua, de uma composição pictórica, da fachada de um edifício. Por aí será que, apesar de essencialmente algébrica, a música se aparenta ou agermana às outras artes de composição mais livre. Seja como for, a sua ação nos nossos sentidos é fulminante, irresistível e múltíplice, desde o choque meramente auditivo, e nem sempre agradável, até ao delicioso movimento de êxtase que nos domina completamente. Não se lhe descobrem os limites, e sem nada perder da graça do seu passado todas as improbabilidades lhe são possíveis. Na desordem, aliás simpática, em que os músicos de grandes aspirações agora se debatem, o que mais surpreende é esse oscilar desmedido, entre as tempestades sinfónicas ou polifónicas, das modernas conquistas, e a pueril sentimentalidade das primitivas sonatinas, balbuciadas no cravo de duas oitavas, e que ressurgem com apazimento geral.

Mas, falando uma linguagem universal, a música possui os seus dialetos que amiúdo a restringem. Essa obsessão (por exemplo) ou escravidão às cadências do reduzido repertório das saracoteadas danças espanholas

transparece em todas as composições dos seus músicos, a ponto de nos incutir a suspeita de que jamais se poderão libertar de tão monótona tirania. Ouvi em Argel um pianista andaluz, que desfez toda a *Passionata* em boleros e malaguenhas.

O som, a música, o ruído musical entram-nos pela vida em proporções que estamos longe de medir com exatidão, mas que são tremendas: com a sua ação direta, e com o seu incentivo inspirador, que desvenda as mais inesperadas analogias, e galvaniza as impressões mais apagadas. E estão-nos sempre ateando o espírito, quer seja à lembrança de uma dessas polcas, profundamente imbecis e altamente dançantes, que, ouvidas uma vez, para sempre nos ficam gravadas na memória, com importuna e irremediável teimosia; ou com o ruído de trovoada wagneriana que faz ao mover-se uma carrada de chapas metálicas: com as lamentações e o choro de um moço pequeno em pleno dia de sol radiante; com as notas da guitarra, que desabelham da taberna imunda e perdem-se no luar... E os sinos, e as fontes, e o mar!...

Uma levíssima digressão ou tintura histórica (da história que corria no meu tempo e não sei se ainda anda de pé): são os flamengos que no século XVI ensinam a música ao mundo ocidental. Adrian Willaert abre escola em Veneza e das suas lições nasce o Palestrina. (Não é para estranhar, com tais antecedentes, que reivindiquem para si a origem do génio de Beethoven, cuja família era flamenga.) Outros países, como a Inglaterra, que teve na Renascença uma gloriosa plêiade de músicos, parecem subitamente esterilizados e nada mais produzem. Nas regiões muçulmanas a música expandiu-se de modo muito semelhante à nossa, tendo mestres que se podem equiparar em tudo aos nossos; de repente estacionou também. Mas o grande exemplo de contínua e progressiva fecundidade está na Alemanha.

Os alemães merecem talvez ainda hoje o epíteto de raça de poetas ideólogos, aproveitando o diabo como elemento lírico, e discutindo Deus em extensíssimos tratados de uma confusão tenebrosa. Gente brutal na ação, e ao mesmo tempo sonhadora, à imagem de Lutero, que caía sobre os adversários de murro fechado, insultando-os em estilo de colareja, e simultaneamente escrevia castas e deliciosas poesias místicas, acompanhadas de melodias celestiais. A eles, alemães, se deve o prodigioso desenvolvimento da música nos dois últimos séculos; em inspiração e técnica ninguém lhes ganha ou se lhes compara; e é por acaso que aqui ou ali aparece

alguma novidade, que não seja puro reflexo da sua indústria. Um bordado de apogiaturas sem solução que, aplicado a quaisquer acordes, por mais estafados e safados que andem, os remoçam, com enfeites, até de originalidade: é a invenção do Debussy, espécie de água de Juventa que mantém inúmeros pequenos talentos, mas sem dúvida a única traça importante que não veio da Alemanha, e quando eu digo Alemanha, compreendo todos os países da raça germânica, ou saxónica, incluindo naturalmente e principalmente a Áustria. O mais cosmopolita, o mais irónico, senão o mais alegre dos compositores musicais contemporâneos, Offenbach, termina ou coroa a sua carreira lembrando-se de que era alemão, e escreve a página melódica mais sentimentalmente nostálgica que eu conheço: *A Barcarola dos Contos de Hoffmann*. Tudo isto, porém, são impressões, colhidas ao acaso, da música europeia, que não é única no mundo. Da chinesa não lhe poderia falar porque totalmente a desconheço, mas vai em cinco anos que a música árabe me atormenta e persegue; a ela me desejaria referir, como quem se reporta a um mistério em que anda envolvido, e de que não se descortinam sombras de explicação. Primeiro, e sem que me queira dar ares de gastar erudições que não possuo, sempre esboçarei o paralelo entre as mecânicas das duas formas da expressão musical, o que, de resto, está ao alcance de todos os amadores profanos, a cuja classe pertencço.

A música oriental, como sabe, compreende três tipos diversos mas intimamente aparentados: o árabe (persa), o grego, e o hebraico. Todos eles pretendem filiar-se na primitiva música dos helenos, porque possuem os seus oito modos ou tons diversos, de que usam conforme as regras prescritas por esses prodigiosos teóricos, os quais se não compuseram muito (que se saiba), aqui, como em tudo mais, estabeleceram leis definitivas, e adivinharam aquilo que a ciência contemporânea lhes não permitia descobrir.

Mas a música greco-judaica anda tão misturada à música moderna europeia (por exemplo nas obras dos grandes compositores russos) que em muitos casos mal destrinçamos uma da outra. Não sucede o mesmo com a música árabe; reconhece-se logo às primeiras notas; é inconfundível.

Com só dois tons, o maior e menor, e uma só escala, a diatónica, nós demos à música ocidental um poder de expressão infinitamente múltiplice, criando o estilo polífono, filho do contraponto vocal e instrumental, inventando a modulação, e explorando em todos os recessos a mina inexaurível

dos timbres orquestrais. E o resultado obtido é de uma riqueza, de uma opulência, de uma variedade sem limites, que maravilha. Considere o caminho percorrido, desde o simples oratório até às sinfonias atuais; desde a primitiva música dos bailados campestres até às convulsões do *jazz* americano.

Na música árabe o contraponto, a modulação, a polifonia não existem. Uma linha só em cantos monódicos, sempre de intensa melancolia.

E na organização da orquestra o mesmo contraste. Lembra-me o que a esse respeito ouvi numa conferência em Tunes:

«Muito poucos instrumentos comparativamente aos que entram nas orquestras ocidentais, e, coisa curiosa, raríssimos ou nenhuns baixos. Dir-se-ia que o timbre e a sonoridade dos baixos não impressionam os ouvidos dos povos que vivem em países sem sombra. Porém a indigência nos baixos é compensada pela numerosa família de instrumentos de percussão, cujo papel, alheio ao processo da frase musical propriamente dita, os torna maravilhosamente aptos para salientar os ritmos, bater as cadências, e favorecer o desenvolvimento da música mímica e dançante. E isto não é indiferente para quem diligencie definir esteticamente a música oriental. Sugere mil reflexões a importância da percussão nesta música, convindo sobretudo notar que o egípcio ou o tunisiano que dedilha as cordas do alaúde ou da mandolina parece apreciar mais o som curto, seco, violento, *ben marcato*, do que a ondulação sonora, que resulta do ato mecânico do pizicato, e tanto encanta o ouvinte ocidental.»

À semelhança do que sucede com a música espanhola (a que chamei dialeto, e está toda impregnada de ritmos orientais), esta obsessão das cadências, que dá à música árabe um tão assinalado carácter, foi provavelmente o obstáculo principal ao seu progresso, mau grado a variedade nos tons, e diversidade de escalas, de que dispõe. Mas que admirável concordância não conservou, com a vida, os hábitos, os sentimentos das raças que a cultivam! Nenhuma outra lhes poderia traduzir com mais realismo e intensidade os movimentos da alma, onde sobrelevam a tudo os deleites da sensualidade mais requintada, e a cada instante chora resignada perante o fatalismo do destino.

Tão radicada lhes anda no que há no mais íntimo do seu ser, que de todas as mudanças, propostas ou impostas por Mustafa Kemal, a fim de acabar com as concepções tradicionais da civilização turco-muçulmana, a única irrealizada e irrealizável foi a troca ou substituição da música árabe pela europeia. A oposição a tal reforma fez-se em verdadeiros plebiscitos, com



tanta unanimidade que o ditador não insistiu, e hoje assistimos a um formidável movimento de renascença da música oriental, ativado no Egito, o país das reivindicações nacionalistas, com febre ardente, e bem manifestas e ambiciosas aspirações a ultrapassar a sua rival do Ocidente...

Não há viajante algum que tenha publicado as impressões de países muçulmanos, sem acentuar quanto a música indígena ajunta à aparência de mistério em que tudo ali se encobre, nos atos religiosos, na vida da família, nas relações sociais. A música fortalece e aumenta o muro impenetrável já de si que nos separa dessas almas afeiçoadas por um padrão imutável e que nunca chegamos a compreender.

O despeito, a cólera, que essa incompreensão provoca nas raças conquistadoras dos cristãos que ali dominaram, ou dominam, são tais que originaram este aforismo corrente: «Só dois animais existem absolutamente refratários à civilização: o chacal e o árabe.» A música, então, seria o derradeiro refúgio a que o árabe se acolhe, para escapar à fúria civilizadora dos conquistadores... e às violências dos seus correligionários. É ver o mocinho esfarrapado, esfaimado, espancado, fugindo à horda dos seus perseguidores, e logo que se julga são e salvo, sem mesmo enxugar as lágrimas, tira dos andrajos o rústico pífano de cana, ensaia as poucas notas que conhece e, repetindo-as num tom de melancolia sem par, ali fica horas infinitas, esquecendo a miséria, a fome, e os mais tormentos físicos e morais.

Quem visita as vilas e aldeias da beira-mar e do interior, e os acampamentos dos beduínos, traz infalivelmente na memória a recordação do tumulto de sensações incoercíveis, nas passagens em que essa música rompe com estrondo das trevas espessas, e embora parada parece caminhar para nós, ou afastar-se para muito longe, numa direção que nunca se distingue nitidamente. E nas festas públicas, e nos casamentos, e nos enterros...

Eu nunca me atreveria a descrever tais impressões, seguro de que sairiam frouxas e descoloridas. Pode suceder que a ausência prolongada não diminua a força da saudade, nem a imagem exata de certas formas plásticas, mas a ausência gasta sempre a lembrança do «ambiente», a junção de mil elementos que dão carácter próprio a cada lugar da terra, ou a cada episódio na vida, como o vento mareiro que soprava, a evaporação pantanosa dos terrenos encharcados, o hálito das árvores carregadas de pólen... Só há alguns recessos obscuros da memória, aqueles onde não conseguimos chegar voluntariamente, que despertam de repente (à sensação

de um perfume, ou de um compasso de canção popular), ressuscitando quadros mil vezes mais vivos do que nos seria possível reconstruir pela evocação deliberada, e com o auxílio da bateria completa das notas escritas e classificadas... Esta inibição de descrever exatamente o que vimos, de lhe darmos a «cor local», sempre me tem fortalecido a convicção de que só os poetas, com o seu poder de adivinhação, conseguem dar «cor local»... mas àquilo que nunca viram.

E onde sobretudo a música árabe soa mais a propósito, para completar e intensificar o mistério da vida muçulmana, é numa grande cidade como Tunes, o Cairo, ou Damasco. Na primeira, porém, mais do que em qualquer das outras.

Os franceses em Tunes tiveram o bom gosto de não tocar na cidade antiga, que cercaram de bulevares, deixando-a tal qual a acharam. Ela é vasta, abrangendo na sua área todos os «zoucos» ou mercados, as principais mesquitas, e ruas cheias de palácios sem arquitetura especial nas fachadas nuas, mas cuja importância logo se reconhece pelas dimensões, e pela ornamentação das portadas monumentais.

Divagar, perdido o rumo, pelo labirinto das suas ruas, em noites de luar, entre sombras que deslizam rente às paredes, sentindo que os sonhos ali tomam realidade, e de repente, quando um vulto, nobremente envolto nas pregas da sua aljarabia, abre o postigo de uma dessas portadas, ouvir o eco abafado de um concerto de cítaras e violas, ou do canto apaixonado da odalisca, ou do tamborilar que dá o ritmo à dança de almeia, ou do simples gorjeio de uma flauta solitária... Pois ainda ele existe e aguenta-se, todo esse velho arsenal das *Mil e Uma Noites*? Bastará a música árabe para o tornar autêntico, perpetuando-lhe eternamente a atualidade...

Eu devo a essa música uma das sensações mais fundas, e empolgantes, e dolorosas da minha vida, que lhe vou contar, para remate desta incensurável carta.

Certamente conhece, quando mais não seja por fotografias ou estampas, a configuração da cidade de Argel. Afora uma rua plana, à beira-mar, que tem duas léguas de extensão, tudo o mais trepa e incrusta-se em montes escarpados, cujo acesso se faz por centenas de escadarias. Esses montes ainda se tornam mais íngremes em «Ponta Pescada», na extremidade norte da cidade, e num deles, já limpo de casario, quase a pique sobre o mar, edificaram uma igreja dedicada à Virgem Negra, Nossa Senhora de África. Desfrutava-se do adro um panorama estupendo.

Por detrás da igreja, para poente, cresce então o terreno montanhoso, pitoresco e fértil, onde a burguesia muçulmana tinha, e tem ainda, as suas mais estimadas vivendas de campo.

Em bem melancólica disposição de espírito subi até lá, numa borrascosa tarde de novembro, com intenção de ir a Bouzaréa pelo caminho chamado Vale Fresco, mais ao abrigo do vento, mas desviando-me da direção que buscava, encontrei-me de repente num barranco, onde se me depara o espetáculo talvez mais extraordinário que nunca em minha vida tinha visto. Era uma estreita e longa estrada, correndo horizontalmente no fundo de um fosso ou ravina, sepultada na montanha, e toda ela fechada, de ambos os lados, em oliveiras colossais e velhíssimas, que mal se lhes sustinham nas paredes, e cujo raizame, quase todo solto, se estorcia no ar, num emaranhado de molhos de serpentes. Moviam-se as raízes como que a embargar-me os passos...

A impressão de vetustez sagrada, e a estranha agitação dessas árvores logo evocavam algum trágico transe bíblico; a disposição das suas raízes, uma fantasia diabólica; o conjunto, o caminho do Averno...

Esse caminho tétrico desembocava em trechos de passagem revolta, com árvores meias secas trepando a custo pelas rampas de fundíssimas covas apocalípticas; de repente, levantaram-se as muralhas de uma fortaleza, que não fazia ali sentido algum, a fechar com os seus panos geométricos aquele campo convulso, frenético, em delírio; uma vereda a contornava e ao cabo dela achei-me suspenso entre o azul do céu e do mar, numa aresta de pedra, sem arrimo, saída da crosta de um monte quase sem declive, calcinado e deserto. Aqui e ali umas minguadas manchas de mato curto, e de uma delas, subitamente, rompem as notas da avena árabe...

Toda a desventura do meu passado surgiu ao som daquelas notas doloridas, envolta num véu de tão intenso romantismo que, erguendo os braços ao céu, me pus a clamar: «Mas então ninguém tem compaixão de mim, ninguém percebe que eu trago comigo esta horrível ferida, da qual não posso arrancar o punhal que a abriu!...»

Era sem dúvida exagerado o que eu dizia, mas casava-se tão bem àquele patético cenário!...

Do c.

CARTA AO DR. JAIME CORTESÃO

(A propósito dos seus últimos estudos históricos)

Bône, 10 de dezembro de 1930

Meu caro Amigo:

O seu belíssimo trabalho sobre a *Expansão dos Portugueses na História da Civilização* (eu teria preferido para título: «O Papel de Portugal na História da Civilização», dado a um dos capítulos), que lhe agradeço de Versalhes apenas recebido, e outras produções suas recentes, no mesmo género, aparecidas na *Seara Nova*, na *História do Regime Republicano em Portugal*, e ultimamente no *Guide Bleu* da casa Hachette, ajuntam-lhe novos loiros (e talvez dos mais viçosos) àqueles tão brilhantemente conquistados, na literatura, na poesia, no teatro.

Não precisava o meu amigo que lho dissesse, e demais em estilo metafórico, para o qual, já vejo pelo período anterior, estou hoje muito inclinado; eu é que necessito de lhe manifestar, ainda uma vez, a admiração que me inspira essa larga e persistente empresa, de esclarecer definitivamente o que se passou no mais notável período da nossa história, e no capítulo que mais a enaltece. Árdua tarefa, cujo progresso é visível, mau grado a deficiência de documentos incontroversos, lutando com as omissões e lacunas, casuais ou propositadas, além dos complicados disfarces que a política da época impunha aos nossos dirigentes.

Não se desviando um ápice da rigorosa imparcialidade, nos seus trabalhos desenha-se um Portugal bem maior, bem mais ativo e consciente da sua altíssima e fecunda missão, do que até aqui o tinham representado os historiadores mais argutos e entusiastas. Não é muito pois que acuda com o meu aplauso (também me orgulho de ser português), naturalmente propenso a procurar e deter-me no que merece elogio, ao contrário de tantos temperamentos depreciativos, que se comprazem em rebuscar defeitos, inventando-os, até, quando os não encontram...

À história da humanidade sucede um pouco aquilo que o Montesquieu notava na física, cuja história, dizia, se faz com as observações e a sua fábula com as teorias. Mas entre a observação e a teoria está a hipótese, e o Dr. Cortesão, cauteloso no seu emprego, serve-se dela sempre com rigoroso critério, e dela tira real proveito.

Além disso abstém-se de emitir conceitos de carácter absoluto (quando não são absolutamente necessários), e assim evita as transformações ou modificações que o seu sentido sofra no correr dos tempos. Para exemplo lembra-me o Herculano, declarando no prólogo da *História da Inquisição* (entre parêntesis: o seu melhor livro, a sua obra-prima), declarando-se inimigo dos exércitos permanentes, os quais — asseverava — «nasceram para o absolutismo e só para ele». Hoje, nos países adiantados, servem as democracias e defendem a liberdade...

Porém, nas teorias nem tudo é fábula, e nós temos a «geografia humana», que bem merece chamar-se teoria, a provar-nos quanto elas podem ser úteis.

Graças à «geografia humana», as sondagens na história do nosso passado cada vez se tornam mais fundas, acertadas, e produtivas. Descubrem-se novas minas; exploram-se outras que apenas estavam rotas; e ao material daquelas que os nossos antepassados exauriram dá-se mais justa e coerente aplicação. Não sei de método algum mais fértil e renovador, do que esse que nos faculta a «geografia humana».

Que lástima ter ele escapado aos grandes autores clássicos, para lhes completar as análises magistrais de caracteres históricos, e épocas correspondentes, em que descosiam fevra a fevra toda a complicada trama das paixões, vícios, e virtudes que os compõem.

E então para isolar os tipos excepcionais, as figuras que parecem fora do seu tempo?

Com efeito, cada época histórica tem por assim dizer o seu clima intelectual, a que fogem ou reagem alguns espíritos solitários, arrepiando

caminho para o passado ou preparando uma idade nova. São no segundo caso fatores capitais da «geografia humana ou social». Assim o grande Afonso de Albuquerque, jogando com a divisão das castas para fortalecer a civilização europeia na Índia, ou propondo-se desviar o Nilo Azul para abrir à navegação o Istmo de Suez.

Mas o que entendo eu por «geografia humana», perguntará o meu amigo, algo suspeito, e com razão, da valia do meu cabedal erudito.

Brunhes dizia que certos elementos geográficos, tais como clima, posição, altitude, etc., dominam o homem; este, por seu turno, consegue dominá-los e tirar deles grandes vantagens. (O mesmo sucede com os elementos sociais, que, por analogia, se prestam a movimentos idênticos.) «Geografia humana» poderia talvez definir-se: o resultado dos esforços da humanidade para reagir contra a natureza, transformando em elementos de progresso os que lhe pareciam ou eram contrários.

O facto é que Jean de Brunhes (que com Vidal de la Blache é considerado pelos franceses o pai e a mãe da «geografia humana») usou dela com bastante habilidade e vantagens, sem cair nas fantasias extravagantes de alguns dos seus verdadeiros fundadores, de que o alemão Ratzel nos deu amostras mirabolantes.

(A propósito do Jean Brunhes: morreu quase no mesmo dia do mediano ator Silvain e a imprensa ocupou-se muito mais deste do que do sábio.)

Nos trabalhos do Dr. Cortesão, aproveitam-se os fundamentos ou ideias basilares da «geografia humana», melhor e com mais ponderação do que nenhum dos precursores o conseguiu fazer, de modo que não só foi o primeiro (que eu saiba) em Portugal a servir-se desse poderoso e prestigioso elemento de estudo, senão que até certo ponto o corrigiu e equilibrou.

Repare que esta nova geografia já nos abriu o postigo para um novíssimo humanismo, alcunhado de cósmico, onde por enquanto se delira um pouco mas que algum proveito dará com o tempo, se for praticado e investigado com probidade.

Mas não é propriamente no livro *Expansão dos Portugueses* que mais se tributa a «geografia humana». Ali todo o sentido estava em reunir o maior número de factos indiscutíveis, que mostrassem até onde foi a nossa iniciativa, e como se desenvolveu a nossa sistemática ação, provando de vez que, nas descobertas, o espírito de aventura nada era em comparação do desejo ardente de desvendar os mistérios do universo (sem esquecer os interesses patrióticos e materiais), e que longe de caminhar ao deus-dará

em tudo entrava a mais acertada preparação científica. Dado este exclusivo intuito, a obra sairia necessariamente monótona, e até enfadonha, se não fosse a arte com que a delineou e apresentou, que embora crivada de nomes e de datas se lê de um fôlego.

A mestria e desembaraço com que o meu amigo trata estes assuntos fazem-me prever que tarde ou cedo nos dará uma geografia completa da história de Portugal, de que nós tanto carecemos para o perfeito entendimento do que foi o nosso passado.

Convém notar que o seu patriotismo o não cegou a ponto de atribuir aos nossos antepassados todas as descobertas que foram buscar a outros povos, mas que aperfeiçoaram e de que se serviram com sumo engenho. À sua imparcialidade de historiador honesto, bastou pôr em relevo a pertinácia e sequência das observações astronómicas, distribuição de ventos alisados, correntes marítimas, e de todos os mais fatores que concorreram para desenvolver empiricamente a arte náutica.

Porém creio que não prestou à sua principal invenção, a caravela (embora a tenha elogiado altamente), todo o preito que merecia. Com esse modelo de embarcação deu-se, para o tempo, um passo quase comparável — releve-me o exagero — ao que foi mais tarde a descoberta do vapor; não se perdia impulso algum do vento e podia-se adiantar caminho por assim dizer fosse donde fosse que ele soprasse.

Terminando este longo arrazoado (que bem podia ter saído menos desataviado e mais consequente) renovo as minhas felicitações e agradecimentos.

Seu muito admirador e dedicado amigo.

## CARTA A JOÃO DE BARROS

(Manchas de paisagem literária)

Bône, 12 de janeiro 1931

Meu querido Amigo:

Se há fórmula para ser meditada, e que se preste a toda a casta de reflexões, é aquela preconizada no estilo literário pelo Montaigne: que a linguagem seja «telle sur le papier qu'à la bouche». Começa logo pelo calafrio que causa a ideia inversa: «falar como se escreve», com a lembrança desses insofríveis cavalheiros de rebuscada frase e dizeres empolados. Mas o desalinho e a confusão na escrita, ressurtindo o que vai no pensamento de tanta gente bárbara, e se lhe traduz na linguagem, não são preferíveis. Bem sabemos que o Montaigne se referia às pessoas cultas, mas o primeiro exemplo a contraditar-lhe a máxima é ele próprio, é o seu estilo. E o estilo, compreendendo a forma como o autor se enfeita para aparecer em público, é de tão capital importância, que amiúdo sobreleva às ideias que expõe. E o que isso custa! Em literatura o carácter de «espontaneidade», *verbi gratia*, não se alcança sem trabalho estrénuo. Nas célebres *Cartas de Itália* do Presidente De Brosses, a espontaneidade levou quinze anos a amadurecer. E à força de quanta obstinação e canseiras!...

Não é pequeno divertimento passar em revista os diferentes estilos que vamos recordando, e destacar-lhes o carácter essencial. Tempos atrás pus-me a rememorar paisagens da minha terra, e com tanto gosto o fiz que me



acudiam às dezenas, e ainda hoje as estaria descrevendo se não tivesse mais em que me ocupar. Porque não experimentaremos agora o mesmo exercício para as paisagens do estilo, e que, por serem de essência mais leve, chamaríamos «manchas de pintura literária»?...

Um estilo embaçado, como se fosse temperado com sumo de marmelo cru...

Essa arte de colher palavras, e enramalhetar frases, sem lhes dar intenção sibilina, mas simplesmente pelo gosto de compor e colorir, nem todos a podem praticar, e aqueles que dela riem estão em geral repetindo a fábula da raposa e a uva.

A afetação de certos escritores, frios e duros como ardósia, que a cada passo os atira para a infantilidade sentimental, onde eles julgam dar provas de subidas qualidades de coração!...

Esse trabalho de ferreiro, que passa da forja à bigorna, e daí à lima, é simbólico de todo o esforço de perfeição, e muito especialmente nas obras do pensamento. Aqui, porém, ela é mil vezes mais difícil de alcançar, embora a matéria-prima pareça bem mais maleável e dúctil do que o ferro. Há que dar-lhe expressão, e a faina de corrigir e recorrer a frase não conhece limites...

Dispor de uma sintaxe tão maleável e coleante, que sirva, sem o mínimo esforço aparente, à expressão perfeita dos tons mais subtis e iriados do pensamento!...

Que a ambição de atingir a limpidez cristalina junto à simplicidade ática nos não faça cair na graça anémica dum estilo sem calor nem vida.

... com boleios de frase muito batidos, e uma corda de pieguice, que tange sempre nas mesmas passagens e muito fora de propósito...

Há artistas cujo principal encanto reside em «não dizerem tudo» nas suas frases, dando margem e campo a que a nossa imaginação trabalhe sobre o que habilmente sugerem...

O que há sobretudo curioso na «intenção excessiva» de certos modos de escrever é que o autor, sem dizer quase nada, ou nada, a cada linha parece esfalfado.

Estilo onde se estampa a fisionomia do autor: um ar fechado a sete chaves, e uma perpétua pregação interrogativa a meio da testa.

Estilo clássico: Seguia-o à custa de esforços inauditos, mas com tal persistência, e tão aturado estudo no plágio que, posto que de após e bem de longe, a muitos se afigurava que ele ia sempre ombro por ombro com o modelo.

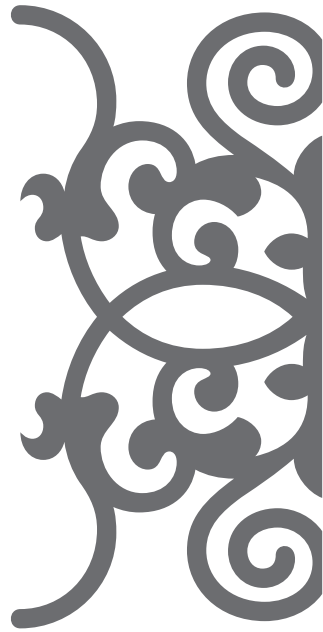
Escritores abundantes, corretos e claros mas que «nunca jamais» — como dizia o Castilho — «lograram afinar a prosa, nem conhecer se ela desentoa».

Um estilo que queima, lava lentamente, e consome-se, não deixando na memória mais do que cinzas, e até, fisicamente, na boca do leitor o saibo de cinzas...

Um estilo que arde facilmente, mas embalsama, deixando na memória um resíduo de perfumes muito ativos, que não permitem esquecer o que ele diz.

Mas creio que para amostra basta e sobra. Vai já escurecendo; o crepúsculo, aqui, é muito rápido e não vale a pena acender a luz para continuar com mais laivos à pena. Olho para a paisagem, a real, a verdadeira, que se desfruta da minha janela, e o que me enleva é ver, a nascente, esse azul que se evapora pelo céu acima coado em cor-de-rosa. Já reparou nesta deliciosa e suave combinação? Até me parece descoberta novíssima. Verdade seja que ao pôr do sol toda a atenção é pouca para gozar o espetáculo da sua agonia, e nunca ninguém, nesse momento, lança os olhos para o sítio onde ele nasceu...

Do c.



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

# CARNAVAL LITERÁRIO

(2.<sup>a</sup> parte de *Miscelânea*)

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## ADVERTÊNCIA PRELIMINAR

Tão fielmente retratado me vejo neste livro  
que o ofereço aos meus amigos,  
como bilhete de despedida...  
para o outro mundo.

O AUTOR

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## VARIAÇÕES SOBRE VELHÍSSIMOS TEMAS

### I

A tristeza, a melancolia dos românticos era talvez a mera resultante da indecisão, a que, mercê da obstinada introspecção, a mocidade ociosa resvalara, após o período febril da Revolução Francesa e do Primeiro Império; uma hesitação perpétua entre os sentimentos mais contraditórios (que são, no fundo, o sustento da vida) deve fatalmente engendrar a inexplicável e constante, e absorvente tristeza dos românticos. A alma adoce ao passo que lhe foge ou diminui a «força de querer» e se inutiliza o exercício da vontade. Só há duas formas de conservar a alegria da vida: simples espectador desinteressado ou pertinaz herói de ação.

A derivante, porém, produz efeitos encantadores: é como um fio de água, solto da estreita abertura da ravina, que faísca, serpentino, pelo prado fora, entre as murtas e os eloendros... Refiro-me à literatura, à poesia...

Entre nós, apesar dos imitadores declarados, o romantismo rendeu frutos preciosos.

Esta apertada dependência intelectual, em que Portugal há séculos está da França, dependência voluntária e que nos tem trazido benefícios (onde iríamos satisfazer a necessidade de imitar e plagiar, que nos corre no sangue — e afinal no sangue de todos os povos —: à Espanha empedernida?; à Alemanha nebulosa?; à Inglaterra humorística?); essa dependência em todos os tempos foi depreciada, e amiúdo pelos escritores que



mais a aproveitaram. A propósito de uma companhia de «Gigantes e anões», que no reinado da Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Maria II veio mostrar-se a Lisboa, observava o Castilho, fazendo espírito à suposição de que alguém imaginaria serem amostras trazidas pelo Gulliver, das extraordinárias gentes que visitou: «Enganar-se-ia: tudo aquilo vem de França. Não admira: tudo que temos de maior, e de mais pequeno, de lá nos vem há muito tempo.»

Mesmo fora das academias pululam os arremedos.

Há uma camada de cavalheiros pretensiosos que tudo enunciam em tom sentencioso e enfático e formam entre si uma espécie de cabido laico, onde se contém todo o saber humano, que julga ter ressuscitado e modernizado a velha ordem dos «Fratres praedicatores»...

E exercem influência, e ditam regras, e emitem pareceres que a muita gente se afiguram irrevogáveis... até que passam de moda. Recordo a fase do «documento», da «observação», quando era impossível ter talento sem andar sempre de ouvido à escuta e lápis em punho; nessa faina se esterilizaram alguns espíritos de merecimento.

Aos elogios feitos à sua documentação e ao seu poder de observador, o Balzac respondia: «Observar! Mas eu mal tenho tempo de escrever.» E assim era; nem para escrever lhe chegava. A faculdade de observar, que não é mais, na sua essência, do que a memória sempre fresca de todas as sensações experimentadas através e no decurso da vida, possui-a ele nas mil facetas do espelho móvel da sua alma; a imaginação fornecia-lhe todos os elementos adequáveis às figuras que criava, as quais, pelas proporções gigantescas, ultrapassavam em verdade (em lógica) as aparências da realidade extrema.

Resumindo: escrever, nos mestres de imensa e ininterrupta produção, pouco mais é do que ordenar e fixar as imagens, da realidade ou da fantasia, que se lhe moviam tumultuosamente no fundo da alma.



Felizmente, o povo português criou e aperfeiçoou uma linguagem que nenhuma outra, conhecida, excede em riqueza, graça e vigor; quem nela mergulha com paixão, e que lhe não falhe a índole artística, sempre alguma pérola apanha.

O emprego dos termos, a sua escolha e ampliação de sentido, em passagens que essa espécie de desvirtuação mais valoriza, colorindo ou acentuando-lhe o desenho; o ritmo da prosa e a sua cadência, que a deixam em ponto de se não confundir com o verso, mas com ele rivalizando em suavidade e elegância; a ilustração de vocábulos caídos em desuso, e que ressuscitam, em momentos de feliz inspiração, para traduzir sentimentos modernos; todos esses pequenos segredos não se aprendem se ao escritor faltar a predisposição nata, isto é, o dom artístico. Sem ele, o escritor pode compulsar noite e dia os melhores modelos; trabalhar incessantemente nos modos mais diversos de compor; tomar notas em flagrante e desenvolvê-las em profundas meditações; produzir; produzir sempre, como no exercício de um ofício mecânico, ou no cumprimento de uma obrigação moral. Tudo lhe será inútil sem aquele dom e sejam quais forem os seus esforços, a essência da língua, a flor da sua poesia, ser-lhe-á defesa e permanecerá para ele, sempre, como um livro de sete selos...

.....  
E um bom dicionário (falo com a seriedade do problemático Pitágoras) seria então a chave de platina — para não abusar do estafado oiro — com que se abririam os mais secretos cofres da inteligência, da arte e da ciência humana. Bem hajam aqueles que aconselham a sua leitura, especialmente à juventude irrequieta e ambiciosa de largos e arrojados voos!...

## II

Um dos mais encarniçados propaladores das ignomínias que inventaram a meu respeito, durante a minha presidência, vendo que elas não produziam

o efeito desejado (pude sempre aparecer em público sem receber a mínima prova de desconsideração), teve a espirituosa lembrança de afirmar que era eu próprio quem as imaginava e compunha no intuito de me tecer uma lenda de imperador romano...

Mas teria sido subtileza original? Duvido muito. Ia jurar até que li isso, ou cousa muito semelhante, na biografia de não sei que tiranete italiano da Renascença.

Para encarecer o fausto da minha vida presidencial, outro invejoso provinciano afirmava que eu comia alcachofras, com molho de vinagre, em pratos de lápis-lazúli incrustados de diamantes, como os havia no tesouro do Sultão da Turquia.

Tampouco me parece provável que esta forma sumptuosa de servir alimentos corriqueiros não fosse atribuída a algum outro chefe de Estado perdulário.

Ser original, no que se compõe ou inventa, não é talvez difícil... repetindo inconscientemente o que os outros disseram.

Recordo que, perante a melancólica *Vitória*, de Miguel Ângelo, me acudiu esta impressão e muito ufano dei-a logo à estampa: que ela exprimia a «Vitória de ser vencido». Era reminiscência dos nossos místicos, e mais especialmente da frase do Castilho, a propósito do convertimento do irmão, que depois por acaso reli: «o que, porém, lhe completava a vitória de ser vencido...», mas o que me esmagou, deveras, foi encontrá-la na biografia do grande florentino pelo Romain Rolland, e aplicada à mesma escultura!...

A memória não é indispensável somente para lembrar o que se quer dizer; é, talvez, ainda mais precisa para lembrar o que se não deve dizer. Grande parte dos plágios é ditada pela memória do inconsciente.

O pai e a mãe dos plagiários, Gabriele d'Annunzio, que chama seu tudo quanto apanha à mão, e não faz disso grande mistério, tem uma desculpa: a forma. Dá-lhe melhor forma. «Qu'èta è una bela matéria», diz ele de tudo que lhe convém... Mas, realmente, ao poeta a remodelação da forma releva de muito desmando de pirata.

Em tudo isto eu pensava quando me acudiu à imaginação este lindo símile:

Nesse derradeiro amor ou desejo, que Siringe inspira ao velho Pã, e que ela própria sente, confundindo o som da fruta com a voz do deus; no receio de se lhe entregar, para evitar a vingança de Diana, está um pouco

a tragédia da última paixão de Goethe. Talvez a semelhança já fosse notada. Porém isso que importa para o caso de Goethe... e para o meu?

A última paixão do Goethe, aos setenta e quatro anos, pela menina Ulrike von Levetzow, que tinha dezoito, e que ele encarregou de pedir em casamento ao próprio soberano, o duque de Saxe-Weimar! É preciso ser velho para o desculpar de semelhante loucura, que o era, aos olhos de gente de peso, admitindo mesmo a posse das faculdades físicas, para consumir o matrimónio, que os contemporâneos lhe atribuíam naquela idade. (O Chateaubriand, já aos sessenta, o que lhe restava era língua.) A rapaziada ri-se de tal desvario. Mas o Mago não merecia o sacrifício duma donzela, que necessariamente retomaria sem grande demora a liberdade? — que vida se espera depois dos setenta e quatro anos! — Em suma, nós, os velhos, absolvemo-lo e os nossos anátemas caem sobre as cabeças do filho e da nora, que praticaram toda a casta de violências para impedir o casamento. Como têm razão os que negam ao génio o feito de criar família! A família, se não martiriza, o menos que faz é torná-lo ridículo...; e neste desgraçado sucesso agiu de ambos os modos.

Afortunadamente, a velhice também possui recursos próprios; um mármore vivo visto há pouco:

A nívea brancura da sua carne tinha, na obscuridade, um resplendor lunar, e, seguindo-lhe as mimosas formas, as minhas ávidas mãos como que acendiam nelas baças fosforescências prateadas. E eram os seus seios como um casal de pombos, que se erguem para desferir voo em direção diferente...

Esta imagem, sim, que é um consciente plágio, tanta vez se tem repetido. O que é bem mais raro são os seios que a provocaram...

### III

Diz o Castilho, a propósito do estilo do Padre Manuel Bernardes: «que para o agrado e duração das obras é o estilo condição indispensável, talvez primária».

E aqui assume a crítica o seu magistério, sempre dúbio, mas influente. Entre nós, então!... Mas não brinquemos com coisas sérias; entre nós a

crítica não existe e, negativa como é, leva vantagem à que se exerce nos países cultos.

De um estilo lícido, luminoso, transparente, onde as ideias avultam, como joias vistas através duma lente de cristal puríssimo, li eu, em crítica de censor conceituado, e em jornal parisiense de grande circulação, que era impenetrável como granito. Assim resumia um conceito que outros críticos haviam generalizado...

Vá lá avaliar dos quilates de uma obra literária pela contrastação da crítica dos jornais; mais certo seria recorrer aos anúncios redigidos pelo próprio autor.

Mas nem sempre anda nisto a má-fé; os mais sublimes espíritos também se enganam. Haverá nada mais estranho e aberrativo do que a ardente admiração que o Béranger inspirava ao Chateaubriand e ao Heine?

Sobretudo ao último, cuja escola só produz incerteza e ceticismo.

Esse tom de desconfiança (que nunca adormece) do valor, da sinceridade das próprias emoções, levemente troçadas pelo poeta, que a enterrecida ironia do Heine inventou e tantos outros têm, com proveito, imitado!

(Não me refiro a certos vates que levam a vida a escrever coisas poéticas em prosa e a pôr as prosaicas em verso; e vem, talvez, a pelo, aqui, lembrar uma descoberta dos russos atuais que tem pilhéria, para realizar poesia nova: a inflação dos métodos prosaicos...)

Crítica inventiva ou criadora; crítica negativa ou destruidora; crítica da crítica, ou variações sobre o nada...

No entanto, ela é que arranja as figuras literárias e em linhas tão firmes que quase ninguém mais lhes toca. Admirável exemplo agora me acode. Trata-se de um filósofo célebre, se bem que de muito minguado chorume intelectual. Tal é a força de sugestão da fama que, apesar do seu aspeto ameninado e nulo, parecia prestes a rebentar de pensamentos comprimidos. Primeiro lembrava o *Pensieroso*, do Miguel Ângelo, mas assentando-se numa cadeira baixa era o *Penseur*, do Rodin, que evocava, e ninguém estranharia que, de repente, arrancasse a própria queixada para recomençar nos «filistinos» a matança dos filisteus.

Sem embargo, apareceu um Aristarco (honra lhe seja) escrevendo a seu respeito: as ideias acudiam-lhe aos cardumes, em volta do objeto que ele não desdenhasse de estudar e aprofundar. Restava-lhe o trabalho de lançar a fisga às mais importantes. Nisso, então, já não era muito feliz.

Só pescava chicharro delido, em vez dos alentados e succulentos atuns que supunha ter arpoado...

Porém, as variações que hoje me propunha dedilhar versavam, exclusivamente, sobre «estilo» e, por este caminho, já não dou tão cedo com elas; ficam para amanhã...

#### IV

Ainda o estilo e o Padre Bernardes e o que a respeito deste clássico sentenciaram José Agostinho de Macedo e António Feliciano de Castilho.

E não se admire o leitor anticlerical de me ver lidar tão gostosa e familiarmente com padres; noutro tempo, quase mais ninguém sabia escrever e a nossa preciosa língua a eles deve o melhor que tem.

Mas, afinal, em Manuel Bernardes, se bem que fosse padre, adivinhava-se-lhe um espírito liberal que, naturalmente, era obrigado a disfarçar. A Inquisição não admitia graças e usava de um género de censura de efeitos materiais e morais tão perfeitos e eficazes, que, jamais, foram excedidos ou igualados.

Quanto a José Agostinho de Macedo, o seu ateísmo transpira-lhe em todos os escritos, o que, para um padre, já não é mau...

Castilho, esse nem era padre, embora fosse formado em teologia; reacionário, talvez. Porém, na sua época, a delimitação entre liberais e reacionários era mais política do que intelectual: uma questão dinástica. D. Pedro IV, o Dador, se apareceu de carta na mão em vez do estadulho, não foi porque preferisse a primeira ao segundo, mas, simplesmente, porque de estadulho já andava D. Miguel e parecia de boa política opor-lhe coisa diferente. Agrada encontrar, na pena do reacionário Castilho, este conceito: que a sede do saber e da virtude são uma só e que os bons mestres são aqueles que reputam a ciência pelo primeiro dever do homem depois da moral.

Voltando, porém, ao estilo em geral e ao Padre Bernardes em particular: Ao citar as *Florestas*, José Agostinho observa: «A cada página se acham frases, se acham palavras não vistas nem sabidas pelos nossos dicionaristas.» É que, ao contrário do que pretendem os ignorantes, a linguagem, longe de se fossilizar na pena dos grandes clássicos, rejuvenesce e cria sangue novo

sem perder coisa alguma da sua pureza e da sua graça, ao passo que, nos escritos daqueles que a não amam e mal a conhecem, não há construção nova que não a encarda nem neologismo que não a empobreça.

O escritor não vale só pela estreme escolha dos vocábulos que emprega, pela sua vernaculidade, limpeza e colorido; vale amiúde (quando é grande) muito mais pelas analogias que lhes descobre no sentido, aproveitando-as em metáforas que alargam a significação e fortalecem o carácter das coisas que descreve. É a sua parte criadora que leva um entendedor da força de Castilho a dizer do Padre Bernardes: «A linguagem que ele deixou pesa e vale o dobro da que ele achou.»

Todos os grandes escritores têm a sua música pessoal, que, insensivelmente, lhes ritma a prosa. E, coisa notável, em geral essa música, esse ritmo foram adquiridos em exercícios de versejar que não deixaram provas dignas de muito elogio.

Dizia o Gautier que poetar é o principal treino ou tirocínio para fazer boa prosa. Mas isso era, talvez, então, novidade em França, pois, em Portugal, os clássicos tiveram-no sempre como indispensável. Mais: poetando e metrificando, rematavam eles, é que se abre caminho à «prosa mestra», aquela a que nenhum outro idioma consegue transladar a alma e alguns avançaram até o paradoxo de que, se pode haver poetas agradáveis sem estro poético, nunca a prosa o será sem poesia.

Os clássicos!... Não repugna admitir que existe um classicismo eterno, independente das teorias e das escolas, sempre que exprima, em obras compreensíveis, fortes e sinceras, emoções estéticas, servindo-se da técnica aprendida nos mestres e renovada pelo estudo das ciências e da natureza. Quantos clássicos não teve o romantismo?...

## V

Rebeldias de calaceiros trouxeram a língua portuguesa ao ponto em que hoje se encontra. Sempre é mais fácil, para imagens e pensamentos plagiados de segunda mão, aproveitar a expressão já poluída do que ir ver, nos antigos, como seria que eles os coariam, em vernáculo.

Uma das modas atuais é não empregar as palavras no seu sentido preciso; as aproximações dos chamados sinónimos bastam. De aí, naturalmente,

a imprecisão e confusão das ideias. O conhecimento exato da significação das palavras é indispensável à expressão pontual do pensamento. É essencial estudar os clássicos, não só para escrever e falar com elegância, mas, sobretudo, para «saber o que se diz», escrevendo ou falando.

E, então, para alcançar a ponderação, o equilíbrio?

Um livro onde a indignação estruge, crônica, perpétua, sem tréguas: facilmente se lhe apercebe a falta de reflexão, e o interesse pelo estado mórbido do autor substitui-se, pouco a pouco, ao que a matéria tratada devia inspirar. Por fim, enfastia e até os melhores argumentos do polemista se embotam, e os seus mais valentes golpes nem ferem nem causam comoção de espécie alguma.

Na grande maioria dos casos, estes escritores ferozes e furiosos são reacionários e, portanto, pessimistas...

O pessimista: em pose literária, clamando contra a desilusão que traz o comércio do mundo; contra a miséria e desconsolo desta pobre terra em que vivemos; contra a infidelidade das mulheres, e a traição e abandono dos amigos; nunca lhe acode perguntar e investigar sobre o que a sua própria natureza, física e moral, concorreu para enegrecer um quadro que, para tantos outros, só tem riso e festas; e se lho perguntam irrita-se, levando logo à conta de estupidez ou insensibilidade a dúvida, sequer de que a vida seja outra do que ele a descreve.

Por via de regra, o escritor pessimista foi, em menino, uma inteligência muito espevitada que se embotou, pouco a pouco, no correr dos anos...

Este caso das inteligências precoces!...

Há, com efeito, certos génios prematuros que deslizam pelo estado das matérias mais variadas e difíceis, com desembaraço tal e tal aproveitamento que, antes, parecem recordar do que aprender, mas geralmente desaparecem ainda novos.

O tipo mais comum é assim, como vários conheci pessoalmente: muito esperto, inteligente e espevitado em menino; já aos trinta anos se especializara em gastronomia e, dos quarenta em diante, ninguém lhe arrancava um conceito, uma palavra, uma exclamação, que se não referisse às hemorroidas...

A experiência da vida confirma o aforismo aventado pelos críticos amaros: depois dos quarenta anos, é que é difícil ser inteligente!



Esse fenómeno da obliteração da inteligência (tão viva, em geral, na mocidade) com o andar dos anos é, sobretudo, sensível nas populações germânicas (ou neolatinas?), onde os rapazes são extraordinariamente animados, perspicazes, intuitivos, argutos, audazes, e, quando vão para velhos, descambam na timidez, no obscurantismo, na insulsez, e natural e insensivelmente se alistam na ala dos ultraconservadores.

E é ali, também, que mais abundam as caras que simulam admiravelmente a inteligência e que surpreendidas, um dia, por acaso, na sua expressão verdadeira, causam pavor pelo abismo de estupidez que desvendam.

## VI

Uma das características do romantismo foi considerar os escritores, os poetas, ou artistas, como seres fadados ou condenados a alimentar, com a exposição dos seus sofrimentos morais, a felicidade do público apaixonado ou indiferente que os lia.

Isso lhes desenvolveu a imaginação e, mesmo nos poetas de medíocres predicados, da primeira metade do século passado, se encontram as narrativas tenebrosas de tão confuso e trágico mistério, como depois as poderiam cobiçar os mais arremessados fantasistas da escola de Poe.

Mas, a par desses raros «achados», generalizou-se a receita grosseira que a qualquer permitia explorar as furnas do patético.

A receita; e porque não?, até nas situações sublimes. O grande efeito teatral, o dramático contraste, a trágica antítese que representa, por exemplo, uma figura de manto de púrpura e rutilante coroa real, sob cujas insígnias aparece um esqueleto e uma caveira... É receita que, sem modificações notáveis, serve e servirá em todos os tempos.

A meu ver, foi o jornalismo, com o seu espírito próprio e a sua difusão, que deu os botes mortais nos desvarios românticos. E, coisa curiosíssima, não sei se jamais notada, o jornalismo europeu dir-se-ia inspirado na tradição da literatura chinesa pela preocupação de estabelecer, em bases sólidas e práticas, a filosofia da vida, o que constitui o carácter essencial de todos os grandes escritos dos filhos da lua...

O primacial atributo do jornalista consiste em apreender, rapidamente, na sua totalidade, o sentido do assunto, sem perder de vista os seus diversos aspetos e detalhes cativantes.

E o que distingue, sobretudo, o bom jornalista é a presteza, a agilidade da argumentação. As melhores razões, arrastadas em longos raciocínios, perdem logo metade da sua força e, por fim, cansam e irritam o leitor.

Despachado, pronto e breve. Nada de devaneios ociosos, filhos, muitas vezes, do encanto de se escutar a si mesmo. Recordo a indignada surpresa de um falso jornalista célebre a quem o diretor da gazeta para que fora contratado mandou com cartas, aborrecido da estreia, que consistira em diluir uma pequena anedota ancilar em três colunas de artigo de fundo.

Nós tivemos um jornalista portentoso, a quem nunca se fez espécie alguma de justiça: o Mariano de Carvalho. Foi, durante muitíssimos anos, o primeiro do seu tempo; nenhum lhe levava a palma em causticidade, fantasia e graça. E a naturalidade, correntia sem vulgaridade, do seu estilo era tal que tinha artes de fazer gostar tudo quanto dizia aos paladares mais apurados e aos mais rudes.

O talento de ajustar o estilo ao assunto!

No jornalista de fartos recursos, é que melhor parece justificar-se a teoria segundo a qual a frase não seria formada de palavras conscientemente empregadas, mas à maneira de uma melodia cujas notas o autor não escolhe isoladamente.

E que altíssima importância não tem esse conúbio entre a expressão e o conceito.....  
.....

Ao ver as cambiantes daquela fantasia alada brilhar em volta dos assuntos mais estercorários, acode-nos a ideia do possível engano das abelhas que tomassem uma poita por uma flor...

## VII

*«Une langue n'est pas un vocabulaire;  
elle est un système cohérent de notions,  
inséparable et solidaire du type social qui l'a élaboré.»*

SYLVAIN LÉVI

Timidez de falar a nossa língua em público entende-se, logo que deveras a amemos, com o temor de lhe falsear os encantos. Mas as línguas estrangeiras, que importa que as falemos mal? A nossa língua é que vale; criou-se conosco; por ela descobrimos o mundo e a vida; com ela gozamos e choramos. Ela nos tornou milionários, senhores de tesouros inestimáveis, que sem os cercear generosamente podemos dividir com o próximo. O tormento vem de não conseguir, amiúdo, apreender esses vocábulos, essas expressões raras, que nos fulguram na mente e ali brilham e esvaem-se como pérolas em réstias de luar...

Porém desumanizar a linguagem, com frias e excessivas pompas acadêmicas, é ainda trair, minguar-lhe o alcance. Há pérolas naturais tão perfeitas na forma que toda a gente as julga falsas...

Voltando ao orador, e àquilo a que o Emerson chamava «eloquência corporal». O gesto do tribuno romano, como se vê nas estátuas antigas, estendendo as mãos, que parecem vazias, mas sustêm as imagens: o mais belo ornamento intelectual que a humanidade descobriu.

Nós, latinos, precisamos acompanhar o movimento do cérebro com o movimento das mãos, que sublinha e ampara o pensamento.

O inglês não faz um gesto quando fala, e ao começar o seu discurso segura com ambas as mãos a gola do casaco, como que a estrangular a voz; o latino estende os braços e as mãos, não à súplica, mas para dar mais fôlego ao peito e como que para desimpedir, desafogar o coração.

Quanto melhor se conhece a nossa língua e melhor a manejamos, maior acanhamento devemos ter em a falar, perante o público, de inspiração, livremente. Se para escrever nos obrigamos a pesar as palavras e polir as frases, despejá-las a esmo é correr o risco de que elas não digam nada de jeito. Quanto maior é o escritor mais substanciais e nutridas lhe saem as obras; quanto mais fluente é o orador mais ociosas são os seus discursos...

E que o purista estreme se não assuste com certas inovações ou liberdades. O emprego dos neologismos, dos galicismos, por exemplo, em nada prejudica a trama da prosa nos escritores de raça, que os sabem escolher para ensanchar e colorir o significado da expressão. A vernaculidade, o espírito da língua, reside sobretudo na composição da frase, no arranjo do período, na maneira de vestir a ideia para a apresentar ao público.

O modo de jogar com a linguagem absolve de toda a classe de desvarios, como põe em relevo a miséria intelectual de muitos pretensiosos sem fundamento, e isso de forma que o leitor se interessa igualmente pelo bom e pelo mau, e encontra especial satisfação em lhes fazer a síntese.

Três exemplos:

1.º Explorador incansável da mentira poética; aventureiro audaz do campo das ideias; criador inexaurível de imagens resplandecentes; o mundo em que se move é o puro espelho da sua sensibilidade e da sua inteligência: não conhece limites e jamais enfastia.

2.º Há neste escritor muita fantasia premeditada, arranjada, combinada adrede para produzir efeitos de ordem puramente literária, mas salva-se pelo fundo de genuíno lirismo em que todos os seus bordados assentam.

3.º A existência, a descoberta de criatura assim tão supinamente besta não nos deve causar indignação, mas consumado júbilo. É como se vissemos agora aparecer completo, vivo, perfeito um desses monstros fabulosos, da idade pré-histórica, de que um só osso constitui a glória de museus famosos.

Mas não será isto um enigma, uma adivinhação própria para ser posta a concurso na grande imprensa? O leitor que lhe ponha os nomes certos e ganha... um foliar para a festa.

## VIII

Na última vez (e única, se não me engano) que estive com o Cândido de Figueiredo, referindo-me ao que avançara, ou alegara, em carta particular, muitos anos antes, expliquei-me pouco mais ou menos desta forma:

«Eu não quis dizer de modo algum que seja próprio, ou que fique bem a qualquer escritor desconhecer os recursos da sua língua. Foi minha

intenção apenas zombar da exclusiva bitola, pela qual a nossa crítica literária oficial mede os talentos artísticos, apreciando-os pelo grau de vernaculidade da linguagem que empregam. Pode-se ser grande escritor e conhecer medianamente a língua na sua parte mais castiça, e à imitação do povo transformá-la, ampliando por intuição poética a significação de certos vocábulos, e introduzindo outros com tal oportunidade que os torne indispensáveis. Os poetas e o povo criam a língua; os gramáticos fixam-lhe as regras. Mas aí de um idioma que as não tiver, as tais regras. Porém a escravidão nem aí dá bons frutos. A história da nossa literatura ensina que sempre restringimos exageradamente a “liberdade poética”, sujeitando-nos à férula feroz dos gramáticos; por isso, talvez, a indigência poética seja, como é, tão assinalada entre nós vai para três séculos...»

Isto passava-se numa visita presidencial à sede da «Sociedade protetora dos animais» e por cerimónia, sem dúvida, o ilustre filósofo aquiesceu à minha oração; depois faltou-lhe o tempo para a glosar na imprensa, antes de morrer, como prometeu, e eu fiquei sem saber se exprimira juízo razoável. Discutiremos o caso quando nos encontrarmos no inferno...

O estilo e a bossa crítica serão de disposição congénita? Quantos escritores matraqueados, durante uma longa vida inteira, na arte de com- por chegam a velhos sempre com o mesmo estilo embaçado e peço! E quantos, logo aos primeiros juvenis ensaios, se revelam fluentes, coloridos e cristalinos. São estes últimos, geralmente, que dão em jornalistas eméritos... Mas há exceções. O Castilho, por exemplo, que foi o melhor jornalista do tempo da Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Maria II, estreou-se, e levou anos no emburlo dos preceitos latinos, que os clássicos julgavam indispensáveis à expressão vernácula. E até morrer falhou-lhe quase sempre o sentido crítico, se é que por mera maldade o não desvirtuava.

Ao maior dos nossos escritores do século passado, o Camilo, faltavam por completo as qualidades essenciais ao jornalista e ao crítico. Todavia nas *Vinte Horas de Liteira* faz ele próprio a apreciação de alguns dos seus livros com inexcusável acerto. Porém que formidáveis ilusões de ótica nos casos objetivos: ele descreve os salões de Chaves com a grandeza e a pompa que iriam bem aos reais aposentos de Versailles.

O mal-estar que provoca amiúde a leitura do Camilo vem sem dúvida, as mais das vezes, da sua preocupação moralizadora: além da moral de cada um dos personagens que figuram nos seus romances, e que a expõem

com prolixidade, há continuamente a moral do autor a transparecer em dissertações que nem sempre são brilhantes. Estou-me lembrando no *Demónio do Ouro* da sua opinião acerca da pena de morte, e da incoerência com que a tal respeito discorre. Será na sua ascendência, onde não faltam assassinos, como vem sobejamente indicado no *Amor de Perdição*, que se encontra a explicação cabal da «cor» que ele tão sem esforço, e até apaixonadamente, põe nas cenas de sangue...

.....  
O jornalista de génio é um autêntico mágico. Tudo a sua pena prestigia e transforma, e sabe indústria para nos interessar em assuntos que de ordinário só causam fastio mortal.

No estilo tudo está em saber usar da «arte sentida» mas que seja «desartificiosa»...

## IX

Abrindo hoje, por acaso, nestas longínquas paragens, um dos pouquíssimos livros que trouxe comigo e é do Castilho, depara-se-me a seguinte passagem:

«As *Trovas à Morte de D.<sup>a</sup> Inês de Castro*, por Garcia de Resende, mereceram ser, como visivelmente o foram, consideradas, e em parte imitadas, pelo grande Camões no seu episódio sobre o mesmo assunto, o que, sem diminuir a glória do imitador, certo a dá, e não pequena, ao imitado. — Não são as *Trovas* sobre a morte de D.<sup>a</sup> Inês tão bem acabadas e cultas como o *Fingimento de Amores*; e, sobretudo, pecam grosseiramente na invenção fundamental, pois é a própria D.<sup>a</sup> Inês, já morta, quem nos refere a sua tragédia, e isto sem nenhuma espécie de preparo, que torne verosímil, ou admissível, a ficção. Dá a lembrar aquelas pinturas toscas, denominadas por antífrase de zombeteiros *ricos feitos*, em que da boca das figuras saíam em fitas os seus dizeres.»

Poucas leituras tenho feito, no decorrer da minha longa vida, que me provocassem meditação mais profunda e gostosa. Nem mesmo nos mais embrulhados filósofos, ou poetas abstrusos, encontrei matéria tão rica em sugestões, que se me pusesse aqui a referi-las seria um nunca acabar. Mas como diabo queria o Castilho tornar verosímil, na boca da própria

vítima, a narrativa da sua morte? Adorável, porém, a designação de *ricos feitios* para o caso. Todavia o que mais me prendeu foi o conceito acerca do plágio, que honra o imitador e por muito favor o imitado. Era sobre este ponto que eu desejaria agora discorrer. O que foi o plágio através da história da humanidade literária; como é que os antigos dele aproveitavam; e que escrúpulos não inspiram aos modernos... Mas isso fica para outra ocasião. De repente acudiu-me a lembrança de um doido, que pretendia ter visto em documento coevo que D. Pedro applicava à amante um «cinto de castidade» quando se ausentava, e a forma como têm sido tratadas as mulheres pelos séculos afora açambarcou-me a atenção...

Conheci em Edimburgo um cavalheiro que possuía uma riquíssima coleção de cintos de castidade, mordanças, e mais petrechos, de que os nossos avós usavam para meter na ordem as respetivas metades. Que prodigiosa variedade e engenho na invenção! Mas tudo isso acabou, o que serve de argumento a alguns pais de família descontentes para negar a existência do progresso. Dizia-me um deles, culto e malcasado: «Que desgraça não é o ter de aguentar dia e noite a tagarelice de uma mulher parva!» E como eu lhe replicasse:

— Console-se com o que nesse capítulo sofreu o grande Sócrates — ele observou:

— Sim, mas a senhora dona Xantipa não o impedia de frequentar as casas das lindas hetairas...

— Dessa não sabia eu.

— Pois veja em Xenofonte, nos ditos memoráveis de Sócrates, as práticas aos seus discípulos, em casa da cortesã Teodata, aonde ele próprio os levava...

Eu estava boquiaberto perante erudição tão vasta, porém com o pensamento sempre posto nos sofrimentos das mulheres através dos séculos. Triste condição a sua! E as religiões em nada têm concorrido para lhes melhorar a sorte; bem pelo contrário, na maioria dos casos; e de todas elas a que mais completa e despiedadamente explorou a mulher foi a religião católica, talvez por compreender que a escravidão e a ignorância da mulher lhe eram necessárias para dominar, por intervenção dela, o homem na sua sensualidade e logo a sociedade inteira.

(Se me não engano — o seu a seu dono — este argumento é do filósofo Rosalino Cândido.)

O que diziam das mulheres as colunas da Santa Madre Igreja! E pois que este artigo começa com uma citação do Castilho, vou-lhe dar um final digno dela, transcrevendo o que sobre a matéria estipulou o grave Bossuet. Sentencia ele:

«Dans l'ordre de la création, la femme, forme vivante du péché, vient après les animaux»; e para lhes abater a proa, alçada na vaidade dos seus encantos físicos, ajunta: «Elles n'ont qu'à se souvenir de leur origine, et, sans trop vanter leur délicatesse, songer après tout qu'elles viennent d'un os surnumeraire, où il n'y avait de beauté que celle que Dieu y voulut mettre.»

Espero que o leitor não dirá *amen*...

## X

Eu não sei se já no tempo das cavernas havia rudimentos de ciência, que inspirassem terror à humanidade, mas é fora de dúvida que tão depressa as religiões tomaram desenvolvimento logo a ciência foi tida em má conta pelos seus sacerdotes e adeptos.

Com o decorrer dos séculos religiões e ciências aumentaram em recíproca desconfiança e rivalidade, levando aquelas sempre vantagem, graças aos processos coercitivos de que dispunham. Em abono da ciência pode-se, por exemplo, dizer que jamais clérigo algum foi queimado vivo por negar o movimento da Terra.

No século XIX, ao qual pertenço, e que a gente de «são juízo» capitula hoje de estúpido, a ciência adquiriu tal prestígio que se lhe atribuíam faculdades para conduzir a humanidade ao reino da bem-aventurança sem o auxílio do misticismo. Em todos os seus ramos o progresso foi vertiginoso, colossal, e quem diria aos seus ferventes partidários que tudo isso redundaria em prejuízo da felicidade e glória dos habitantes deste miserável planeta.

A ciência libertadora, a ciência redentora! Que *blague!*

A ciência que escraviza o homem à máquina; a ciência que descobriu engenhos destrutores a que nada resiste; a ciência que centuplicou os efeitos calamitosos das guerras..., a ciência que prepara o fim do mundo.



Morre o operário de fome porque é a máquina que faz tudo; embrutece o operário porque a máquina o privou da mais elementar iniciativa estética; não há ramo de negócio que frutifique porque a máquina produz mil vezes mais do que é possível vender; aumenta febrilmente o poder assolador dos engenhos de guerra graças à ciência, mãe da máquina; enfim, máquina e ciência, eis aqui os dois capitais flagelos que impendem sobre a pobre humanidade...

Tremenda crise económica e moral, de que a História não oferece exemplo igual ou aproximado!

E o pior é que se por acaso adrega alguma vez a ciência prever uma catástrofe ninguém lhe dá ouvidos: consuma-se a tragédia.

Lembra-me o que sucedeu com o terramoto da Martinica, em princípios do corrente século: a grande comoção catastrófica foi, por assim dizer, rigorosa e cientificamente prevista, mas as autoridades governativas, desejando reunir na cidade de S. Pedro o maior número possível de votantes, que lhes assegurasse a reeleição, publicaram avisos tranquilizadores, exortando os cidadãos a não desampararem a metrópole. Total: quarenta mil mortos num só dia... Ao pé disto que diabo valem os quatro mil pecadores, cujas enxúndias o bom Torquemada mandou reduzir a torresmos, para bem das suas respetivas almas, no largo espaço de catorze anos?

Não há dúvida: a ciência está atualmente em muito maus lençóis: isto de andar à busca da verdade, e só da verdade, vale pouquíssimo ou nada. Tanto mais que ninguém se entende a respeito do verdadeiro sentido da palavra «verdade». O que ainda escapa é a «verdade psicológica», que anda agora muito na berra. Mas afinal o que significa «verdade psicológica» (que a consciência entrevê e confirma!), a qual tantos filósofos põem acima da «verdade racional»?

Felizmente ainda há sábios que seguem, denodados, o seu caminho; indiferentes e desdenhosos de toda a mística possível e imaginária; agora me estou lembrando daquele (não posso recordar o nome) sábio de primeira grandeza, para o qual não existe assunto objetivo que repugne, autor de tantos livros admiráveis, mas cuja obra-prima se ocupa exclusivamente da castração das borboletas...

.....

Para fechar com chave de prata este desvairado artigo, lá vai uma sentença do Duclaux, sobre a qual nem o próprio Padre Eterno, estou certo, emitiria dúvidas:

«C'est parce que la science n'est jamais sûre de rien qu'elle avance toujours.»

## XII

A quem viajou e correu mundo parece fácil discriminar, logo à primeira vista, a nacionalidade de qualquer indivíduo que tope no seu caminho, sobretudo se ele pertencer a alguma dessas grandes comunidades que dominam a Europa (ingleses, franceses, alemães), embora seja aí que a civilização corre parelha e nivela os caracteres distintivos dos seus membros.

E não é pequeno divertimento estudar cuidadosamente os gestos e maneiras de qualquer companheiro eventual para, ao fim e ao cabo, quando julgamos ter penetrado o enigma da sua origem, descobrir que nos enganámos redondamente e, por exemplo, sair-nos um espanhol, quando já estávamos certos de que se tratava de um holandês...

Antes de se generalizar o costume de barbear inteiramente a face, essa moda era quase exclusivamente dos ingleses, espanhóis e holandeses, com o acréscimo, em certos casos, de uma suíça incipiente. Porém, mais do que o talhe da barba a expressão afetada, em certas fisionomias, lhes denuncia a nacionalidade.

Um dos distintivos do francês consiste no perpétuo esforço por imprimir ao rosto, ou à expressão fisionómica, determinado aspeto que represente o traço dominante do seu espírito, ou da parte representativa do seu génio, e consegue retratar-se com cara de historiador, de filósofo, de moralista, de arquiteto, etc. Assim não admira já a exigência de um busto (encomendado pela família do morto) que exprimisse o interesse que durante a vida inteira o modelo dedicara à agricultura...

E os cenários que esses tipos evocam?

Ver um holandês é recordar logo, em vez da paz verdejante dos *polders*, o movimento de uma rua de grande trânsito em cidade populosa dos Países Baixos: Kalverstraat em Amsterdão: cavalheiros silenciosos com

ativo sapateado no duro asfalto, e olhares perdidos ou atenção concentrada no fumo do charuto chupado mesmo ao meio da boca; um ar precioso, por vezes; profundas cortesias à maneira de salão, em frente de damas de compostura suspeitosa ou parranamente vestidas; criadas de touca branca e saias de percal; gestos intempestivos; risadas soltas escandalosamente, e logo toda a gente emudece, mas o sapateado no asfalto redobra de intensidade; trajos negros, narizes tortos e compridos de judeus, naturalmente mais abundantes ao sábado...

A propósito dizia-me a Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Sabina Freire (protagonista de uma famosa comédia que por aí corre impressa):

«De um pequeno país sou eu, onde a principal característica do indígena consiste em assoalhar a glória de ter sofrido inúmeras doenças, de toda a classe, mesmo as infalivelmente mortais. Ter padecido do tifo, da pneumonia, de toda a casta de catarros, e detalhar estas moléstias nos seus episódios mais particulares, é delicioso assunto para a conversação. Grandes inimizades e rancores têm advindo entre damas respeitáveis, mercê (por exemplo) da supremacia irreverentemente contestada duma diarreia de sangue. O médico, sobretudo nas terras de província, é, incontestavelmente, a personagem mais importante da população; é ele que dirige e encaminha todas as enfermidades, e está sempre presente nas ideias e sentimentos de uma madama que se preze, por mais inteligente e isenta que seja. Ele, no fim de contas, é tudo, e quando se considera na supremacia alcançada pelos médicos durante os últimos cem anos, chega-se à convicção de que a Revolução Francesa tinha só em mira privilegiar-lhes a classe. De modestos barbeiros e administradores de clisteres subiram às mais elevadas funções sociais, assumindo hoje a gerência do físico e do moral da humanidade. Absorveram a influência dos padres e dos bruxos...»

Bela tirada (apesar da sua apaixonada, tendenciosa e malévola desfiguracão), não é verdade?

Mas era meu exclusivo propósito, quando comecei o presente artigo, arejar o precioso cabedal de conhecimentos que possuo acerca das raças humanas; porém descarrilei, como me sucede amiúdo. Com isso nada perde o leitor amigo, pois brevemente lhe darei sobre a matéria um capítulo maduramente cozinhado, um desses trechos cuja vista basta para incutir respeito, com as suas colunas cerradas, maciças, graníticas, tais como só a ciência pura pode engendrar.

Hei de pôr ali a limpo o problema da raça ariana, e as conseqüentes pretensões de supremacia por parte dos alemães (e dizer-se que foi um francês — o Gobineau — e um inglês — o Houston Chamberlain — que lhes meteram semelhantes minhocas na cachimónia!), de modo que isso fique liquidado de uma vez para sempre...

.....  
Mas com tudo isto as raças humanas, pelo menos fisicamente, em vez de se aperfeiçoarem, degeneram. E de quem é a culpa? Ora, de quem há de ser senão do Padre Eterno, que mesmo depois da estatuária grega se entretém a fabricar chineses...

### XIII

De todas as literaturas modernas, aquela onde os moralistas florescem com mais exuberância é, sem dúvida, a francesa, formando uma pirâmide de prodigiosa altura, no cume da qual o grande Montaigne pompeia a recitar o seu infundável monólogo, de que ele próprio é o exclusivo assunto, mas que retrata a humanidade inteira.

E não há vicissitude ou glória que impeça os franceses de exhibir essa pecha; agora mais do que nunca.

Estão outra vez à procura de uma «explicação mística» do universo, para o que é indispensável aproveitar os «valores mágicos» ainda em voga por esse Oriente fora, mas que o positivismo varreu das regiões ocidentais.

«Valores mágicos»: a intuição, o irracionalismo e a inconsciência, elementos obrigatórios para dar à alma uma realidade orgânica.

E há quem pense, e até quem projete, delinear uma filosofia católica — para harmonizar a Fé com a Razão... Ao que parece, em certas consciências a Fé e a Razão, embora inimigas, vivem em perpétua trégua, o que dá grande descanso à alma, sucedendo até que a Religião só é invocada, ou chamada, quando há falhas a preencher no Entendimento.

Para certos espíritos a filosofia, tal como a humanidade culta a concebeu, inteiramente ocupada com as desenvolvções da razão, já não basta para o contentamento da inteligência. Com os progressos científicos cada vez se distinguem melhor as deficiências dos nossos conhecimentos, e assim aumenta a necessidade de recorrer à mística para suprir o que falta...

Pode-se até dizer que a ciência é um arranjo de «porta de escada», que serve apenas para abrir caminho à fé no sobrenatural.

Tudo isto, na opinião de alguns intratáveis céticos, significa somente o regresso à «mentalidade primitiva», de que várias tribos da Austrália nos conservam a perfeita amostra... Mas aqui não haverá também exagero?

A fim de reforçar os seus arazoados, certos filósofos espiritualistas, para os quais tudo é experiência positiva (a dor, a ira, a dialética, a paisagem), admitem, como princípio incontroverso, que Deus (que eles não sabem o que seja), cuja definição clara são incapazes de dar, reside na consciência humana e é também objeto de «experiência».

Mas, no fundo, a secreta preocupação do moralista — afirmam ainda os céticos — consiste em manter as regras sociais que melhor aproveitam à sua segurança e prosperidade particular.

Quando, ao cabo de leituras metafísicas e meditações profundas, se chega à conclusão aceitável de que os escopos da moral residem na realização do Bem, do Belo e da Verdade, sente-se que ainda há muito caminho a andar, tão relativos e difíceis de explicar cabalmente nos aparecem aqueles três conceitos.

Tempo foi em que era moda, para fortalecer a própria individualidade, vir a público agitando em flâmula o contraste que o Nietzsche apontou «da moral dos senhores e a moral dos escravos».

Ao contrário daquilo que muitíssimos filósofos aventam, ainda há quem julgue que a luta entre materialismo e espiritualismo há de ter fim, dependendo isso do grau de instrução que a maioria da humanidade atingir, mas sobretudo do desenvolvimento do bem-estar físico, de modo que o homem não tenha de recorrer às ficções sobrenaturais para sonhar com a realização da felicidade, nem seja explorado pelos sacerdotes das religiões que lha prometem na outra vida.

.....  
O verdadeiro fundo da felicidade está talvez em aceitar como inevitáveis as contrariedades que a natureza nos impõe, e acatar as sujeições que daí derivam...

## XIV

Uma das características, senão a principal, da produção literária do moralista está na sua incapacidade de arquitetar um sistema ou desenvolver uma tese. Procede pelo exclusivo exame dos detalhes e desentranha-se em sentenças. Daí vem o desarranjo, o desconcerto das suas obras, onde são frequentes as contradições.

Moralistas de jornais: a simples reportagem, por mais hábil e perspicaz que seja o seu autor, embora filosófica, moralista, pitoresca e faceta, não dá mais do que o superficial aspeto dos acontecimentos. Para penetrar à intimidade, ao sentido profundo dos factos, exige-se aturada experiência do país onde se produzem, perfeito conhecimento da sociedade que os pratica.

Devemos admirar as pessoas que trazem Deus consigo, embora nenhuma ideia façam do «absoluto». E aqui, observa-me ainda um cético, a situação é-lhes muito desfavorável, porque Deus é o *infinitamente grande* que o nosso espírito não pode conceber, como sucede com o *infinitamente pequeno*, o qual, mesmo depois da descoberta de que se pode dividir o átomo, conserva o seu limite em *zero*...

Abriu-nos a filosofia científica horizontes novos às investigações da inteligência? Em todo o caso deu um formidável bote nos vaidosos especialistas, cuja autoridade abalou para sempre, e abateu as fronteiras que delimitavam o campo dos diversos ramos do saber humano.

O que mais surpreende nos filósofos espiritualistas é o seu receio, bem patente, de que desapareça a «consciência de Deus»; realmente é duvidar do poder infinito do Padre Eterno, e zombar das suas intenções...

Estão ainda próximos os tempos em que a Igreja Católica, assustada com os progressos da ciência, tentava servir-se dessa mesma ciência, para explicar os absurdos de que estão recheados os livros santos.

Meditação, contemplação... e ação. O que vale mais para nos aproximarmos da felicidade? É conforme os temperamentos; porém, agir como

se a vida terrestre fosse a exclusiva finalidade do género humano produz uma saudável embriaguez, e conduz ou incita à realização de projetos que melhorem as condições da existência, e diminuam os sofrimentos. Mas serão realmente infelizes as criaturas que vivem com o sentido exclusivamente posto na possibilidade de transitar para outro mundo?...

Uma nova conceção do humanismo!, o humanismo novo; o que quer isso dizer? Mesmo quando signifique uma fórmula moderna de explicar o mundo, com as suas correntes políticas e filosóficas, será isso inteira novidade; não existiria já, antigamente, mesmo entre os gregos?

A substituição do «materialismo» pelo «fiscismo» constitui progresso científico? Julgo que sim...

No que respeita ao valor da ciência, basta um aspeto para o encarecer; dizia Bacon: «o nosso poder está na proporção do nosso saber».

Certas e inesperadas *respostas* do subconsciente parecem confirmar a teoria, agora em moda, de que a matéria viva possui faculdades de memória indestrutíveis — a memória da molécula...

Não há dúvida que o mundo é um espetáculo que nós podemos seguir com mais ou menos atenção, mas nunca inteiramente desprendidos do seu enredo, porque nós mesmos dele fazemos parte e porventura a principal...

Uma das maiores *virtudes* do verdadeiro artista consiste na faculdade de exprimir os seus mais íntimos sentimentos sem receio da opinião pública, nem dos preceitos da moral estabelecida...

## XV

Os meus leitores habituais (parece que os tenho, pouco numerosos mas fiéis, sendo ainda mais extraordinário que se recrutem entre a gente moça) estão admirados do tom sentencioso e moralista, em que são escritas estas minhas últimas «variações», e também, por vezes, os artigos

«De Tudo Um Pouco». É pecha da velhice, difícilíssima, senão impossível de remediar! E no absoluto isolamento em que vivo há já alguns anos, essa pecha agrava-se ao constante segredar do subconsciente, cuja voz amiúdo escuto com interesse e curiosidade, à falta de alguém com quem mantenha contacto ou sustente conversa. Ora o meu subconsciente é naturalmente filosofal, sentencioso e presumido, a ponto de me sugerir a ideia de juntar os seus *melhores* conceitos num livro que intitularia *Frutos da Inteligência e da Razão*, e constituísse prova de peso no concurso para a imortalidade. Porém a envergadura de tal projeto não se coaduna com a leve, inconstante, digamos leviana ou fútil disposição do meu espírito e dos meus livros, e desisti por completo de o realizar. Mas com pena e de quando em quando, quase involuntariamente, essas sentenças acodem-me ao bico da pena.

Eu não sei se já disse aos meus amáveis leitores que as «Variações sobre Velhíssimos Temas», com os artigos «De Tudo Um Pouco» e «Figuras e Quadros de Pouca Monta» (que tão glorioso estrépito têm levantado na imprensa semanal; à diária ainda não cheguei), são capítulos de um livro que se chamará *Carnaval Literário*. E aqui vem a pelo correr ao encontro das observações azedas, de alguns dos numerosos colegas que não toleram a minha prosa (são tantos: o desgosto que isso me causa!) e a quem estou ouvindo murmurar:

«Aí vem ele, com as suas costumadas excentricidades, a impingir-nos no meio da obra as considerações, aliás inúteis, que mal conviriam a um prefácio ou a um posfácio. Prima em não fazer coisa alguma como a outra gente, só para se dar ares de original», etc.

Pois encaixadas, fora ou não de propósito, as reflexões que quadrariam a um prefácio ou posfácio aqui as pespego no ponto em que se me ofereceram ao espírito, pedindo mil perdões aos meus censores por as não fazer na altura onde eles judiciosamente as desejarium ver...

Mas um prefácio, ou mesmo um posfácio, reverte a aparência de solenidade que este livro não comporta, e aqui as deixo ficar como se fosse lugar idóneo.

Dizia eu então que o subconsciente, há já tempos a esta parte, me persegue com sentenças, e máximas, tão pretensivas como descabidas, das quais aproveito somente aquelas que não destoam do carácter ou marca de um livro chamado *Carnaval Literário*. Talvez um dia, apesar dos meus protestos (quem sabe?), reúna as mais pomposas, e as dê a lume



com a tal designação, que acho linda (custa tanto desperdiçar um título bonito!), de *Frutos da Experiência e da Razão...*

E agora um derradeiro reparo. Não será tanto o inoportuno e deslocado das minhas observações, de natureza prefacial, que chocará o leitor; porventura aquilo que mais o escandalizará é que apareçam sob a epígrafe de «Variações sobre Velhíssimos Temas». Pois eu não as julgo mal-arrumadas, sendo certo que de longíssimas datas se discute a comodidade e valor dos prefácios, posfácios, etc.

E com estas desculpas me fecho, passando no artigo seguinte (e seguintes?) a revelar mais algumas das medianas sentenças que o subconsciente me tem assoprado, e convenham à rubrica de *Carnaval Literário...*

## FIGURAS E QUADROS DE POUCA MONTA

### I

À semelhança de toda a gente, sucede-me em certas ocasiões implicar com determinados e exclusivos pontos de observação. Nesse dia eram as expressões fisionómicas a açambarcar-me a atenção. Talvez porque vira logo de manhã, num jornal ilustrado, os retratos de algumas personagens célebres: o Lombroso, o Mistral, o Blowitz.

Na imagem do Lombroso, que não conhecia, encontrei um sábio de bigode e pera, e a do Mistral deu-me um poeta igualmente de pera e bigode. Ambos me pareceram admiráveis com tal corte de barba. O Lombroso usava óculos que o Mistral não punha, e estranhei que as científicas lentes do primeiro não descessem à ponta do nariz do vate sob a forma de lunetas. Tais foram os elevados pensamentos que me sugeriram!...

Extravagante — singular — a figura do Blowitz, que acabava de se finar em Paris, e que eu tivera ensejo de examinar viva durante as minhas numerosas peregrinações. Um anão cuja cabeçorra se armava em juba leonina. E que prodigiosa influência ele exerceu na política mundial, graças às suas correspondências para o *Times*! Porém nesse dia eu pouca ou nenhuma atenção prestava às atitudes espirituais; bastavam-se as físicas, e, precisamente no momento em que percorria novamente a ilustração, tinha na minha frente um exemplar espantoso.

Com efeito: de insolente fealdade essa velha que o acaso me deu por companheira até Sintra! Ia meia dormente, mas grimpa no ar e abrindo de quando em quando, para mim, os olhos amortecidos de arara depenada. Tinha o beijo inferior das raças muares; não; tinha o beijo inferior do camelo desdenhoso, beijo caído, polpudo, enorme, seguro ao queixo por duas linhas curvas, rugas fundíssimas que dos cantos da boca vinham encontrar-se debaixo da barba, entre penduricalhos de peles mortas. Trazia consigo um cavalheiro com todo o ar assexuado dos jogadores de profissão, a quem mal dirigia a palavra.

A primeira criatura que se me deparou em Sintra foi um inglês tomando um copo de cerveja de pipa, mas olhando em volta com tal expressão de desprezo, que nem mesmo se explicaria quando empunhasse a taça do Rei Thule, cheia de antediluviano vinho de Tokay. Logo me fez pensar, com satisfação, na carga de pau que ali mesmo apanhou o presumido, arrogante e grande Byron.

Mas nem tudo são horrores e misérias neste vale de lágrimas. No salão do hotel está sentada uma senhora cujo rosto me surpreende e encanta. Fisionomia risonha? Não sei. Raras vezes a boca sorria, mas o riso aflorava-lhe constantemente aos olhos (bailava-lhe nos olhos) e a expressão do rosto era mil vezes mais finamente risonha do que se o sorriso lhe andasse nos lábios.

Venho passar o dia com uma família algarvia, cujo filho mais velho acaba de chegar de Londres, onde esteve mês e meio, no regresso da China, e que eu não via desde criança. Esse rapaz é um tipo muito pouco vulgar. Expressão satânica. Monóculo em constante rotação no dedo que o faz girar na extremidade de uma larga e longa fita negra. Carapinha loira, cortada ao meio da cabeça, e em toda a sua extensão, pela marrafa aberta a navalha de barba. Sotaque saxónico, de quem esqueceu a língua natal, e no tom cómico dos atores que arremedam ingleses a falar português. Mas onde ele se mostrava deveras estrambótico era na gargalhada de grande efeito, cacarejada com requebro de galinha choca. E o que ele fazia para que lhe reparassem na gargalhada! Não perdia ocasião de a expelir, porém, nos chistes que provocavam riso geral, esperava que todos se calassem para então despedir o seu cacarejo, isoladamente. Originalíssimo, como convinha a quem levara mês e meio na capital da Grã-Bretanha. Com tudo isto a família e os amigos presentes olhavam-no e escutavam-no como a um ídolo que fosse também oráculo.

Nesse tempo, a China estava na berra, graças à agitação dos seus generais, e ao desenvolvimento do xenofobismo, que tomara proporções assustadoras para as nações que lhe impingiam os seus produtos. Alguém aludiu à situação, acrescentando que o chinês era um mistério, um enigma insolúvel.

— Puro engano — atalhou com força o moço viajante —, eu, que o estudei a fundo, em duas palavras o explico...

Fez-se logo silêncio respeitoso, e eu disse para com os meus botões: que formidável acervo de destemperos e tolices não sairá dali; e tão inesperado me parecia qualquer justo conceito que me assombrou o que lhe ouvi. Em resumo, foi o seguinte:

— O espírito ou a feição característica do chinês é o negócio; ele é comerciante por inclinação e educação, com todas as faculdades de cálculo e audácia que reclama à alta especulação financeira. Vejam os prodígios que executaram esses filhos da lua em Saigão, em Bangucoque, em Manila e, sobretudo, em Singapura. O lado político da existência é-lhes indiferente: governados por mandarins ou por funcionários ocidentais, tanto importa. O essencial é poder dar asas aos exercícios traficantes, por isso sob o mando político inglês eles atingem ou alcançam o domínio financeiro, como em Singapura. O problema chinês nunca deveria ser encarado sob o ponto de vista político mas sim restritamente econômico...

No meu assombro até me parecia ter já ouvido ou lido estas coisas; mas onde? E se não eram originais, pelo menos o modo como recitara a lição ultrapassava tudo quanto se pudesse imaginar em certeza e desplante. Tinham, pois, razão a família e os amigos que o escutavam com embevecimento.

Depois disto vá lá acreditar em caras. Todas as visões do dia se me baralharam. A velha do comboio, o inglês da cerveja, os retratos da ilustração e até a senhora risonha: máscaras confusas. E pela primeira vez na vida senti realmente não ter queda para a filosofia, que me permitisse arquitetar um sistema de que esta passagem fosse a pedra angular. Porém, no que certamente eu jamais cairia era em forjar uma nova arte de interpretação fisionômica, à maneira do Lavater...

## II

Estoril, no «Hotel de Itália».

Veio comigo, de Lisboa, um cavalheiro que é meu vizinho de mesa. Pequeno, regordete e certo ar de impertinência carioca. Tem três companheiras: mulher, sogra e tia? Todas três são trigueiras, pestanudas, e vai-se-lhes encanecendo a farta cabeleira. Há um mistério que liga aqueles quatro seres. O homem regordete afasta-se das senhoras a cada instante e contempla-as da outra extremidade da sala, para onde vieram depois do jantar. De quando em quando aproxima-se e beija a mão da mais velha, a mais melancólica das três. Os olhos dela, redondos e postos na gente com a indiferente fixidez peculiar da coruja, permanecem impassíveis ao beija-mão. As companheiras segredam o quer que seja. Todas elas são retratos de criminosas célebres...

Um inglês de muito venerável aspeto, bem vestido, com berloques na cadeia do relógio, e todo um sistema de lunetas de oiro pendulando na curva do avantajado ventre. A mulher pequenina, gárrula, o rosto coberto de uma rede de rugas mal disfarçadas pela pintura, e o chapéu de palha cheio de rosas de cem folhas. Ambos sem nenhuma característica especialmente britânica, e como que a intrometer-se nos contornos lusitanos; ambos maus retratos de galeria de família...

Outro casal inglês, contraste ao que venho de esboçar e que encontrei ontem na «Boca do Inferno» admirando as derrocadas da costa de Cascais.

«Efeitos do terramoto» — inquiria ele —, «e o mar que se esverdinha sem razão?»

Era realmente um «bife» muito para estudar. De estatura diminuta, e já na volta dos cinquenta, parecia caminhar a reboque da companheira, alta e forte como torre de menagem, que o levava pelo braço. Bochechudo e alacrado, as pernas de vaquetas, vestia um sobretudo curto, de muita roda, cor de mostarda, pisada, e brandia um descomunal bengalão de espinheiro. A mulher arrastava-o para onde havia algum montão de penedos, mas ele nem para eles olhava, e resistia-lhe, parando em terreno chão e limpo de pedregulho, e punha-se a discursar. Então fazia repetidas vezes o gesto de atirar a cara para o lado; descrevia círculos com o bengalão, ou com ele

esgrimia, sempre voltado para onde ninguém estava, e batendo com os pés no chão como que ficava à espera de ver surgir as maravilhas que porventura evocava...

Senhora portuguesa de cabelos pretos como azeviche e abundantíssimas carnes. Desperta quando me vê e fixa-me com intenções magnéticas. Pertence à legião dos inquisidores vestidos de saias, mas com dores nos joelhos, pulga nas costas e calos pungentes. Ó martírio sem fim! E sonha com as tardes sonolentas do mês de Maria, em igrejinhas floridas, entre o ciciar de vozes abafadas e o zumbido das moscas.

Faz luar. Dou uma volta pela praia onde há banhistas, que me causam inveja. Felicíssimos tempos aqueles em que me metia pelo mar fora, fosse a que hora fosse. Eu amava o mar sensualmente, à semelhança do Swinburne, que sentia na carne a carícia da água, como se o envolvessem braços e peitos nus. Agora já ando obrigado ao preceito espanhol: «de los cuarenta para arriba no te mojes la barriga».

Volto ao hotel já tarde. No salão pouca gente havia. A serpentina consulesa do Brasil; uma ruiva judia de cabelo crespo, mostrando pelo vasto decote o mármore apetecível da sua carne, entre os leves crepes de seda negra que lhe enfeitavam o vestido elegantíssimo; uma família de gente pretensiosa: pai, mãe e três filhas, todas com mãos gigantescas, *lorgnon* e bocas espremidas; a um canto uma criatura tão espectralmente pintada que reproduz a primor o tom cadavérico, sem lhe faltarem os laivos verdes, e a boca de rã, mole, que não deve sustentar a baba com os lábios que são de xareta e como que enfiados em fio de guita: falava com voz baixa mas imitando o som da chaleira a ferver, que se ouvia em toda a parte.

Vamos para a cama. No corredor cruzo-me com a minha altamente simpática vizinha de quarto. Velhota de nacionalidade e origem incertas, ressumando energia, com os joanetes mais belicosos que eu ainda vira, e cheia de dignidade, de compostura. Nunca vai à casinha senão de chapéu de plumas, *à la Vallière*, e vestido de amazona, de infinita cauda, como ninguém já usa e que ela conserva exclusivamente para aquela aliviadora excursão matinal.

Nessa época eu tinha a pretensão de dirigir os meus sonhos, enredando-os à vontade, com uma comparsaria da minha escolha; porém as figuras vistas durante o dia ocupavam-me o espírito e eram de tal modo grotescas que desisti de as utilizar, sem me dar ao trabalho de evocar quaisquer outras. Resultado: uma noite quietíssima, de sono pesado e livre de pesadelos...

### III

Não recordo de me ter jamais reconciliado com alguém que houvesse perdido a minha estima; porém, nos casos de quebra casual de relações, pela separação longa ou qualquer outro motivo alheio à minha vontade, nunca recusei acolher cortesmente pessoas com quem convivera bastante, embora me não merecessem grande consideração. Nesse caso estava o sujeito que encontrei ontem no Estoril, após vinte anos de ausência, levados consecutivamente nas nossas colónias africanas, onde parece que arranjou fortuna.

Quando o conheci no Porto era um gastador impenitente, não olhando nunca a despesas, esbanjando o seu e o alheio sempre com a máxima de S. Tomás nos lábios (ou no sentido): *usus pecunia est in emissione ipsius* — a função do dinheiro (tradução dele) consiste em gastar-se.

É de antiquíssimo ritual selar pazes com libações alcoólicas copiosas, sucedendo amiúdo, entre gente rude, que nesse mesmo ato as pazes se quebram outra vez. Aceitei as libações para que me convidou apenas me viu, fiz-lhes honra (talvez demasiada), e escutei-lhe as confidências que por serem imoderadamente íntimas e escabrosas me decidiram a evitar-lhes a continuação. Mas isso (e porventura o excesso e fortaleza das bebidas) deixou-me muito mal-humorado, a ponto de repelir brutalmente uma feiticeira, bruxa, deitadeira de cartas, ou adivinha (tudo entra no ofício de «mulher de virtude», julgo eu) que encontrei ao largar o meu ex-camarada, e a quem eu prometera dar a mão... para estudo. E mais me arreliou quando a vi afastar-se furiosa. Era uma cigana ainda nova: com a cinta tão estreita e a grande roda das saias, caminhava airosa e leve, como o cálice de uma imensa flor invertida, andando sobre os estames.

O último inverno, rigoroso, frígido, trouxe-me em permanente compressão de espírito. Estou a desabrochar agora; e para melhor entendimento do que sinto, lá vai uma imagem pretensiosa (e arriscada): certos estados de alma, que, após desabrido e áspero inverno, a primavera provoca, podem comparar-se ao amujo de uma deusa, que trasborda leite facilmente transformado em astros... (Foi assim que apareceu no céu a «Via Láctea».) Mas ando um pouco perdido pelos caminhos da mata por onde me embrenhei. Porém, que deliciosas paragens! Todos nós as conhecemos. De repente, nos recessos da floresta, abrem-se esses recintos largos e geométricos, fechados em altíssimas árvores, todas parelhas, que imprimem não sei que severo carácter claustral, bem mais religioso do que nas arquiteturas monásticas.

Mas não será tudo isto mera cantiga literária? O facto é que, apesar das divagações místicas, a preocupação da caricatura humana me não larga, em detrimento de todas as outras, que sejam de sentimentos ou de ideias. (Só a paisagem resiste ao ridículo: nenhuma se me deparou ainda que provocasse o riso...) Um exemplo mais, que se pode chamar «caricatura para bem»:

Vejo-a daqui perfeitamente. Nada lhe perco da expressão do rosto; nem o mínimo gesto. Está à janela do rés do chão, conversando para a rua com outra mulher. É uma parva, absolutamente uma parva, incapaz de juntar duas ideias. No entanto, vista daqui, parece estar pronunciando um discurso ponderado, que tem lances patéticos, nos quais a sua eloquência assume extraordinária elevação. E os gestos? Ninguém os teria mais medidos, mais elegantes, mais adequados à manifestação de uma inteligência vasta. Mas é uma rematada parva, e tudo quanto está falocando são tolíssimas banalidades e chochos mexericos. Ah!, o prestígio da distância! Porém, que me importa que seja parva, se o não parece a distância? É que, desgraçadamente, nem sempre estamos longe um do outro... Bom; não foi caricatura para bem nem para mal que me saiu; foi um desabafo, um grito de alma...

Para a estação do caminho de ferro (mas logo o perdi totalmente de vista), entrou esta manhã um tipo que me acendeu na memória mil gostosas recordações. Seria o mesmo que encontrei há trinta anos nas Canárias? Impossível. Esse outro, se ainda vive, deve ser agora um velho caduco. Quando o conheci, na hospedaria onde parávamos em Las Palmas, pouco



mais teria de cinquenta anos mas parecia muito mais novo. Era anarquista declarado. Gordo, rosado, glabro, de feições finas, lábios delgados, o nariz agudo e no queixo as roscas abundantes de alguns prelados célebres. Vendia perfumes, cujas amostras oferecia com as suas moles e brancas mãozinhas de cortesã remediada, pregando ao mesmo tempo a destruição universal... E como se casava bem ao quadro que armava o hotel de Doña Pino, onde cada qual fazia o que lhe dava na real gana; ali, até no ajuste de contas havia liberdade plena: só pagava quem queria.

Mas deixemos essas memórias, que se me pusesse a remexer-lhes seria um nunca acabar. Porém, sempre quero registrar aqui a grata recordação que ainda e sempre me restará do maestro Saint-Saëns, o qual costumava passar os invernos nas Canárias e frequentava o «café» que pertencia ao meu hotel. Sem se fazer rogar sentava-se ao piano e dava-nos concertos estupendos. Não havia música, antiga ou moderna, que ele não soubesse de cor, conservando intactos, apesar da idade, os dotes, a força e a técnica de um *virtuose* exímio.

#### IV

Nos remotíssimos tempos da minha mocidade, a viagem terrestre de Lisboa para o Algarve era longa, complicada, e quase aventureira. Comboio até Beja; diligência de Beja até Mértola; descida do Guadiana em vapor até Vila Real de Santo António e daí outra vez diligência ao longo da costa, caminho que eu aproveitava quase na sua totalidade, parando na minha terra natal — aviso aos vindouros —, então Vila Nova (hoje cidade) de Portimão.

Teria treze ou catorze anos, indo passar as férias grandes a casa encontrei-me em Beja, à mesa da famosa — e abominável — hospedaria de D. Sebastião, com dois orientais de chéchia escarlate e aljarabia de seda cor de pinhão, que julguei serem muçulmanos. Logo se me inflamou a imaginação, como se fossem heróis de um capítulo inédito das *Mil e Uma Noites*, e profundo foi o meu despeito quando soube que eram cristãos, convertidos (na minha opinião desse tempo, perversos) pelos franciscanos portugueses de Jerusalém. Vinham vender rosários e lascas de madeira das árvores de Monte Olivete. O mais velho teria vinte e cinco anos e era

casado com a irmã do mais novo, que ia nos dezoito. Falavam correntemente francês e faziam-se entender em português. O adolescente, logo à primeira conversa que tivemos, na qual lhe manifestei a minha decepção, mostrou-se também pesaroso por ter adotado a religião cristã, que só permite ter uma única mulher, ficando, portanto, se se casasse, amarrado à mesma fêmea, que na raça árabe cedo envelhece. E citou o precoce descalabro físico da própria mãe e o desgosto do pai, também «pervertido ao cristianismo», por não poder matrimoniar-se com diversas e amiúdo.

Passou-me então pela mente uma ideia louca, só desculpável pela pouca idade: e se eu conseguisse convertê-lo novamente à religião de Maomé? Nessas diligências me empenhei de alma e coração, não faltando ensino de as praticar porque seguimos viagem juntos até Faro e depois tive-o mais de uma semana em Portimão, num armazém que pertencia a meu pai, onde abriram a tenda de sagradas relíquias e amuletos. Ignoro se os meus esforços surtiram efeito, o facto, porém, é que, passado pouco mais de um ano, recebi carta sua, de Jerusalém, participando que vovlera às crenças dos seus gloriosos antepassados... e ia casar.

O interesse de mero exotismo, que me inspiravam os dois orientais, estendia-se à parte comercial da sua missão. Fiz quanto pude para os auxiliar, instando especialmente por que ficassem em Portimão até novembro, para armarem barraca na feira que eu lhes descrevia qual outra rival de Nijni Novgorod... Era sincero, e ainda hoje, quando me reporto às impressões da infância, não recordo feira que a supere ou iguale.

A título de curiosidade, vamos lá ver que imagens me ficaram de então. Não é mau, de quando em quando, reviver essas ilusões; são amores primitivos cuja lembrança reconforta.

Houve uma mulher que adorei em rapaz (e ela já não era nova) em cuja presença pela vida fora, nos lances de inquietação e sofrimento, a minha alma encontrava alento certo, como o corpo regelado se anima ao calor da lareira...

Como parecia aumentar a extensão do cais logo que a feira lá assentava! Tornava-se de uma vastidão sem fim. Começava pela barulhenta rua dos sapateiros (cheia de penduricalhos, tresandando a curtidura), que eu mal percebia que coubesse ali; depois a rua igualmente longa dos paneiros, porém, mais repousada, quase silenciosa, embora fosse raro o momento

em que eles não trabalhassem, medindo às varas os sorianos apetedidos pelos lapuzes friorentos; depois a rua dos tendeiros, exposição das maravilhas que as crianças ambicionam para os seus paraísos domésticos: pelas multicores; tirsos cobertos de guizos; arlequins abrindo os braços do alto das tribunas que lhes proporcionam os gargalos de garrafas; animais de toda a casta, e as gaitinhas de toda a espécie e feitos, com os berimbau, os tambores, as trompas; e para remate, as harmónicas inacessíveis, regalos... de príncipes reais. Quase isolada, mais larga e decorativa, embora mais curta, a rua com as barracas de arreios: a alegria andaluza dos cabrestões recamados de rosas, as retrancas franjadas, as rédeas de polimenta.

No coração da feira os aristocráticos ourives, com a densa e variada multidão da freguesia que lhes perscruta os escaparates: damas elegantes e desdenhosas; casais de namorados devaneando sobre a posse daqueles tesouros; campónias poupadas que forraram o dinheiro para comprar um par de brincos, ou um cordão, e andam com a família toda (e o noivo) horas sucessivas a examinar, a ajustar...

Por fim, formando bairro à parte, as barracas de «comes e bebes» com toques de guitarra e figurões congestionados que deitam a cabeça de fora para vomitar vinho tinto...

Depois, ao ar livre (como chega o espaço para tanta coisa!), a obra de castanho, feita em Monchique: mesas, cadeiras e arcas; os montes de frutas, os peros rescendentes, o cascalho de nozes, as pirâmides de romãs; e as louças de barro, de faiança, estendidas sobre junco, luzindo ao sol a peculiar garridice dos seus esmaltes vidrados.

Formando também bairro distinto as barracas de bazares ou leilões, dos títeres, e aquela infalível — temerosa — das feras, que se por acaso se soltassem (pobres feras!) devoravam tudo, com constante e enorme concorrência de labregos pasmados e de embarcações de mãos dadas e andar balouçado.

E as surpresas e transe da correioira, para quem se propõe escolher um burro sólido e veloz, que mate de inveja os companheiros de escola?

Mas excedendo tudo a feira do gado, com essa raça de bois vermelhos que no Algarve apuraram até à perfeição estreme, e não tem rival no mundo. A última visão que dela me ficou, quando a deixei, dá-me ainda hoje um marujo da armada puxado por um bezerro renitente, enleado no seu uniforme, não porque lhe tolhesse os movimentos mas — dizia-me ele depois — por sentir a extravagância de aparecer ali assim vestido,

levando pelo braço um bezerro assustadiço, e ainda em cima o guarda-sol azul e colossal aberto, para abrigar a numerosa família que o acompanhava. Era um tremendo garotão filho de uma comadre dos Montes de Alvor, viúva, que tinha uma horta e moirejava com um homem. O bezerro, da sua criação, foi a peça mais linda que se apresentou na feira: rendeu nove moedas.

E por todos os lados o povo, a agitação, o bulício, a poeira, o barulho são tais que as mães estonteadas, cegas, esquecem os filhos, que se perdem e desaparecem roubados pelos ciganos, diz a lenda que cito para pôr ponto à relação de tantos assombros... pueris.

«Dar as feiras» constitui no Algarve uma espécie de obrigação, a que ninguém que se preze pode fugir: é mais restrita do que a própria consolda das endoenças. As crianças andam constantemente à busca dos padrinhos e dos parentes e amigos dos pais para lhes pedirem as feiras, não faltando todavia quem as recuse, sobretudo aos filhos dos ricos que não sabem fazer seleção de avaros e pródigos. Não sucede o mesmo com os pobres, que nunca se enganam...

A grande, incomparável escola de observação está, sem dúvida, na pobreza, na dependência. As pessoas que desde pequenas se habituaram a estudar nos rostos alheios as disposições favoráveis ou desfavoráveis a seu respeito, para daí tirar conclusões que interessam à sua tranquilidade, nas passagens mais comezinhas da vida corrente, são as únicas capazes de *observar* num relance, com acerto. Em equiparência, os observadores literários são ridículos; de imaginação rica mas pouco presos à dolorosa realidade experimental e portanto pouco humanos e ainda menos exatos.

E aqui está o sublime conceito moralista (ou filosófico?) a que me levou a reminiscência duma feira de província, armada no fim do mundo, há mais de meio século...

## V

Isto sucedeu no primeiro ano do século presente:

Ontem à noite, passando pelo adro da igreja, encontrei o padre prior e o delegado, que discutiam o caso do Sertório Nunes. O delegado, coisa

rara na gente da sua profissão, apregoa ideias liberais, e até subversivas; e tem uns olhos tão transparentes que a luz parece atravessá-los e alcançar o lado oposto, como se fossem de vidro. O prior, reacionário impenitente, é muito presunçoso da sua pessoa, e não perde ensejo de pôr em evidência as mãozinhas roliças e brancas. Desfruta duas amas de se lhes tirar o chapéu e que, além de anafadas e apetitosas, possuem excepcionais dotes culinários.

Queria o prior que se consentisse ao Sertório Nunes, depois de receber bofetadas em público, a liberdade de recusar bater-se em duelo, continuando a cingir a espada, todo agalado com os oiros de coronel, pois que as nossas leis proíbem aquele género de desforço.

Retorquia-lhe o delegado que as leis, com efeito, proíbem o duelo, mas os usos e costumes mandam que os militares se batam, sempre que a isso os compilam à força de bofetadas, e que o Sertório Nunes, já conhecedor de tal costume, deveria ter há muito renunciado ao serviço de Marte se, continuando a carreira de jornalista, as suas convicções religiosas o impedissem de dar satisfação pelas armas a quem insultasse nos seus artigos. E aplaudia a designação que o Emídio Navarro lhe outorgara: «general maricas».

Replicava-lhe o prior, enfurecido, que isso não devia nem podia ser assim, quando as convicções religiosas se harmonizavam com a legislação nacional.

— Mas amanhã — atalhava o delegado — as convicções religiosas impedi-lo-ão de ir para a guerra, a que essas mesmas leis o obrigam.

— Não há tal — redarguia o prior —, a guerra está estabelecida por leis certas.

— Porém, Nosso Senhor Jesus Cristo proibiu expressamente a guerra, e que se tirasse a vida ao nosso semelhante, o que é o fim da guerra...

— Mas a Igreja admite as guerras...

— A Igreja Católica não é o cristianismo...

— Senhor, o que diz; pois não foi Nosso Senhor Jesus Cristo que expulsou os mercadores do Templo?...

E com tão abstruso como inesperado argumento o delegado embatucou e puseram ponto final na discussão.

Apesar da divergência de opiniões, os dois funcionários mostram um pelo outro funda consideração, mas sem perder ensejo de reciprocamente se meterem a ridículo.

Relatando o que se passara num serão em casa fidalga do Poço, contava-me o delegado:

— Nessa noite o prior estava feliz. Recapitulou o que dissera na sua memorável visita ao cardeal-patriarca. Algumas passagens proporcionaram-lhe ocasião de brilhar, falando com elegância e incontestável arte de assuntos escabrosos, religião, sobretudo, a respeito da qual o auditório era manifestamente intransigente. Teimou em censurar a proteção ultimamente dispensada pelos poderes públicos aos padres de fora, frades e outros. Lamentou a desmoralização conhecida do nosso clero, a um tempo frascário, egoísta, preguiçoso e ignorante. «Mantêm-se os bispos» — ajuntou — «indiferentes à indisciplina e penúria dos párocos, só atentos ao que seja melhoria própria», etc. Mas como alguém aludisse à febre atual (provocada pela Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Amélia) de acudir aos tuberculosos por todos os modos e feitios, obrigando os municípios e confrarias a contribuições pesadas, teve um dito infeliz, que não pôde remediar, por mais atenuantes que lhe atirasse para cima: declarou que S.M. a Rainha e nossa augusta Ama *dera patada* no caso...

Um dia desavieram-se e eu assisti ao final da dramática cena. O prior voltara de uma peregrinação a Roma dizendo mal de tudo e de todos. Queixava-se especialmente das faltas de atenção que sofrera e que se traduziam por toda a casta de incómodos materiais. Para cúmulo até lhe roubaram a carteira; e não tinha louvores bastantes para encarecer o encanto do regresso à pátria (de que antes da peregrinação bradava horrores), o sossego da sua paróquia, sem esquecer as sopas de passarinhos e outras delícias domésticas com que as amas o mimoseavam.

Por mais de uma vez, eu notara que o delegado não acolhia de bom talante aquelas lamúrias, e sentia-se-lhe a surda inveja de uma viagem a Roma, que não podia empreender mas considerava a realização da suprema felicidade terrestre. O prior, afinal, é um desaforado ingrato, um espírito vil, declara-me ele, sem que eu lhe houvesse provocado o desabafo. Mas bem longe estava de imaginar o grau de rancor a que chegara e se patenteou plenamente na violenta objurgatória que lhe ouvi no momento da rutura. Tudo veio à balha para não isentar o sacerdote de qualquer pecado mortal. Até as armas, a gula e a sopa de passarinhos. Para remate trovejou: «E eu sempre queria saber em que posição Vossa Excelência estava, nessa noite sinistra, quando lhe roubaram a bolsa, visto como assegurava que a tinha na algibeira das calças e levava vestida a batina?»

O pobre prior caminhou de ali para a cama, onde permaneceu mais de duas semanas; fora tal o abalo que originara uma gastroenterite de mau carácter, fenómeno que os médicos capitularam de «peregrino», comentava o delegado, esfregando as mãos...

## VI

Ainda hoje (pela milésima vez) mergulhei em considerações importunas, ao ver o homem que me suplantou no meu mais fundo amor. É um marinheiro maltalhado, com muito de orangotango. E suplantou-me quando era guapo, afetivo e ardente, embora algo alfenim. Colhi, é facto, as primícias (que a bela dificulosamente me concedeu), mas ele teve o amor, fez os filhos e casou com ela, que, decerto, agora me arrumou entre os inocentes brinquedos com que se entretêm as raparigas solteiras.

Que abismo entre a equilibrada pacatez desta mulher e os destemperos vulcânicos de uma outra, que eu amei porque se lhe parecia muitíssimo! Nunca me esqueceu, e isso sente-se nos mínimos pormenores. Ainda agora, ao passar por mim, mesmo ao lado do marido que ia, boleeiro exímio, guiando os seus corcéis, majestoso como um César triunfante, ainda há pouco saudou-me com fulgurações de esmeralda, despedidas pelas pálpebras mal cerradas.

E que disparatada comparação me sugere o paralelo espiritual destas duas criaturas tão semelhantes no físico! A dualidade antinómica de certos moralistas, como, por exemplo, Vauvenargues, arquitetando teorias sobre os impulsos do coração a par de uma conceção estritamente mecânica da inteligência.

Caprichos femininos! Veja-se este quadro; ele é uma criatura evidentemente embrionária, incompleta, mas acabada na sua imperfeição. Uma redução de esboço, uma sombra concentrada, com sorrisos finórios que lhe iluminam a face de uma estupidez mais funda, e rindo, no final de cada uma das gracinhas que expetora, como a galinha cacareja depois de pôr o ovo. Pretensioso até ao inverosímil infinito, sonha-se coroado de enciclopédicas supremacias, e, pigmeu como é, arrasta-o, leva-o a reboque uma dessas mulheres simbólicas na formosura da sua plástica, mimosa e

adorável, que sorri com raios de lua no olhar, e é como que um astro essencial, próximo, acariciador, para o qual todas as almas de *élite* convergem. Mas ela não larga o monstro nem um instante... Que horríveis beijos devem ser os dele, com aquela boca estranha, extravagante, sem curvas, horizontal e deslocando os lábios como um golpe dado em manta de toucinho mal barbeado. E segundo consta vivem muito mal, como cão e gato, sem que nada os despegue um do outro. O que os liga então? Que fenomenais predicados possuirá o nojento aborto? Um meu amigo, poeta e latinista, aplica-lhes o verso de Ovídio: *Nec tecum ni sine te vivere possum* (não posso viver contigo nem sem ti), o que, afinal, exprime a situação de muitos casais a quem só resta o laço da sensualidade...

O que pretende estoutra mulher que eu encontro agora por toda a parte? Cara larga, espapaçada, muito branca, com lunetas de límpido cristal sem aro, através das quais me fixa o seu olhar sem pestanas, de intenção evidentemente hipnótica. Uma *madame* de Maintenon sem peruca, mas contentíssima — comenta ainda o meu amigo erudito —, embora a alegria lhe não venha positivamente de se haver juntado ao Rei Sol. Tem coisa mil vezes superior a todos os reis: um efebo de constituição hercúlea e já famoso pelas suas eróticas proezas. Outro casal absurdo, que brada aos céus. E quando passeiam juntos dir-se-ia que até a natureza reponta. Como ontem, à tarde, na praia. Vamos quase em lua cheia. O dia acabava fumegado e sufocante. Na atmosfera havia certa opacidade lanosa e pouco acima do horizonte a Lua maltalhada, de nácar impuro, parecia recortada em escama de peixe...

Mudou o tempo e a noite passada foi temerosa: o vento uivava como alcateia de lobos famélicos perdidos em deserto de neve. Hoje as searas fustigadas e acamadas pela chuva luzem como panos de pelúcia molhada. Penso no mal que este tempo deverá fazer às amendoeiras do Algarve ainda em flor. Mas no Algarve nunca chove deveras e, mesmo sem flor, as amendoeiras são lindas. É vê-las no verão, com o sol oblíquo a dar-lhes na ramagem, levantando uma poeira doirada que enche o fundo às ondulações da paisagem.

Estas chuvadas vieram após largo período de estiagem e, em Lisboa, terra clássica de sismos, o caso não é para graças. O ilustríssimo conselheiro Paz Lopes teme e treme sempre que isto acontece. A terra esfria, constipa-se e espirra — diz ele — e daí os terremotos...



## VII

Juntavam-se diária e infalivelmente no «Martinho» três tipos extravagantes e de tão singular aspeto que me inspiraram à curiosidade, em mim rara, de saber quem eram. Sobretudo depois de os ouvir, uma vez que abancaram na minha vizinhança. Após várias referências a brilhantes façanhas donjuanescas, falaram do Fialho e percebi que colaboravam no trabalho acintoso da horda então amatilhada para o desprestigiar, pretendendo mudar-lhe o antigo cetro literário em mísera cana verde.

Um deles tinha a cara completamente hirsuta de uma tal rigidez de coiro que lembrava um ouriço-cacheiro com um par de óculos escanchados no lombo.

Ao outro bailavam-lhe os ossos na pele, que pendia e se ajuntava, sem consistência, para onde o corpo se inclinasse; no rosto franzia em pregas à roda do queixo, e nas mãos os próprios dedos pareciam metidos em tripa seca.

O terceiro, de estatura extremamente exígua, os olhos mortiços, as feições angulares, o crânio desconforme e abaulado, ameaçando com o seu peso desequilibrar toda a máquina corporal; de todos o mais desdenhoso, mas levantava-se precipitadamente da cadeira, apenas assomava à porta do «café» algum figurão de importância, e corria-lhe ao encontro para lhe apertar as mãos entre as suas, cujos dedos mordiam como torqueses de caranguejo.

Da sua conversa inferi, isso foi-me confirmado depois, que seriam funcionários do Estado, «mangas de alpaca» de mediana categoria, porém muito vaidosos da sua nobreza, e blasonando ascendências quase divinas, como nos tempos mitológicos.

Não sei bem porquê tomei-lhes aversão, a todos três, e ainda hoje me regalo com a lembrança de uma cena a que assisti pelo entrudo, da qual eles saíram muito maltratados.

Entre dois sujeitos que abancavam próximo à mesa onde eles estavam, levantou-se polémica rija. Ambos eram ainda novos e robustos e enfaruscados com esse azulado de barba que resiste a todos os escanhoamentos. Em dado momento ergueram-se e trocaram duas sonoras bofetadas; depois, evidentemente satisfeitos os seus brios, e como pessoas que nada

devem uma à outra, apertaram as mãos, tornaram a sentar-se, e pediram cerveja. A cena fora a sério e as bofetadas deixaram nas faces vestígios bem patentes, porém os «mangas de alpaca» tomaram-na por mera diversão carnavalesca, e não só mangavam do caso como o comentavam, em voz alta, com dichotes espirituosos. Visivelmente enfurecidos, os contenedores reconciliados segredaram algumas palavras e um deles saiu à rua voltando pouco depois com duas latinhas de graxa. Então é que elas foram. Cavalgando o macrocéfalo e presos pelos cabelos os outros dois, tsnaram-lhes as faces até onde chegou a graxa, mas isso sem prejuízo da surriada de murros com que lhes tocavam a pavana. Aos gritos dilacerantes das vítimas acudiram, por fim, os criados e alguns fregueses (que a princípio julgaram ser brincadeira), conseguindo, com dificuldade, soltá-los das garas dos agressores, mas já mais mortos que vivos...

Tomara-lhes aversão, como digo atrás, e o castigo satisfiz-me. Porém, nenhum deles me ofendera pessoalmente, nem cometera qualquer delito que merecesse tão dura punição; eram-me antipáticos e isso bastava.

Quantas vezes não tenho eu meditado sobre a fraquíssima base e os inconvenientes dos sentimentos chamados de antipatia (ou simpatia) instintiva, e quantas vezes não tenho jurado a mim mesmo que os reprimiria evitando a sua influência nociva. Tudo de balde! E no entanto poucas vítimas de tais sentimentos haverá que se me comparem em desgostos sofridos. Desilusões terríveis nas simpatias, e enganos danosos nas antipatias, sendo para notar que os mais encarniçados ódios que me perseguiram pela vida fora nasceram da antipatia inspirada a pessoas com quem nunca falei ou tratei. Todavia, nunca me corrigi; é assunto onde a reflexão falha sempre.

## VIII

Suponho que tudo mudou radicalmente com a República, mas no tempo da Monarquia os gabinetes de trabalho dos estadistas espanhóis, tais como as ilustrações os representavam, eram simbólicos da mentalidade nacional. O homem eminente fotografava-se junto a uma mesa, sobre a qual decerto nunca escrevera coisa alguma, espécie de secretária com pesada

laçaria de talha em volta, posta entre duas portas, luzindo, brunida, sem um livro, sem um papel, sem um pormenor que denunciase a intimidade, necessária à produção intelectual, entre o pensador e o arquivo do saber acumulado...

Dava a impressão, talvez propositada, de que tudo lhe havia de sair da cabeça, a toques inspirados por invisíveis Egérias.

Repito: a República deve ter mudado tudo isso, mas então o enfatismo oco, embora pitoresco, dominava em todas as classes da sociedade, até as mais humildes.

Procurando um exemplo, recordo o guia que me acompanhou na visita à catedral, da primeira vez que estive em Toledo. Era um rapazola, sentencioso e falador, que, com singular entono, classificava os monumentos em três géneros distintos: de *pedra mozárabe*, de *pedra gótica* e de *pedra del renacimiento*. Perguntando-lhe eu o que entendia por *pedra del renacimiento*, respondeu em tom ressentido: «La piedra del renacimiento del niño Jesús, hombre!»

Andava comigo um médico, de acentuada veia zombeteira, que tomou o guia à sua conta e a todo o custo pretendia obter a explicação do que era *pedra gótica*. Mas o rapaz neste capítulo falhou. Então o médico disse-lhe que a *pedra gótica* antigamente, depois de raspada, era vendida pelos boticários para os casos de retenção de urina (facilitando-lhe o livre curso) de que sofriam geralmente os nobres senhores, que passavam a vida a cavalo, e depois, tendo o progresso da civilização acabado com a perpétua cavalaria, essa qualidade de pedra tornara-se inútil e fora aplicada nas esculturas pias. Entusiasmado com a explicação o rapaz logo dela tomou nota, numa sebentíssima carteira, para a transmitir ao pai, que também padecia daquela moléstia e não acreditava nos benefícios do progresso.

— Ah! Não acredita no progresso? E como é que tiram as urinas a teu pai?

— Com uma algália de borracha.

— Pois diz-lhe que noutro tempo essa operação fazia-se com um chifre de unicórnio furado, o que não era brincadeira nenhuma...

Os horizontes novos que esta conversa abriu no espírito do rapaz despertaram-lhe o apetite de saber, e tornou-se em perguntador tão insistente e impertinente que tive de o largar, fugindo-lhe um dia que visitávamos o «Cristo de la luz». Troquei-lhe as voltas e desatei a correr à desfilada

por aquelas ladeiras abaixo, e depois de atravessar várias portas colossalmente históricas, encontrei-me no campo, em frente do hospital de «S. Juan Bautista». Entrei mas fui muito mal recebido pelo porteiro, personagem corpulentíssimo, altivo e prudente, que me vira correr de longe e cuja imobilidade aparatosa se escandalizou com os meus ares de silfo. Com muitíssima dificuldade consegui que me abrisse a porta do claustro, por onde se passa à igreja, e avisasse a Lolita, sua esposa, de que havia visitas. A Lolita palavra a um canto do imenso pátio — sonoro, vazio como cisterna sem água —, palavra com uma irmã da Caridade.

A Lolita fazia cinco ou seis tantos do porteiro, seu esposo, em corpulência, e três mil e quinhentos em arrogância de maneiras. Enfim, dignou-se de sorrir ao meu olhar suplicante, e sacando do lenço de assoar, todo manchado de pastas de rapé, pôe-no sobre a cabeça para entrar *honestamente* à igreja.

Essa igreja pouco mais tem de extraordinário além do mausoléu do cardeal Tavera, que é obra do Berruguete; esplêndido monumento esculpido em mármore de Carrara, translúcido como opala, e inteiramente coberto de altos e baixos-relevos de composição tão delicada como harmoniosa e rica.

Mas havia ali também uma pintura do «Greco», a respeito da qual... Não se assuste o leitor; não trago engatilhada dissertação alguma sobre o famoso e discutido artista; limitar-me-ei a citar-lhe o quadro. Se houvesse de discorrer seria propriamente acerca da cidade de Toledo, as suas deslumbrantes igrejas, os seus palácios, o seu antigo esplendor e a sua atual miséria. Mas isso fica para melhor oportunidade; para quando me resolver a fazer-lhe o paralelo com outra cidade monumental, Ravena, que resvalou de capital do mundo a aldeia sazonal, e pelo contraste das suas linhas planas com as curvas acidentadas e dramáticas de Toledo, se me associou, para sempre, na imaginação, ao primado religioso da Espanha. Porém, a mais dos seus monumentos sem par, Ravena está ainda repleta das altas memórias do Byron (que ali «amou» a bela Guiccioli) e, embora devastada, conserva nos arredores a *pineta* cantada pelo Dante e pelo Boccaccio... No primado de todas as Espanhas, as memórias de alguns teólogos e do singularíssimo Greco... mas cá voltava eu à vaca-fria...

Dessa primeira visita a Toledo, o que mais firmemente se me fixou na retentiva foi o guia de «la piedra del renacimiento del niño Jesús» e a

figura da Lolita. Pertencia esta à classe de mulheres cheias de carne, mas que se anemiam completamente e tudo lhes cai pelo corpo abaixo; e as polpas, sem perder de volume, gelatinam-se e tremem como pedaços de alforreca...

## IX

Dia de fêria no «tempo da prata».

Eu devia dar onze tostões ao Francisco Fraqueza mas enganei-me e dei-lhe dezasseis: cinco tostões mais. Ficámos conversando uns momentos. De repente ele abriu a mão e mostrando o dinheiro disse: «o senhor dá-me aqui dinheiro a mais». A prata, na palma escura da grande mão de cava-dor, brilhava branca e preciosa. Tomei a meia coroa quase com vergonha. Mas teria ele percebido, logo, que recebera dinheiro a mais e decidira-se, por qualquer indicação de irreprimível probidade, a restituir a diferença, que para ele tinha tanto valor e impunemente poderia guardar? Eu julgo que só na gente rude e inculta é que a consciência dá, às vezes, o seu berro... mas sempre fora de propósito. O facto enleou-me, deixando-me maldisposto...

Este Francisco Fraqueza era um verdadeiro tipo de labrego, socanra e manhoso. Por vários anos foi meu quinteiro em Meraxique, sítio lindo, como poucos haverá que o iguaem, mas onde faltava a água. Casara com uma mulher formosíssima porém suja, e ambos andavam cobertos de uma espessa crosta de porcaria. Ele servira, como criado, em casa de um lavrador rico, onde havia meninas muito travessas, com grande queda para a galantaria, e despedira-se declarando que não tinha jeito para guardar cabras. Mas voltava lá de quando em quando e de lá trazia sempre algum comentário cómico. De uma vez dizia: «Aquilo é uma gente que tem tudo, que arranja tudo, que apetece tudo; agora compraram um ralo pró... para certo sítio.»

Eu ia então com frequência a Meraxique, onde estava plantando vinha e, não sei porquê, amiúdo dava uma volta para passar rente ao cemitério, situado em terreno raso, silencioso, húmido, que uma alameda de ciprestes novos, iguais como fusos cobertos de verde meada, cortava em toda a sua extensão. Invariavelmente, ao ver essa rua que não levava a parte alguma,

acudiam-me à lembrança as grandes florestas minhas conhecidas, povoadas de árvores muitas vezes seculares, tendo, ao centro, na convergência de estreitos caminhos, uma larguíssima clareira circular, espécie de basílica silvestre onde as árvores parecem atingir alturas sobrenaturais. Que maravilhosos e tão adequados cenários para conter mausoléus!...

À entrada do cemitério não era raro sair-me ao encontro um cachorro dinamarquês, cinzento, doido, atirando-se estouvadamente a tudo e a todos, andando com um trote de cavalo de raça e à mais leve ameaça escapulindo-se rasteiro, encolhido de orelha caída, reptílico, e logo depois escancarando a tremenda fauce inocente, forrada de molhado veludo cor-de-rosa...

Essa fera inofensiva ia matando de susto um amigo meu, que me viera visitar a Portimão, e eu levava a passeio por aqueles sítios. Era um escritor cuja literatura não apoquentava ninguém: pessoa honrada, de bons costumes e família decente, não faltando à missa dominical, comungando a tempo, e uns anos por outros tomando banhos de mar. Tipo mediano, de linhas bem conhecidas. Mas tinha-se, naturalmente, em grande conta, e aludia ao seu papel nas letras pátrias com certo exagero pitoresco. Falando da sua mocidade, época de polémicas ruidosas, de febre artística, de experiência sofredora, declarava que amara Lisboa pelos triunfos que ali alcançara e grato aos prazeres fáceis, abundantes, que a capital proporcionara à sua estética e à sua luxúria... Depois, com o cansaço dos anos, as deceções artísticas e sociais, a dificuldade de encontrar pasto suficiente (e inédito) à mais exigente e imperiosa das suas cobiças, começara a atribuir à cidade o motivo do seu martírio e a odiá-la então. Enfim «posava» em personagem de Balzac, o que se me ia tornando intolerável.

Um dia, durante o qual ele se excedera a si mesmo, levei-o ao cemitério, a ver se lhe despertava a consciência da inanidade das vaidades humanas, e, já perto da entrada, encontrámos o enterrador, com quem me detive a falar — sem nenhum intuito «hamléptico», seja dito de passagem. O meu companheiro adiantou-se sozinho quando o cachorro dinamarquês lhe saiu à frente, e atirando-se a ele pôs-lhe as patas nos ombros e quis lambe-lhe a face. Por mais que eu lhe gritasse que não tivesse medo, o medo foi tal que desmaiou. E, caso digno de nota, daí em diante parecia outro; parecia-se com toda a gente e pouco ou nada me secava. Este é talvez um exemplo a aproveitar como remédio para a excessiva e mal fundada vaidade literária, por isso aqui o registo...

«É naturalmente nos países onde se trabalha menos que toda a gente deseja ser empregado público; nas nações operosas, o Estado exige serviço continuado nas repartições e então os particulares consideram que trabalhar por trabalhar mais vale fazê-lo livremente e preferem tudo à servidão patriota...»

Isto me dizia, à mesa do café onde passáramos a tarde inteira, um alto funcionário que nunca ali faltava dia algum. Uma vez por outras aparecia um contínuo com um maço de ofícios ou despachos, que ele assinava sem ler.

Maledicente como bom português (a que nacionalidade pertenceria que o não fosse?), exacerbava-se-lhe a veia maliciosa com a ingestão da aguardente de cana, sua bebida favorita, e quando os olhos se lhe cobriam do verniz característico dos alcoólicos, desatava a morder para a direita e para a esquerda, com ferocidade. Em certos dias nem a memória do próprio pai escapava. Nessas ocasiões era um regalo ouvi-lo e ontem foi uma delas. Discorria ele, algo destrambelhadamente:

— Havia de tudo nos hagiologios: santos jazendo em esterqueiras, outros esfolados vivos, outros apedrejados, devorados, machucados, e também os houve morrendo burguesmente em suas camas, com o médico ao lado, que lhes ia tirar as urinas com um canudo de lata...

«... Desde que se descobriram as algalias de borracha, os santos mártires das vias urinárias acabaram; ficaram as santas...

Referindo-se ao passado literário, ocorria-lhe que de todos os mais odiados será sempre aquele que nos precedeu, ou antecedeu à geração literária a que pertencemos. Para ele — e provavelmente para muitos, ajuntava —, o mais ridículo e insofrível fora o período dos Ramalhos e dos Eças, com as filosofias do Teófilo.

(Aqui protestei veementemente, mas ele não deu (ou fingiu que não dava) pelos meus reparos, conquanto logo elevasse mais o tom contundente.)

De uma menina poetisa, de reputação piedosa e sofredora, motejou: «Sim, bem sei; é uma sorvadora virgem, que suspira, secreta e ardentemente, nas insónias lúbricas das suas noites solitárias, pela visita de algum Espírito Santo de predicados burricais...»

E a respeito de um rapazinho, também poeta, esperançoso e pacato:  
— Sim, sim... É vê-lo, a esse malandrim, quando se põe a saracotear as deformidades calipíguas, diante do «Amor da Pátria» do frontão do município alfacinha...

O alto funcionário não é velho, mas a ouvi-lo, pois que nem a si mesmo poupa, nem já sabe a idade que tem, e nele concorrem todas as fraquezas e achaques da senilidade; a propósito relatava:

«Os velhos não se lembram dos sonhos, a ponto de os poderem reconstituir, como faziam na mocidade. Mas ficam reminiscências. Pelas que tenho dos meus, dir-se-ia que revestem agora uma espécie de sequência, que lhes faltava outrora. Por exemplo: há um hotel imenso (que na realidade não existe, ou pelo menos onde nunca fui, acordado), ao qual em sonhos eu volto com frequência e de que poderia dar referências precisas, sobre alojamento, serviço, restaurante, salões e pessoal. Basta que ao adormecer eu o recorde para lá passar a noite... Porém quantos elementos dispersos, que debalde procuro juntar para reconstituir alguns outros sonhos interessantes! No entanto, dias atrás, tive um, que foi admirável e não se apagou. Imaginem. Figurou-se-me que estava fazendo uma conferência, na aula de sociologia da Universidade de Chicago, no século vinte e dois. Então a sociologia atingira a solidez das ciências exatas, e por ela se determinava rigorosamente a causa da morte das nações famosas, como *verbi gratia* a Grécia, vítima da malária. Mas houvera um país cuja morte ocorrera de forma inteiramente diversa de todos os outros: Portugal. E eu, entre os aplausos da numerosa assembleia, narrava o seu fim (tal como ele será) pelo aviltamento absoluto da grande maioria da sua população, e pelo êxodo dos elementos intelectuais para a América...»

— E isso não o aflige? — interrompeu alguém que chegava entrementes.

— A mim?... pouco me importa...

— Tem razão. Os intelectuais da sua laia estou certo de que nunca daqui arredarão pé, e a pátria subsistirá que mais não seja para os ver banquetear-se à mesa do orçamento...

Sem replicar, o alto funcionário olhou desdenhoso para o impertinente interruptor, encolheu os ombros, chamou pelo criado, e pediu mais aguardente...



## XI

Entre as quarenta ou mais raparigas, que trabalham no meu «fumeiro»<sup>4</sup>, havia algumas realmente bonitas e airosas, mas, em atrativos ao sexo forte, nenhuma superava à Maria Juliana, que era feia a valer, com o corpo raso como uma tábua de engomar, e uns olhos de mula, cercados de cicatrizes que lhe vinham dar ao meio da cara. Porém nos dias festivos da diafa os rapazes jogavam à pancada por causa dela, só para a apertar nos braços uns momentos mais no delírio das valsas e polcas, o que nunca sucedia por amor das beidades. E tão geralmente requestada que até lhe fazia a corte um respeitado procurador, pessoa tímida (velhaco apenas batido nas tricas judiciais), e ingénua a ponto de ficar apreensiva, assustada, quando leu num jornal que em Lamego tinham aparecido algumas andorinhas hidrófobas...

A Maria Juliana era um caso para estudar, e eu, que nesse tempo nutria certas pretensões a psicólogo, não a perdia de vista e manifestava-lhe uma tal ou qual simpatia.

Foi assim que estreitámos relações, acabando ela para me convidar para padrinho de casamento (o que aceitei), cerimónia onde nada se passou de extraordinário, mas que por isso mesmo resolvi descrever, um pouco à maneira do Carlos-Luís-Filipe, que surgira então a contar casos insignificantes, contando, enternecido, a melancolia das comezinhas fatalidades humanas, com ímpetos de tão recalcitrante mocidade que triunfava logo às primeiras linhas... Por motivos que não saberia hoje explicar, nunca o fiz; vou tentá-lo agora, à distância de quase meio século, para ver o que a memória ainda me pode ministrar, sobretudo tratando-se de um episódio tão apagado.

A Maria Juliana então ia já nos trinta e cinco anos.

Às duas horas estava eu em Ferragudo, à porta da mãe da noiva. Esperava-me o noivo, rapazelho de vinte anos, corado, bonitote e penugento. A mãe da noiva, mulher agigantada, algo *hombruna*, de luto pesado, fez-me os seus cumprimentos, mas com certo ar de reserva. Estávamos nisto quando a Maria Juliana, de repente, atravessou a casa, correndo da

---

<sup>4</sup>Armazéns onde se prepara o figo no Algarve. (N. de E.)

cozinha para uma alcova onde se armara o toucador; vinha «de meter medo», com as guedelhas (umas falripas oleosas a meio frisar) soltas para a testa; vinha de meter medo, verdadeiro pau de virar tripas, o esqueleto (ela só tinha ossos) em relevo na bainha de chita clara que a envolvia e melhor a esgrouvinhava; os olhos de muar como que engastados nos relevos das cicatrizes; e mais acentuada ainda a cor da pele, de azeitona que se faz preta; vinha pois de meter medo, de inspirar pavor. Olhei para o noivo, procurando adivinhar a impressão que lhe causava o monstro: porém ele parecia despercebido de tudo, só ocupado em explicar aos convidados porque era que «certos fulanos» não assistiam à boda. E rematando sempre os comentários com uma espécie de estribilho, dito com um riso alvar e pronunciado como se fosse em verso: «Venham ou não que nem por isso — se há de deixar — de dar a mão.»

Ia-se juntando gente: os irmãos da noiva, do mesmo tipo negrucho e asinino; a queixosa Bárbara, com uns mocinhos enfezados e ranhosos, mas de chapéus emplumados como araras; a desenfatiada Lebre e a sua prole frisada, com os cabelos encaracolados de cordeirinhos de tendeiro de feira; muitas primas de luto; porém a criatura que mais me chamava a atenção era uma mulher idosa, ar de viúva mortificada e curiosa, que entrou sem cumprimentar ninguém, e, imóvel na sua cadeira, não perdia movimento nem rumor do que ia em casa e à porta da rua: todos fingem não dar pela sua presença, como figura importuna e malsofrida pela família inteira.

Os homens de sempre: caras de cachimbos de raiz, cortadas à faca: rapazes, nenhuns.

Formou-se uma comissão para ir buscar o outro padrinho, mestre Francisco Amigo, antigo embarcação e agora lavrador abastado, que veio rogando pragas ao tempo, já de excessivas chuvas, e generalizou-se a conversação a respeito de campos, sementeiras, vinhas e pesca.

À porta da rua, aberta de par em par, a gaiatada da vizinhança aglomerava-se; muitos vinham, mandados pelas mães, observar o que ali se passava. Entre eles um pequeno vagabundo, de carne brunida e doirada, como barro cozido ao sol, a luzir-lhe entre os farrapos, punha na gente os olhinhos de um azul de flor de borragem, e polia com um fio de guita os dentinhos agudos e brancos que nem bagos de arroz.

Das janelas do prédio fronteiro, pertencente ao Sr. António Joaquim Corrupto (a pessoa principal da terra), seguia-se com a mais rigorosa vigilância

o que sucedia em casa da Maria Juliana, graças a um velho binóculo de teatro, que passava febrilmente de mão em mão.

As madrinhas, ou companheiras, ou damas de honor da noiva, foram as lindas «padeiras», assim chamadas por enlace na profissão do pai. Lindas e rainhas da festa; mas fizeram-se esperar quase duas horas. Entretanto turvaram-se os ares e quando nos pusemos a caminho de Estômbar, em cuja igreja se devia celebrar o casamento, rebentou uma estrepitosa trovoada.

Também não é pequena singularidade essa, que inclui na freguesia de Estômbar meia dúzia de casas de uma pequena paróquia como Ferragudo, obrigando os seus habitantes a caminhadas de mais de léguas para o exercício da devoção religiosa. Naturalmente, numa cerimónia de tanta importância como é o matrimónio, noivos e acompanhamento (o nosso era numeroso), tudo ia de trem e carrinhos.

A noiva, de fazer enrilhar o dente: mesmo na elegância do seu vestido cor de pombo e fartamente enramada de flores de laranja...

Afinal tudo correu muitíssimo bem. Ao regressar a casa a Maria Juliana abraçou-se na mãe, e desataram ambas a chorar, tal como o rito exige. O noivo, de contente, não cabia na pele. Serviu-se um jantar de estrondo, com perus recheados e saladas de lavagante. Excelente vinho e bolos finíssimos a rodo. Dançou-se até quase de madrugada, e salvo duas vezes em que a noiva, por especial favor, me concedeu a honra de dançar comigo (o seu par obrigado era o noivo), os meus pares foram sempre as encantadoras «padeiras».

E acabou-se a história.

Dirá agora o leitor: e para isto, para nos impingir semelhante sensaboria (com a evocação sacrílega do Carlos-Luís-Filipe), perdeu este homem horas, sem falar no papel e tinta: que mistificação!...

Não senhor, não foi mistificação mas apenas a tentativa honrosa de relatar, na sua corrente banalidade, um caso sem nenhuma importância, o que, afinal, não é tão fácil como o leitor porventura imagina. Talvez a reportagem do casamento do Imperador do Japão custasse menos...

## XII

Essas reuniões, nos gabinetes de leitura dos grêmios recreativos da província, mais ainda do que as dos «clubes» nas capitais, merecem estudiosa observação, e não há ensinamento que de ali não emane. Nem das academias, cenáculos, ou ateneus repuxam outros que lhes levem vantagem. Falo muito a sério. Geralmente os cavalheiros que a elas concorrem são dignos de retratistas de génio, e os pensamentos, conceitos ou sentenças que emitem, conscienciosamente arquivados, davam florilégios admiráveis pela originalidade, picaresco e diversidade. Não os arqueei, mas recordei sempre com intenso prazer algumas das mais solenes sessões (o termo não é demasiado grave) a que assisti.

Por exemplo:

Naquela noite a afluência de sócios, de todas as categorias, era enorme, e o gabinete de leitura estava à cunha: tratava-se da muito disputada eleição dos corpos gerentes, esperando-se que os atuais fossem enxotados.

O barão de Estômbar, presidente da direção condenada (isso era já certíssimo), parecia furioso, e em dado momento pôs-se a tocar a campainha como um louco. Acudiu, por fim, o contínuo a quem desabridamente pediu contas pelo desaparecimento do último número do *Ocidente*. Um sócio que lhe estava próximo, julgando que o acalmava, deu-lhe a ilustração francesa, mas isso ainda mais o assanhou, e atirando com a ilustração para longe exclamou:

— Não sei que asneira é esta de assinar uma revista que ninguém entende!

— Ora essa — replicou-lhe o outro. — Pois então de quem é a culpa? Não é o senhor presidente da direção há já três anos...

— Devo dizer-lhe que não admito «satisfações» nem ao senhor nem a ninguém...

— Isso há de ser por causa do Jaques Pires...

Gargalhada geral e por pouco não se «pegam». Tempos atrás, o barão, após uma curta viagem a Londres, na companhia de um farsante a quem chamavam o «Zorra magra», viera de lá com a notícia de que o autor mais célebre e festejado da Inglaterra era um português daquele nome, que os ingleses haviam crismado a seu modo (Shakespeare).

A alteração ainda chamou mais sócios ao gabinete de leitura, alguns que certamente nunca lá punham os pés, como o armador Melaço, deixando após si um rasto fedorento de salmoira garrenta, e até mesmo um tal «Guilherme batoteiro», de barba retintamente negra, feições grosseiras, e esse ar particularíssimo de certos figurões, que se pelam por ser fotografados em atitudes obscenas...

A direção, com efeito, foi escorraçada por maioria esmagadora, e conhecido o resultado do escrutínio até os que haviam votado a favor — *vae victis!* — gritavam, alto e bom som, que merecera a vergonhosa derrota.

Apesar do borborinho, do tumulto, que ia por toda a casa, nos gabinetes dos jogos armaram-se as mesas para a «manilha bonita» e para o «voltarete», que tinham então apaixonados cultores. O juiz de direito, personagem muito bem composto, e com as mãozinhas de massa de pão cru, não podia perder uma noite só que fosse de voltaretada, e lá estava com os parceiros (as vítimas) habituais no seu gabinete, onde a concorrência de mirones (sem dúvida por atenção ao magistrado) era sempre diminuta. Lá me refugiei, para ali mesmo ir recolhendo os ecos dos comentários que o acontecimento suscitava.

De repente, ouviram-se gritos angustiosos na sala de bilhar. O que foi? Logo nos apareceu a dar conta do caso um cavalheiro alfacinha, de brilhante reputação literária, que havia meses «pontificava» naquele rincão algarvio.

Fora o Eusébio Garcia, o lojista que se encontrava no mais perfeito e completo estado «dionisíaco», chegando ao convencimento de que podia domar as forças, e já pretendia voar com os braços. Tão senhor estava das suas faculdades voadoras que se o não seguram despenhava-se da sacada para a rua. Em suma: estava bêbedo de todo mas só de vinho; a poesia nada influíra na sua excitação, se bem que, para um filósofo, ela tomasse o aspeto «dionísico»...

O alfacinha (soube-se mais tarde que era «tripeiro»), fervente discípulo do Nietzsche (afirmava ele a propósito de tudo), recitava estas coisas com a língua algo entaramelada, e via-se que punha especial empenho em repetir o termo «dionisíaco», o qual foi reduzindo a «dionísico», e por fim a «dionísio», o que acabou por ofender um tal Dionísio Maria da Silva, fabricante de rolhas, que o escutava e advertiu, muito enxofrado, que, embora «dionísio», não era bêbedo nenhum e não consentia, fosse a quem fosse, fazer-lhe chacota do nome.

Finalmente, se o doutor juiz não intervém, com todo o peso da sua autoridade, o filósofo passava um mau bocado, porque o Dionísio não era para graças.

Quando o alfacinha bateu em retirada, o Dionísio comentou: «Tão bêbedo está ele como o voador...»

Com efeito, naquela noite memorável as «carraspanas» contaram-se às dezenas no grémio recreativo e familiar.

.....

Os grémios familiares da província!

Veja o leitor se não tenho razão para levantar o conceito que merecem essas instituições: no decorrer de uma só noite revelou-se a mais engenhosa hipótese para a origem do nome divino de Shakespeare, e ouviu-se dis-cretear um confesso discípulo do Nietzsche, filósofo ao tempo totalmente desconhecido em terras lusitanas.

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## DE TUDO UM POUCO

### I

Na qualidade de membro do corpo diplomático, fui convidado em Londres, um ano depois de lá chegar, para o banquete oferecido pela Academia das Ciências aos filhos de Darwin, que também eram sábios como o pai, festejando não sei já que medalha de metal precioso, concedida em recompensa dos seus trabalhos.

O sábio autêntico (correspondente, hoje, ao da Escritura) é aquele que, a mais e mais, se desliga da vida social, mundana, ou como lhe queiram chamar, sem nutrir por ela o mínimo sentimento de desprezo. Se calha assistir a alguma dessas festas, fá-lo sem afetação de qualquer espécie, tal como o comum dos mortais sociáveis. A falta, porém, de uso e o quer que seja de antiquado no vestuário distingue-o logo, na aparência, dos outros assistentes. E, coisa curiosa, o seu sistema capilar não conhece meio-termo: ou intangivelmente hirsuto, ou levemente franjado no remate de vastíssimas calvas. E, neste último caso, não as tenta disfarçar, evitando, assim, o desagradável espetáculo que nos dá o tom cadavérico das calvas vistas através das ralas melenas pretas, loiras ou grisalhas. Em resumo: com ser, na sua grandíssima maioria, composta de sábios já entrados em idade, a assistência ao banquete constava de figuras simpáticas e sem notáveis traços ridículos.

O meu lugar à mesa ficava entre Lord Avebury e o professor Metchnikoff, como tivera ocasião de ver no mapa exposto no salão de entrada e



verifiquei pela leitura dos bilhetes pregados nos guardanapos. Ao sentarmos-nos fizemos as respetivas apresentações, conforme o uso e costume em casos tais. Tanto quanto me era familiar o nome de Metchnikoff, assim o de Lord Avebury nada me dizia. Mas, em Inglaterra, o pariato quase sempre muda, por completo, o apelido e não é sem surpresa que de repente se descobre, sob uma alcunha escusada, o grande nome popular de um político, de um grande sábio, ou de um artista. Feita a apresentação, Lord Avebury, que parecia meio adormecido, cruzou os braços, cerrou os olhos e adormeceu de todo, o que me permitiu interrogar o Metchnikoff acerca da sua identidade.

— É Sir John Lubbock...

— Ah!, e eu que o admiro tanto.

— Devo adverti-lo de que Sir John há muitíssimos anos que abandonou as ciências e as letras; tornou-se, exclusivamente, homem de negócios; é riquíssimo e um dos maiores trunfos da *City*, onde dirige não sei quantos bancos e companhias de primeira ordem.

— Que final de vida tão lindamente inglês!...

E pus-me a estudá-lo a preceito.

Derradeira relíquia da gloriosa pléiada vitoriana, Sir John Lubbock já ia dobrando o cabo dos oitenta, mas conservava, na pele, o tom rosado da mocidade ou, melhor, da infância. Poucas rugas e duas acentuadas manchas de carmim (natural) nas faces. Pertencia à família dos calvos; vestia com incedível apuro e tudo nele denunciava hábitos de escrupuloso asseio. E nem resquício de perfumes; lembrou-me a passagem do Plauto: quem não cheira mal cheira sempre bem. Detalhe, porém, a notar, muito estrambólico em Inglaterra: encasacado a rigor e coberto de condecorações, trazia polainas e... brancas!

Adormecera de feito, e, ao servir a sopa, foi necessário que o criado o acordasse, tocando-lhe várias vezes no ombro.

Servida a sopa, com admirável presteza, voltou-se para mim e disse:

— Está muito boa e sinto-me com grande apetite. Em geral, estes jantares são péssimos, mas, pela sopa, se vê logo o que eles valem; este deve ser soberbo...

E, desperto de todo, foi comendo de tudo e falando com animação.

Citei-lhe alguns dos seus livros (de ciência recreativa), o que visivelmente o lisonjeou. Como todos os apaixonados pelo estudo dos animais chamados irracionais, Sir John romantizara bastantes casos, sobretudo no

que respeita aos cães. Observei-lho com as devidas cautelas e, longe de se ofender, retorquiu-me, sorrindo:

— Isso é, amiúdo, indispensável para excitar o leitor... e também para o mortificar. A timidez, o temor, com que os bons católicos aventam a possibilidade de atribuir a certos animais um crepúsculo de entendimento, explicam bem o despeito, a raiva que lhes causaram as teorias de Darwin! Mas eu tenho, ainda hoje, alguns cães muito superiores, em inteligência, à média dos seres humanos. Hei de lhes mostrar um dia em que venha almoçar comigo, a única refeição sólida que, habitualmente, faço. Depois levo-o ao meu «castelo», que não é feio, e fica nos arredores de Londres.

Nisto, servia-se peru assado, de que Sir John tirou porção dupla e eu fiquei-me a pensar no que seriam esses almoços...

Ao começarem os brindes, levantou-se sem a menor cerimónia, e observou-me, em voz mais que audível:

— Discursos é que eu não aguento. Adeus, até um destes próximos dias.

Com efeito, dois dias depois, recebia convite para o *breakfast* (o primeiro almoço) marcado para as oito horas. Por grande que fosse o meu desejo de ver os cães e o castelo de Lord Avebury, a minha vida não me permitia, então, aceitar convites assim matinais; escusei-me a pretexto de que já estava comprometido para outro *breakfast*. Repetiu o convite ainda duas vezes, e outras tantas recusei, com a mesma desculpa, e quando, já envergonhado, estava resolvido a aceitar, se insistisse, o meu problemático anfitrião morreu.

## II

O professor Metchnikoff (vindo de Paris expressamente para assistir à celebração académica) também já não era novo; ia no rodar dos setenta, mas ninguém lhe daria mais de cinquenta. De estatura superior à mediana, bem proporcionado, trigueiro, pertencia à família dos sábios hirsutos. E que farta cabeleira e copiosa barba, onde raro luzia uma cã prateada! Em compensação, bastante polvilhadas de caspa, que se espalhava pela gola e lapela do casaco; e, que ainda era mais para admirar, um colarinho e punhos de celuloide, insensíveis a toda a espécie de polimento, e que iam

passando, definitivamente, do amarelo-canário para o cinzento-escuro das rolas. Estranho brilho no olhar que se duplicava refletido nos óculos e uma gesticulação de prestidigitador que tivesse a dignidade de um mago. Andavam-lhe constantemente as mãos, no ar, com os dedos estendidos, mas em pinhota, que ele puxava para si como se tirasse, do nada, as pitorescas imagens e os substanciosos conceitos que lhe acudiam aos lábios.

Com a saída de Lord Avebury entabulámos conversa seguida. Sucederam-me reminiscências da leitura, em revistas e jornais, de apreciações aos seus trabalhos e a eles me pude referir, com certa justeza, especializando as suas audaciosas asserções sobre longevidade, que, realmente, me tinham fascinado. Julgou-me o professor ouvinte idóneo para as suas desenvolvções de fantasia científica e só lhes pôs ponto quando nos separámos, já perto da manhã. Lástima é que delas não tomasse nota; teria agora matéria para um capítulo de aguçado interesse; porém, se registasse a condensada súpula que fosse das conversações tidas pela vida fora com os personagens célebres de que me aproximei, não me restaria tempo para mais nada.

Vamos ver, no entanto, se recordo algumas passagens que mais me impressionaram.

Dizia ele: compreender a ciência como uma cadeia infinita à qual cada teoria ajunta um elo sem esperança de jamais a completar já não é dos tempos correntes. Certos efeitos e certas causas constituem conquistas definitivas no fim a que a ciência moderna se propõe, considerando que a vida se adapta, constantemente, às condições e à influência do ambiente externo.

Mas ainda prevalecem dúvidas e, coisa curiosíssima, quando elas se levantam, na incerteza do decisivo de muitas aquisições científicas, é-se amiúdo forçado a reverter às noções do passado; veja o que sucede com o éter, corpo admitido e reconhecido sem que se lhe pudesse provar a existência. Não é éter que devemos já dizer, mas *vácuo*, tal como outrora.

O mesmo género de snobismo que faz coro para decretar a falência da ciência não consente que se admita o livre-pensamento, mas, afortunadamente, aparecem, ainda, alguns *maduros* que o exaltam. Nas nações cultas, onde o espírito crítico substitui a credulidade sem discernimento, as religiões constituem verdadeiros anacronismos. Pascal, desesperando de provar a existência de Deus pelo entendimento, escreveu: «Dieu sensible au coeur, non à la raison», e assim atribui ao coração, isto é, aos sentimentos, capacidade científica, introduzindo na filosofia um dos mais deploráveis e funestos erros que, desgraçadamente, subsistem até hoje.

(Num livro do professor Georges Matisse, aparecido recentemente e intitulado *Le Domaine de la Connaissance et Celui du Sentiment*, encontrei conclusões idênticas e expressas, literalmente, nos mesmos termos.)

Nessa época, o freudismo não estava, ainda, na berra, mas Metchnikoff fez observações que muito se lhe aparentavam acerca da sensualidade nos artistas, a qual, especialmente nos músicos (afirmava), é muito intensa e exigente, derivando, com frequência, para a perversão (homossexualidade, onanismo, etc.) e conservando-se viva até muito tarde, pela velhice fora.

Aqui intercalou um reparo humorístico: era no tempo em que mais desalmadamente se zurziam as mulheres, que o amor poético revestiu a forma de pura idolatria; ser namorado era ser escravo, pelo menos na expressão com metro e rima.

Mas já basta de Metchnikoff... a trouxe-mouxe. Quando nos íamos separar, rematando várias reflexões de ordem humana e divina, resumiu: «que a luta contra as doenças venéreas, o alcoolismo e a tuberculose constitui a base da higiene social e representa, portanto, a mais bela cruzada conhecida a favor do progresso», consideração esta algo banal, mas que não é ocioso repetir.

Aqui, também eu meti a minha sentença: «convém reabilitar a carne, a matéria, que o cristianismo deturpou e cantar o espiritualismo sem filiação ou dependências teológicas».

Ele aplaudiu a sentença e não a esqueceu, pois, em vários recados que me enviou de França, a ela aludia, o que deveras me encantou.

Há uma obra de Metchnikoff — *Étude sur la Nature Humaine*, cuja leitura me não canso de aconselhar à mocidade; essencialmente otimista e que me parece nada ter envelhecido. Filosofia científica, prevendo entraves ou remédio para a doença, a velhice e a Morte — a Morte no sentido de a tornar desejada, quando o organismo fatigado, embora sem sofrimentos ou dores excessivas, nos prepara para aceitar essa dissolução necessária...

### III

Assim como há famílias que conservam contínua, através de muitas gerações, a tradição da mais estrita justeza no viver, assim em certos

estabelecimentos de ensino permanece ininterrupta a série dos mestres dedicados, hábeis e doutos.

Não direi aqui em qual dessas universidades o meu amigo R. se habilitara para o professorado, antes de vir reger a cadeira de física biológica que fora expressamente criada para seu uso, mas direi que, fora da sua especialidade, ele era o homem de mais vasta cultura que conheci, não cultura de epiderme, nem encruada, mas perfeitamente digerida, e acudindo-lhe sempre infalível e a propósito de quaisquer movimentos da inteligência.

Todos estes e outros atributos raros nele pareciam predicados naturais de que, embora modesto de sua natureza, grato se ufanava, com uma confessada vaidade a que a inveja dos colegas não ficou insensível.

Um deles, particularmente azedo, mordaz e maldizente, levou o desprate ao ponto de escrever a seu respeito: «Não discrimina; tudo lhe serve, se está em letra redonda; devora *alto* e *malo* para o restituir a trouxe-mouxe, em artigos que assina.»

E, como o Dr. R. frequentasse os cafés e amiúde, lá mesmo, redigisse esses artigos (note-se que ele era indefetível abstêmio: só tomava chá, e frouxinho), outro colega, ainda mais impudente, aventou que dali saía, habitualmente, desvairado, não pelos fumos da embriaguez que o esforço da composição cerebral produz, mas pelo abuso da cachaça e outras aguardentes vulgares, ordinárias e intensamente tóxicas.

De tal modo o caluniaram e perseguiram que ele um dia, à entrada da escola, topando com dois dos seus mais implacáveis opressores, perdeu a cabeça e desatou neles ao pontapé e à bofetada, deixando-os em miserável estado, embora fossem corpulentos, quase agigantados, e o Dr. R. de estatura mediana e constituição franzina. Vem aqui observar, mais uma vez, quanto as forças físicas redobram nos indivíduos de espírito cavalheiroso, se, por acaso, o justo ressentimento os impele à desafronta.

E o pior, para os sovados, foi que, no conselho escolar, reunido imediatamente, nada se resolveu para lhes dar satisfação. Eles comparavam o Dr. R. ao tigre, à pantera, o que levou um dos professores, célebre pelo seu temperamento jocoso, a propor que se lhe ministrasse tártaro emético, droga infalível para quebrar fúria às feras, conforme afirmavam os domadores profissionais.

Procurando vingar-se, eles, então, levantaram ao Dr. R. um desses aleives para os quais não há limpeza possível, e com tal arte o fizeram que não houve modo de lhe discriminar a origem certa. Nessa altura intervim

eu, a pedido do meu amigo, e fui a casa daquele que passava por mais animoso perguntar-lhe se perfilhava o injurioso conceito.

A sua evidente perturbação; o visível sobressalto com que acolheu a minha pergunta, o irreprimível movimento que esboçou, erguendo-se, subitamente, da cadeira e olhando para as portas como quem pensa em fugir, tudo me confirmou a suspeita de que ele sentia, na consciência, o remordimento de alguma culpa gravíssima. Sem embargo protestou da sua inocência, com tão cabais asserções que me não permitiram insistir.

.....  
Nestes nobres e levantados termos era concebida a carta onde me narravam a inverosímil aventura do Dr. R., a qual terminara pela sua expulsão da escola e, para provar a injustiça deste facto, com mais um testemunho incontroverso da proficiência do perseguido, o meu correspondente enviava-me um folheto da sua autoria, traçando o itinerário de uma epidemia de cólera, recentemente desenvolvida no Extremo Oriente.

Começava deste modo:

«Como não haja latrinas no palácio do Rei do Camboja, as fezes reais são transportadas pelas damas da corte, processionalmente, em vasos de metal precioso, debaixo de pálios riquíssimos, e atiradas a esmo, em quaisquer terrenos próximos, etc.»

Era da real câmara que os micróbios da cólera haviam saído, em uma dessas procissões, e o Dr. R., tal como se os tivesse tratado familiarmente, não os perdia de vista, ia-os seguindo através das regiões orientais, por onde produziam calamidades sem conto...

Quem tinha, pois, razão: o Dr. R. ou os seus colegas? Faltam-me elementos seguros para formar opinião; devo, porém advertir o leitor de que este caso extravagante não ocorreu em Portugal...

#### IV

Quando rebentou a Grande Guerra, os meus amigos em Londres riam-se de me ouvir dizer que a culpa era dos velhos, e que só acabariam as guerras no dia em que eles fossem obrigados a bater-se, sendo os primeiros a ir para a frente. Livres de qualquer contingência de risco pessoal, aos velhos políticos pouco importa uma guerra a mais ou a menos.

E se, apesar de tudo, as guerras são inevitáveis, ainda havia por esse processo a grandíssima vantagem de nos desembaraçarmos da velhade, em vez de sacrificar a mocidade.

Note-se que eu não estou aqui a assoalhar ideias que me granjeiem fama de original; há muita gente, e da melhor, que pensa da mesma maneira, e não são meninos nenhuns, a quem movam motivos interesseiros, egoístas, mas pessoas idosas, ponderadas, e experientes.

Agora me estou lembrando, para exemplo, do célebre romancista norueguês Knut Hamsun (não sei se ainda vive), a quem já festejaram os setenta anos (que eu já completei há muito tempo mas sem espécie alguma de festejos), cujo ódio aos velhos seria capaz de os mandar a todos, se isso estivesse na sua mão, para as profundas do inferno.

Nunca li livro algum seu (não conheço o norueguês, que é, julgo, língua que ninguém cultiva fora da Escandinávia, e cada vez tenho mais horror às traduções), mas os méritos de Knut Hamsun devem ser valiosíssimos e indiscutíveis, pois que os mais abalizados críticos das regiões quase polares o têm na conta de primeiro escritor do seu país, e até já o mimosearam com o prémio Nobel, que não conhece rival no mundo sob o ponto de vista intelectual e chorudo.

Por aqui pode o leitor avaliar se ando bem acompanhado na minha aversão aos velhos, aversão que se estende a mim mesmo.

Algumas considerações sobre a velhice:

Ao contrário do que se presume antes de lá chegar, a velhice é a mais inquieta e desordenada fase da vida. Não há tempo para nada; o que se fazia em moço numa hora, em velho precisa de duas ou três. Os amigos da nossa idade vão desaparecendo dia a dia, e os vivos que ficam só dão sinal de si para se lamentarem ou pedir socorro. Se o velho vive com a família e à sua custa, desejam-lhe a morte para se livrarem do pesado encargo; se é rico desejam-lha ainda com maior ânsia para lhe herdarem os bens...

É na velhice que a vida se torna (necessariamente) cara, sobretudo quando o velho não desiste dos exercícios amatórios. A mocidade ama de «graça», e se paga é porque quer: por generosidade, por esbanjamento. O amor na velhice custa sempre muito mais do que os recursos pessoais de fortuna consentiriam sensatamente expender, pois o velho paga o que só por dinheiro obtém, e ainda em cima deseja exceder em liberalidade a qualquer suposto ou efetivo rival moço. Na mocidade, um gesto de munificência é sempre sumptuoso e magnífico; na velhice parece obrigatório,

indispensável, e resulta sempre mofino. Assim se explicam talvez as profundas transformações aparentes de muitos temperamentos, de perdulários na mocidade para fonas e mesquinhos, quando a vida já não interessa tanto mas a luxúria continua com as suas secretas exigências, a mais e mais difíceis de satisfazer. Acresce que na mocidade existe a cega e libertadora confiança na saúde, permitindo transitar pelo mundo livremente, e fugir com facilidade a responsabilidades, prisões e dependências, dando ao dinheiro um papel secundário. A velhice sedentária e achacosa incita a arrebancar e entesourar, para substituir, contrabalançar o interesse e simpatia que a mocidade inspira, mesmo supridas as riquezas materiais, ou dispensando-as, o que tanto vale...

Porém nos velhos impotentes... o amor do ouro não se explica completamente pela ambição do poder e da força que proporciona, pois ele é mais intenso precisamente nos avaros que o não empregam ou utilizam. Há outra explicação talvez mais plausível, no encanto comum a todos os mortais de viver com uma esperança: neste caso atingir certa soma que parece fabulosa, depois, adquirida ela, sonhar com outra cifra ainda mais alta e fantástica, e ir sempre assim em progressão de desejo, sempre suscetível de aumentar. Já não é pequeno incentivo para viver.

Os avarentos têm geralmente a vida longa.

Mas eu não estou disqueteando para os velhos, e quanto aos rapazes pouco se lhes dá o que serão mais tarde. Ah, se isto fosse discorrer de cátedra!...

As variações a que poderíamos sujeitar tão fecundo tema galgariam todas as margens sem derramar claridade mais viva do que a que naturalmente envolve o seu simples enunciado: A VELHICE; tão pronto ele se radique mesmo nas inteligências rudimentares que antecipadamente a vão figurando, ou que já a estão padecendo...

## V

A faculdade palratória das mulheres e a sua superioridade, nesse capítulo, sobre os homens vem, ao que parece, de terem elas as cordas vocais mais curtas (20 a 24 milímetros no macho e 16 a 18 na fêmea) e assim resistem melhor ao cansaço produzido pela sua vibração.



(De que insignificantes e miseráveis diferenças não estão dependentes as condições de paz nesta vida! E admiramo-nos, com razão, de que essas mínimas desigualdades provoquem tantas perturbações. A par, porém, de tais bagatelas, devemos confessar que não é exagerada a importância que historiadores, filósofos e poetas deram ao nariz de Cleópatra, o qual, em comparação das cordas vocais, equivale bem à maior pirâmide do Egito...)

Mas isto é, apenas, no que toca às práticas familiares e domésticas, pois nos grandes movimentos oratórios, sermões, discursos, conferências, etc., o homem conserva incontestável a supremacia apesar de tudo.

E quem sabe? Talvez a sujeição a que ficou reduzida a mulher, depois de abolido o patriarcado, e o pudor natural que é seu apanágio não concorressem pouco para a desviar das lutas oratórias em público, com os seus opressores. Começam, porém, a desferrar-se...

Mas, em suma, ainda as não ouvimos, tais como os cavalheiros, por exemplo, nos banquetes de núpcias (o exemplo bem podia ser mais adequado, mas não me ocorre, agora, outro do mesmo género), aludir, com gracejos, ao doce martírio que espera a noiva no leito conjugal, o que a muitos moralistas se afigurava horrível, indo os mais intratáveis até capitular essas apimentadas chalaças de «primeiras desfloradoras da candidez da noiva». E diziam-no a sério. (Felizes tempos em que tal hipocrisia alimentava as flores de retórica!)

Mas por que enredado caminho me vou eu metendo...

Eu queria dissertar sobre a glória do orador: pelo simples poder da palavra (como um Danton, um Lamartine, um Gambetta) dominar, dirigir uma assembleia de homens ilustres (de notáveis inteligências e aspirações diversas), referindo-me, também, à parte talvez mais importante dos seus recursos (em geral os discursos lidos nas transcrições deixam uma lamentável impressão de banalidades e vacuidade), referindo-me à figura, à voz, ao gesto, àquilo a que o Emerson chamava «eloquência corporal».

Isso, porém, fica para outra vez; por hoje, contentar-nos-emos com a prata de casa.

Nos tempos áureos de propaganda republicana, nós tivemos, também, oradores de elevado estro e irresistível força: bastava que abrissem a boca nos comícios para magnetizar o auditório. O mais curioso é que, a modo de reflexos desses astros refulgentes, havia, espalhados pela província, um sem-número de pequenos Orfeus, cuja ação não era menos eficaz.

Verdade seja que se formara, então, uma atmosfera tão propícia que, por si só, embriagava tribunos e ouvintes. Era ver o afã com que, dos lugarejos mais remotos, o povo acudia aos comícios, a escutar os oradores (nem no tempo dos missionários! — comentava um pároco, indignado), o silencioso respeito com que lhes bebia as palavras, o entusiasmo espontâneo e delirante com que aplaudia as frases que, mais e melhor, lhes iam caindo; e os tribunos, possuídos de uma eloquência inexaurível, falavam sempre, de coração bem cheio, embora, a alguns, no vazio dos cérebros, se lhes tivessem, de há muito, extinguido as ideias.

Contava-me um deles, lá da minha província: «dir-se-ia que um oculto demónio me abria a torneira das palavras quando eu descerrava os lábios e, ao fim de uma hora de vociferações ardentes, mal podia enxugar o suor que me cobria o rosto, mas seria incapaz de recapitular o que tinha dito. Saboreei grandes triunfos, mas o que mais me lisonjeou foi um abraço dado, após um discurso, por um lavrador abastado e brigão, da Mexilhoeira Grande, monárquico impenitente, que viera ao comício no firme propósito de me escarnecer, e as palavras que acompanharam o abraço: “Gostei muito da sua retórica...” E, por proposta sua, saí do terreiro levado aos ombros da rapaziada do sítio, que ele trouxera para me apurar...»

Formara-se uma atmosfera excelente, para manter a qual os tribunos concorriam, ateando, honra e glória lhes seja, o fogo sagrado, mas a sua ilusão, o seu engano, vinha de imaginar que eles a haviam criado e, sem a sua cooperação, ela não existiria. Foram os erros e os crimes da Monarquia que originaram e desenvolveram essa atmosfera e, quando os tribunos, na sua maioria, depois de feita a República, julgaram que bastava a parolice, para a aguentar e fortalecer, sucedeu o que se viu... Em lances tais, o que se requer são *res, non verba*.

Oxalá a gente moça, a nova geração democrática, não esqueça esta lição e lhe tire as consequências práticas, sem precisar de se prender muito aos conceitos históricos.

A história desses tempos deverá (como, de resto, qualquer outra História com *h* maiúsculo), antes de tudo, ser a reconstituição de um espetáculo onde o encadeamento das cenas e situações se faça e desenvolva, humilde e verosimilmente humano (nada de poemas épicos), evitando o historiador, sempre, aplicar, à apreciação dos factos, qualquer espécie de moral abstrata...

## VI

O ritmo é a qualidade capital na realização artística; na poesia, então, é basilar e essencial. Não há poesia verdadeiramente bela sem ritmo, e que seja exclusivo do autor.

Um vestido, em corpo de mulher, é poema a que ela dá o ritmo. Pode ser maravilhoso o vestido, que de pouco ou nada vale se o ritmo for vulgar, fraco ou imperfeito. (Um lindo vestido, em corpo impecável, é um dos mais sublimes poemas que os sentidos podem fruir...)

Mas não é, unicamente, no campo estético, na obra de arte, que o ritmo aparece como elemento indispensável; ele tudo aformoseia e dignifica, mesmo quando se revela na norma de vida dos indivíduos humildes, apagados, sem pretensão de espécie alguma.

Agora, me acode à lembrança o exemplo admirável, que merecia crônica especial e miúda, de um lavrador lá da minha província, cuja existência não sofreu o mínimo desvio da linha que caracteriza a verdadeira santidade, sem, contudo, haver, jamais, aspirado a figurar em qualquer hagiológico.

Era serrenho, da freguesia de Alferce e morava no campo, muitíssimo longe do povoado, onde raras vezes ia, embora o tempo lhe não faltasse, pois morreu de velho.

Entre outras façanhas, teve escondido, em casa, durante cinco anos, um padre chamado Amador, de quem recebera ofensas graves, mas que os miguelistas, seus correligionários, perseguiram, no determinado intuito de o matar. Durante cinco anos, que não são cinco dias, lhe deu guarida, sem, jamais, cometer qualquer imprudência que o traísse ou denunciasse, apesar das frequentes buscas e exames de toda a ordem de que era vítima, pela suspeita de o ter escondido.

Esse mesmo lavrador procurou, uma vez, o pároco do Alferce, que, além de idoso, estava doente, e disse-lhe que, sentindo-se em vésperas de morrer, vinha pedir que o confessasse, poupando-lhe assim o incômodo de ir à sua casa, por maus e longos caminhos. E, com efeito, três dias depois, o lavrador morria.

À parte a inutilidade da confissão, o ato, tal como foi praticado, é dos mais belos que conheço para fechar o ritmo de uma vida modelar...

A inutilidade da confissão, digo eu (para o confessado, não para o confessor), mas isso não impede de ser uma das pedras basilares do catolicismo, que é a mais forte organização política e policial dos tempos modernos. E parece que está, outra vez, de lavar e durar...

Pela confissão, deu-se o Huysmans por convertido, e conta-o, lindamente, no seu famoso livro *En Route*, o qual lhe não desmancha o ritmo literário, nem o intelectual, que foram uma ininterrupta série de contradições.

Formidável — abracadabrântica — a figura desse Huysmans, empregado público modelar, escravo do horário e serviços da repartição e, no cérebro, um deboche verbal sem limites, insaciável, inexaurível.

Mágico supremo da palavra, da expressão escrita, da forma plástica; mergulhando, manso e manso, no charco de todas as imundícies humanas, reais ou imaginárias, que descrevia, com amor, com paixão, e, convencido por fim de que o mundo não passava de uma esterqueira fétida, caiu de joelhos perante a Divindade, para lhe agradecer o tê-lo feito, ao mundo, tão conforme ao que o seu próprio pessimismo ideara.

Sofria dos intestinos, explicam alguns fisiologistas, donde lhe veio a inclinação para o misticismo, cuja curva ele desenvolveu nas passagens execráveis pelas «missas negras» e pela cabala...

Quando rematou no sacramento da confissão, julgou-se salvo; e o mais curioso é que, segundo afirma gente de peso, o seu exemplo frutificou, convertendo vários outros lunáticos. Por isso, talvez, é que a Santa Madre Igreja o não excomungou, nem meteu no *Índice* o livro *En Route*. E que lhe faça muito bom proveito.

.....  
Nada de investigações místicas! Mesmo correndo atrás do diabo, começo a ter medo de encontrar o «Padre Eterno». Eu sei lá o que trago acachapado na alma, quanto a loucuras hereditárias! Se saltam cá para fora, velho e mole como já sou, que resistência lhes poderia opor? Estava servido. Sem contar os tormentos físicos com que a Providência acode logo aos convertidos (v.g.: o cancrozinho na língua do mesmo Huysmans), aí caía eu nessa autêntica dança de S. Vito, inevitável aos papa-missas, aos trota-conventos, aos vomita-confissões...

## VII

Os escaninhos da alma são de difícil classificação, e mais complicado e penoso ainda é destrinçar o que neles se passa. Há, porém, uma vasta secção a cujo trabalho nós podemos assistir, por pouco que lhes prestemos atenção: o subconsciente, que jamais descansa e segreda às vezes cousas fantásticas, conquanto desordenadas, mas de notável interesse. Escutá-las, sem intervir com críticas ou raciocínios, é privilégio quase exclusivo da velhice, que até as pode relembrar com certa exatidão. Vou fazer a tentativa a que chamaremos *ao sabor da subconsciência*.

O melhor dos meus professores, o Alves de Sousa, tão agarotadamente achincalhado nas *Farpas*, tinha a inocente mania das mnemónicas cantadas, em cuja invenção era fertilíssimo embora pouco original. Por exemplo: *Kant, Königsberg — Königsberg, Kant* e tornava-se impossível esquecer que fora naquela cidade que o grande filósofo nascera. Outras mnemónicas não davam resultados igualmente felizes e deturpadas pelos borrões da memória acudiam pela vida fora, contribuindo por vezes para a confusão dos nossos conhecimentos.

Assim os últimos reis de Babilónia: «Nabucodonosor, Evil-Merodaque, Neriglissor, Baltasar» nomes que eu repito ainda, insensivelmente, em cadência, sem saber já se correspondem à sua verdadeira pronúncia, nem à ordem cronológica, e não me dando ao trabalho de investigar nos livros de História o que há de certo a tal respeito.

Mas voltemos ao Kant.

A literatura alemã anda agora muito em moda, graças ao centenário de Goethe, tão cepilhado pelos *intelectuais* franceses que já está reduzido a aparas...

Nisto pensava ontem à tarde, durante o meu passeio, quando no subconsciente ouvi distintamente: *Kant, Königsberg — Königsberg, Kant...* Abandonei logo o Goethe e pus-me à escuta:

Coincidência patusca: o Kant e o Hoffmann nasceram na mesma cidade e foram contemporâneos;

Não existe, porém, abismo insuperável entre o espírito dos dois;

Tão positivo era o pensador nas desenvolvções filosóficas, como o contista na exploração do fantástico;

A respeito da existência de Deus o caso do Kant é precioso. Na *Crítica da Razão Pura* desfaz todas as provas admitidas até ali; na *Crítica da Razão*

*Prática* aceita e desenvolve as *provas* sentimentais da sua existência, já aduzidas pelo Pascal;

Contraste idêntico no Hoffmann, entre o contista e o músico;

*Kant, Königsberg...*

O Fialho e o Ibsen foram largos anos praticantes de farmácia; isso lhes transparece nas ideias; e até nas passagens mais adamascadas do estilo do Fialho há pílulas dedilhadas e unguento espatulado...

Porém, onde nos levaria a pesquisa das paridades, das comparações, das coincidências?;

No entanto tudo é possível sem ser milagre; não se juntaram no *Louvre*, ao alto da escadaria Daru, a Vitória de Samotrácia e o auriga de bronze que pertenceu ao templo de Delfos?;

Fundindo cinco séculos antes de Cristo, será ou não esse auriga, embora de bronze, uma das pedras angulares da história da arte, como pretende o Reinach?;

*Kant, Königsberg;*

O áspero e morno perfume do heliotrópio, à noite, quando a temperatura esfria...;

Mas o auriga está de túnica e a Vitória nada descomposta, conquanto mostre os seios. Podem, sem temor, as púdicas mããs levar à sua presença as filhinhas inocentes e contemplá-los. Não é preciso espalmar as mãos, abrindo os dedos sobre os olhos, como fazem as filhas de Noé, perante a nudez paterna no fresco do Gozzoli, no Camposanto em Pisa;

Pudicícia digna dos lusos...;

O cancionero de Resende, que está na biblioteca de Lisboa, não tem as trovas mais licenciosas riscadas à pena, mas de modo que se possam ler?;

Mas este aroma de heliotrópio (ou de baunilha, como lhe chamamos no Algarve), donde é que ele vem?

Vamos ver se é no jardimzito do liceu, onde tanta vez entrei sem nunca dar por ele.

Não encontro nada que se pareça com a baunilha: também, se cá estivesse, não resistia à garotada que por aqui constantemente retoíça.

*Königsberg, Kant...:*

E com o barulho da rapaziada perdi o fio (se é que o tinha) ao monólogo do subconsciente prometendo porém a mim mesmo que não seria a última vez que o escutaria a preceito...

Eu andava triste por ter perdido a memória dos sonhos (como sucede a todos os velhos), pareceu-me ter descoberto agora o modo de sonhar acordado.

## VIII

Na minha presidência recebi uma oferenda (?) que muito me agradou e lisonjeou. Vinha da Abissínia, do Rás Tafari, hoje Imperador da Etiópia. Era o seu retrato, fotografado em proporções naturais, e ingenuamente metido numa moldura de pelúcia. Bela figura, de feições regulares, olhos de gazela, barba copiosa e bem tratada, e no seu conjunto de tão característica expressão que de memória a trago presente, como se estivesse à vista. Mas rara (singular, além de preciosa) a armação arranjada para o exhibir. Sobre uma prancha de ébano, e engastados em alvéolos de prata, levantavam-se dois dentes de elefante de alvíssimo marfim, de cujas extremidades pendia o retrato, suspenso por grossas cadeias também de prata.

Todas as minhas recordações literárias da Abissínia reviveram prontamente perante a peregrina dádiva, aumentando ainda a pena que ficara de não ter visitado esse país em tudo tão pitoresco, e com o qual os portugueses mantiveram durante séculos relações estreitas. E fora a única região importante do Norte de África que, por motivos sempre fúteis ou de pouco peso, me escapara no tempo em que, livremente, corria mundo.

Jurei, porém, aos meus deuses que lá iria ainda, se porventura me não faltasse a vida, e saísse do cargo que ocupava com vigor bastante para empreender semelhante viagem.

Jurei mas não cumpri...

As minhas relações com a Abissínia começaram por intermédio do Padre Francisco Alvares e a sua *Verdadeira Informação das Terras do Preste João*, livro que é por assim dizer a espinha dorsal do importante e volumoso trabalho do Conde de Ficalho sobre Pero da Covilhã.

Depois veio a curiosidade de saber como nos tínhamos estabelecido ali, gozando especiais privilégios, de que aproveitámos para facilitar as ambiciosas intrigas dos jesuítas, de cujas manobras resultou (à semelhança do que sucedeu no Japão e noutros pontos do globo) sermos ignominiosamente

expulsos. Li então o livro, substancial e circunstanciado, do Padre Baltazar Teles, onde se descreve toda a Abissínia com detalhes tão imprevistos, que foram considerados pura invenção até ao último quartel do século XIX, quando os exploradores europeus lá penetraram e confirmaram as descrições do autor português.

Também não concorreu pouco para avolumar, a meus olhos, o prestígio dessa misteriosa região o caso do poeta Arthur Rimbaud, que, divorciado das musas, ali passou os últimos anos da sua curta vida, negociando com riscos de pirata e sem os correspondentes lucros.

Um diplomata inglês meu amigo, que residiu muitíssimo tempo na capital Adis Abeba, contava-me episódios, e descrevia-me cenas que ali presenciara, de cores tão estranhas e tão bárbara sumptuosidade que mais me aguçou o desejo de realizar a viagem, há tantíssimos anos projetada. E a propósito lá vai um esclarecimento aproveitável, que ele me forneceu, acerca da escravatura que ali subsiste apesar das reclamações gerais e universais dos espíritos humanitários. Essa escravatura nada tem de áspera; escravo e serviçal são sinónimos. Para manter uma casa regularmente posta são indispensáveis uns cinquenta escravos, e não há quem os substitua porque o cidadão abexim, livre, recusa servir. Sem escravos os ministros acreditados junto do Negus seriam obrigados a engraxar os sapatos e a ir buscar água à fonte...

No segundo verão que passei em França, depois de largar a pátria tive por companheiros de hotel, em Versailles, um casal de abexins, ainda novos, e um rapagão de seus quinze anos, sobrinho do marido. Todos três de puríssimas feições circassianas, mas retintos, cor de antracite, e embora recentemente chegados à Europa, falando francês com admirável correção. Os homens vestiam com apuro e gosto britânicos; a mulher com a simplicidade elegante de uma autêntica parisiense.

Travámos relações.

Passam as mulatas cor de canela por ter a pele mais fina e os lábios mais doces que existem, mas não creio que haja veludo que se compare ao das mãos daquela senhora abexim.

Dos lábios, naturalmente, nada sei.

À vista de tanto predicado atraente, além da inteligência e cultura tais como dificilmente se encontram nas classes europeias privilegiadas, renasceram-me os desejos veementes de visitar a Etiópia; feito, porém, um



rigoroso exame de consciência (ou, melhor, das faculdades físicas — sem falar na idade provecta), reconheci que seria doudice arrojarmos a tal aventura, e renunciei. Agora só me resta o recurso de meter a Abissínia num livro de viagens por terras onde nunca fui...

O mais extravagante é que, depois da definitiva renúncia, não posso lembrar-me daquele país sem injustamente o associar com uma notícia lida nos jornais há anos sem conto: «um abexim, julgado e condenado à morte por ter assassinado um francês, aduzia em sua defesa que a gente branca era uma espécie de animais que ele por completo desconhecia, e, ao ouvir o francês soltar gritos semelhantes aos da hiena, resolvera matá-lo». A vítima foi o jornalista Dubois-Desaulle...

## IX

Posto haja ainda quem pretenda ver no Norte de África somente areais, pântanos e pedreiras, o facto é que poucas regiões no mundo lhe ganharão hoje em cultura, salubridade e abundância. E no capítulo das flores, que prosperam ao ar livre em todas as estações do ano, quais são as paragens europeias que se lhe possam comparar?

Lembra-me há três anos, no começo de maio, naquela prodigiosa cintura de florestas, parques e jardins que cerca Paris: tudo estava embalsamado com o perfume dos lilases, que em Versailles, por exemplo, atingem dimensões de verdadeiras árvores.

Noutros pontos, como no Sul de Espanha e da Itália, é a falta de água que tudo mirra e destrói.

E a eflorescência, em ponto grande, assume por vezes, no Norte de África, proporções assombrosas.

No imenso parque do Belvedere, em Tunes, há três fases no ano que não esquecem mais a quem as viu. As giestas e os pitósporos no começo da primavera, as acácias em maio, e depois os eloendros que conservam as flores pelo inverno fora.

Abunda então ali, entre as acácias, uma espécie de mimosa estranha, fantástica: de grande tamanho, tem a forma dos chorões e cobre-se literalmente, arrastando os festões pelo chão, de flores de oiro, gradas como medronhos mas leves como espuma.

E os eloendros, mesmo pelas canículas continuam florescendo, com os orvalhos noturnos, ou só que lhes passe algum fio da água de rega pela levada próxima.

Eloendros de flores vermelhas e cor-de-rosa, e outros de flores de neve. E parece tão desusado, não é verdade?, que o eloendro dê flores brancas e desconsoladas. Porquê? Talvez porque é uma planta que evoca terras de febre...

Tudo isto sem falar nos buganvis, que a maior parte do ano mantêm as flores e são de uma opulência apenas comparável aos que vi na Ilha da Madeira. Nos parques do Belvedere deixam-nos trepar livremente por algumas árvores altas, produzindo efeitos teatrais de inigualável pompa.

Quanto às flores de jardim, há-as de toda a espécie e variedade, a começar nas rosas e cravos, e a acabar nas ervilhas-de-cheiro, que bem poderiam, estas últimas, concorrer ao prémio de mil libras que o *Daily Mail* instituiu em Londres para galardoar o exemplar mais lindo. Até se cultiva aqui a antiga dália de regular encanudado, orgulhosa e fria, mas decorativa como nenhuma outra flor, e preciosa no arranjo de um salão com estilo.

Porém superior em tudo às flores cultivadas, e às bravias, encontra-se no Norte de África, com relativa frequência, o «cardo-azul», que é uma das mais prodigiosas invenções ou composições artísticas da natureza, levada ao cabo sem a intervenção ou o auxílio do engenho humano.

Tem a forma e disposição do cardo ordinário, porém recortado e armado com muito mais graça o equilíbrio; as folhas e flores envernizadas, esmaltadas a azul-celeste. Uma joia fabulosa, que parece trazida dos contos de fadas.

Para mim tem redobrado interesse (relevem-me a pieguice) por ser o cardo a flor do timbre de meu avô paterno (que foi um herói e não menos verdadeiro mártir), cujo sinete possuo e emprego.

.....

Nos cemitérios muçulmanos raro é ver uma flor; árvores sem flores visíveis, de folha persistente, em geral. E tenho agora reparado em como os eucaliptos se dão mal nos cemitérios: definham e morrem facilmente. É talvez de indigestão. A alimentação ali é demasiado rica, para plantas que se nutrem especialmente de matérias diluídas nas águas delgadas dos pântanos...

Mas, de quando em quando, topa-se ali com uma árvore de fruta. Árvores de fruta em cemitérios! Quem comerá os figos que dão as figueiras dos cemitérios árabes? Os próprios mortos, provavelmente. Não; as aves de trino, que pelas noites de luar lhes vão cantar os responsos...

## X

Antes de exercer o cargo de presidente, não fazia ideia alguma da predileção que os nossos patrícios nutrem pela carta anónima; porém ali tive a prova de que lhe votam verdadeiro amor. E como a correspondência dirigida ao Chefe de Estado gozava, não sei por que bulas, de isenção na franquia postal, nem mesmo a despesa com a estampilha lhe punha barreiras.

Escusado seria ajuntar que as numerosas cartas anónimas, que o correio me trazia quase diariamente, estavam longe de ser elogiosas: eram francamente insultuosas para mim, ou para os meus supostos inimigos, quando os meus desconhecidos e solícitos partidistas pretendiam mostrar de que raça eram esses adversários.

Certos insultos públicos, feitos no calor do ódio, ou engendrados na calma refletida onde se compõem as melhores vinganças, têm consigo que muitas vezes pela miséria moral de quem os profere ressurtem do alvo para dar na cara dos seus autores. Semelhante risco, porém, não existe com as cartas anónimas, que até podem provir de pessoas tímidas, modestas, bem-intencionadas, e por isso, talvez, é que os nossos patrícios as preferem...

Depois, há intrujões de tal marca e calibre que devemos desconfiar sempre do que eles dizem mesmo quando ofereçam as máximas garantias de que falam certo. A esta família pertencem, sem dúvida, muitos autores de cartas anónimas, as quais, na sua própria opinião, crescem em autoridade com a ignorância de quem foi que as escreveu.

Há pessoas malfadadas para as sendas da honestidade. Quantas conhecemos nós a quem por isso mesmo negamos crédito. Bem; aí se aproximam elas com toda a aparência de humildade que a situação requer, mas já com aquele sorriso de velhacaria santa de quem traz a sua fígada e não a larga...

As cartas anónimas recheadas de ameaças e insultos a meu respeito pouco ou nada me interessavam pois eram de uma monotonia lúgubre.

Não sucedia outro tanto com aquelas que se referiam aos meus inimigos, as quais foram arquivadas com certo cuidado, como documentos da invenção e fantasia de um povo sonhador e... romântico.

Que histórias tão divertidas de trapaças, burlas e gatunices! E no ramo das perversões sexuais? Uma variedade sem limites, ilustrada por passagens de tal modo raras, inéditas, que nem mesmo nos livros científicos da especialidade ainda figuram.

Porém, neste ponto, o que maior surpresa me causava eram as acusações de incesto, não só pela abundância dos casos apontados, como pela notória respeitabilidade dos cavalheiros a quem acoimavam.

E vendo-os solenes e graves, se adregava cruzar-me com eles na rua, ou lendo-lhes as prosas tão atufadas de moralidade, não podia conter o riso embora tivesse dúvidas sobre a autenticidade da imputação. É que — todos nós o sabemos e já o sabiam os nossos mais remotos antepassados — da calúnia sempre alguma coisa fica...

Com o estadista Émile Combes (o da separação da Igreja do Estado), sucedeu neste mesmo capítulo um caso pouco conhecido e que vale a pena contar.

Por ocasião do seu quinquagésimo ano de vida pública, os correligionários ofereceram-lhe a coleção completa, em vários volumes ricamente encadernados, de quantos artigos a imprensa publicara a seu respeito.

Maquinalmente, enquanto o presidente da comissão ofertória lhe tecia o panegírico, Émile Combes abriu um dos volumes e leu algumas frases de um artigo do jornal católico *La Croix*. O efeito da leitura foi tal que empalideceu e cambaleou, supondo as pessoas presentes que era de alegria pelo preito que lhe prestavam.

Apenas a comissão largou, Combes precipitou-se sobre a coleção dos artigos percorrendo, horrorizado, aqueles que *La Croix* lhe dedicara durante a luta pela Lei da Separação. Esses artigos narravam, com miúdos pormenores, como ele desflorara as próprias filhas...

Este jornal *A Cruz* publica-se à mesma hora em todas as povoações francesas de alguma importância, e pelos ataques ao Combes se poderá avaliar a força da sua «murmuração piedosa». Todavia — sosseguem os leitores timoratos — apesar disso e das excomunhões papais, o autor da Lei da Separação viveu perto de noventa anos, conservando perfeita a validez física e intelectual.

## XI

Ainda às voltas com o subconsciente...

Tornando ao jardimzito do liceu recordou-me o último monólogo, interrompido quando procurava encontrar, entre os fartos buganvis que o cercam, algum heliotrópio de que julgava sentir o perfume. Nisto o subconsciente segredou-me:

A doçura acidulada de certas plantas aromáticas...

Pus-me logo à escuta e eis o que ouvi nessa tarde:

A conhecida predileção dos espíritos meditativos pelos passeios de curto âmbito (*Kant, Königsberg*) que não variam de local, longe de significar mania ridícula, explica-se pela necessidade do exercício físico, em recinto sem novidade que perturbe o pensamento;

A ambição da poligrafia, que revela um génio universal, desvia muitos escritores do caminho que lhes era próprio, exaurindo-lhes os recursos da imaginação, do sentimento (e da cultura literária) em trabalhos inconsistentes e banais, sem dignidade nem probidade. Quem mais sofre da pecha são indubitavelmente os poetas;

«Coimbra, a feira da ladra da sabedoria», diz o poeta Donas-Botto, que o Camilo intentou ressuscitar no *Cancioneiro Alegre*;

O romantismo defunto! O romantismo cada vez mais vivo: não é ainda hoje a característica essencial das organizações a um tempo delicadas e poderosas procurar sofregamente satisfazer as necessidades sentimentais, as exigências do coração, às quais nenhuma espécie de ciência positiva dá suficiente apaziguamento? (Supersticioso como o Victor Hugo!) Devemos, talvez, ser indulgentes para com aqueles que, na sua humildade e indignância imaginativa, aceitam a solução religiosa e entram à plenitude espiritual agarrando-se a uma certeza que julgam escorada por séculos de tradição contínua. Assim se explicam, quiçá, o regresso de um Pascal, e a crença de um Pasteur...

A insuficiência imaginativa, que inibe de inventar, serve honestamente a diretriz da ciência moderna, a qual aprecia muito mais os factos do que as teorias;

Menor romantismo no campo da ciência e das relações sociais;

Era uso nalgum tempo legar o coração, como prova de afeto, a pessoa que se tinha em grande estimação. Suponho que isso é hoje proibido por lei e

ainda bem. Que tremenda maçada não seria carregar com essa víscera, e sucedendo então que mais de um amigo nos mimoseasse com semelhante legado, como isso nos devia alegrar o mobiliário doméstico! O Castilho recebeu esse legado de um irmão padre, que foi morrer à Madeira, mas não se sabe afinal que destino ele deu à carinhosa deixa. Sobretudo o que convinha apurar é como a conservou. Curada ao sol como ova de atum? Metida em aguardente?...

Não foram positivamente os reveses e desgraças da história nacional que afeiçãoaram os portugueses ao mobiliário fúnebre, de pau-preto com pregaria e enfeites de metal amarelo, mas a predileção, ganha nas pompas transitórias de um enriquecimento fácil e rápido, pelas ornamentações solenes e aparatosas. Daí vem, porventura, a multiplicidade aflitiva dos cavalheiros tristes, esguios e retintos, enlutados de bigodeiras ferozes, que passeiam na capital, brandindo bengalões de ébano horrorosamente encastoados de prata; são as pompas da História que sobrevivem, ambulantes...

Houve um, de alta e nobre estirpe, que das grandezas passadas só conservava em casa o «galo das trevas» da antiga capela, tenebrário ou candelabro de treze velas que serve nos ofícios da Semana Santa; em dias de festa acendiam-no na casa de jantar;

São transposições... E essas trasladações da teologia ascética para o profano, a que o cavaleiro servente (na Idade Média e no romantismo) recorria para cantar a sua dama?...

Desregramentos artísticos? Mau é que se possa dizer de um artista: faz pena que, tendo nascido com pouco talento, desenvolvesse tão lindas teorias... que nunca pôde nem soube aplicar!

Modos de ver, dependentes das situações;

Ridícula, a teima de duas madamas, que querem ceder o passo uma à outra, junto de uma porta qualquer; sublime, se é a escada de incêndio que as vem salvar, num quinto andar a arder...

.....  
Fatigado de tanta incongruência fui eu, desta vez, que deliberadamente abandonei o subconsciente.

## XII

Naturalmente em todos os ramos da arte, inclusive a de escrever, é preferível, passada certa idade, evitar o contacto do público. A atmosfera varia e o artista não pode seguir por outros caminhos, renegando o passado (ou mudando a sua técnica) somente por imposição da moda. Porém o que é novo, ou parece tal, tem grande e real importância, e aparecer como protesto vivo às tendências atuais, em fase já pouco ou nada combativa, e quando não resta mais do que repetir, embora fortalecidos e aperfeiçoados, argumentos já conhecidos, é fonte inexaurível de amarguras. Com esse martírio ninguém lucra, e o silêncio do artista insigne aproveitar-lhe-á, mais tarde, quando se der no público a forçosa reação, e ainda vivo (ou morto já) a sua obra inspirar interesse a novas gerações.

Em todas as literaturas que conheço apenas lembro um génio que até quase nos arrancos da morte esgrimisse destemida e temerosamente com a pena, distribuindo golpes de que os adversários jamais se refaziam e que o público ilustrado apreciava com deleite. Porém isso mesmo concorreu para que lhe descreditassem as obras-primas, e passado o medo, quando ele desapareceu de todo, lançaram-lhe em cima a mais pesada lousa de esquecimento de que há notícia em país pequeno como o nosso. Refiro-me ao maior escritor português do século XIX, Camilo; o qual todavia ainda há de ressuscitar e será talvez adorado como um demiurgo. Mas pagou em vida, como eram de justiça burguesa, as implacáveis investidas, bem como pagou com juros onzeneiros os desvairamentos amorosos da mocidade.

Têm carradas de razão os meninos prudentes, que se estreiam na literatura, adotando por norma de vida social «envernizar» os ódios de forma que nunca se manifestem brutalmente; e quanto ao amor convém cultivá-lo com extrema cautela, pois nunca se sabe de antemão se andamos a preparar um tesouro de puras delícias ou um manancial de cruciantes mágoas. Porém não esqueçam (isto agora é conselho meu) que é sobretudo indispensável, essencial, para ganhar foros de filósofo e impor a autoridade de magíster, dispor de uma abundante, complicada e pomposa terminologia...

Mas tudo, a meu ver, é preferível ao isolamento absoluto, conquanto em certos casos ele seja frutuoso.

Essas criaturas que na tranquilidade da sua torre (chamam-lhe de marfim) assistem às grandes convulsões sociais sem nelas participarem, e depois nos dão a sua apreciação escrita, têm um papel estimável e curioso, de posteridade antecipada, descobrindo ou traçando a perspectiva inacessível aos que foram mais ou menos atores nos acontecimentos.

É talvez este o elevado papel dos filósofos moralistas...

O erro basilar consiste, no entanto, em subordinar os trabalhos do espírito à ambição da glória. É preciso limitá-los exclusivamente ao aformoseamento da existência que nos coube por sorte, e já não é pouco. Esse gozo é certo, e a glória tão contingente!

O que eu tenho ouvido acerca de «génios» que se julgaram ou julgam inatacáveis! E alguns comentários com certa graça embora emitidos com repreensível desaforo.

Pelas condições da minha movimentada vida pouco parei em Lisboa, por onde fazia apenas rápidas passagens. Porém era raro escapar à visita aos cafés de frequência literária, e recordo ainda os vitupérios que em certa noite as línguas peçonhentas despejaram sobre reputações que eu tinha em grande conta.

A respeito de um autor recentemente falecido, e que sempre merecera admiração geral, dizia um rapazote janota (aliás simpático), afetando com espalhafato a insolência peculiar dos peralvilhos mal-ensinados:

— Já ninguém fala nesse escritor copioso e esotérico; no entanto ele deixou o seu nome assinalado nos fastos da asneira em páginas imorre-doiras...

E um velho zoilo de caudalosas barbas encanecidas, cheio de autoridade e prosápia, retratava o mais prendado e famoso dos nossos talentos nos termos seguintes:

— Com todos os seus dotes de imaginação; a facilidade com que improvisa; certa graça rasteira que insufla aos mais escabrosos assuntos, e a sólida educação científica revelada a cada passo, o que lhe escorre da pena lembra a insipidez da orchata, bebida extremamente agradável, mau grado a insulsez de que sofre, da qual uso com frequência e que de forma alguma é intuito meu ofender nesta quiçá arriscada comparação.

Seguiu-se-lhe uma espécie de degolação de inocentes, esforçando-se cada qual por dar à sua vítima a morte mais dolorosa. Porém no acume da



chacina houve um incidente que convém registrar: quando um dos comparsas começava a malhar no melhor dos nossos poetas contemporâneos, um moço de olhos ingênuos, que até ali nada dissera, soltou um grito de protesto, tão vibrante e tão sentido que me recordou o cântico da cotovia saudando o sol .....

.....  
Sob esta impressão saí do café, e logo me acudiram à imaginação essas inóspitas cidades do Norte pelos dias de grande geada, quando tudo parece morto e os transeuntes fogem com passo mal seguro, medrosos dos fatais escorregões, e de repente sente-se pelo respiradouro de um subterrâneo o hálito dos pomares valencianos — depósito de laranjas e limões chegados de fresco —, como se rasga o céu plúmbeo, e se entreveem perspectivas assoalhadas de rútilas campinas, horizontes de cobalto, mares cerúleos...

### XIII

«Só o espírito a aguenta de pé», ouve-se dizer com frequência de algumas mulheres doentes ou aflitas. Raro se ouve o mesmo a respeito de homens, os quais sucumbem total e facilmente, salvo nos casos de santidade. Quer isto dizer que o sexo frágil resiste ao martírio melhor que o forte? No entanto a Igreja canoniza machos em número infinitivamente superior ao de fêmeas, e essa consagração refere habitualmente uma vida de consideráveis tormentos. Canoniza?, melhor será talvez dizer, canonizava, pois para o caso, como em tudo o mais, as mulheres estão na moda. E é pura justiça. Todavia há quem não concorde e sentencie em seu desabono: as mulheres, por via de regra, possuem um muito limitado cabedal de piedade; mesmo as mais generosas não sacrificam nenhum cómodo exigido pelo egoísmo e pela vaidade; e como sejam essencialmente seres de infinita vaidade e egoísmo, está-se a ver que fortificações formidáveis as defendem contra os impulsos da piedade, que não seja meramente platónica. Mas não haverá exagero acintoso em tal conceito? É fora de dúvida que nem sempre foram assim, e reconhecem os historiadores de boa-fé que antes da idade «patriarcal» houve uma idade «matriarcal», durante a qual se lançaram as grandes bases da civilização... altruísta. Hoje parece averiguado que a mulher foi quem inventou a agricultura e aspirou aos progressos

pacíficos, sonhando uma vida sem guerras ainda na Idade da Pedra, quando amamentava os filhos ao abrigo insuficiente que lhe oferecia a caverna, enquanto os homens caçavam na floresta ou se batiam com as tribos rivais.

Porque não havemos de aceitar estas conjecturas como verdades incontroversas? Daí nenhum mal viria ao mundo. O facto, porém, é que no período patriarcal as mulheres passaram tratos de polé, e causa admiração que se não concertassem mais cedo para obter regalias e direitos iguais aos dos homens. Mas entraram já no bom caminho que percorrem a passos de gigante...

Pretendem os higienistas que uma das consequências de maior alcance social, a esperar da independência da mulher, fundada na sua educação científica, é que ela possa escolher o momento mais favorável para o exercício (digamos assim) da maternidade, produzindo, portanto, seres mais viáveis e menos perigosos, e corrigindo de algum modo a indiferença criminosa do homem, o qual, sífilítico, tuberculoso, alcoólico, etc., procria a trouxe-mouxe, sem se preocupar com os possíveis resultados funestos do seu desleixo. Quanto a mim (e muito boa gente pensa como eu) a consequência principal da superioridade da mulher, e da sua libertação, consiste em dar ao amor maior intensidade; a mulher fácil, a mulher escrava só incita à mera satisfação do desejo sexual; a mulher inteligente e instruída faz do amor um poema precioso, e toda a sua ambição está em o recitar de modo que só mereça aprovação e louvor.

Todos esses nevados lírios; todas essas frias dalias pesadas, inclinando para o chão os favos multicores das suas pétalas; todas essas flores artificiais aquecem, aprumam-se e perfumam-se, sob a influência do fervor amoroso que se lhes atea no coração, e em vez de uma horda, na sua máxima expressão, de Teodoras ambiciosas e chupistas, o mundo povoar-se-á de Safos apaixonadas e dedicadas. Não; a mulher sábia não é incompatível com os mais delicados deleites da volúpia, e se ela conseguir dirigir-lhe livremente a orquestração, talvez este mundo retome as perdidas cores paradisíacas.....

Dizem que se não pegam, completamente isentas de contágio: o dinheiro e a beleza. Com o mundo transformado pela libertação da mulher, caso ela torne a assumir o matriarcado que mais não seja no capítulo da luxúria, o dinheiro será inútil (ou quase) e quanto à beleza bastará o contentamento geral para a espalhar e apurar...

## XIV

A influência da língua na conservação do sentimento da nacionalidade! Pois será ainda necessário demonstrá-lo com argumentos novos? Que exemplos mais decisivos e flagrantes do que a Polónia, a Roménia, a Albânia, a Finlândia, atravessando séculos de domínio estrangeiro sem tréguas, e resistindo à desnacionalização graças ao poder unificador da sua língua. E mais enérgico ainda se torna quando produziu poetas de génio.

É admirável!

Todavia em certos casos levanta sérios entraves à realização das justas, ou pelo menos generosas, aspirações do internacionalismo universal, cujo primário fator consiste na compreensão direta, pela linguagem falada e escrita, dos povos entre si. Veja-se a Bélgica, país mais pequeno que a província do Alentejo, teimando em dividir-se por três idiomas diversos. Não é isto lastimável? E então quando se prende aos dialetos, dentro de qualquer nação já unificada, exigindo repartições separatistas, constitui uma verdadeira peste.

Mas é a sorte de quase todos os elementos progressivos, tornarem-se um dia em motivos de retrocesso. A escravatura não marcou um passo notável na marcha da humanidade? Sempre é preferível viver como escravo a ser comido grelhado ou... cru. Hoje, felizmente, nas guerras mais ferinas entre povos civilizados, o prisioneiro escapa à escravidão, e à voracidade do vencedor mesmo esfaimado.

Festejemos pois a dita de ter nascido nos auspiciosos tempos correntes, que podemos sem desdouro celebrar em prosa e verso, com medida e rima. Não sei porquê o verso livre se me afigura impróprio de tais cantatas! Verdade seja que verso livre e prosa são uma e a mesmíssima coisa; pode-se até ajuntar que em geral verso livre é prosa má...

E não esquecendo o nosso caso particular, qual nos seria o metro mais adequado? Antigamente era o verso de sete sílabas o preferido pelos nossos poetas, e porque na análise da boa prosa se encontram com abundância versos desse ritmo, concluiu-se, talvez com razão, que andavam ajustados à índole da língua portuguesa. Mas o Castilho observa: «Nós inclinamo-nos a crer, pelo menos o suspeitamos, que o metro que a nossa língua mais acerta é o de cinco sílabas, ou lírico menor, sendo nela triviais até os versos de arte-maior, que são, como se sabe, compostos de dois destes

líricos menores; e que nem ainda o segundo lugar compete aos de sete sílabas, pois lho tomam os de quatro, que não raro se chegam a enfiar a dois a dois, formando então os de oito, tão seguidos na poesia francesa e tão pouco tratados nesta nossa. Desde que José Anastácio da Cunha a estreou com eles, só uma ou duas vezes se tornaram a tentar.»

E aqui estou eu a meter-me insensivelmente em camisas de onze varas, que outra coisa não é discorrer sobre poesia, metro e ritmo! Porém o nome de José Anastácio da Cunha, de trágica memória, e cujas prendas líricas são atualmente bastante encarecidas, esse nome, que por acaso a citação do Castilho me rememorou, corta-me o fio à dissertação: deixo-a para melhor ensejo...

Deve haver alguma formidável potência oculta, que considera a poesia um crime e a castiga, pois os verdadeiros poetas sofrem tormentos horríveis, piores ainda dos que a justiça humana inflige aos criminosos de direito comum. (Reflexão juvenil ou meramente literária?...)

Seja como for... Relendo o que fica escrito e vendo a facilidade com que me transvio dos caminhos encetados, devo dar razão aos críticos, mesmo aos mais irresponsáveis, os borrachões, que me acoimam de extravagância. Mas não são os seus juízos que me mortificam; acima de tudo estão os areópagos literários e o nosso é de primeiríssima água. E não é mau que exista, seja onde for, uma congregação de altos espíritos independentes e imparciais que, apesar do menosprezo dos poderes triunfadores do dia (refiro-me exclusivamente ao campo das justas estéticas), mantenha o culto da inteligência e da beleza pura.

Que sentenças promulgou esse areópago a meu respeito? (De quando em quando para aquietar a consciência vale a pena proceder a exames desta ordem.) Em pleno tribunal não sei de nenhuma, porém conheço várias, emitidas individualmente por alguns dos seus membros mais eminentes, e deploro que a modéstia me impeça de as apregoar, reproduzindo-as aqui (que melhor forma de lhes acentuar a intenção encomiástica?).

Contudo um ponto existe que me será permitido ponderar: aquele que se refere à minha paternidade espiritual. Inculcam-na sempre variada mas honrosa (resta saber se o filho seria igualmente lisonjeiro aos pais putativos), mas eu, por mais que procure, não consigo achar indiscutível ascendência, com declarados progenitores, e resigno-me a ser literariamente um simples enfeitado, filho de pais incógnitos...

Uma estátua a Paul de Kock (saberá a mocidade atual quem foi esse escritor?) é merecida, é louvável, apregoavam, alguns lustros atrás, os grandes espíritos da França como Henry Fouquier e Jules Claretie (para os rapazes de agora terão estes nomes algum sentido?), mas uma estátua a Baudelaire, a Verlaine, a Arthur Rimbaud, poeta precursor, viajante ilustre, explorador audaz, que vergonha, que infâmia!

E teriam razão? É que os atrevimentos do génio dão sempre mau resultado no que respeita à manutenção da ordem, fito primacial das inteligências equilibradas. E é o que mais me maravilha no grande Goethe, impossibilitado como estou, pela ignorância da língua em que escreveu, de fruir as delícias musicais da sua poesia, parecendo-me até justíssima essa admiração assombrada que ao autor do *Fausto* inspirava a escrituração comercial por partidas dobradas... Que bem que isto soa no país dos desvairados filósofos. Sim, porque a Alemanha, nessa fase que vai de Leibniz ao Hartmann (já o disse não sei quem), é um desordenado bazar ou feira de ideias... onde todos os mercadores lutam por impingir as suas... à custa da reputação alheia...

Os filósofos mereceram-me sempre profundo respeito, mesmo quando lhes não achava extraordinário engenho, e comprazia-me em procurar nos seus retratos a possível conexão entre as suas expressões fisionómicas e a arquitetura dos seus sistemas. Mas sempre com desenganos, tão pequena era a correspondência que existia, ou me parecia existir, entre as duas amostras. Porém estas harmonias raríssimas vezes se descortinam. Lembra-me de quando vi, na mesma página da *Ilustração Francesa*, os retratos do braviamento terciopelado Bjørnstjerne Bjørnson (quem com tal nome terá direito a ser parvo?), do fantástico e rapace Mark Twain, do desconfiado e retraído Barbuse e do restaurador Marguery. De todos, este último era quem tinha o ar mais caracteristicamente intelectual, profundo e até filosófico.

Perfeita a concordância do espiritual com o físico, somente uma vez o encontrei, e foi no decantado Bergson, que eu tive a dita de ouvir em Genebra, na «Sociedade das Nações»: o rosto ameninado; todo ele hesitante, pevidoso, pisa-mansinho, merdífior...

Mais desassociada da que vai na alma dos filósofos é ainda a expressão fisionômica do lapuz, e isso desvenda-se em surpreendentes lances, sempre que os espíritos superiores tentam desfrutá-lo. Agora me ocorre à lembrança um caso típico.

Falava-se numa botica de província (nas capitais já ninguém discorre sobre semelhantes assuntos) de alguns extravagantes artigos da velha farmacopeia. Alguém aludiu ao óleo de lacrau e um campónio que, por acaso, assistia à conversa advertiu:

— Pois se fossem precisos lacraus era só dizerem-mo, que lá para os meus sítios não faltam.

Retorquiu-lhe um dos circunstantes, gracioso encartado:

— Arranje você uma boa canastra deles que aqui o senhor Crespo compra-lhos.

— E por bom preço — reforçou com malícia o Crespo, dono da farmácia — mas que venham vivos...

E todos riam à socapa, o que não escapou ao lapuz, embora não desse sinal de que o notara.

Quando ele saiu houve um coro geral:

— Arre, que é burro!...

Passados poucos dias volta o campónio com um cesto cheio de lacraus.

— Aqui estão eles.

— O quê?...

— Os lacraus.

— Os lacraus?

— Sim senhor, e todos vivos como Vossa Senhoria recomendou.

— Você é parvo, homem, pois você não viu que tudo aquilo era troça e para chuchar consigo...

— Ah!, era troça... então tome-os lá de graça — e despejou-lhe o cesto dos lacraus pelos quatro cantos da casa.

Quando souberam isto os habituais frequentadores daquele centro de má-língua recusaram-se a lá voltar; a freguesia diminuiu consideravelmente; e o Sr. Crespo levou meses a caçar lacraus, antes que se visse livre deles...

Porém onde está a moralidade do conto, que meta filósofos, lapuzes e lacraus, todos juntos?

Isso é com o leitor, não é comigo...

Numa excursão por Marrocos, feita quando deixei Portugal pela última vez, encontrei-me por acaso na região de Alcácer-Quibir que é a mais risonha da possessão espanhola.

Naturalmente, acudiu-me à lembrança o desastre de D. Sebastião, mas em termos pouco lisonjeiros para a sua memória. Que diabo!, os outros reis lusitanos, que foram a África propagar a Fé, assaltavam cidades do litoral e atinham-se à vizinhança do mar, por onde facilmente comunicavam com a pátria. Mas meter-se pela terra dentro, na proximidade das grandes cidades, onde o inimigo possuía inexauríveis recursos de gente e material de guerra, não parece de capitão mui atilado.

Todavia, referindo-se à «jornada de África», os panegiristas de D. Sebastião (os mesmos que asseveram que ele fora o mais cavaleiro e cavaleiro dos nossos reis, e nascera com alma de Alexandre) dizem que não era a empresa tão tresloucada como os detratores a pintam, somente os cálculos em que assentava falharam todos. E não seria louca uma empresa assim arriscada e temerária, levada a cabo sobre cálculos tão falíveis e portanto mal estudados? Foi a má sorte que perdeu o herói. Mas os Alexandres, os Césares e os Napoleões contavam sobretudo com o seu génio estratégico, que é (dos domínios da ciência) servido por cálculos profundos, baseados em informações positivas e tanto quanto possível incontroversas.

Essa fatal jornada constitui, de princípio a fim, um mistério impenetrável, como, de resto, são todos os acontecimentos graves da História.

E ainda bem, pois dão tema inesgotável às divagações da imaginação poética e romanesca, resultando daí surpresas encantadoras. Não se descobriu agora que o reinado de Luís XV foi o mais preclaro e próspero da França, e esse monarca o mais engenhoso, culto, ponderado, virtuoso, etc., de quantos a governaram? Vá lá fazer juízos pelo *après moi le déluge* e quejandas ninharias...

A fantasia dos historiadores e os seus tão diversos métodos de investigar a verdade! Para uns tudo é tenebroso e tétrico; para outros só há epopeias gloriosas; alguns tolda-lhes a vista uma perfumada nuvem de incenso; outros enrilham os dentes, e o que lhes sai, a muito custo, é duro

e ressequido; outros, pomposos e abundantes, divagam com luxos, invenções e desbaratos só permissíveis a ricos; outros...

Porém mais variados e contraditórios são ainda os juízos que inspiram à crítica os livros de história. Lembra-me agora que no mesmo dia em que li a apologia entusiástica dum dos mais célebres historiadores do mundo, deparou-se-me outra apreciação que o punha raso como ardósia, e concluía: «No fundo, o que é a sua obra, de resto bastante copiosa?: uma perfeita blagologia...»

Nós tivemos no Herculano um historiador de larguíssima envergadura, rico dos predicados raros, próprios desse género literário, mas tão orgulhoso e sensível que não admitia reparos e quando os padres começaram a implicar deveras com os seus escritos, desistiu de os continuar. Faltava-lhe a paixão?, ou preferia fazer história nos romances, onde ela aparece brincada e no dizer do Castilho se aprende sem enfado. Mas os seus romances são maus e os seus trabalhos históricos admiráveis, com uma autêntica obra-prima: *O Estabelecimento da Inquisição em Portugal*.

Coisa curiosa e não sei se já notada: quanto o seu método se irmana ao do Fustel de Coulanges, o grande entre os grandes. A arte de Fustel estaria em penetrar-se do verdadeiro espírito contemporâneo dos lances a relatar, e na interpretação justa dos textos dos cronistas da época. Depois, em vez das biografias luxuosas de príncipes e mais personagens conspícuos, o estudo das classes inferiores para explicar a filiação das instituições sociais, jurídicas e políticas, que constituem o fundo sólido das suas resurreições históricas...

Não se admire o leitor de me ver discretear assim de cadeira sobre assunto de tanta magnitude: eu também já me atirei às investigações históricas, tendo a fortuna de resolver, satisfatória e definitivamente, um dos mais árduos e capitais problemas da história moderna, a saber: onde foi que a George Sand «armou» pela primeira vez o marido. E não posso encarecer as canseiras, as vigílias, as meditações que me causaram as respetivas, inúmeras, indispensáveis pesquisas. Mas consegui, e para conhecimento universal aqui deixo consignado o fruto do meu labor. O facto deu-se no ano de 1825, dentro da gruta (depois milagrosa) de Lourdes.

E segundo me revelou uma vidente mística, muito relacionada com o céu, foi esse caso que deu origem ao aparecimento da Virgem. Eis o que ela me contou:



No clube dos arcanjos da pena amarela, o mais maledicente dos páramos celestes, esse acontecimento foi comentado tão ostensiva e desbragadamente que chegou aos ouvidos da Nossa Senhora, a qual lá tem sempre as suas espias, para saber o que murmuram a seu respeito, pois que a não pouparam com dúvidas indecentes acerca da sua virgindade, quando ela deu entrada no paraíso. Os pormenores do ato lúbrico, exagerados talvez pelos eróticos arcanjos, e as alusões à amenidade do sítio inspiraram à Nossa Senhora desejos de o visitar, o que fez com certa dificuldade, graças à relutância do Padre Eterno em outorgar a indispensável licença. Tão agradada ficou do conforto e pitoresco da caverna que ali voltou várias vezes até se encontrar com a «beata Bernardette».

O resto é sobejamente conhecido.

E aqui está como os carnais desvios da George Sand abriram para a França essa prodigiosa fonte de devoção espiritual e lucros materiais sem par no mundo.

Não há dúvida: Deus escreve direito por linhas tortas...

## XVII

Torcer a significação das palavras até ao absurdo constitui um jogo que entretém muito boa gente, da qual eu faço parte...

O «bovarismo», expressão inventada por Jules Gaultier, e hoje de uso corrente, pode ser ampliado no sentido de levar os ignorantes obstinados à recusa de verdades evidentes, para só admitirem o que a princípio se lhes afigura seguro e certo. Exemplo: no consultório de um meu amigo apareceu, com um tumor no ouvido, uma mulher que a muito custo, e após grandes instâncias, consentiu em ser lancetada. O ouvido estava cheio de «caca de anjinho» (excremento de criança de mama) que ela pusera na persuasão de que seria mezinha infalível, e era tanta que o médico tirou e lavou com muitíssimo trabalho. Depois da punção, a mulher, tal como lhe assegurara o médico, sentiu-se logo aliviada e observou: «Afinal eu estava com medo e isto não doeu nada... Sinto-me melhor; bem se vê que a “caca de anjinho” é excelente para estes bichocos...»

Mas o «bovarismo» pode ir ainda muito longe, levando indivíduos de fraca envergadura intelectual a presumir das forças que a si mesmos atribuem,

energias consideráveis, como se dispusessem daquela ação nervosa que é exclusivo apanágio dos heróis.

Contava-me o patrão Luiz (lá na minha terra) a morte de alguns remadores da alfândega, e, quando chegou ao Baptista, explicou: «Esse morreu porque as ideias lhe começaram a variar e pensou em morrer. A gente quando pensa a sério em morrer morre logo. O Baptista resolvera morrer, e um dia, estando na loja do Aranha, perguntou-lhe alguém — “Ó Baptista, que tem você que parece triste?” — “Tenho cá as minhas ideias e estou pensando em morrer...” — e logo revirou os olhos, torceu a boca e morreu. A força de vontade também dá para o efeito contrário. Ali o pobrezinho do Figueiras há três anos que está de cama; os médicos a dizerem que está por pouco... e nada. Ainda ontem lá fui. — “Figueiras, como vai você?” — “Mal, mal... mas isto ainda está para muito. Eu nem sequer pensei ainda em morrer...”»

Será também por «bovarismo» que muita gente pudica recusa colocar os seus sofrimentos no sítio próprio? A criada dos mandados, queixando-se das amarguras da gravidez (de que padece anualmente), dizia-me: «Comigo, então, é uma verdadeira desgraça! Desde que os mocinhos me caem no estômago nunca mais tenho uma hora de saúde...»

Isto, porém, é levar demasiado longe o «bovarismo»... popular; mudemos de assunto.

Os disparates com que esta manhã me secou o meu amigo Sertório Pina, grande viajante, recém-casado, e que ainda não findou essa horrorosa lua de fel que são os primeiros meses de um matrimónio de amor!

Sertório Pina (acho-lhe diferença sempre que o vejo) possui um talento naturalmente medrançoso. É uma inteligência, ou se não me desagradasse o termo, um intelectual cosmopolita, paradoxalmente adicionado de uma fortíssima dose, ou desvio, regionalista.

Apareceu-me agora exalando fumos moralizadores.

— Bem mudadas andam as coisas — comentou a propósito do adultério — e não foi necessário muito tempo para que se produzisse transformação tão considerável no consenso geral dos povos; os costumes continuam na mesma. O célebre Catão de Útica cedia a esposa aos cavaleiros que a pagavam convenientemente, e isso sem o menor desdouro público ou privado; hoje os Catões vendem as mulheres o melhor que podem, mas exigem segredo...

Sente-se que anda já com a pedra no sapato, quanto à fidelidade conjugal, constância amorosa, etc.; e no intuito de mostrar a superioridade dos animais nesse capítulo, referiu-se por miúdos ao caso de uma macaca chimpanzé, chamada Suzana, que morreu tísica no Jardim Zoológico de Londres, a qual concebeu tão desenfreada paixão pelo seu guarda ou serviçal — um loiro gigante chamado Bob — que este, para lhe escapar às fúrias eróticas, foi obrigado a fugir. Com o desaparecimento de Bob ela começou logo a padecer, enfraquecendo e transfigurando-se a olhos vista. Quando o veterinário a julgou quase perdida lembrou-se de chamar o Bob, na esperança de a salvar, mas ela assim que o viu pôs-se louca de contente, e pegando-lhe na mão soltou o último suspiro.

A macaca, segundo o meu amigo Sertório a descreve, era um formoso e raro espécime da sua raça: corpulenta, de proporções humanas, e com uma abundante e negra barba passa-piolho.

Mas sofreria ela também de «bovarismo»?...

## XVIII

Todo o santo dia de ontem o subconsciente me segredou, quase com impertinência, reparos a considerações sem fim, mas eu só ao cair da tarde lhe dei atenção, e eis aqui, pouco mais ou menos, aquilo que lhe ouvi:

É nas geladas cumeeiras da velhice que se avalia bem o poder vivificador do desejo; quando ele falta já não há céu nem inferno... nem mesmo purgatório. Continuamos talvez a viver, mas somente para assistir aos movimentos dos outros.

Ser desamparado da fortuna é trágico, mas a que profundidades não pode atingir a desgraça com o desamparo da esperança?

É a razão o único instrumento de que o homem dispõe para medir e apreciar as manifestações da vida e isso dá força aos cartesianos. Porém o instrumento está ainda muito imperfeito, e, tal como está, o homem mal sabe servir-se dele. Daí vem a queda para o misticismo de certos espíritos superiores;

A par da luta política entre os princípios de autoridade e de liberdade, é curioso observar, no campo das ideias, como é que o racionalismo e a

inteligência vão atualmente cedendo o passo à mística e ao irracionalismo; isto nos indica as vicissitudes por que tem passado — e há de passar — a marcha do progresso;

A imaginação concilia facilmente as situações mais antagônicas; na prática é que elas se digladiam brutalmente e sem tréguas;

De um modo geral, é necessário pôr de reserva certas soluções científicas, dadas pelos sábios como definitivas; porém, quando saem da pena dos filósofos ou dos literatos torna-se indispensável duvidar sempre. E que dislates eles não tomam a sério! Exemplo: os erros palmares cometidos pelo Kant, na mecânica elementar, para base das suas hipóteses cosmogônicas;

A forma que toma agora o problema divino, após tantos anos de materialismo racionalista, dá a impressão de que a humanidade foi atacada, de repente, da misteriosa saudade do desconhecido, do incompreensível do absurdo... a saudade de Deus;

E quantos não julgam que Deus tem neles os olhos fixos, pronto para os castigar sem piedade, pelo mais leve assomo de descrença, com os mais horríveis sofrimentos físicos;

Os sofrimentos provocados pela tabes (de origem sifilítica) purificaram a veia poética do Heine, e sem lhe cercear a faculdade de produzir, requintaram-lhe a sensibilidade estética. São dessa época os seus melhores versos;

Não te lamentes porque te vai faltando a memória (é percalço inevitável, da velhice) de modo que pouco ou nada te fica, ou aproveitas, de qualquer leitura, por muito interessante e instrutiva que seja; mas repara no prazer que experimentas durante as tuas leituras, que é agora mais intenso do que nunca;

Convêm-te os livros de História... Países grandes e países pequenos! Pequeno como é Portugal, teve na descoberta do mundo importância igual à da Grécia na descoberta das ideias — a da Beleza. Na história da civilização estes dois países minúsculos desempenharam os papéis principais;

Ingrato à pátria... O país da injúria, do insulto, da calúnia, clamava ele (?), que nunca fizera outra coisa senão caluniar, insultar e injuriar;

Não vai longe; nunca violará a arca dos segredos preciosos...;

Sonhar... Sonho é o delírio do homem são? Houve já um fisiologista de polpa que afirmou isto... ou coisa parecida;

Sentenças destas soam com a melancolia de um realejo em dia de chuva;

O grande temor que os apregoados Catões da crítica literária mostram, quando se lhes oferece ensejo de apreciar obras de inimigos ou rivais; temor de desvairar o espírito público por contemplações... pessoais;

Belo contraste!... Como é humana e constante a amálgama do sublime e do grotesco! Ao compor as mais líricas paisagens do *Tristão e Isolda*, o Wagner sofria atrozmente de dores hemorroidais...

.....  
Esta última extravagância escandalizou-me a tal ponto que resolvi não escutar mais o subconsciente; porém, é difícil fechar os ouvidos quando ele blagueia. Para o conseguir, o processo que emprego é este: ponho-me a assobiar um trecho de música chinesa, que me açambarque a atenção; e aqui deixo consignada a receita para servir, grátis, a quem dela necessitar.

## XIX

O mar intensamente, estranhamente azul, ainda mesmo ao pôr do sol, sem tomar reflexo algum de qualquer outra cor, estagnara em lago dormente e ficara silencioso; apenas, a largos intervalos, soltava na praia uma escala monótona, de sonoridade cristalina, que se ia apagar muito longe, em forma de eco. Seria impossível encontrar cenário que melhor se prestasse a escutar o subconsciente (apesar dos meus protestos, como resistir à endemoninhada tentação?), e nisso me entretive já não sei quanto tempo. Ouvi-lhe então, talvez a propósito de uma buzina que soara:

O que era a voz desse herói? Uma sonata de oboé, mas pródiga em fífias engançadas, alternando com roncões soluçados...

A maravilhosa universalidade da linguagem musical! Era aí que o homem poderia talvez encontrar elementos para criar um idioma comum e aceitável por todas as raças.

Pretender falar perfeitamente uma língua estrangeira lembra a situação de um mendigo que quisesse especular com os milhões do Rockefeller.

O esperanto e outras línguas universais são a pornografia da fala humana; deviam-se promulgar leis que lhes atalhassem a imoralidade.

Quem foi que disse já: verdadeiro esperanto é a linguagem dos cães... Exageros...

O António Moreira (?) leu no jornal que o Júlio de Vilhena fora ao paço no dia «numismático» do Rei, e nem este nem a Rainha o quiseram receber.

Assim como na terapêutica há o recurso extremo de certas drogas prodigiosamente ativas e perigosas, que se tomam com açúcar, devia haver para expressão de certos pensamentos, revolucionários e explosivos como a dinamite, uma linguagem especial, adequada, cujo emprego bastasse para lhes tirar toda a aparência de malefício.

Um dos pontos a que mais dificilmente se encontraria solução, ao realizar a «utopia» anárquica, ou na organização (se tal vocábulo tem cabimento) da anarquia, é o regime a adotar para a infância, e para a mocidade até à idade chamada de razão.

Vá lá desfazer hábitos arreigados: há famílias onde as mulheres têm por costume enviuar ainda novas, de modo que qualquer marido que insista em viver cinco ou seis anos depois do casamento é malvisto e muito pior tratado...

A Joanhinha! O que vem aqui fazer a Joanhinha? Morreu octogenária, solteira, e provavelmente virgem. Um coração sempre a arder, no entanto... incombustível.

Era uma espécie de aia da minha mãe e contavam as outras criadas (pura invenção, seguramente) que dum vez que lhe deram a consertar umas velhas calças de meu pai (conserto muito ligeiro) andou com elas às voltas uns poucos de dias e até as levou uma noite para a varanda. Fazia luar...

Daqui estou figurando, minha excelentíssima senhora, no esplendor da sua nudez, quando vossa excelência, tal Anfitriote recolhendo-se à origem, se agacha no semicúpio de lata pintada...

Mamede, o pretinho, vestido de ganga azul, pés descalços e empoeirados (de ébano fosco), vai correndo ágil como um animal selvagem. Persegue-o um matulão atarracado, face alvar, vestido de soriano encodeado e botas de bezerro cardadas, todo ele pesado como chumbo, a gritar: «atchim, atchim...»

Não será a piedade de William Blake de qualidade superior à de S. Francisco de Assis? No poema «Livro de Thel» a sua oração ao verme (minhoca, lombriga) não contém mais poesia do que a invocação aos irmãos passarinhos?...

Ser o autor de coisa tal como «a oração de uma virgem»: ó privilégio abominável! O nível sentimental da caterva amadora já ultrapassou o intuito poético da estafada melodia, que por isso mesmo se tornou ridícula. Mas resistirão os noturnos de Chopin aos exigentes requintes em que se irá apurando a sensibilidade musical das futuras gerações? Talvez, pelo fundo de sofrimento intensamente humano que revelam; talvez, mas não é certo...

.....  
A noite pôs ponto no monólogo; dir-se-ia que o subconsciente necessita da luz do dia para se fazer ouvir distintamente. E com efeito — agora reparo — nunca o escutei com resultado na cama, à hora de dormir, que parece a mais propícia para comunicar com almas do outro mundo...

## XX

«Não há dúvida que, embora muito raras, pela vida fora encontram-se figuras de carácter tão acentuado e espírito levantado, que mesmo no anonimato ciosamente mantido, atraem imitadores e congregam adeptos. E isso sem que os seus discípulos (chamemos-lhes assim) tomem atitudes gregárias ou abduquem das aspirações individualistas.»

«Agora me estou lembrando de uma dessas figuras (tão modesta que, se voltasse a este mundo, e eu lhe divulgasse o nome, protestaria indignada); alguma glória me ficou da persistência com que a acompanhei (posto que de após e de longe) nas suas admiráveis investidas em prol da Liberdade e da Justiça.»

«Dir-se-ia que possuem um “sentido íntimo” para achar a boa direção no campo das ideias, à semelhança das formigas e das abelhas que, sejam quais forem as circunstâncias, podem orientar-se sem o menor risco de confusão ou engano...»

Assim me arengava um velho filósofo, no firme propósito de me assombrar com a vastidão dos seus conhecimentos e a força dos seus raciocínios, quando eu, instintivamente (e talvez inconvenientemente), atalhei para observar que essa crença estava cientificamente desfeita por experiências rigorosas e concludentes. As formigas e as abelhas perdem-se logo que sejam abandonadas em região para elas desconhecida.

O que fui eu dizer! Furioso, acoimou-me de cético professo, capaz de duvidar da existência de Deus...

«E porque não?...» — insisti já enxofrado também (eu tinha então dezoito anos), e, como o filósofo se desse por ofendido, recomendei-lhe a leitura do *Tratado da Tolerância* de Voltaire, autor em que eu andava muito enfronzado. E foi isto que ele nunca me perdoou; no seu entender eu quisera dar uma lição ao mestre. E nunca mais me falou.

Mas no fundo havia outra poderosa razão de cólera, que o velho filósofo aduziu, em confiança, a um nosso amigo comum:

«Como é que um fedelho da minha estofa se atrevia a chamar em reforço a autoridade de Voltaire, o ateu impenitente? Isso constituía uma injúria pessoal...» Eu fiquei estupefacto com a explicação; primeiro, porque me não servira da autoridade de Voltaire; segundo, porque Voltaire nunca fora ateu. Havia pois da parte do meu contendedor, reputado pela sua seriedade e erudição, má-fé e ignorância. E isso ficou-me pela vida fora como exemplo do que podem valer créditos de probidade e de ciência.

Precisamente dias antes do nosso recontro eu levava horas a revolver notas, onde apontara facécias e troças de vários enciclopedistas ao tratadista da tolerância. Para Voltaire, Deus não foi exclusivamente «o espantalho destinado a manter o respeito da canalha, e o compositor indispensável à explicação do maquinismo cósmico». Ele tinha como certa



e irrefutável a existência de um «ser supremo» ao qual devemos adorar. É verdade que ao mesmo tempo afirmava a impossibilidade em que os acanhados limites das nossas faculdades intelectuais nos colocam para o conceber...

Efeito dos anos, ou seja do que for, hoje eu estou já com o meu filósofo e enfileiro o Voltaire no exército dos ateístas: é muito mais simples e evita discussões inúteis. São *clichés* que ninguém tem interesse em modificar. É como «o último pensamento» de Weber; quem diabo perde tempo a negar-lhe a autoria, atribuindo esse pequeno trecho sentimental à inspiração do seu verdadeiro compositor, um tal Reissiger, que sucedeu a Weber no posto de *Kapellmeister* da corte de Saxe, em Dresden?

Que recreativa e harmoniosa se torna a vida, quando tudo já tem as suas imutáveis etiquetas, nas quais nem por sombras nós tentamos tocar...

Agora recordo a imagem do velho filósofo quase com veneração, e as vezes em que o entrevia absorto, embebido em profundas especulações espirituais. Sucedia cruzarmo-nos na rua, depois do almoço, e nada o distraía da sua meditação... Pois bem; aquele mesmo amigo comum, que lhe recebera as confidências, declarou-me perentoriamente que depois das refeições o filósofo fechava-se a sete chaves, alheio a todo o raciocínio, a toda a sensação, e arrepelava-se de medo, não lhe acudisse, com o estômago cheio, algum pensamento pecaminoso que provocasse congestões intestinais, seu principal padecimento...

Não! Neste vale de lágrimas tudo são enganos e falsas aparências...

## XXI

Quando tomei conta da Legação de Londres, há vinte e quatro anos, as sufragistas estavam em plena atividade e cometiam diariamente atentados de toda a sorte. O membro do Governo que elas mais odiavam era Sir Ed. Grey, ministro dos Negócios Estrangeiros e viúvo de uma sufragista militante, à hora da morte da qual — afirmava-se — ele prometera trabalhar sem descanso pela «santa causa». E como o ministério continuasse negando-lhes o direito do voto, as sufragistas haviam intimado Sir Ed. Grey a que se demitisse sob pena de o matarem. A ameaça, tomada a sério, provocou por parte da polícia severas medidas de precaução, das quais as

mais visíveis (e grotescas) foram as paliçadas de grosseiros pranchões, erguidas nas extremidades da pequena rua que dava entrada para o «Foreign Office». Só era permitida a passagem por duas portinhas abertas nas estacadas, e a que, dia e noite, dois polícias colossais (como duas torres) faziam sentinela.

Por acaso, em uma das minhas anteriores visitas a Londres, eu travara relações com uma sufragista de alto coturno, à qual manifestara toda a minha simpatia pela «causa», e, por acaso também, foi ela uma das primeiras pessoas que encontrei quando entrei em funções. Reafirmei-lhe os meus sentimentos, e isso (à parte algum exagero) com sinceridade e convicção: a mulher inglesa, geralmente muito mais culta do que o homem, tinha boas razões para exigir o direito do voto.

Admirável foi o efeito que produziram as minhas declarações, comunicadas sem demora aos corpos dirigentes: veio logo uma delegação perguntar-me se a República portuguesa não estaria disposta a praticar a almejada reforma, e em cada sufragista surgiu uma defensora da nossa revolução, que bem precisava desses favores, pois a atmosfera de que fruía em Londres era péssima.

Constava que o Governo inglês tão cedo não reconhecera a nossa república, e assim, mostrando-me publicamente a sua estima, as sufragistas manifestavam-se contra os seus atuais opressores.

Toda esta salada seria inverosímil e absurda noutro país, mas a Inglaterra é a pátria consagrada de todas as extravagâncias, e um amigo meu, que a conhecia a fundo, comparava-a ao Celeste Império. Para em tudo se assemelharem, afirmava ele, até houve na Grã-Bretanha uma espécie de muralha da China: aquela que o Imperador Adriano construiu, para separar a Escócia do resto da ilha, e estendia-se do Mar do Norte ao Atlântico... E com razão se consideram os ingleses como sendo o povo mais espiritualista da Terra — ajuntava ele: até a gramática inglesa admite incondicionalmente a existência da alma humana, de modo que eles podem dizer, como agora do «Grande Lafayette» (um cómico que morrera queimado em Edimburgo): «o Grande Lafayette perdeu ali a vida e perdeu o seu cão», entendendo-se que a alma do cómico perdeu o seu corpo e o cão...

Estas brincadeiras, que eu transmiti num «chá das cinco» à minha amiga sufragista, granjearam-me fama de humorista, qualidade muito apreciada no Reino Unido, e para me ouvir ofereceram-me um soberbo banquete, onde entre outras notabilidades encontrei o Conan Doyle, então

já absolutamente afogado no espiritismo. Veio para mim de braços abertos, chamando-me ilustre colega: constava-lhe que eu evocava a alma do Grande Lafayette e com ela tinha amiudadas conferências!...

Esse banquete (de resto opíparo, muito bem servido, e abundante em convivas jovens e lindas) foi dos episódios mais alegres da minha vida, e tão bem-disposto me encontrava que, quando me chegou a vez de discursar, dei largas à fantasia, tendo repentes felizes que foram delirantemente aplaudidos. Porém no auge do arrebatamento, feita a apologia do sufrágio, atrevi-me a forragear pelos campos do humorismo, e declarei que pessoalmente ansiava pelo restabelecimento do matriarcado, na esperança de que os homens seriam tratados com as atenções e desvelos que hoje dispensamos ao sexo frágil, e enquanto as mulheres suavam e tressuavam para nos sustentar e enfeitar, nós levaríamos a vida repimpados em flácidos coxins, fumando por «narguilhés», e tocando harpa...

Foi um balde de água fria lançado sobre aquela fogueira de entusiasmo.

Após um momento de profundo e geral silêncio ouviram-se murmúrios de desaprovação; as estenógrafas suspenderam o seu trabalho: algumas senhoras idosas levantaram-se e saíram, e até o Conan Doyle, de olhos cerrados e mãos cruzadas sobre a barriga, parecia ter mergulhado definitivamente nos abismos onde só os espíritos adejam...

De nada me valeu acudir sem demora apodando de mero gracejo a atrevida passagem, a qual eu renegava, mas veio depois uma comissão participar-me que não seria publicada na imprensa. Algo estomagado com a forma perentória como foi feita a comunicação, respondi que não consentia em cortes: ou o discurso todo ou nada. Aqui ardeu Troia. Houve clamores de revolta e olhares assassinos, e tomado o café já frio separámo-nos sem excessos de cordialidades.

Não há dúvida, pensava eu com os meus botões, a caminho da cama, fui buscar lâ e vim tosquiado.

Puro engano. Ao dia seguinte a imprensa sufragista dava conta do banquete, nos mais elogiosos termos para Portugal e para o seu representante.

Belo exemplo de sentido político, justo e prático: naquele momento eu representava um trunfo no jogo das sufragistas e elas entenderam que não seria conveniente perdê-lo. Foi quando me convenci de que a vitória da «santa causa» era certa...

## XXII

Na encíclica *Casti connubii* o Papa proíbe expressamente o divórcio, e quaisquer manobras que impeçam a gravidez ou a procriação, mas não se opõe aos requintes sensuais entre esposos. Foi talvez a resposta ao congresso anglicano de Lambeth, no qual 193 sobre 305 bispos decidiram permitir em certos casos as práticas «anticoncepcionais», indo muito mais longe do que o próprio Malthus, que, de resto, também era bispo. É incalculável a influência que tem na constituição política da sociedade o desenvolvimento de todos esses temas. Conheci vários católicos ferrenhos que a única coisa que os congraçava com a República portuguesa era a lei do divórcio...

Estabelecer leis que regulem a concupiscência e atendam à multiplicação da espécie é ao mesmo tempo necessário e difícil; por isso devemos louvar a última parte da encíclica papal e aplaudir as decisões do anglicano congresso ecuménico. Em ambos os casos se tratam assuntos de elevado alcance prático e moral.

Já não sucede o mesmo quando esses congressos e encíclicas se põem sentenciar acerca da origem, fitos, e destino da humanidade.

Que singular e inútil mania essa de querer desvendar os supostos motivos que puseram o homem neste planeta! E a que fim? Pois já não é pouco vir gozar o espetáculo que a vida oferece. O demónio é que houve artes, essencialmente de natureza religiosa, de desviar desse espetáculo a atenção do homem, e em vez de ampliar as faculdades que lho permitam fruir cabalmente, tudo concorre para daí lhe apartar o tento, de modo que a nossa passagem por este mundo se pode comparar à sorte dos que vão ao teatro resolvidos a não olhar para a cena...

Os estudos regulados e graves são em geral incompatíveis com os temperamentos artísticos, em que predomina a imaginação e a sua força criadora: daí, talvez, a proverbial e provada cabulice dos poetas de génio. Como é que eles, depois, compensam a falta de conhecimentos sólidos? Pela intuição, adivinhando? Há racionalistas impenitentes, intratáveis, que perdem a cabeça quando lhes dizem que a inspiração poética é filha do «delírio», mas eu creio que se poderia achar uma definição de «delírio» que contentasse toda a gente.

Em crítica de arte só tem valor o ponto de vista estético; os conceitos sociológicos levam ao seguinte resultado: para uns *O Crime do Padre Amaro* e *O Primo Basílio* são trabalhos de dissolução moral; para outros, estudos de grande alcance moralizador...

O caso é que todos os verdadeiros artistas possuem o talento, a arte da observação, e podem contar o que veem com graça, com habilidade. Daí vem o merecido interesse que inspira a correspondência epistolar dos pintores e escultores de talento, mesmo quando a feição e apuro literários são frouxos. Isso leva os falsos artistas aos empreendimentos mais estrambóticos, e, cabotinos como são, não é raro aquele que, apresentando a morte, repita maquinalmente a frase de Nero: *Qualis artifex pereo*.

Mas não basta a intuição, a inspiração, o instinto... É fora de dúvida que a intuição particular que constitui o sentido estético necessita ser trabalhada e desenvolvida pelo estudo e pela experiência, graças ao auxílio dos outros cinco sentidos, sem o que os artistas constituem uma verdadeira peste social. Daqui estou mirando um desses; inutilmente se apostará com ele garbos de cavalheiro e atrativos donjuanescos...

Mas por onde me vou eu metendo? E isto começou com a encíclica *Casti connubii!*

#### XXIV

Tempos infinitos há já que o subconsciente me não impõe a sua voz, obrigando-me a escutar-lhe as sentenças; por meu lado pouco ou nada tenho feito para estabelecer a comunicação ativa, mas ontem, quando menos esperava, rompe com esta.

«Convirá ao estado dos temperamentos excessivamente amorosos o epíteto de “vulcânico”? Para o sexo masculino está bem, porque além de tudo o mais as suas manifestações exigem grande continuidade na erupção; mas para o sexo feminino?...»

O introito era de natureza a despertar-me as mais profundas veras da curiosidade, e pus-me atentamente à escuta, porém o subconsciente — o canalha — emudeceu, abrindo uma longa pausa que me deixou tal como quando, no acume da extenuação e do nervosismo, se chama o sono, com

a mesma ansiedade — exagero! — de quem deseja ver-se livre de uma angustiosíssima dor física...

Por fim sai-se-me com estoutra:

«Uma obra de ideal perfeição é, por exemplo, a cadeira de Maximiano, esculpida em marfim no século sexto, que se encontra na catedral de Ravena...»

Francamente senti-me vexado: que diabo me importa a mim a cadeira de Maximiano, quando se trata de definir o que seja temperamento vulcânico! O subconsciente, porém, sem fazer caso do meu amuo, continuou:

«O estilo deve formar-se trabalhando cada qual por escrever, com simplicidade e clareza, quantas impressões experiente: a dificuldade consiste apenas em discriminar as próprias sensações daquelas que, em traçozeiras leituras ou conversações capitosas, os outros nos servem já cozinhadas e prontas, e de que nós involuntariamente nos apropriamos...»

Depois deste salto não tentei mais reagir e pus-me a ouvir resignadamente.

É natural que, senhor admirável da antítese, o Victor Hugo adorasse o Piranesi: de resto os seus desenhos são claramente inspirados desse mestre.

O conto difere da novela sobretudo no encadeamento e rapidez da ação, e demanda episódios mais raros e extraordinários; mais inventiva e muito mais imaginação.

Está bem a escola livre, com ensino socrático e amor platónico, à rapaziada intelectual, mas por enquanto o professorado idóneo falta.

Não seria preferível reformar o modo de ensino atual, nas medidas do possível prático, para obter maior soma de cultura?

Quando apontam as falhas da História de Portugal de Oliveira Martins (já lhe levantaram a estátua?) referem-se geralmente ao método de resurreição romanesca e à busca artística do pitoresco, sem dizer expressamente se nelas foi feliz. Mas no Oliveira Martins o artista ainda está muito abaixo do historiador... (*chucha, que é cana doce*, digo eu agora).

Essas luvas de pelica *gris perle*, que às madamas gordas arranjam mãos que parecem cheias de farelos: mãos para brincadeiras de entrudo!...

Esse lojista gordanchudo, mole e desdenhoso, que passa os dias a vender, com toda a sua carne flácida, chapéus de palha de rigidez inflexível...

Tipo grosseiro e impertinente, acompanhado de um cão esfaimado mas que fugia dos excrementos com um ar soberanamente pretensioso.

Quando o pintor Besnard concebia o retrato da atriz Réjane, e lhe estudava os movimentos e a linha dos contornos, pensava talvez — comparando as suas entradas em cena, leve, serena, airosa, na saia inflada —, pensava talvez na Vitória de Samotrácia.

Em matéria religiosa os japoneses, mesmo os ortodoxos, são extraordinariamente indulgentes. Os ritos constituem uma série de festas campestres, onde a alegria de viver domina; quanto à essência da religião (o dogma) está especialmente nos preceitos da moral humana. No Japão a liberdade das crenças religiosas é absoluta...

Nesta altura sucedeu-me o mesmo que provavelmente aconteceu agora ao meu leitor: adormeci...

## XXVI

Ainda o Columbano. E porque não? Ainda e sempre...

Os solilóquios que fecham o meu livro de cartas dirigidas ao inolvidável mestre são especialmente dedicados a artistas ambiciosos e inexperientes mas já com certa cultura. Naturalmente eu nunca os teria endereçado ao Columbano, se ele vivesse; foi a sua sombra que lhes deu pretexto de virem a público.

Título que deveria ter escolhido para o prefácio ou posfácio desse livro: *Columbano, o Diabólico*.

A primeira e curta visita feita à exposição do «Jeu de paume» deixou-me estonteado, tanta e tão forte era a luz que jorrava de todos os lados, e de que os quadros se empapavam com delícia. Para mim, que vira a *Soirée*

*chez soi* encafuada numa espécie de subterrâneo, e o *Grupo Leão* coberto de fuligem, essas duas obras-primas ressurgiam; ressuscitavam, restituídas ao seu esplendor primitivo. E até o colorido do meu próprio retrato me parecia outro...

Resplandeciam os tons «roxo vinoso» e transpareciam os «tons negros» — não mortos ou mortiços mas profundos e vivíssimos — do mestre na sua primeira fase ou «maneira».

Quem não contemplou a obra do Columbano naquela exposição memorável dificilmente avaliará todo o alcance do seu génio.

O que desnorteia na maioria das composições modernas é o disparatado dos elementos que as formam; raramente a sua vista nos satisfaz o instinto de unidade, que constitui o nosso principal critério de apreciação.

É nos impressionistas que esta pecha mais se nota; mas o que há de mais desagradável nos maiores dentre eles é que a obcecação dos efeitos de luz, sobretudo nos retratos ao ar livre, desvia o artista da observação rigorosa dos volumes, de modo que os corpos opacos parecem vastos.

E tantas outras falhas!...

No uso e distribuição das cores, na pintura a óleo, há, por exemplo, o excesso do branco, para obter suavidades de pastel que degeneram em tons de estuque. Tudo então arrefece e uniformiza-se.

Enjoados de tanto destempero, quando mesmo enquadrado na mais fecunda e brilhante das escolas modernas, a impressionista, já a crítica e o público falam novamente com respeito no «classicismo», e temo que, pela infalível lei do eterno regresso, não vamos cair nas composições de Le Brun e do Gérard, sem ao menos possuir a ciência do desenho. Isso, porém, não é provável. Neste caminho o estudo do desenho impor-se-á e o claro-escuro entrará novamente no arranjo dos quadros, como indispensável «ligação» das suas partes, a fim de realizar a «harmonia».

Mas o Columbano nunca foi um impressionista nem tampouco um clássico. Foi um ser à parte, que não se confunde com qualquer outro e cuja filiação artística é impossível determinar. Nos retratos lembra por vezes o Frans Hals, cuja obra ele desconhecia; nas «naturezas-mortas» não lembra ninguém...



As «naturezas-mortas» do Columbano são superiores às do Chardin em «emoção e sonho». É isto perceptível?...

Fala-se num monumento ao Columbano. Feito por quem e posto em que sítio? O monumento mais digno (e útil) seria a reprodução fotográfica a cores (pelo processo que ele aperfeiçoou) de toda a sua obra, posta à venda por preço acessível às bolsas medianas...

Mas, repito eu agora: ainda o Columbano? Ainda e sempre... Porém porque foi que a sua lembrança me acudiu hoje com tanta insistência? Acabei esta manhã de ler um largo estudo que lhe dedicou alguém de grande cultura e elevação de espírito, onde o artista por vezes é apoucado. Falta de compreensão? De nenhum modo. É um destes espíritos que reagem, instintiva e violentamente, a tudo que esteja consagrado. Mas que lindas variações ele tira do precioso tema! Não podia fornecer melhor prova do profundíssimo interesse que o mestre lhe inspira... Refiro-me, ao *Columbano* pelo Dr. Abel Salazar.

.....  
Estudem-no com paixão, admirem-no com frenesi, neguem-lhe a evidente supremacia; nada impedirá o Columbano de ter sido o maior pintor de retratos e de «naturezas-mortas» da sua época.

## XXVII

A grande vantagem que há em trasladar sem comentários as sentenças ouvidas ao subconsciente consiste na inutilidade de lhes procurar nexos. É pô-las no papel tais quais as escutamos. E não seria enigma fácil de resolver esse da ligação que as prende; bom tema para concurso. Mas quem seria juiz competente para discriminar o acerto das soluções encontradas? Deixemo-nos pois de subtilidades ociosas e vamos lá mais uma vez registar o que o subconsciente nos segredou, não desprezando a reconstituição dos leves quadros, já totalmente esquecidos, com que ele nos mimoseia.

Foi certamente nos concorrentes aos «jogos olímpicos», onde se exibiam os corpos mais perfeitos dos atletas de toda a Grécia, que os escultores entreviram o tipo da beleza masculina, a que o seu génio depois deu realidade, e permaneceu supremo e inviolável através dos tempos...

*(Bravo!... olha a novidade...)*

Arquiteturas manuelinas para paladares saloios...

*(Isso é comigo?)*

Se há combinação adorável, e fácil, de conseguir no nosso país, mas onde me não lembra de a ter jamais visto aproveitada, é a que entrelaça roseiras e limoeiros, tecendo ao longo das paredes a mais linda tapeçaria que se pode imaginar. Estou a vê-la avultando em flores e frutos misturados, cuja beleza de desenho e colorido se enriquece de rescendência, na suavidade de aromas que não têm par.

*(Marque lá uma branca...)*

No restaurante a venerável e boa velha, para nos poupar ao penoso espetáculo do seu rosto encarquilhado e barbado, comia da parte de fora da mesa, voltada para a parede...

*(Triste... Triste...)*

Alguns povos antigos tiveram animalistas prodigiosos, mas nesse capítulo nenhum excedeu os assírios. E a propósito: que extraordinário animalista foi o Giambologna: isso vê-se bem nas suas estatuetas, mas sobretudo no peru e no açor do «Museu Nacional» de Florença.

*(A ligação deste parágrafo com o anterior é evidente.)*

Literatura...: como os olhos do Poe, os seus grandes olhos de aço polido, onde brilhavam dois perscrutadores diamantes negros, enchiam de pavor os cândidos poetas americanos do seu tempo...

*(Sim; literatura pura... e mais nada.)*

Mesmo a minha própria «burra» — guarda fiel do meu dinheiro —, quando me encontro de noite a sós com ela, me parece sinistra e incute pavor.

*(?)*

Que igreja é essa, cujas paredes, engastando imensos vitrais, pareciam cavar-se na penumbra em mal distintos mas animados quadros, onde luzia uma coiraça no arcaboijo inflado de um guerreiro medieval; ou esmorecia um rosto de lis sobre o cabelo desgrenhado de virgem imolada; ou fuzilavam os olhos de um dragão trespasado por certa lança?

*(Sem dúvida uma igreja de Ruão, pois que estou lendo a correspondência de Flaubert.)*

Na estrada de Alvor: um mocinho atrás de um porco, e o porco tão gordo, tão luzente, com os pelos todos de ouro, e roliço e limpinho, e tão senhor de si que lembrava um príncipe da casa Coburgo e Gota.

*(Irreverente e grosseiro.)*

Fazia luar. Eu ia pelo lado do escuro, e do outro lado, paralelamente, caminhava uma espécie de gigante, já não muito certo das pernas, ora acercando-se ora afastando-se da parede. Dir-se-ia, nestes movimentos, que ele levava a própria sombra pelo braço, e algumas vezes a sombra queria fugir-lhe, mas ele então agarrava-a, arrastava-a...

*(Algo fantástico, mas aceitável...)*

Ela tinha-o muito bem agarrado, cravando-lhe os dentes no cogote, e ele, graças à sua pequena estatura, desferrava-se tocando-lhe zabumba com os calcanhares na barriga, o que de nenhum modo perturbava a virago, pois a tinha à prova dos maiores pesos e embates, e já como que blindada...

*(Também estou daqui a vê-los; foram meus vizinhos.)*

Irmãos seus, mas irmaníssimos em ladroeira e trapaçaria...

*(Tipos abundantes.)*

Com vistas à teoria do Taine: a arte flamenga prosperou nos tempos revoltos das corporações democráticas; nos tempos incertos e agitados da dinastia de Borgonha; durante as odiosas perseguições inquisitoriais da dominação espanhola; e feneceu com a paz benignamente policiada do domínio austríaco.

*(Para quem é a lição?)*

.....  
*Le reste au prochain numéro.*

## XXVIII

*Continuação do capítulo xxvii, mas sem comentários.*

Não valeria a pena fazer em Portugal, também, um estudo profundo do papel que representam, ou representaram, os botequins, no desenvolvimento da política, artes, e letras?

A aspiração do Jaurès (várias vezes manifestada no Parlamento), de conseguir que a República desse ao povo a instrução que lhe permitisse apreciar as obras-primas artísticas, não seria excessiva? Admirado estou eu de que ainda não lançassem esse desejo à conta das patifarias democráticas...

Os «fadós», que o Sr. Vuillermoz apelidou tão lindamente de «comprimidos de lirismo e de música», estão-nos prestando assinalados serviços. Já entrámos — bem ou mal — na fileira dos povos melódicos. Porém o mais extraordinário é o efeito que eles produziram no famoso Lloyd George: foi tal que, durante a sua estada no Estoril, ele e toda a família os aprenderam a cantar, e hoje, se é verdade o que me contam, as reuniões em país gálico — ou país das gales — a que ele preside, religiosas ou políticas, se não começam com versículos da Bíblia, abrem com algum fadinho cantado em coro.

Thomas Mann chamou a Bayreuth a «*Lourdes da música*».

O que significa, depois de Wagner, esse gosto que renasce (especialmente entre os alemães) pela música do Bellini e do Verdi, com *Il Trovatore* à frente?

Não será pelo menos inútil o choro de certos críticos, ao constatar que na música moderna os instrumentos perderam a sua relativa independência, e andam arregimentados de modo que se lhes não distingue a individualidade? Para consolação ainda restam os solos... A música no século XIX antecipou-se à concepção do regime social no século XX, onde

a orquestra forma um todo indivisível, não consentindo que som algum sobressaia por si só...

O catalão tem, como equivalente à orgulhosa frase de César «que mais vale ser o primeiro numa aldeia do que o segundo em Roma», este belo conceito: «mais vale ser cabeça de sardinha do que rabo de atum».

E também não sei o que vale mais: as intuitivas previsões da mocidade impaciente, ou as definitivas sentenças da velhice experimentada.

Quantos artistas, em cada época, se propõem atingir a imortalidade, e que diminuto não é o número daqueles que o conseguem! «Inúmeros são os tirsígeros mas raros são os mistagogos», sentenciou o divino Platão.

.....

Aquí, uma voz, que eu raramente oiço, segredou-me em tom imperativo: «basta... basta...» com um epíteto de tal modo depreciativo que não me atrevo a repeti-lo, receoso de que o leitor bata palmas...

## XXIX

As vicissitudes desta minha já tão longa vida fizeram com que eu deixasse pelo caminho grande parte da bagagem que me acompanhava; a incúria, a ausência, a humidade, a traça, etc., completaram a obra de destruição, e é raríssimo que me volte às mãos coisa que tivesse escrito no século passado. Sucedeu-me isso, porém, dias atrás. Lembrou-se alguém de me mandar a carta que em seguida transcrevo, dirigida ao Bruno em 1892, quando ele se refugiou na Galiza; é um documento curioso pois mostra que em quarenta anos eu em nada mudei; por isso o publico — sem lhe alterar uma vírgula, reconhecendo, no entanto, que bem precisava de emendas e cortes —, a título de exemplo singular, embora não aconselhe que o sigam...

Anvers, 19 Place de Meir, 7 de outubro de 1892

Meu querido Sampaio:

A sua carta de 19 de setembro, recebida faz oito dias em Amsterdão, deu-me algumas horas de inteira alegria, aquelas durante as quais, recompondo a sua vida em Paris, especializada no seu caso de melancólico, de tímido, de vencido, o vi soltar-se das mortificantes ansiedades de dinheiro e correr, transfigurado pela ilusória certeza da libertação completa, ao isolamento, independente e bucólico, da aldeola donde me escreveu. Eu conheço bem essas duríssimas agonias, donde a alma sai, como do mais aleivoso cárcere, para a redenção sonhada, em que a esperança alaga os círculos infinitos da vida nova. São momentos de folga incomparáveis, inolvidáveis, que nos restituem a mocidade, mas desgraçadamente de pouca dura, porque a grande inquietação, o irremediável desassossego está sempre connosco, dentro de nós mesmos. Nestas considerações bíblicas, onde apenas falta o apelo à divindade consoladora, me detive pois, gostosamente, algumas horas, mas voltando a refletir nas deduções práticas da sua vida projetada, fiquei preocupado com a ideia de que não vá o meu amigo cair em qualquer combinação mesquinha, que o leve a dobrar a sua inteligência aos caprichos dos espertalhões que seguramente o espreitam. Se o seu feitio é filosofar, porque o não fará o meu amigo até morrer? O encanto da metafísica reside justamente na sua inutilidade prática. Não lhe pese a opinião de ninguém a seu respeito e procure apenas estar contente consigo mesmo, conselho talvez banal, mas que resume a única felicidade possível neste mundo. Tudo quanto encontrar que destoe na harmonia das suas ideias, dos seus sentimentos não lhe pode servir; eu louvo os que preferem, pelas exigências do próprio temperamento, assaltar diligências, a ser caixeiros, diretores de secretaria, ministros ou pessoas honradas, enfim. Seja como Deus o fez, filosofe em paz e não desça desse mundo de fantasias, onde até as amarguras se prestam ao prazer da análise, em busca da chamada vida prática, boa para os imbecis que não conhecem outra... — Eu sigo vagabundeando na existência errante e tal como sempre a desejei. É ainda a mesma boémia, mais doirada na aparência, e por isso mesmo mais

espinhosa às vezes do que a boémia pobre, que fez primitivamente a minha felicidade por tantos anos. Os meus sentidos, porém, cada vez mais afinados, mais livres, mais desprendidos de toda a sujeição subalterna, procuram-me a cada instante impressões maravilhosas: a forma, a cor, a música; todos os detalhes da imensa harmonia que nos cerca, postos em relevo, explicados nas composições dos grandes artistas, parece-me que começam já a ferir diretamente a minha alma, como reflexos originais dos mil aspetos da própria natureza. A revelação inesperada da arte grega, cujos encantos suspeitava apenas e que só no Museu de Nápoles se nos desvendam; a minha viagem a África, no contacto da vida árabe, que resume em suas manifestações intelectuais, na sua religião, nos seus costumes, o que mais incondicionalmente me satisfaz a sensualidade, dando-me ainda a ideia dum estado social imperfectível e portanto imutável, tudo concorreu para alargar o horizonte da minha estesia, soltando-me dos imerecidos embevecimentos que a Renascença me impunha e preparando-me para sentir a mais e mais todas as infinitas vibrações do movimento universal e eterno que se chama Vida. Se tivesse continuado a minha carta de Portimão, ter-lhe-ia dito, provavelmente, isto mesmo, sob outra forma de maior prolixidade. Então a memória pejava-me de pormenores; hoje tudo se fixou em mais uma curva acrescentada à grande espiral das minhas sensações — que são as minhas ideias —, espiral que nunca me será dado percorrer na companhia de ninguém, mas que em certos momentos de rara claridade me arremessa às resplandecentes loucuras dos paroxismos imaginários, na exaltação dos quais julgamos sentir Deus. Todas estas coisas se têm dito muitas vezes, e nelas se percebe ordinariamente o vazio inútil e vago de quem as escreve; eu também não as repetiria senão a amigos como o Sampaio, que compreendem as delícias de semelhantes bebedeiras; para os outros, o «carrascão» basta. Peço-lhe que me traga ao corrente da sua vida, e se possível for, das suas ideias. — Se precisar de alguma coisa diga-o com a franqueza ilimitada a que a minha amizade o deve obrigar. Não lhe perdorei nunca se me furtar alguma ocasião em que possa ser-lhe agradável.

Seu amigo do c.

M. Teixeira-Gomes

### XXX

Foi um acaso raríssimo que me trouxe às mãos a carta ao Bruno, transcrita no capítulo anterior, mas o modo como reouve a carta ao Fialho, de 1892, que reproduzo agora (igualmente, sem a mínima alteração), orça pelo milagroso, e valeria a pena contá-lo se me não desviasse do meu principal — exclusivo — intuito, que é mostrar que, se em meio século «eu» pouco ou nada mudei, os «outros» permaneceram também imutáveis, e as suas lamentações parecem de hoje...

O leitor que me perdoe se isto o não interessa e tome estas linhas preliminares como advertência a que não siga na leitura.

Portimão, 27 de junho de 1892

Meu caro: Encontrei aqui muitas cartas que dizem todas o mesmo. De Paris, o pintor: sinto-me triste; é talvez a reação dos divertimentos deste inverno que findou; mas não é só isso, é sobretudo a ideia de que apenas me restam alguns anos de mocidade: desejaria ser eternamente novo. A velhice horroriza-me; as rugas que descubro na face de um amigo repassam-me de melancolia.

— *O sportsman* de Bruxelas: a vida pesa-me; não sei já a que me pegue na escuridão de todo este vácuo insípido, onde se apagam as últimas fosforescências; pesa-me a vida que me aparece agora falida e inútil; já me não posso suportar a mim mesmo; neste desdobramento, a que perpetuamente me obrigam os irremediáveis hábitos de egoísmo em que outrora me deliciava, e em que procurava no recolhimento da minha alma levantar cada vez mais alto o ídolo em que eu próprio me adorava, só encontro aborrecimento e cansaço. Levo a vida do forçado a quem deram por companheiro de grilheta o mais odiado dos seus cúmplices. Tu lembras-te do tenente Marschal?, foi um destes dias a Paris dar um tiro nos miolos. Tentador exemplo!

— De Londres, o barítono: vou-me convencendo de que a vida é sem esperança. Procurei sempre, como se tentasse realizar um sonho azul, conhecer a verdadeira amizade. Vejo-me envelhecer



e descubro que corria atrás de um mito. A miséria nesta cidade imensa pesa-me como um remorso. Vejo a existência frustrada nas minhas mais belas aspirações, etc. Mais triste, porém, do que todas as outras, a tua carta não detalha lamentações, mas vem como que lavada em amarguras ainda mais íntimas e pungentes.

— Tudo para povoar de novo, e ferozmente, o sombrio vale da minha alma, donde a magnificência das recentes impressões varrera todo o germe de melancolia. Tu não podes imaginar a profundidade dolorosa das reflexões que semelhante coro de vítimas me sugeriu. Foi de balde que pela primeira vez na minha vida recorri às citações fortificantes. Ainda suspenso na apoteose do mundo grego pelas inenarráveis recordações de Pompeia, pensei que Homero dizia: «feliz o homem que colhe todos os frutos da sua mocidade e chega à velhice tranquila». Mal de nós se não temos mocidade!, que é peca e sem frutos e não floresce. E mais peca e inútil do que todas, aquela onde rabiou a preocupação literária, a peçonha a que nós chamamos arte. Todo este mundo moderno me apareceu então, mais claramente do que nunca, tal um grande espaço vazio, onde se repercutiam confusamente todos os clamores antigos, que nós escutamos e repetimos sem perceber, e vi-me só e ridículo no meu roçagante de artificial alegria. E o pior é que vocês todos têm talvez razão, porque o vosso pensamento, a sùmula da vossa experiência, ensina-lhes que não vale a pena tentar coisa alguma, no incurável aborrecimento desta vida sem norte. Mas parece-me que podiam ter escolhido melhor ensejo para mo repetir. Tu, sobretudo, encontraste a mais singular maneira de me levar ao desespero, no teu convite — talvez inconsciente — a que me tome definitivamente o pulso e tente um livro original. Era preferível que me tivesses mortificado com ironias e facécias! — Desculpa este rosário de recriminações, quando a minha obrigação devia cingir-me aos agradecimentos que a tua carta afinal merece. Nós temos um do outro impressões de alvorada; houve um instante em que enlaçámos as nossas almas num comum sorriso, onde tudo era alegria, infantilidade, e desprendimento. Nunca mais nos vimos, nem nos estudámos nunca, por isso o meu sonho era que entre nós se perpetuasse o reflexo dessa alvorada, e fosse como que a

única ilusão respeitada, o que se conseguiria talvez, se nas poucas vezes em que nos falámos, reciprocássemos as magníficas mentiras doutro tempo.

Do c.  
M. Teixeira-Gomes

### XXXI

Decididamente, escutar o subconsciente constitui um entretenimento apreciável, e eu começo a lamentar que ele seja tão caprichoso e inconsistente que só de sua muito livre vontade se faça ouvir. Mas temos de o aceitar tal como é, soltando sentenças amiúdo falhas de sentido, ou insensatas, e emparelhadas sem nexos ou sombra de analogia alguma entre si. E não me leve o leitor a mal que eu as reproduza sem a mínima seleção; se me metesse a joeirá-las talvez saíssem ainda piores...

Em todas as famílias numerosas há sempre um membro obscuro a quem se atribuem os máximos dotes de inteligência, embora eles nunca transpareçam...

Um grande poeta impassível! Há nesta designação tudo quanto se possa imaginar de mais contraditório da essência da poesia, que para se exprimir cabalmente exige um temperamento impetuoso, apaixonado, e requintes de sensibilidade subtilíssima.

Um espanhol ajustando peixe, e com grande ênfase prometendo três vinténs por não sei quantos vesugos. Não é língua, a castelhana, para ajustar peixe...

Dizia o Goethe que a escrituração por partidas dobradas fora uma das maiores invenções do género humano, e dizia mais, o mesmo poeta: «Se os algarismos não governam o mundo pelo menos mostram a maneira como ele é governado.» A quase maníaca insistência de alguns cidadãos

por que haja em Portugal a escrituração clara das despesas e receitas públicas, para saber em que lei vivemos, firma-se em boas autoridades.

O que impossibilitava o Goethe de sentir as profundas, patéticas, revoltas belezas da música do Beethoven, ele, cuja alma se prostrava sem reserva perante as serenas — e sublimes — harmonias das paisagens de Claude Lorrain? O violento contraste, talvez...

*Cavalaria Rusticana* e *Dama das Camélias*: têm paridade estas duas obras que, juntando elementos vulgares, atingiram efeitos magníficos, ou pelo menos notáveis, empolgantes.

Volvendo aos tempos saudosos da moeda forte, quando uma libra esterlina valia invariavelmente 4500 réis:

O dinheiro em Inglaterra gasta-se com extrema singeleza; as unidades usuais são menos do que nos outros países: 2 libras, 3 libras, etc., e isso dá a ilusão de que as despesas são mínimas.

Em França o franco representa um valor já entendido, acerca do qual a imaginação pouco trabalha: 120 francos, 200 francos, etc., vê-se logo o que é.

Na Holanda o florim, de valor duplicado ao franco, traz-nos sempre de sobreaviso: 10 florins, 30 florins, etc.; porque é que isto é tão caro?

A peseta, embora ou mesmo ao câmbio de 160 réis, é uma unidade a que temos apego. Pedem 12 pesetas por uma camisa: mas é horrivelmente caro! São no entanto 2000 réis, o que em Portugal seria dado.

Porém o mais inexplicável é o despego com que se distribuem liras na cantante Itália; «cinquanta lire... ma questo è veramente buon mercato». E a coisa não vale dez tostões...

Mas com que moedas e câmbios a memória agora se me pôs a brincar!

Estamos no mês de agosto, em que a luz do Sol, ao nascer, é vermelha como fogo...

No fim de agosto as pimenteiras, que até então se apresentam sempre envelhadas e detestáveis, o tronco horrivelmente caduco sob a folhagem de um verde artificial, rejuvenescem brandamente, tufando a copa, alastrando a ramagem, a qual se despeja com exuberâncias de chorão sobre o tronco que por fim envolvem e escondem.

E a lua? Bem dizem os algarvios: «lua janeira não tem parceira mas lá vem agosto que lhe dá no rosto».

Era numa lua cheia como a desta noite; eu saíra com a minha filha, que teria então quatro anos, a passeio pela estrada de Alvor; íamos lentamente; eu levava-a pela mão. De repente a criança, os olhos postos no céu, exclama: «Paizinho, a Lua não está parada. Mas repare: ela aí vem; vem atrás de nós. Olha a Lua, a malcriada! Aquilo é a cabeça da Lua? Mas não tem pernas... E vem atrás da gente; lá vem... Vê lá se cais em cima da gente, malcriada!»...

.....

À evocação deste quadro ingénuo e sentimental fui eu, desta vez, que pus ponto na tagarelice do subconsciente; mas tinha os olhos marejados de lágrimas.

### XXXII

Mais palradura do subconsciente:

Dizia o Nietzsche, já não sei onde: «Sócrates, considerado como a fonte de toda a cultura moderna, o inimigo do instinto, o criador da ciência racional; mas Sócrates, que tinha a perfeição da inteligência humana na conta de um dogma, ouvindo, já na prisão, uma voz misteriosa que lhe sugeria a necessidade de “se exercitar na música”, dá assim um indício de “dúvida”, ou pelo menos de certa preocupação acerca dos limites da natureza lógica...»

Palavras que a Sabina Freire podia (devia) ter pronunciado: «Afastar de mim toda a aparência de moléstia, a infâmia da doença... Eu admiro o espírito radical do legislador que consegue promulgar leis em mira à brutal mas definitiva supressão do doente, e lamento a caridade, que a pretexto de aliviar sofrimentos prolonga existências de martírio, que constituem ao mesmo tempo um perigo horrível para a humanidade como focos permanentes de imediata propagação à doença, e como origem de mil misérias, no contacto direto e na multiplicação da espécie. Os médicos,

no fundo, não são caritativos mas sim ambiciosos e insensíveis. Habitua-se ao espetáculo da dor e da miséria, na esperança de que lhes argamassem solidamente a peanha da sua importância social...»

O médico ideal seria aquele que nos casos irremediáveis, como por exemplo a velhice, ajudasse a morrer sem grandes sofrimentos.

O que é a morte! Ainda não haviam decorrido oito dias, após o falecimento de S.S. o Papa Leão XIII, e já ele andava na segunda página dos jornais, e a muito bom caminho da terceira...

Dizia o Sr. Santana (?): «O rapaz julgando que a espingarda estivesse descarregada apontou-a à noiva e desfechou, dando-lhe o tiro em cheio no peito, e ela morreu logo, ali, “espontaneamente”»...

Não posso explicar bem porquê mas as fotografias e desenhos, atribuídos a Victor Hugo, de que ultimamente têm aparecido reproduções — com violências do Caravaggio e contrastes rembrandtescos, e mais alguma coisa, ainda, de inesperado e estranho —, arrebanham-me definitivamente à admiração do homem genial cujos versos as mais das vezes me deixaram indiferente.

Todo o grande país onde a arte prospera tem a sua Florença: a Florença do Japão — o do Extremo Oriente — foi Quioto.

Maquiavel: o perfil em triângulo agudo; o grande nariz levantado, sem distinção nem dignidade; a boca espremida, e o ar ao mesmo tempo rústico e falso; feições assimétricas tipo de bisbilhoteiro (devia frequentar as farmácias), a ser verdadeiro o busto colorido do Palazzo Vecchio, cuja autenticidade muito boa gente contesta...

O certo é que — seja dito em seu abono — ele às vezes também escorregava no sentimentalismo (na sentimentalidade?) mas sempre isento de pieguice.

Naturalmente o bom francês, quando fala da civilização ocidental, faz o possível por diminuir a importância do elemento latino, de que foi

colaborador secundário, e levanta o celta e o gótico, de que se julga fator primacial. Mas a verdade é que no Ocidente só houve uma civilização provavelmente grande: a grega.

As estátuas gregas! Também ressuscitam; assim essa dama, vista na praia, andando sobre a areia doirada com um vestido nem curto nem rojeiro, mais parecido a túnica do que cingido a moldes modernos; um vestido de púrpura negra...

E a mais disso uma pele mate, de crioula, sem dúvida fina e tépida a clamar pelos beijos; insaciável aos beijos; espécie de mata-borrão de beijos...

.....

Mata-borrão de beijos! Destrambelhada e grosseira imagem! Nela, porém, me pus a meditar, e não escutei mais o subconsciente, que parecia disposto a falar sem descanso. Também me não ofendeu pouco a injusta opinião que a respeito dos médicos põe na boca de D.<sup>a</sup> Sabina.

### XXXIII

Ainda às voltas com o subconsciente:

*Maroilles*: o mais fétido de todos os queijos; a sua proximidade é intolerável. Nas Flandres, onde muito o apreciam, os criados servem-no de corrida, e fogem com ele tão depressa terminam a volta da mesa...!

Cada um come do que gosta. A lição mais preciosa, talvez, que devemos a Espinosa é quando ele estabelece não só o *direito* mas o *dever* que nos cabe de gozar, conforme o nosso temperamento, de tudo quanto nos agrada, sem prejuízo para o próximo.

Mas no caso do *maroilles* há evidentemente abuso. Volta o queijo para o encerro do armário, mas ficam as talhadas nos pratos dos comensais, o que enjoa a quem ele repugna. Porém que lhe meta o dente e tudo acabou: acumula as delícias do olfato com as do paladar...

E a propósito de acumulação: na encíclica *Quadragesima annis* o Papa sentencia que não se pode ser conjuntamente bom socialista e bom católico...

*Solatum miseris est habere pares*: grande consolação dos miseráveis é descobrir os seus iguais; ou, tradução livre: grande conforto é para os malandrins descobrir quem os iguale.

Decerto que a falta de sol atrasa os povos na marcha progressiva da humanidade: como não será pois lei etnológica a aspiração dos europeus para se aproximarem do Mediterrâneo?

A fé do Maeterlinck na inteligência dos animais não tem limites: sobretudo quando se trata de insetos. Uma vez a mulher queria apanhar uma pulga que lhe estava picando na orelha, mas ele opôs-se, observando: «Deixa-a: talvez esteja colhendo elementos para uma nova arte poética.»

Pedante e sentencioso era no entanto mestre em eubiótica ou arte de bem viver...

Pensar «por imagens» é talvez o único processo eficaz de que a inteligência dispõe para perscrutar os altos problemas da filosofia, da ciência e da arte.

Uma bela imagem, com o brilho azulado de certas estrelas e de alguns diamantes...

Mas achá-la é que custa... *Nec semper feriet quodumque mirabitur arcus* — nem sempre vai certo o tiro ao alvo...

.....

É fora de dúvida que o subconsciente abusa de quem lhe presta demasiada atenção; vejam-se os desconchavos e doidarias que ele hoje me tem soprado. Pus-lhe também ponto, bruscamente: ficou-me porém uma impressão que devo notar, na esperança de que um dia sirva à resolução de algum problema patológico de grande monta.

Anos atrás, indo passar a temporada estival a Ruão, de repente percebi que perdia o meu latim, que era avultado, e ao cabo de dois meses não me sentia capaz de repetir na língua de Horácio a mais leve e corriqueira frase. Isto deu-se conservando saúde perfeita, e sem que a cabeça me descobrisse o menor indício de fraqueza. Bem; «perder o seu latim» não é caso novo, e tanto que constitui adágio entre os franceses, porém que o «consciente» o perca e o «subconsciente» o guarde é que me parece original. Isso comigo sucede, como se verifica pelo presente artigo, e embora as citações nem sempre venham a propósito o meu «subconsciente» fá-las com abundância e exatidão. Não é este realmente um fenómeno digno de nota? Pois aqui fica registado, na previsão de que os sábios o possam utilizar...

#### XXXIV

Essa aspiração da gente moça, de chegar a uma idade avançada, diminuiria se soubesse exatamente o que seja a velhice, da qual existe como que um *cliché* venerável e romântico, longe mil léguas da realidade. Entre os malefícios da caducidade avulta a perda da memória, sobretudo para os factos correntes; há porém alguns casos em que, se é impossível reter as imagens recentes, a lembrança das antigas ressuscita com o colorido e o relevo próprios da visão direta. Felizmente ainda estou nessa fase e não é raro que à leitura dos jornais, referindo acontecimentos do dia, eu me reporte aos países onde sucederam, e de repente me surja diante dos olhos um quadro esquecido, com todos os pormenores que lhe observei no seu primitivo exame.

Há poucos dias, lendo o que ia pela Catalunha a propósito da ressurreição do seu «estatuto», encontrei-me de súbito em Barcelona (onde não vou há quarenta anos) metido no palácio da «Audiência», mas, sem fazer grande caso dos detalhes delicadíssimos em que abunda a sua ornamentação arquitetónica, toda a minha atenção convergia para o frontal do altar da capela até então completamente olvidado.

Tinha-o na minha frente!

Grande quadro em alto-relevo, quase obra de talha em ouro, prata e pedraria, assente no colorido dos bordados a seda que lhe formam o fundo, representa S. Jorge a cavalo arremetendo de lança em riste contra o dragão



— uma temerosa fera da família dos crocodilos — enquanto a princesa manietada, o vestido todo coberto de pérolas, a loira cabeleira solta sob a florente coroa heráldica, contempla, «gótica» e sentimental, o lance horrendo. À esquerda, num palácio bizantino, a multidão dos «veneráveis» assiste ao combate, apinhada nas galerias que dão sobre um lago onde os cisnes de prata deslizam mansamente.

Os detalhes arquitetónicos do palácio da «Audiência», na porta de entrada, nos fechos das abóbodas, nos capitéis das colunas, versam invariavelmente sobre o mesmo tema; mas tratado com infinito engenho e variedade: o «combate do S. Jorge e o dragão».

Não foi, porém, a imagem do santo, nem da princesa, nem do dragão, que me ficou a bailar no sentido, mas sim a do garboso corcel. Desde muito novo considereei esse quadrúpede a mais bela obra da criação... depois do homem. Levei a tarde inteira a ver cavalos de todas as raças e cores, o que me deu horas muito agradáveis.

E caso curioso, quase de obcecação; a curtos intervalos vinha-me ao pensamento o célebre Franconi, o incomparável mestre de equitação (ele próprio se intitulava o primeiro cavaleiro do mundo), e sempre com o mesmo comentário: a singularidade de ter ele nascido em Veneza, onde não há mais cavalos do que aqueles que ornam a fachada de S. Marcos, e são de bronze...

Ontem, a notícia da votação, nas Câmaras, do pacto franco-russo recordou-me duas viagens que fiz, também há quase meio século, no vapor *Tchikachoff* (com dois episódios qual deles o mais interessante) mas sem poder afastar a imagem de uma passageira de fealdade heroica, pois a aguentava e pavoneava com insolência. Depois, a figura da mãe, ou o que fosse, que a esperava no cais, à chegada, velha atroz, nonagenária, trazendo pela mão um menino de olho redondo, desconfiado, a que, de perfil, dava um estranho movimento: de repente o olho parecia soltar-se da órbita, correndo direito à orelha onde quase desaparecia... Gente de extraordinários dotes! Na minha terra natal havia uma família numerosa onde todos os membros pensavam sem raciocínio, aglutinadamente; todos eram cícosos; e todos (os do sexo forte, bem entendido) sofriam de um hidrocelo...

.....

Bem, já vejo que pouco ou nada ganho, sobre os desvarios do «subconsciente», deixando o «consciente» fantasiar a seu gosto. Mesmo a cavalo,

puxando as rédeas e apertando os joelhos, a fantasia perde as estribeiras e desnorteia. Mas não lhe descubro remédio...

### XXXV

É graças ao «enfraquecimento das energias» (li eu na biografia de um homem célebre, escrita por uma dama de letras) que na velhice a pieguice substitui a sensibilidade...

A velhice, agora, dá-me para ter dó de tudo. Bossuet encarecia a «eminente dignidade», que reveste a categoria dos pobres perante a Igreja Católica — e os miseráveis? Sim, porque entre o pobre que vive com grandes necessidades, mas come e bebe na companhia da família, e o miserável vagabundo, esfomeado e sem abrigo, há um abismo...

Mas mudemos de assunto. Compreende-se bem a fúria iconoclasta desses mancebos, que, depois de suar as estopinhas, não conseguem alinhar meia dúzia de frases em termos; vingam-se desancando o Padre Bernardes.

Aqueles que, presos pelo favor e aplauso do público à sua obra de estreia, persistem na fórmula que os revelou «cristalizam» imediatamente e para sempre, reproduzindo-se, repetindo-se de uma maneira abominável, enjoativa, insofável, até desfazer o encanto da sua primeira produção.

Nunca é demais a atenção que devemos conceder ao adorno dos aposentos onde vivemos. As tentativas de composição moderníssima (arte nova), toda em secos arabescos e móveis inspirados nos esqueletos animais, desassossegam o espírito, e na verdade não é indiferente à nossa felicidade o sentido que os móveis têm, nem as ideias que a sua presença origina; seria duro viver numa carneira, e o espetáculo da «morgue» é incompatível com a alegria.

Banalidades, lugares-comuns, tudo isto? Pois serão, mas convém insistir neles, apregoando-os com persistência, para bem da... humanidade confortavelmente instalada, e hoje todo eu sou altruísmo e filantropia...

As decorações em quadros de pintura mural não admitem aparências de relevo, que cercariam o âmbito ao aposento, mas somente figuras que vivam em perspectivas profundas.

Como se deve pintar o interior dos edifícios, públicos ou privados? É evidente que, para tal fim, muitos dos grandes mestres chamados primitivos (tanto flamengos como venezianos e outros) empregavam conjuntamente dois processos de pintura: a «têmpera» e a óleo. Como o Ruskin notou (*St. Mark's Rest*) certos Carpaccios são a «têmpera» e por cima a óleo.

Apesar disso Miguel Ângelo (se acreditarmos o que diz Vasari) considerava a pintura a óleo própria para mulheres e gente preguiçosa, embora haja, observo eu agora, muitíssimas mulheres bem mais ativas do que o geral dos homens...

A «têmpera» e o «fresco» convêm às grandes, largas, ingentes composições, porque se não prestam a retoques, a emendas, e a... mentiras.

Mas tudo isto nada ou pouco tem que ver com a dúvida que hoje me obceca o espírito, perante as notícias do que vai por esse mundo e especialmente da guerra civil da Espanha. Haverá realmente um «tipo europeu»?

Essa concepção, afigura-se-me, pertence aos «pensadores» do Norte, para os quais o mundo externo quase não existe; por isso os meridionais parecem naturalmente excluídos desse padrão e, ainda mesmo quando o perfilham, o contradizem.

Tal é também a opinião de um meu vizinho de mesa, cavalheiro já entrado em anos, conceituoso e erudito, que tem percorrido meio mundo. E afirma ele que as razões explicativas da crueldade dos espanhóis, sobressaindo o andaluz, vinham do seu perpétuo divórcio da natureza. Não há ali, especifica ele, gente do campo, pois que a população é toda urbana, e falta-lhe portanto o bucolismo que, no dizer de alguns sociologistas, adoça os instintos da fera humana...

E a minha dúvida persiste: haverá realmente um «tipo europeu»?

## EM PLENO ABSURDO

(Do canhenho de um louco)

### I

Tive um amigo, de superior inteligência e comportamento equilibrado, que, repentinamente, descambou no grotesco. Queixava-se amargamente de que o entendimento se lhe ampliava dia a dia, mergulhando-o em análises tão subtis, ou exaltando-o a sínteses tão perfeitas, que o traziam em constante sobressalto. Mas todos nós ríamos do «sobressalto», observando-lhe com certa ironia invejosa que o caso era mais próprio para felicitações do que para mágoas. Quem tinha porém razão era ele; de tal modo se lhe ampliou a inteligência que foi parar a Rilhafoles, onde morreu doido furioso.

De um livro de notas que ele me deixou, ao qual muito impropriamente chama diário, extraí as seguintes:

Deve parecer justificadamente cómico, por este desgraçado caminho da vida de hoje, que alguém se compraza nas brenhas da loucura inútil: pois é o meu deleite. Mas eu vivo estonteado, sem quase temer o ridículo. Se fosse fanfarrão assoalhava os meus destinos mesmo nas barbas da celeste alcateia que manda em tudo isto; assim força é reprimir os ímpetos das íntimas quimeras, e só deixar que elas amolem os gadanhos na absoluta solidão por onde lhes permito que retoucem. Esta acrisolada loucura para mim só,

pois, e que tudo siga em paz. Nos limites da realidade tangível, no entanto, é-me às vezes preciso acolher-me ao inverosímil, e a tudo o que é vão; navegar sem bússola, tão longe das filosóficas transcendências como das sólidas práticas do sonho comum: tal a razão deste diário. E é o meu querido Manuel buscado e escolhido, como imaginário confidente, não no intuito de discutir nem refrançar, mas viver na companhia algumas horas, para desabafo destes dias melancólicos, destes dias mofinos. Não é possível viver sempre só, no desterro, pasmado assim por lugarejos obscuros; vive-se sozinho, em perpétua alegria, no deserto, nas grandes cidades, e em viagem... Como há quem não possa mover-se sem enorme equipagem de malas e criados, eu desejaria correr o mundo a pé, sozinho, arrimado ao bordão do peregrino. Mas em viagem; aqui a própria mudez pesa a par da facúndia desalmada dos encarniçados sabichões que as gazetas enaltecem...

Recordações da infância me despertou hoje uma sábia americana, que veio visitar o hospital. Já entrada em anos, com toda a aparência de um padre presbiteriano, puritana e severa, era o retrato vivo da minha prima Mafalda, a cuja guarda me confiavam em passeios pela praia. Está-se a ver o que seriam esses passeios, em companhia de uma dama que tudo assustava e perturbava. «Não corra menino, que me cansa...» — exclamava ela logo que eu apressava um pouco o passo.

A prima Mafalda! Levava o inverno metida em casa, abafada em cobertores de papa, e a melhor parte do dia à janela, a espreitar por detrás dos vidros o que ia pela rua. Espirrava (e às vezes até se constipava) sempre que via uma carga de laranjas. Com tudo isto, lasciva e curiosa, embora muito míope; tão míope que uma vez que perdeu os óculos já não sabia onde tinha a cova dos ladrões...

Sem ter coração as pulsações das plantas chamam e repelem a seiva; mas não sofrem de amores, nem fazem versos, nem compõem elegias: são mais felizes do que nós...

A deliciosa quietação de um dia de purga... quando se não faz esperar o seu efeito.

Que doçura nesta tarde! Dobram os sinos; não pode ser: é engano. Como é que se morre em dias tais?

Não há aroma no mundo mais nobre que o do pinheiro — roda nas asas do vento — e foge às mãos do barbeiro...

## II

A quiromancia não é, decerto, uma ciência exata; bem longe disso. Há uma caricatura de Abel Faivre, típica, muito esclarecedora a tal respeito. «O senhor encontrar-se-á num horrível desastre de caminho de ferro» — diz a bruxa, olhando para a mão do curioso. — «E em que linha acontecerá o desastre?» — acode este prontamente. Mas o exame detido e artístico do carácter da mão dará ideia, muito aproximada, do carácter da pessoa a que pertence. Não é heresia nenhuma biológica afirmar que todo o indivíduo se define integralmente em qualquer das partes do seu ser.

... quase todos os livres-pensadores são intratáveis deterministas; o que, por fim, não implica contradição...

A mais alta expressão da arte consiste em casar o estilo à vida; desta união, que jamais se desequilibre, nascem as obras-primas.

A meu ver, abusa-se muito do adjetivo «fragmentária», para designar a obra de certos escritores (como por exemplo o Fialho) que não publicaram romances de quatrocentas páginas, nem tratados maçudos sobre coisa alguma. Um conto, uma novela, um trecho de viagem, a crítica de um livro, embora curtos, podem ser compostos com acabada perfeição, que não admite acréscimos. São, exatamente, como os volumosos romances, fragmentos espirituais da mesma inteligência donde brotaram. Fragmentária, propriamente dita, seria a obra composta de trabalhos, curtos ou longos, que nunca fossem terminados. (Bravo! Como eu estou hoje conceituoso, profundo e subtil...)

Efeitos de determinismo: o sentido das expressões laudatórias ou depreciativas tem de mudar por imane, e chegaremos a ponto de ser descabido dizer: o notável facinora, o sicário conspícuo...

Eu creio que se todos os pássaros cantam só o melro sabe música. O rouxinol gorjeia, como um insensato, até quebrar a corda; e o estouvado canário, em casa que se respeite, acaba cantando na boca do gato...

Não sei porquê, mas se há ruído que tenha cor é o das fontes: de fluido e iriado diamante quando rompe a aurora, e azul-celeste ao pôr do sol.

Dias de domingo: os sátiros põem os óculos de tartaruga e vão passear para as galerias de pintura.

Pensamento que encontrei num espanhol de vulto: para entreter a imaginação humana ainda se não encontrou nada comparável à fábula celeste...

Quando um espanhol lhe dá para «pensar» é de se lhe tirar o chapéu! O grande Menéndez y Pelayo, e tantos génios hoje esquecidos, pensavam pelos cotovelos...

Mapa biológico (?) da pitoresca Espanha: o nosso irmão galego, desleixado e rude; o castelhano glorioso, conchudo; o catalão bai-larino e presumido; o andaluz exorbitante; o aragonês teimoso; o valenciano ardente; o navarro duro e sagaz...

O meu criado, enfermeiro, ou o que seja, apesar dos seus modos brandos, não passa de uma muito ruim vasilha de farmácia sertaneja...

A meia vermelha foi adotada pela generalidade do povo portu-guês. É frequente, mesmo, ver soldados nos quartéis de sapatos de ourela e meias encarnadas. Será caso que a cor perca o seu sentido subversivo quando se aproxima dos pés?

Seria o cúmulo da habilidade — donde poderia sair uma sólida religião positiva — dar aos problemas algébricos forma de sentimento.

Que maiores profundezas poderá atingir a ciência que ultrapassem a estrutura da ignorância?

### III

Esses autores afamados que nada produzem e que se poderiam apelar «génios da esterilidade»...

... esse bisbórrria é uma besta biquadrada...

De aparência bem composta, o escritor X é uma espiga com todos os bagos falidos: aquilo a que os camponeses chamam «espiga espantada».

Sentenças sem pés nem cabeça, mas que, repetidas mil vezes, por fim ganham foros de axiomas invioláveis.

Da minha janela avista-se um buganvil em flor, despejando-se de largo terraço e cobrindo toda a parede que é alta: um Niágara de púrpura...

As aspirações das classes burguesas, impregnadas que sejam de generosidade altruísta e «espírito de justiça», não conseguem já comover as massas populares, e tudo é baldado quando se trata de lançar pontes e estabelecer equilíbrios.

O que eu gosto de ouvir o vento quando estou na cama! E quanto mais rijo sopra melhor me embala e adormece. Vezes há até em que parece penetrar-me e eu então flutuo e voou pelos páramos celestes...



Espírito essencialmente benigno e indulgente: até elogiava os editores!

Não passava de um para outro aposento sem primeiro, antes de transpor a porta de comunicação, levar tempos infinitos com uma das meias-portas entre os braços, a fingir que tocava harpa. E diziam os outros: este homem está doido...

E os armários cheios de segredos, cujas portas, ao fechar, nos seus rangidos gritam: Iorick, Iorick!...

Pela grande janela, aberta de par em par sobre a noite silenciosa e estrelada, entrava um bafo morno, bafo ritmado de criança adormecida. (Esta imagem é um despropósito: pela grande janela... bafo de criança...)

Burgos pitorescos, cheirando a dente podre...

Mas, afinal, que utilidade poderão ter todas estas velhas de que o mundo está cheio, se não forem aproveitadas para exercícios de jovens assassinos?...

É preta, é cor de ébano a sua tez, e mais macia, mais suave que o veludo de seda; grossos os seus lábios; e os seus beijos sabem a amoras maduras.

Desde que «espirro com método» nunca mais tive defluxos (corizas); falta agora explicar o que seja «espirrar com método»...

Dias há em que a vista do oceano me causa angústia, como se a água do mar me viesse chegando ao coração.

Com justiça — a meu ver — se tem várias vezes considerado o ceticismo como principal inimigo de tudo quanto constitui a grandeza, a glória e a honra da nossa civilização.

Não admira que os realistas, ou naturalistas, abominassem o Rabelais, ou as suas pseudogrosserias; eles tinham e manejavam a obscenidade triste, e sempre com intuítos moralizadores.

Na sua coleção — dizia-me ou sonhei? — havia peças admiráveis, únicas, tais como um S. João Baptista do Praxiteles e um Napoleão da Renascença...

Intelectuais da idade da pedra...

Florinhas do monte — Florinhas miúdas — Florinhas miúdas do monte — título para livro de versos, a sugerir a algum poeta que ame a simplicidade com lirismo, e tenha horror sincero às pompas vegetais, que a ciência desencadeia nas estufas e a retórica na poesia... Mas que poeta de agora pensaria em título semelhante sem logo o refugar, envergonhado?

... exacerbando o meu individualismo, como se em nome da humanidade eu estivesse dizendo adeusinho a todas as liberdades...

A dolorosa, a torturante sinfonia que os meus dentes executam! Há acordes dos queixais que me fazem parar o coração, e um duo de caninos tão profundamente aflitivo que os rins latejam-me e todo o corpo se me cobre de suores frios. Mas então quando rompe o solo do dente de siso, a que toda a composição parece subordinada!

Uma rede de aço, da espessura de fios de cambraia, encandece subitamente sob a pele; a visão desfoca-se e torce-se; e nas recônditas espirais dos ouvidos remexem ninhadas de lacraus, dardejando sobre o cérebro as agulhas finíssimas dos seus ferrões envenenados...

#### IV

Na maioria dos casos o que abrevia a vida aos velhos — se possuem riquezas — são os carinhos da família... herdeira.

Um bem incómodo legado, o do coração, e eu desculpo plenamente a Imperatriz Maria Luísa (então duquesa de Parma) por ter recusado o que o marido, Napoleão, lhe deixou em testamento. Se fossem alguns milhões, outro galo lhe cantaria...

Seria em sonho que eu vi esse jardim? As flores, mesmo as mais volumosas, soltavam-se das hastes, tomavam asas, e voavam em companhia das borboletas.

Não esquecer nunca, para melhor compreensão dos tempos atuais, que todos os partidos políticos, moderados ou extremistas, para conquistarem o poder, e sobretudo para o conservarem, admitem as «férias da legalidade».

O carácter das paisagens: há-as tristes, soturnas, trágicas, e logo idílicas, ridentes, risonhas; mas cómicas? Também as haverá, mas eu nunca as vi.

*La bella!* veio ver-me. Havia caldeirada de mexilhões para o almoço, que ela devorou sempre a chorar. Aqueles mexilhões lavados em lágrimas, que drama!...

... com o fundo de «inocência» indispensável ao verdadeiro artista...

Parece apurado que o primeiro bispo católico mexicano fez destruir vinte mil estátuas pagãs, o que é considerável, mesmo em comparação das trezentas mil (segundo Louis Ménard) que os cristãos destruíram na Grécia e no Império Romano após o seu triunfo, isto é, depois de Constantino decretar que o cristianismo era a religião oficial. Os destroços de todas aquelas estátuas davam bem uma pirâmide que chegasse ao céu, não é verdade?

Com estes calores dá inveja de ser preto. Mas não sofrerão, realmente, os pretos, tanto como os brancos, das altas temperaturas? Eu vejo-os sempre a suar e não lhes queria estar na pele, nem uma hora, por causa da cor.

Argumentos do coração; por exemplo os que nos levam a dar esmola aos pobres pedintes profissionais que nos inspiram dó; mentiras lícitas: aquelas com que animamos um doente irremediavelmente perdido; etc.

Parece haver um superior interesse, de ordem internacional, em manter a independência do principado do Mónaco; nada disso: pura influência dos jogadores, por causa de Monte Carlo, que é a Jerusalém dos batoteiros. Bem desejaria eu que me deixassem ir lá neste inverno, pois descobri o sistema de «levar tudo à glória» e trazia de lá milhões. O pior é que esta minha receita só serve nos anos bissextos...

A morte do «monólogo» veio talvez de que muitos atores o transformavam em «diálogo» com o público, e este, não podendo responder à letra, pateava...

Um pedaço de Lua maltalhada (em escama de peixe) que aparece agora de dia, no azul do céu, foi coisa esquecida do cenário da noite, quando o recolheram a bastidores.

Só agora, ao fim de tantos meses de ausência (mas de inalterável adoração), é que descubro como os seus dentes são lindos; eu, que tantas vezes os cantara e torneara, um por um, com a ponta da língua!

Ela tinha um ar gentil, de falsa galantaria rústica, das pequeninas pastoras de loiça de Chelsea...

As notas até aqui reproduzidas não representam nem a décima parte das que o livro do meu desditoso amigo contém, e que fui obrigado a suprimir pelos termos demasiadamente crus em que estão redigidas. E daqui em diante nada mais pude apurar, pelos mesmos motivos. Nenhuma pena porém me ficou, salvo nas passagens referentes ao amor, que ali abundam, mostrando que o assunto constituía a principal e capital preocupação do autor. Resumem-se nisto: «Dê-se-lhe as voltas que quisermos, o tema essencial de todas as variações poético-literárias reside no amor; tudo o mais é acessório ou ornamento. Como diabo se poderá desprezar o estudo constante do amor, em quaisquer das suas manifestações, se o homem não é dominado por paixão alguma que se lhe compare em persistência e intensidade?»

E adivinha-se que a sensualidade nele se exacerbava, mesmo na fase em que o julgavam equilibrado, até às manifestações mórbidas.

A prova está nesta carta, escrita em 1893 (muitos anos antes de endoidecer), no regresso de Londres, da qual encontrei uma cópia dentro da pasta que continha o canhenho e que transcrevo a título de documento talvez aproveitável pelos psiquiatras (soubesse eu alemão que o teria logo traduzido e enviado ao velho Freud); já aqui se divisam claros indícios de demência.

«Meu caro:

«Vai acabando o mês de julho sem que me dê a satisfação de vir aqui; presumo que entraremos no mesmo pé em agosto, e tu, sempre, no teu trabalho, ímprobo e malicioso mas estéril, de lançadeira entre o Cartaxo e Lisboa. É nessa mecânica, sem dúvida, que se consumirá o resto da mesquinha vida! Em agosto a tua vinda já não me alegraria tanto: este ano a maturação das uvas é muito mais precoce, e tão depressa comece a vindima já não poderei dar atenção a mais coisa alguma; ora o principal encanto da tua estada aqui encontrar-se-ia no copioso discorrer, solto e repousado, sobre o tema que tanto nos prende (como, de resto,

a toda a gente: velhos e novos), agora que eu volto de Londres com carradas de impressões inéditas, durante os intermináveis passeios que me propunha dar contigo, ao pé do mar, desagravando-nos do peso destas tardes ardentes, na húmida fresquidão, que as sombras dos rochedos conservam às nossas praias. Gratos seriam decerto esses passeios e doutíssimo o nosso discorrer! E em que sugestivo cenário, e a que alvoroço de espirituais incitações não correríamos nós! A areia alisada pela maré, doirada, impoluta, alarga-se, sem traços de pegada humana, em superfícies de brandíssimas curvas por onde o andar não custa; o cérebro embebe-se das vaporações da água salgada, que dilatam a inteligência, e lhe enfunam o imponderável velame, e a lançam destemidamente no rumo das inabordáveis audácias. Vem a sonora e rítmica respiração do mar regular-nos o pulsar das artérias, casar-se com a nossa respiração, amaciar-nos os nervos, glorificar-nos a alma. Eu não sei de nada mais cobiçável do que essas tardes na praia: imorais, preguiçosas, e tão favoráveis à expansão do nosso «inconsciente», cujas mordentes surpresas, então, deliciam sem deixar o mais leve rastro de remorso. Sozinho eu vivo a vida dos grandes monstros da História, nessas tardes que se extinguem ao aclarar da lua, quando tudo é paz que perturba, visão que afaga, aparência enganosa, sonho fugaz, silêncio iluminado, e comovente mistério! E intrinsecamente isto não é bem assim; porque o que eu vivo é a minha vida, a minha deslumbrante vida, que povoei com as maravilhas do mundo, que alimento com a carne de todas as belezas, e que se esvai no sangue de todas as luxúrias! Mas não vale insistir no vão enflorar destas Alhambras aéreas e sem fundamentos; tu não virás; nós não discretearemos *de omni re scibili*, e eu mergulharei por alguns meses na lamacenta lagoa das especulações mercantis — e oxalá o sacrifício me aproveite materialmente. Estou ordenando tudo de modo que o forçoso salto me abale menos; agora vou encaixotar o preciosíssimo roçagante que me serve nas viagens. Escovei-o ontem, e das poeiras londrinas que dele se soltaram faço esta carta, que tu apreciarás, decerto, insuficientemente. Carta, no entanto, necessária, imprescindível à exigência de comunicar, que mais não seja por breves lembranças, por ténues e veladas referências, com quem conhece o segredo — que nem por sombras minha mulher

suspeita — dos meus oitenta e dois dias de Londres, os quais, no desfiar das suas duas mil horas, se ajeitaram no céu do meu passado em constelações de opalas e ali desenham a doce via láctea das minhas mais fundas saudades. Esses oitenta e dois dias não os trocava eu pela vida inteira de um Casanova<sup>5</sup>.

«Quando eu era ainda muito rapaz, quase moço pequeno, tracei uma vez, sonhando acordado, uma linha imaginária para toda a minha vida. Pois tal qual a tracei assim me tem servido, e tudo quanto determinei fazer, fiz; e tudo quanto determinei ver, vi. Mas naquele esboço da vida futura havia pontos que reputava absurdos, não tanto pela impossibilidade material de os resolver, como pela minha já então consciente apatia para tudo quanto se move à força de ambição e desejo de grandezas. Um desses pontos mais característicos (porventura inspirado nos romances de Balzac) consistia na conquista que eu havia de fazer de uma poderosa cidade, à qual devia chegar sozinho, e sem outro socorro além da minha vontade e da minha inteligência, domá-la a breve trecho, desvendando o enigma da sua luxúria e gozando a delícia dos seus vícios, impudentemente e impunemente, mau grado a vigilância aguda dos guardas da sua virtude, e a despeito do «alerta-está» das sentinelas postas ao castelo da sua honestidade. Pois os oitenta e dois dias de Londres são essa tão temerária como fabulosa aspiração realizada.

«Eu vejo ainda agora fotografada a expressão de boquiaberto assombro do Meireles, em Leixões, quando lhe referi as minhas aventuras, e encontrei aqui uma carta sua, latejante, pedindo que lhe dissesse o que pensava o Seixas, e o que pensavas tu, de tudo aquilo. Aos deveres da minha leal amizade impõe-se, dado o presente ensejo, repetir-te a parte da minha resposta que mais te interessa e que reproduzo do copiadador da minha correspondência:

“— Cheguei a Lisboa em 27 de manhã e nesse mesmo dia fui procurar o Seixas e depois o Monteiro, que viera do Cartaxo, ao rebate de notícias que eu lhe mandara de fora, para se encontrar comigo. Mas miudamente, e com mais carinhoso modelado do que o fizera

---

<sup>5</sup> À data em que foi escrita esta carta, calculava-se haver em Londres mais de duzentas mil prostitutas, entre as quais certamente o meu pobre amigo fez as suas «conquistas», compreendendo princesas e criadas de servir...

ao meu amigo nos apressados momentos da nossa entrevista em Leixões, apresentei aos dois as principais figuras que em Londres se enredaram na minha vida. Figuras e episódios. O Seixas atônito, no confrangimento que lhe vinha talvez desta revelação de um paraíso certo, ao qual, mentalmente, desesperava de atingir, soçobrou em melancolias íntimas, pessoais e penosas, ressumando-as por exclamações de angústia, à mistura com duríssimas increpações, que a si mesmo dirigia, pelas ocasiões perdidas, pelos ensejos mal aproveitados, consoante uma existência — plangia ele — até agora baldada nas suas mais legítimas inclinações, a que já não via compensação alguma no futuro túbio ou gélido, no que toca a promessas exultantes ou rejuvenescentes. Causava lástima! Mas muita mais lástima ainda o Monteiro. Este sucumbiu moral e fisicamente porque — assim o percebi depois — o que eu lhe apontava como realidade irrefragável correspondia a uns devaneios seus, de artista e de desejoso, aos quais ele se acolhia em extremos de descabelada fantasia, tida meramente por absurda. Cada nova figura que eu lhe esboçava, cada episódio novo que oferecia à sua sagaz e esperta curiosidade — de tantas, tão variadas, mimosas, escolhidas, raras, acariciadoras figuras; de tantos e tão inquietadores como emotivos episódios! — era uma seta envenenada que se lhe ia cravar lá onde a dor é mais funda, e lhe inflamava o sangue com infernais ardores. Sucumbiu! E não me lembro de ter visto ninguém assim desconsolado, mostrando um tão acerbo luto na alma por tudo o que é vida, como se os inúmeros passos que tivesse dado, no caminho já adiantado dos seus anos, fossem todos em sentido oposto àquele que leva à Felicidade.

“Eu deixei a Inglaterra lavado em lágrimas e desvairadamente triste, mas a bordo do vapor, na travessia, galvanizava-me a ideia de lhes contar, ao Meireles, ao Seixas e ao Monteiro, o que por lá vira e fizera, de modo que cheguei a Portugal com o ânimo mais levantado do que julgava. Vi-o, ao meu amigo, em Leixões, onde, imperfeitamente, rudimentarmente, e ridiculamente mesmo, tentei dar-lhe umas pinturas que a precipitada pressa enchia de borrões; um pouco melhorado acudi ao Seixas; e já mais cingido à verdade — conquanto a sofreguidão de ouvir e a febre de contar prejudicasse radicalmente a narrativa — abri-me com o Monteiro. Com este amigo passei, quase alegre, o resto do dia e a noite, projetando ficar



uma semana em Lisboa, e mais sossegadamente destacar do friso, no qual eu desdobrara a preciosa exposição, as composições dignas de um respeito especial, para lhes dar cor e relevo, ampliando-as também, e tirar de tudo as interpretações filosóficas tão gostosas para quem se viciou na arte do raciocínio. Durante a noite, porém, deparou-se-nos uma insignificante aventura, de forma alguma digna de menção, se ela me não tivesse rasgado, de repente, a larga janela por onde, num involuntário relancear de olhos, avalei a que pedregoso chão de misérias eu resvalara, lá da clemente, sentimental, polida e viciosa de Londres, à não menos viciosa mas branca, suja, inurbana Lisboa. Ao duro paralelo senti que se me desmanchava o coração! Voltou-me a melancolia tão corrosiva, filha da opressão da hora da saída, de quando largara o meu pequeno éden de Guilford Street. Fui-me deitar, morto de sono e de cansaço, mas não dormi. O quarto povoou-se-me de visões dolorosas; vinham essas figuras abeirar-se-me da cama com uma tão piedosa expressão de saudade, um sorriso tão brando, e um tão suave olhar, que levei a manhã debulhado em lágrimas. Mas entre essas figuras, a mais preciosa, a mais saudosa faltava-me. E eu que a tivera tão bem impressa na memória, era em vão que me esforçava por lhe restituir as feições adoráveis, o sorriso indecifrável, e o olhar, olhar quase parado, de um azul verdoso: um olhar que parece vir de infinitamente longe, mensageiro das blandícias do céu! À minha tortura juntava-se esta inquietação de mau agouro e como esperasse carta em casa resolvi partir no dia seguinte. Não houve considerações que me demovessem de resolução tão bem motivada. Parti em 28 e cheguei aqui em 30, buscando estas praias de cuja solidão pitoresca eu esperava lenitivo e conforto. Encontrei, afortunadamente, muito que fazer aqui, desse bom trabalho que mata o tempo sem açambarcar a inteligência. Assim mitiguei algum tanto a angústia de quem espera notícias que lhe devem desanuviar o pensamento das mais pavorosas imaginações. Veio por fim uma grande carta ingénua, repassada de deliciosas infantilidades, onde eu colhi o bálsamo necessário, urgente, para todas as minhas feridas. Vou melhor, mais calmo e razoável, e se tivesse tempo fazia-lhe considerações sublimes, acerca do amor e do vício, em resposta àquelas de que a sua missiva está recheada.”

«Etc., etc., etc.

«O que eu não especifiquei sobejamente, nem suficientemente, na minha resposta ao Meireles, foi a intensa agonia dos primeiros dias passados aqui, com o espírito, coração e alma perdidos no labirinto de Londres, em cuja reconstituição os ocupava dia e noite. Daí abrolharam algumas horas de delírio, de loucura, durante as quais eu revia a série alucinante dos «olhares esquecidos», cuja luz, ou bruxuleante ou viva, ou estagnada ou moribunda, ou suave ou ofuscante ou pavorosa, sempre inquietadora, os meus olhos absorviam ao acaso do cruzar aventuroso pelas ruas da imensíssima cidade. Essa infinidade de «olhares esquecidos», refletindo o azul profundíssimo dos lagos, os horizontes quiméricos dos mares, o luzir malicioso das estrelas, as prateadas tremulinas do luar, o frio cristal facetado das fontes, a mágoa dos malogrados crepúsculos, as estrias de verde-fel com que se turvam os rios na passagem pelas cidades, ou o sangue de fogo rompendo o coração das trevas; essa infinidade de moventes joias veio recamar as pregas mais secretas do meu roçagante de viagem (aquele mesmo que escovei ontem, para ser encaixotado), que eu ainda trazia pegado à carne, e que fosforescia de reverberações diabólicas, a cada movimento que da alma me passasse ao corpo. O travo desses dias ainda me amarra, mesmo agora que, vencida a crise, nem já a língua inglesa me entenece, bem diferente de quando me desmaiava o coração só ao encontro ou à lembrança de certas expressões correntes, de certas locuções vulgares, logo reproduzidas com intenções de carícia, onde os *yes* me apunhalavam, os dulcíssimos, ciciantes *yes*, pronunciados mansinho, em voz baixa, nos prelúdios do amor. Hoje firme, bem posto na arena da prática positiva, interrogo-me friamente mas para me certificar de que aqueles oitenta e dois dias não foram obra de magia, ou alucinação dos sentidos. Só me pesa uma dúvida: seria tudo o resultado de um prodigioso concurso ocasional de circunstâncias favoráveis, e tentar repetir aqueles dias não será arruinar com inevitáveis desilusões o maravilhoso edifício das minhas saudades?

Do c.

CORIOLOANO»

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Não resta dúvida alguma: esta carta é já uma prova cabal de loucura!

Para concluir o capítulo não resisto à tentação de transcrever parte de uma passagem do canhenho do meu pobre amigo, a qual lamento não poder reproduzir na íntegra (ele refere-se ao modo como desejaria morrer):

«... e ao despedir-me da vida, do alto da sacada do meu quarto, quando desponta a aurora em manhã luminosa e tépida, sacudir sobre o mar as cinzas dos sonhos...»

# ÍNDICE

PREFÁCIO, <i>por</i> HELDER MACEDO.....	5
--	---

## REGRESSOS

ÉVORA.....	15
ALCOBAÇA.....	25
SINTRA.....	33
A BATALHA.....	41
O MUSEU DOS COCHES.....	49
NO ALGARVE.....	57
NO PORTO (1893).....	69
BRAGA E O BOM JESUS.....	77
COIMBRA.....	85
LAGOS.....	95
LISBOA (1895).....	101
SANTIAGO DE COMPOSTELA.....	139

## MISCELÂNEA

CARTA A ANTÓNIO PATRÍCIO.....	153
CARTA AO DR. AZEVEDO NEVES.....	159

CARTA A VIANA DE CARVALHO.....	165
CARTA AO DR. F. MIRA.....	169
CARTA AO DR. JOSÉ PONTES.....	175
CARTA A JOSÉ DE FIGUEIREDO.....	179
CARTA A ANTÓNIO PATRÍCIO.....	191
CARTAS AO PINTOR SOUSA LOPES.....	197
CARTA A JOÃO DE BARROS.....	203
CARTA A VIANA DE CARVALHO.....	217
CARTA A VIANA DE CARVALHO.....	223
CARTA A VIANA DE CARVALHO.....	229
CARTA AO DR. F. MIRA.....	235
PARA UM POETA PAGÃO.....	241
CARTA A VIANA DE CARVALHO.....	245
CARTA AO DR. HENRIQUE BASTOS.....	249
CARTA A ANTÓNIO PATRÍCIO.....	253
CARTA A JOÃO DE BARROS.....	259
CARTA A MANUEL MENDES.....	263
CARTA A ANTÓNIO SÉRGIO.....	267
CARTA A ANTÓNIO PATRÍCIO.....	271
CARTA A CÂMARA REYS.....	277
CARTA AO DR. JAIME CORTESÃO.....	285
CARTA A JOÃO DE BARROS.....	289

## CARNAVAL LITERÁRIO

ADVERTÊNCIA PRELIMINAR.....	295
VARIAÇÕES SOBRE VELHÍSSIMOS TEMAS.....	297
FIGURAS E QUADROS DE POUCA MONTA.....	323
DE TUDO UM POUCO.....	353
EM PLENO ABSURDO.....	421

LONDRES MARAVILHOSA E OUTRAS PÁGINAS DISPERSAS

LONDRES MARAVILHOSA . . . . .	441
DIÁLOGOS IMPERTINENTES . . . . .	455
EXCERTO DE UM DISCURSO PRONUNCIADO EM FRANCÊS . . . . .	467
APONTAMENTOS. . . . .	471
SOBRE A GÉNESE DE UM ROMANCE . . . . .	497
FILOSOFIA DE TRAZER POR CASA. . . . .	501
NOTAS ENSARTADAS A MODO DE POSFÁCIO . . . . .	505

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## OBRAS DE MANUEL TEIXEIRA-GOMES

- Inventário de Junho*, 1.<sup>a</sup> ed., Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1899; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1918; 3.<sup>a</sup> ed., ilustrada, Lisboa, Seara Nova, 1933; 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 5.<sup>a</sup> ed., com prefácio de Urbano Tavares Rodrigues, Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Cartas sem Moral Nenhuma*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1903; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Clássica Editora, 1912; 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1934; 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 5.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986.
- Agosto Azul*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1904; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1930; 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Sabina Freire*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1905; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1936; 3.<sup>a</sup> ed. (com estudo crítico de Carlos Malheiro Dias), Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa Bertrand Editora, 1987.
- Desenhos e Anecdotas de João de Deus — Reprodução de Um Artigo da Revista Arte & Vida para Ser Vendida em Proveito da Associação das Escolas Moveis pelo Methodo João de Deus*, Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1907.
- Gente Singular*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1909; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1931; 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Cartas a Columbano*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1932; 2.<sup>a</sup> ed. [com três retratos do autor por Columbano], Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1957).
- Regressos*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960; 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1991.
- Novelas Eróticas*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1961).
- Miscelânea*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1937; 2.<sup>a</sup> ed., vol. 1, Lisboa, Portugália Editora, Lisboa, [s. d.] (1959); 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Maria Adelaide*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1938; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1959); 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986; 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Círculo de Leitores, 1986.



- Carnaval Literário*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1939; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Ana Rosa*, Lisboa, Seara Nova, 1941. [«Proémio» de Castelo Branco Chaves, escrito a 22 de outubro de 1941.]
- Londres Maravilhosa*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1942; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1960).
- Correspondência I: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Correspondência II: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Sabina Freire, Comédie en Trois Actes*, Carlos Malheiro Dias (préface), Armand Guibert (traduction), Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Presses Universitaires de France, 1971.
- Obras Completas I (Inventário de Junho — Cartas sem Moral Nenhuma — Agosto Azul)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.
- Obras Completas II (Gente Singular — Novelas Eróticas — Maria Adelaide)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



ISBN 978-972-27-3062-4



9 789722 730624

IMPRESA  
NACIONAL

[www.imprensa.com.br](http://www.imprensa.com.br)